



A ÉTICA E SEUS ATRIBUTOS

**UMA ABORDAGEM
PSICOANALÍTICA**

**SÉRGIO RODRIGUES DE SOUZA
JÚLIO CEZAR MERIJ MÁRIO**

**SÉRGIO RODRIGUES DE SOUZA
JÚLIO CÉZAR MERIJ MÁRIO**

**A ÉTICA E SEUS ATRIBUTOS
UMA ABORDAGEM PSICOANALÍTICA**

1ª Edição

Sergio Rodrigues de Souza
(Editor)

VITÓRIA - ES

2016

A Ética e Seus Atributos: Uma Abordagem Psicoanalítica

2016 Sérgio Rodrigues de Souza & Júlio César Merij Mário

Copyright by Sérgio Rodrigues de Souza & Júlio César Merij Mário

Edição: Prof. Sérgio Rodrigues de Souza - Psicanalista - Pós-Doutorando em Psicologia

Revisão Gramatical e Lingüística: Prof. Sérgio Rodrigues de Souza - Especialista em Lingüística Aplicada

sergiorodrigues52@hotmail.com

Impressão: PER SE

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Sérgio Rodrigues de Souza (Editor)

SM16cs

SOUZA, Sérgio Rodrigues de; MÁRIO, Júlio César Merij

A Ética e Seus Atributos: Uma Abordagem Psicoanalítica / Sérgio Rodrigues de Souza; Júlio César Merij Mário. Vitória (ES) - 2016 - 306p.

Capa: Autor desconhecido

1. Filosofia 2. Ética 3. Psicanálise - Brasil

I. Título II. Autores

ISBN: 978-85-920352-2-8

CDD - 170

CDU - 17

Os Autores:

Júlio Cezar Merij Mário tem formação acadêmica em Administração de Empresas com ênfase em Tecnologia da Informação, Pedagogia e Matemática, Pós Graduação em Tecnologias Educacionais, Gestão Educacional Integrada, Altas habilidades, Educação Inclusiva, Mestrado em Educação, Doutorado em Educação Religiosa. Possui 11 livros publicados na área de Tecnologia, Filosofia, Pedagogia Empresarial e Acadêmica, sendo dois traduzidos para Inglês.

juliomerij@gmail.com

Trabalhos mais relevantes:

1. Reflexões Sobre a Presença da Família na Escola
2. Estudo Sobre Emoção e Aprendizagem Intelectual
3. A Ética e Suas Aplicações na Formação da Condição Humana
4. Voto de Minerva: Voto da Decisão Ou da Sabedoria?
5. Tecnologias Educacionais de Baixo Custo e Alto Desempenho
6. Rede de Apoio Pedagógico – RAP
7. Reaproveitamento Sustentável de Hardware

Sérgio Rodrigues de Souza tem formação acadêmica em Educação Infantil, Pedagogia, Ciências Sociais, Mestrado em Educação. Psicanalista. Doutorando em Ciências Pedagógicas e Pós-doutorando em Psicologia. Filosofia, Pedagogia, Psicologia. Possui livros publicados nas áreas de Filosofia, Pedagogia, Sociologia, Artes, Psicologia e Psicanálise.

Sergiorodrigues52@hotmail.com

Trabalhos mais relevantes:

1. 1 A Liga da Justiça no Divã
2. 2 Reflexões Sobre a Presença da Família na Escola
3. 3 Estudo Sobre Emoção e Aprendizagem Intelectual
4. A Ética e Suas Aplicações na Formação da Condição Humana
5. A Arte Pela Arte: Uma Abordagem Psicanalítica
6. Voto de Minerva: Voto da Decisão Ou da Sabedoria?
7. Que Farei da Minha Vida ao Sair daqui? Um Ensaio Sobre Pedagogia Carcerária.

Agradecemos a Deus e a todos os nossos leitores.

Dedico este livro aos meus queridos filhos (Júlio César Merij)

“Siendo la naturaleza humana como es, no cabe esperar que el detentador o los detentadores del poder sean capaces, por autolimitación voluntaria, de liberar a los destinatarios del poder e a sí mismos del trágico abuso del poder. Instituciones para controlar el poder no nacen ni operan por sí solos, sino que deberían ser creadas ordenadamente e incorporadas conscientemente en el proceso del poder. Han pasado muchos siglos hasta que el hombre político ha aprendido que la sociedad justa, que le otorga y garantiza sus derechos individuales, depende de la existencia de límites impuestos a los detentores del poder en el ejercicio del poder, independientemente de si la legitimación de su dominio tiene fundamentos fácticos, religiosos o jurídicos” (LOEWENSTEIN, 1986, p.54).

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO..... | 12 |
| 1 CONCEITOS DE ÉTICA E MORAL E SUAS IMPLICAÇÕES NA VIDA COTIDIANA SOCIAL..... | 23 |
| 2 UMA VISÃO ANTROPOLÓGICA DA ÉTICA | 62 |
| 3 PRECEITOS E REFLEXÕES ACERCA DO BINÔMIO EDUCAÇÃO E ÉTICA..... | 81 |
| 4 OS PRECEITOS DA ÉTICA ATRAVÉS DOS TEMPOS..... | 126 |
| 5 DOSTOIEVSKI E A [SUA SUPOSTA] NEGAÇÃO DE DEUS..... | 163 |
| 6 O SENTIDO EPISTEMOLÓGICO DA FRASE DE NIETZSCHE: 'DEUS ESTÁ MORTO'.... | 186 |
| 7 A DECEPÇÃO PUERIL DE GAGÁRIN EXPRESSA POR MEIO DA FRASE: FUI AO CÉU E NÃO VI DEUS LÁ..... | 217 |
| 8 A CONCLUSÃO DE MARX: A RELIGIÃO É O ÓPIO DO POVO..... | 222 |

| | |
|---------------------------------------|------------|
| 9 A ÉTICA E O LIBERALISMO..... | 230 |
| 10 ÉTICA E CIDADANIA..... | 243 |
| CONCLUSÃO..... | 289 |
| REFERÊNCIAS..... | 295 |

INTRODUÇÃO

Antes de começar a falar em ética há que tentar encontrar um parâmetro, um fundamento que a traduza ao mais próximo possível de um entendimento orgânico e clássico. Para os gregos, seu significado estava ligado ao comportamento; já os romanos a ligaram aos costumes. Na contemporaneidade é interpretada separadamente de costume, estando seu sentido léxico muito mais ligado aos moldes Greco-atenienses.

Ética é sempre um assunto difícil de ser abordado, porque seus conceitos flutuam no tempo e no espaço e ainda tem conotações diferenciadas dentro dos diferentes grupos humanos. O que é aceitável hoje não o poderá ser amanhã ou vice-versa ou o que pode ser condenado em uma ou outra cultura, pode ser aceitável e até louvável em outras. É algo estritamente subjetivo, quer seja pelo ponto de vista individual quer pelo social.

Por tratar-se de um axioma tipicamente humano, sujeito à volatilidade do espaço, do tempo, das mudanças económicas, sociais, individuais, ao relativismo e acima de tudo aos aspectos culturais a questão torna-se pragmática, paradigmática e paradoxal, principalmente devido ao fato de o ser humano sentir necessidade *in contesti* de fazer parte de um grupo, o que faz com que acabe por aceitar as condições impostas por seus parceiros, entendendo que a os valores individuais serão sempre como Le Bon afirmou: ou muito abaixo da média ou muito acima da média...

À luz da Filosofia, a ética é um conjunto de normas que auxilia o indivíduo a relacionar-se com seus pares; já à luz da Psicanálise é um constructo que causa desprazer e que,

como tal deve ser expurgada, porém, esta atitude resultaria em mais angústia, o que faz com que o homem recue e busque uma solução que seja menos desagradável, capaz de proporcionar o maior bem e a maior quantidade de felicidade possível, para si mesmo e para seus pares. Deste embate é que nasce a justa medida do indivíduo humano [*o seu métron*], entendido como um ser em contínua construção, enquanto constrói a realidade a sua volta e de seus pares, por meio de suas atitudes.

Com a criação da Psicanálise, as análises acerca da experiência humana com seus pares e suas nuances com o sobrenatural tornaram-se mais passíveis de questionamentos sobre o devir e aquilo que se é e porque não é de outra forma. Os constructos da moral enquanto uma doutrina leva o ser humano a um conflito interior que exterioriza-se em ações que jamais podem ser explicadas à luz de outra ciência, sem o suporte da mesma.

A ética não se aplica somente à vida. Com os adventos da moderna sociedade, a ampliação do conceito de homem e cidadão, aliados aos avanços técnico-científicos, a comunidade teve que ampliar os conceitos sobre valores e valorações. Não cabe mais ao homem, isoladamente, decidir sobre o certo e o errado e direcionar o seu grupo; cabe ao grupo ser ouvido; a decisão passa a ser orgânica, porque “a ética, de maneira geral, lida com questões relacionadas aos conceitos morais e ao estabelecimento de padrões de conduta socialmente adequados. Desse modo, a ética se aplica diferentemente entre os países de acordo com sua cultura e se altera com o tempo, devido à percepção diferenciada de

valores, o que geralmente é impulsionado pelo acúmulo de conhecimento e pelo avanço científico e tecnológico.”¹

Devido às mudanças no contexto social busca-se a aplicação da ética nas mais variadas e controvertidas questões sociais. Questões atuais como igualdade e discriminação de raças, sexo, capacidade, aborto, eutanásia, experiência com embriões, responsabilidade para com o meio ambiente, violência política e desobediência civil, tratamento dos refugiados, *etc.* são problemas éticos relevantes uma vez que, na contemporaneidade, depara-se com eles, portanto, exigindo uma postura racional.

A ética é o que torna a espécie humana, seres humanos. Quando é outorgado a alguém alguma autoridade ou poder, isto sob nenhuma hipótese quer dizer que o contemplado seja melhor que os seus subordinados ou eleitores. Diz apenas que as pessoas que o elevaram àquela condição o consideram como alguém apto a exercer aquele encargo e capaz de suportar com mais sabedoria as armadilhas do poder, ou alimentam a esperança de que aja com menos ignorância e incapacidade do que a maioria; tenha maior poder de análise e reflexão, mais maturidade e bom senso ante os problemas inevitáveis da administração.

Pode, também, ser compreendida como uma tradição milenar, que estende-se pela história e acampa na sociedade, em qualquer época, classe ou raça. É a base de tudo em tudo, uma vez que é por meio dela que se educa [*seria melhor dizer que impõe limites aos seres humanos e considerando que o verbo educar quer dizer, ‘ad literans’, “endireitar*

¹ BORÉM, Aluizio; SANTOS, Fabrício Rodrigues dos. *Biotecnologia Simplificada*. 2ª ed. Viçosa: Editora UFV, 2002. Cap. 15: Bioética, p.209.

o que é torto”] e fornece as diretrizes diante dos acontecimentos e fatos que vivenciam em suas vidas pessoais, familiares, sociais e, principalmente, profissionais.

Ela [a *Ética*] é o juiz das morais, uma vez que é formada no inconsciente humano, o que a torna, assim, uma espécie de legislação do comportamento Moral social, funcionando como a cama de Procrusto², procurando encontrar uma justa medida para o indivíduo. E, a complexidade aumenta porque sendo o homem livre, está livre para acatar seus princípios bem como para ignorá-los.

A ética e a moral estão intimamente ligadas, mas se distinguem entre si, em vários momentos. Todo Contexto jurídico nasce da sociedade, da inter-relação humana, da conduta, que motiva a formulação de normas, com intenção de regular a vida do indivíduo e pacificar os conflitos sociais. Nenhuma relação jurídica terá fundamentos se esta não estiver de acordo com o direito, fundamentada em um princípio moral, protegida pela ética.

A aprendizagem e a busca por uma cidadania ativa e responsável, reclamada pela sociedade do novo século, depende muito da qualidade relacional e emocional que o ambiente social conseguir imprimir nas dinâmicas de participação ao nível da vida como um todo. No entanto, e importa

² *Procrusto* era um ladrão que vivia de roubar quem passasse pela estrada que ligava Mégara a Atenas, só poderia cruzar seu caminho quem passasse por um terrível julgamento: o bandido possuía uma cama de ferro de seu tamanho exato, nenhum centímetro a mais ou a menos, onde ele fazia sua vítima deitar-se. Se a pessoa fosse maior que a cama amputava-lhe as pernas, se fosse menor era esticada até atingir o tamanho desejado. Esse horror só teve fim quando o herói Teseu fez a ele o mesmo que ele sempre fazia às suas vítimas, colocou-o na cama, mas um pouco para o lado, sobrando assim a cabeça e os pés que foram amputados pelo herói. Ladrão, na época de Teseu era a denominação de quem era caçador.

lembrar, esse não é um fator único e exclusivo. Quando radicalizada, a retórica da participação pode, perversamente, derivar numa ideologia de responsabilização subordinada a lógicas contrárias ao ideal que anunciam. Por esse motivo também, o grande desafio ético que é colocado, concretamente, na atualidade, passa por saber equilibrar o respeito pela singularidade dos contextos e pela irreducibilidade própria do enigma humano com a salvaguarda das leis sociais comuns requeridas pelos imperativos de justiça e de solidariedade.

Para se alcançar um mundo com valores, não basta invocar valores comuns como dignidade, liberdade, solidariedade e justiça, como se de simples *slogans* se tratasse. Não basta advogar o ideal de uma sociedade humanista e democrática; é necessário também cuidar da qualidade ética das mediações institucionais que garantem a sua viabilização. Neste sentido, e porque é a humanidade do homem que tem-se em referência, os “quês” e os “porquês” da organização social deverão ser articulados numa rede de sentido assente, obrigatoriamente, na primordialidade do “quem”.

Desde que o homem assumiu uma forma grupal passou a ter necessidade de leis que o regessem e a seu comportamento. A sensação de liberdade que experimentou por milênios não poderia ser esquecida e suprimida em poucos tempos. Todos os povos traçaram metas e definiram rumos para sua nova condição de agregado. O primado da razão, porém, gerou a infelicidade neste novo ser, já que, viver em sociedade implica em renunciar ao aqui e agora, ao momentâneo, ao transitório, ao precário, aos desejos em função de um ascetismo intelectual fundado na busca da verdade. Como consequência da cisão entre desejo e vida social Nietzsche declara o surgimento de um “homem abstrato,

guiado sem mitos, a educação abstrata, os costumes abstratos, o direito abstrato, o Estado abstrato.”³

Por abstrato pode-se compreender a existência sem uma conexão com o real, sem explicação, vazia de sentidos, desprovida de ligações com o futuro, como uma educação que prepara o indivíduo para nada, para um fim sem meios e ao referir-se ao Estado abstrato, corrobora-se a ideia da falta de poder, de simbolismo, de um Estado manipulado como figuras de fantoche num teatro de marionetes; repete-se os costumes, mas não se sabe os valores impregnados; tem-se leis mas estas nada dizem e em nada servem àqueles que delas, por ventura venham a necessitar. Ou seja, na concepção deste filósofo, a vida social com seus limites e leis é falsa e produz um indivíduo, também falso e com uma visão estreita, reduzida, senão míope de mundo.

Porém, não se pode esquecer que a ética é algo que se forma no subterrâneo da alma humana. Só os humanos possuem tal característica porque pensam, complexamente, ou seja, são dotados de razão. Mas a questão é ambígua para o pensador comum. Como que algo que se forma nas regiões mais recônditas da alma humana necessitaria de uma consciência e de sanções para existir ou mesmo para vir a existir?

Em resposta pode-se dizer que a ética é um freio humano contra os impulsos destrutivos. O homem deseja manter-se vivo, tem necessidade de ser reconhecido, possui ambições que, para alcançá-las não mediria o menor dos esforços, mas como deseja ser aceito como um igual em seu meio,

³ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A Genealogia da Moral*. São Paulo: Editora Escala, 2007.

vê-se obrigado a respeitar as sanções sociais impostas pela cultura, esta criada a partir da presença do outro. Sendo assim, o Id cria uma situação de conforto para si próprio, ou seja, mascara seus próprios desejos de forma a satisfazê-los sem [maiores] danos para sua imagem egóica.

Neste sentido tem-se que “o superego cultural desenvolveu seus ideais e estabeleceu suas exigências. Entre estas, aquelas que tratam das relações dos seres humanos uns com os outros estão abrangidas sob o título de ética. As pessoas, em todos os tempos, deram o maior valor à ética, como se esperassem que ela, de modo específico, produzisse resultados especialmente importantes.”⁴

Esta é uma crença e um medo porque todos os seres humanos são possuídos por sentimentos funestos e macabros, logo esperam que seus congêneres mantenham-se dentro dos limites da boa convivência em nome de um imperativo e assim cria-se uma cadeia social, onde alguém imbuído de poder legitimado registra as formas que todos devem comportar para com os outros, dando a este conjunto de atitudes o nome de ética.

Freud segue sua explanação dizendo que “ela trata de um assunto que pode ser facilmente identificado como sendo o ponto mais doloroso de toda civilização. A ética deve, portanto, ser considerada como uma tentativa terapêutica - como um esforço por alcançar, através de uma ordem do superego, algo até agora não conseguido por meio de quaisquer outras atividades culturais.”⁵ A maior dor para a civili-

⁴ FREUD, Sigmund (1927-1931). *O Mal Estar na Civilização*. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. XXI.

⁵ *Ibid.*

zação é manter sob rigoroso controle o desejo insano de agredir, matar e devorar da besta peluda que habita sob a pele lisa e delicada do ser humano. Este foi um preço muito alto que a espécie pagou por sua tranqüilidade. Sem este elemento artificial já teria sucumbido e dado vazão a seus impulsos de maneira mais desmedida ainda do que tem feito ao longo dos séculos.

Desta maneira a ética deixou de ser objeto de estudo exclusivo da Filosofia para embrenhar-se em outras áreas do saber humano. À medida que os seres humanos começaram a tomar o poder e a coordená-lo, criar estamentos e organizações começou-se a haver necessidade de uma força que racionalizasse este novo modo de ser, poder e agir. Mas o que leva um sujeito a respeitar regras que lho coíbem e oprimem, privando-o de satisfações superiores às alcançadas pelo pleno exercício de sua cidadania?

A resposta que mais aproxima-se de uma aceitação plausível é a de que não sujeitando-se a estas regras, ele será excluído do meio de seus iguais, e isto é algo que provoca terror nos humanos desde eras pré-históricas. Alijado de seu meio, torna-se um nada, ou seja, o poder de cada indivíduo vem do fato de ser reconhecido pelo seu grupo como sendo parte efetiva dele.

Segundo Aristóteles, ético é aquele que respeita as leis do Estado. Ele defendia a idéia de que “os homens tornam-se bons e virtuosos devido a três fatores, e estes são a natureza, o hábito e a razão. A razão e a inteligência são os fins de nossa natureza. Por isso é necessário preparar-lhes a formação e o cultivo dos hábitos.”⁶

⁶ ARISTÓTELES. *Política*. São Paulo: Escala, 2007, p.241.

Entendendo desta fala que cabe àqueles que cuidam da formação moral e ética das crianças o desenvolvimento e a perpetuação de hábitos bons e saudáveis por meio do exemplo prático para que, quando os pequenos chegarem às condições de viver em sociedade e responderem por seus modos o faça de modo sano e não ajam insensatamente obedecendo aos seus desejos mais primitivos o que levaria à necessidade de intervenção das forças repressoras.

Esta conduta de formação do caráter moral individual caberia aos pais em um primeiro instante seguida da obrigatoriedade da sociedade em demonstrar por meio de suas atitudes novas regras de convivência e respeito aos outros. “O resto é obra da educação. Realmente toda arte e educação esforçam-se por completar o que falta à natureza. Ninguém porá em dúvida que ao legislador incumbe, sobretudo, o cuidado da educação... Pois o costume adequado a cada constituição sói defendê-lo e, no começo, fundá-lo também... E sempre o costume melhor é causa de melhor constituição...”⁷ A partir de tal entendimento à educação caberia, assim, explanar e inculcar as formas legítimas e legais de proteção dos direitos individuais visando conferir legitimidade ao que pratica o cidadão virtuoso e tentar evitar os desvios de conduta. “(E) como o fim de todo Estado é único, torna-se evidente que deve haver uma só e mesma educação para todos”⁸ gerando a expectativa de que agindo desta maneira não haveria mais o relativismo ético ou os privilégios a determinados grupos dentro de uma mesma república.

⁷ ARISTÓTELES. *Política*. São Paulo: Escala, 2007, p.241.

⁸ *Ibid.*

Não justifica-se haver um único peso e uma única medida nos julgamentos de valores e ações sociais. Poucos compreendem quando fala-se na existência de juízo baseado em dois pesos e duas medidas porque vem uma idéia de que o membro da classe baixa [*sempre*] foi, é e continuará a ser condenado e o da classe abastada [*sempre*] foi, é e continuará a ser absolvido.

Isto não pode servir de parâmetro porque tais atitudes não podem ser consideradas como éticas ou justas, nem mesmo quando tem-se uma suposta isonomia no processo de julgamento. O que deseja-se evidenciar é que os motivos, os interesses, individuais e coletivos, devem ser levados em conta quando de uma análise acerca das ações alheias. Criou-se conceitos genéricos na sociedade onde cada classe tem o seu estigma e por mais que procure viver à margem deste, sua sombra os persegue como um fantasma carrasco e impiedoso. Quando confrontados com a manutenção do preconceito, defendem-se com o argumento dos dados estatísticos que comprovam, reforçam e ajudam a manter os estigmas contra grupos, prévia e historicamente selecionados.

Mesmo a educação, por meio da escola e seus muros fechados à vista da sociedade formal, que tem por dever esclarecer o indivíduo e prepará-lo para a vida em sociedade, acaba por reforçar tais ações de preconceito e colaborar na manutenção do *statu quo* de seleção e reforço dos preconceitos. Tudo em nome da ética, da moral e dos bons costumes.

De forma mais ou menos assumida [*e entenda-se aqui com maior ou menor transparência*], a ética está presente nos diferentes documentos que traduzem o rumo de cada orga-

nização (comunitária, privada e/ou pública) e nos seus modos concretos de [se] realizarem [n]a tarefa sociabilitária. Compreende-se, desta forma, que a finalidade da mesma é garantir e/ou permitir/promover aos homens a convivência em harmonia.

Torna-se relevante este trabalho para a Academia pelo fato de reunir outras escolas e autores tendo por base o saber erudito e o que foi empreendido em construir uma dialética da existência humana. Parte também da linha de relevância social quando busca explicar o porquê das ações humanas no seu cotidiano envolvendo outras pessoas e situações.

I

OS CONCEITOS DE ÉTICA E MORAL E SUAS IMPLICAÇÕES NA VIDA COTIDIANA SOCIAL

O que vem a ser a ética? Para alguns é um conjunto de valores morais desenvolvidos por cada cultura, de forma a reger os princípios de cada sociedade. E não poderia ser de outra forma. A ética está presente em todas as raças. Ela é um conjunto de regras, princípios ou maneira de pensar e expressar. Ética é uma palavra de origem grega com duas traduções *[possíveis]*: costume e propriedade de caráter.

O que exatamente quer dizer ética? Segundo o Dicionário Aurélio Eletrônico, ética significa "o estudo dos juízos de apreciação referentes à conduta humana suscetível de qualificação do ponto de vista do bem e do mal, seja relativamente à determinada sociedade, seja de modo absoluto."⁹

Se a tomarmos sob a óptica supra expressa trata-se de uma ciência com um objeto de estudo classificado e com um referencial de julgamento, o que não condiz com a ética em si porque definir a conduta humana pelos preceitos do bem e do mal é agir com relativismo tendo como ponto fundamental de análise os valores de um determinado povo. Só por este ponto tal definição deixa de ser ética. E mais, ela é um ramo da Filosofia imbuída de estudar não somente a conduta humana, mas de igual forma, os documentos legais que regem os procedimentos sociológicos.

Ao longo da história traduziu-se as ações aceitas socialmente aceitas como boas, relacionadas ao bem e aquelas que eram rejeitadas pela sociedade como más, porém, os

⁹ Cf. Dicionário Aurélio Eletrônico, 2004.

hábitos culturais diversos dos mais diferentes povos colocam o estudo da ética como uma tarefa árdua e toda a construção e desconstrução da tábua de valores como uma nova profissão impossível.

Etimologicamente, a palavra ética (ethos) é uma transliteração de dois vocábulos gregos: *ηθος* (ethos) que significa morada do homem, morada do animal: covil, caverna, *ηθος* que dá o sentido de abrigo protetor, o homem encontra um estilo de vida e de ação no espaço do mundo. Acostuma-se com sua morada. Daí vem o costume, mas esta morada é passível de perfectibilidade, de aperfeiçoamento. O outro vocábulo *εθος* (ethos) significa comportamento que resulta de um repetir os mesmos atos - uma constante que manifesta o costume, o ato do indivíduo - tem-se aí o hábito. Tanto costumes, quanto hábitos são construídos.

Estes dois vocábulos levam-nos a perceber que o espaço ético humano instaura-se no reino da contingência [*i.e., naquilo possível, naquilo que pode ser necessário, ou naquilo livre e imprevisível, porque dá-se dentro de possibilidades e probabilidades*]; enquanto que, a natureza está no domínio da necessidade, porque ela é necessidade dada, sempre a sucessão *ipso facto*. Portanto, saber distinguir entre o que é certo e o que é errado é de suma relevância. Alguns homens agem dentro das normas da lei, outros não. Com base neste comentário, podemos concluir que agir eticamente, é respeitar as regras sociais, tal qual Aristóteles definiu em seu livro *A Política*.

Para Aristóteles, ética e política são práticas, que se definem pela ação. Agindo eticamente é que adquire-se a prática da virtude. Educando com correção é que nos tornamos educadores. Além disso, educar supõe a *mimesis*; imitação

de ações exemplares. Para ele, “segundo o caráter, as pessoas são tais ou tais, mas é segundo as ações que são felizes ou o contrário. Portanto, as personagens não agem para imitar os caracteres, mas adquirem os caracteres graças às ações. Assim, as ações e a fábula constituem a finalidade da tragédia, e, em tudo, a finalidade é o que mais importa.”¹⁰

Sendo assim, a finalidade da ética é a manutenção da ordem social, manter o controle e a convivência pacífica entre os cidadãos sem a necessidade de intervenção da força estatal. Aliás, os gregos atenienses a criam, exatamente por este motivo. Na polis não havia outro tipo de pessoa que não fosse considerado cidadão. Forasteiros não podiam adentrar os muros da cidade. Mesmo os servos [*a expressão escravos surge somente no século XIV*] que eram propriedades dos senhores, por habitarem dentro do espaço urbano não podiam ser molestados pela força policial. Mesmo hoje, a ética ainda mantém sua finalidade primordial, sofrendo alterações em seu campo de complexidade, mas não deixou esvair sua essência, pois, um local onde as pessoas respeitam-se, mutuamente, e às leis constitucionais, pode ser considerado um local ideal para viver-se. Ninguém necessitaria ser admoestado ou coagido pela força externa.

A necessidade de códigos surge a partir do momento em que os povos ampliam-se, porque enquanto o homem estava perdido em uma horda primitiva não havia o porquê de se ter regras tão rígidas para reger sua vida. Valia o poder do mais forte. Quando advinha a escassez de comida as crianças eram as primeiras a serem sacrificadas a fim de saciar a fome do grupo, seguidas pelas mulheres. Esta era a ética do grupo. Esta era a lei. A “Lei da Sobrevivência!”

¹⁰ ARISTÓTELES. *Arte Poética*. São Paulo: Martin Claret, 2006, p.25.

Le Bon afirmou que os humanos são seres gregários, sociais por natureza. Assim sendo, por que há necessidade de normas de convivência?

Freud responderia secamente que os seres humanos entregues a sua própria razão e estado de consciência não são capazes de medidas. Para ele “(...) nenhuma civilização conseguiu apagar a besta que, virtualmente, continua a viver dentro do homem, seja ele o elegante e barbeado cidadão do século XX, ou o peludo *Pithecanthropus erectus* de que descendemos, segundo a doutrina de Darwin.”¹¹

Por mais que o gênero humano tenha alcançado elevados índices de desenvolvimento e avanços tecnológicos e ideais humanitários em seu íntimo continua a praticar atos atrozes em nome de qualquer coisa que possa justificar sua sede de caça e anseio por voltar a ser livre como o animal pré-histórico do qual um dia descendeu. Somente por meio de duras e severas leis impostas é que mantém-se um certo grau de sutil harmonia [*quase hipócrita*] entre os humanos. Tal ocorre porque por baixo do fino e elegante terno jaz o espírito de um monstro que muito mal foi amansado, não destruído, uma vez que “como a terra, que se foi formando de camadas superpostas, o espírito do homem é, geologicamente falando, idêntico, se considerarmos a cultura humana como a superfície da crosta da personalidade. Das agressões e das reações ao meio, o homem foi recalcando, através de milênios, os seus instintos animais, não sabendo, por isso, de onde se originou nem como se originou a sua primitiva animalidade.”¹²

¹¹ PEREIRA DA SILVA, Gastão. *Psicologia da Vida Moderna*. vol. IV. São Paulo: Tese, 1983, p.87. 6 vol.

¹² *Ibid.*

A cultura cuidou de criar um modelo de homem em que toda a sua maldade original foi suprimida pelo processo civilizatório. Isto é mais uma crença em contos de fadas científicos porque as reações de agressão e agressividade são inerentes aos seres humanos garantindo sua sobrevivência em um meio hostil. Mas, com o advento da socialização tais sentimentos tiveram que ser amansados, domados, surgindo em seu lugar outros tipos de normas de convivências sociais. Com a mudança nos valores administrativos, a força bruta, a rapinagem, a violência, os raptos foram cedendo espaço para novas formas de negociações mais amplas e diplomáticas, mas, ainda assim, a primitiva força selvagem continuava rangendo dentro de sua jaula porque mesmo tendo se tornado um ser da moral, ainda é um ser da natureza, preparado para sobreviver.

Immanuel Kant responde ao questionamento supracitado [*de Le Bon*] alegando que “não somos seres morais apenas. Também somos seres naturais, submetidos à causalidade necessária da Natureza. Nosso corpo e nossa *psiqué* são feitos de apetites, impulsos, desejos e paixões. Nossos sentimentos, nossas emoções e nossos comportamentos são a parte da Natureza em nós, exercendo domínio sobre nós, submetendo-se à causalidade natural inexorável. [*Portanto*], quem se submete a eles não pode possuir a autonomia ética.”¹³

Não trata-se da coisa mais fácil a um ser humano ter domínio sobre os seus desejos mais profundos e secretos. Longe da vista dos outros, ou seja, na solidão individual, cada um tem uma postura definida e na vista de seus colegas possui

¹³ Immanuel Kant citado por CHAUÍ, Marilena de Souza. *Filosofia*. São Paulo: Ática, 1999, p.171.

outra postura bastante distinta, de igual forma é alguém em seu espaço de vivência e este mesmo alguém fora dele. Não é tão somente ser o que se é em qualquer espaço vivencial para admitir que possua uma autonomia ética. E ademais, tal condição somente é alcançada com a maturidade porque a condição psicológica humana é também regida pela condição biológica. Certos valores são internalizados à medida que o corpo envelhece e o cérebro amadurece, jamais antes disto.

Até alcançar um determinado domínio sobre os impulsos naturais, como a vaidade, a cobiça, a ganância e o egoísmo o ser humano é escravizado pelo desejo porque “a Natureza nos impele a agir por interesse. Este é a forma natural do egoísmo que nos leva a usar coisas e pessoas como meios e instrumentos para o que desejamos [*manipulação obsessiva*]. Além disso, o interesse nos faz viver na ilusão de que somos livres e racionais por realizarmos ações que julgamos terem sido decididas livremente por nós, quando, na verdade, são um impulso cego determinado pela causalidade natural.”¹⁴

Quando Freud disse tal coisa no Século XX sua fala provocou um verdadeiro estardalhaço, porque trouxe para a discussão que o ser humano não é senhor nem mesmo de suas próprias vontades nem em seu próprio mundo individual. Tudo isto põe em questionamento o quanto ele pode dizer que possui autonomia ética. O que não pode ocorrer são os julgamentos sumários e hipócritas dado que “agir por interesse é agir determinado por motivações físicas, psíquicas, vitais, à maneira dos animais. Visto que apetites, impulsos,

¹⁴ Immanuel Kant citado por CHAUÍ, Marilena de Souza. *Filosofia*. São Paulo: Ática, 1999, p.171.

desejos, tendências, comportamentos naturais costumam ser muito mais fortes do que a razão, a razão prática e a verdadeira liberdade precisam dobrar nossa parte natural e impor-nos nosso ser moral.”¹⁵

Esta é uma ação que cabe à educação como entidade formadora e direcionadora da justa e consciente liberdade que cada ser humano dispõe para viver em ambientes comunitários. Entregue à sua própria sorte não será capaz de adquirir o devido e necessário controle sobre seus atos mais primitivos. Será nada mais que um escravo da luxúria e de seus instintos mais baixos, não importando o que tenha que fazer para satisfazê-los, contanto que os satisfaçam. A isto, muitos dão o nome de liberdade! Porém, a educação impõe regras que visam conduzir os indivíduos a um caminho que os permitam atingir felicidade de maneira autêntica e “elas o fazem obrigando-nos a passar das motivações do interesse para o dever. Para sermos livres, precisamos ser obrigados pelo dever de sermos livres.”¹⁶

Assim, permite entender a fala de Jean Paul Sartre de que o homem é um ser condenado a ser livre como ele é um ser condenado ao cumprimento do dever moral o que quer dizer que o ser humano só pode ser considerado como um ser ético quando consegue seguir os preceitos morais, sem dele se vangloriar para sua elevação da auto-estima e promoção de uma auto-imagem que poderia, em verdade, estar escondendo uma fera imoral, hipócrita e irracional. Sócrates já dizia que tão logo os humanos tenham condições de burlar a lei, eles o fazem sem a menor consideração. Afinal, desde a

¹⁵ Immanuel Kant citado por CHAUÍ, Marilena de Souza. *Filosofia*. São Paulo: Ática, 1999, p.171.

¹⁶ *Ibid.*

mais tenra idade são expostos a este tipo de comportamento e atitudes.

Neste mesmo sentido Aristóteles de Estagira reforça o pensamento de Sócrates ressaltando que “[...] em relação a todas as faculdades que nos vêm por natureza recebemos primeiro a potencialidade, e, somente mais tarde exibimos a atividade (isto é claro no caso dos sentidos, pois não foi por ver repetidamente ou repetidamente ouvir que adquirimos estes sentidos; ao contrário, já os tínhamos antes de começar a usufruí-los, e não passamos a tê-los por usufruí-los); quanto às várias formas de excelência moral, todavia, adquirimo-las por havê-las efetivamente praticado, tal como fazemos com as artes.”¹⁷

Ou seja, o ser humano nasce com potencialidades, tanto para aprender e exercer as coisas boas quanto para as coisas negativas ao bem estar social. Por este motivo a ação educativa moral dever ser pautada no exemplo prático, vivenciado a cada momento da vida como algo capaz de beneficiar a todos os envolvidos. Incoerências tais como “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço” não conduz a uma formação ética autônoma, antes a uma deturpação do caráter em que os fins tenderão sempre e oportunamente a justificar os meios. Com relação aos valores “as coisas que temos de aprender antes de fazer, aprendemo-las fazendo-as - v.g., os homens se tornam construtores construindo, e se tornam citaristas tocando cítara; da mesma forma, tornamo-nos justos praticando atos justos, moderados agindo moderadamente, e corajosos agindo corajosamente. Essa asserção é confirmada pelo que acontece nas cidades, pois os legisladores formam os cidadãos habituando-os a faze-

¹⁷ ARISTÓTELES. *Arte Poética*. São Paulo: Martin Claret, 2006, p.35-36.

rem o bem; esta é a intenção de todos os legisladores; os que não a põem corretamente em prática falham em seu objetivo.”¹⁸

Mas, como um jovem pode colocar em prática uma autonomia, controle emocionais, caráter se o que aprendeu durante toda a sua vida foi o jargão: “não seja pego!” O autor deixa muito explícito que a formação do caráter e da moral é uma responsabilidade da família, porque quando a criança chega à escola é para aprender coisas que seus pais não possuem condições de ensiná-los que seria os recursos e aparatos científicos e da pesquisa erudita, bem como a técnica da leitura, da oratória, da escrita e outras ciências naturais, corroborando a perspectiva aristotélica da virtude como uma faculdade prática; uma razão prática, na medida em que não depende, necessariamente, de conhecimento teórico; mas que é construída pelo hábito, pela ação propositadamente exercitada e repetida, mediante uma faculdade já posta, em potência, no caráter do homem por aqueles que assumem sua responsabilidade desde a mais tenra idade. O comportamento seria, pois, o grande fator distintivo da ética; o modo de agir perante os outros, perante si próprio, perante os que são próximos, perante a Humanidade.

Em todas as culturas humanas o dever para com o próximo é a maior virtude que pode-se conhecer porque “provavelmente, uma das muitas conclusões que se podem extrair da investigação antropológica é que a mente humana, apesar das diferenças culturais entre as diversas facções da Humanidade, é em toda a parte uma e a mesma coisa, com as mesmas capacidades. Creio que esta afirmação é aceite por

¹⁸ ARISTÓTELES. *Arte Poética*. São Paulo: Martin Claret, 2006, p.35-36.

todos. Não julgo que as culturas tenham tentado, sistemática ou metodicamente, diferenciarem-se umas das outras.”¹⁹

A diferença individual é uma situação natural de todo ser humano, principalmente, devido aos pensamentos oriundos de suas concepções filosóficas. Já as diferenças sociológicas são produtos das condições geográficas foram os principais eixos motivadores de tal condição. “A verdade é que durante centenas de milhares de anos a Humanidade não era numerosa na Terra e os pequenos grupos existentes viviam isolados, de modo que nada espanta que cada um tenha desenvolvido as suas próprias características, tornando-se diferentes uns dos outros. Mas isso não era uma finalidade sentida pelos grupos. Foi apenas o mero resultado das condições que prevaleceram durante um período bastante dilatado.”²⁰

Durante longos períodos surgiram costumes distintos entre os povos que deixaram marcas indeléveis e características peculiares que transformaram-se em tradições respeitadas e repetidas à risca pelos mais novos. “Chegados a este ponto, não queria pensassem que isto é um perigo ou que estas diferenças deveriam ser eliminadas. Na realidade, as diferenças são extremamente fecundas.”²¹ São elas que permitem ampliar os processos de criatividade e questionamentos acerca do que pratica-se em seus espaços e mundos particulares. Permitem, ainda, a inovação, o avanço e a experimentação pelo fato da troca de conhecimentos entre os locais, as pessoas e os diversos tópicos de conhecimentos.

¹⁹ LEVI-STRAUSS, Claude. *Mito e Significado*. São Paulo: Brasiliense, 1978, p.22-23.

²⁰ *Ibid.*

²¹ *Ibid.*

“O progresso só se verificou a partir das diferenças [*e o que assistimos é a escola tentando estandardizar os alunos como produtos em série produzidos nas fábricas*]. Atualmente, o desafio reside naquilo que poderíamos chamar a super-comunicação - ou seja, a tendência para saber exatamente, num determinado ponto do mundo, o que se passa nas restantes partes do Globo.”²²

E este desejo de saber o que o outro pensa ou faz não é como uma forma de estudar e ampliar o conhecimento alheio, mas antes para suprimir tudo aquilo que foge ao padrão estabelecido por um grupo de gurus que acreditam serem os arautos da verdade absoluta e incontestável. A diferença tornou-se coisa a ser caçada e suprimida como algum mal nefasto e com isto várias sociedades têm perdido suas tradições, invadidos por conceitos e preconceitos das nações imperialistas que para justificar suas ações carnícentas dizem que estes povos são ignorantes e atrasados.

Tais ações tornam-se nocivas aos processos de desenvolvimento cultural global porque “para que uma cultura seja realmente ela mesma e esteja apta para produzir algo de original, a cultura e os seus membros têm de estar convencidos da sua originalidade e, em certa medida, mesmo da sua superioridade sobre os outros; é somente em condições de sub-comunicação que ela pode produzir algo. Hoje em dia estamos ameaçados pela perspectiva de sermos apenas consumidores, indivíduos capazes de consumir seja o que for que venha de qualquer ponto do mundo e de qualquer cultura, mas desprovidos de qualquer grau de originali-

²² LEVI-STRAUSS, Claude. *Mito e Significado*. São Paulo: Brasiliense, 1978, p.22-23.

dade”²³ correndo-se um amplo risco de ter produtos pirateados, adulterados e para demonstrar que não são um plágio original batizam-no com um nome diferente de qualquer coisa que alguém [*supostamente*] desconheça. A originalidade tem seu custo que é bastante alto para um mundo que mede seu valor pelo relógio.

“Podemos, entretanto facilmente conceber uma época futura em que haja apenas uma cultura e uma civilização em toda a superfície da Terra. Não creio que isto venha a acontecer, porque estão sempre surgindo diversas tendências contraditórias – por um lado, em direção à homogeneidade e, por outro, a favor de novas diferenciações. Quanto mais homogênea se tornar uma civilização, tanto mais visíveis se tornarão as linhas internas de separação; e o que se ganhou a um nível perde-se imediatamente no outro.”²⁴

Se não há dissenso entre os indivíduos e os povos não há ética, tampouco porque é a partir dos confrontos de idéias e ideais que torna-se possível medir o quesito dos valores entre eles, o quanto toleram-se e aos projetos alheios. Se todos pensam a mesma coisa, acreditam nos mesmos ideais, nos mesmos deuses e nas mesmas ideologias não há o que discutir, o que confrontar; logo todos os valores são determinados por um único comandante que passa a controlar os desejos mais intrínsecos de cada ser na comunidade e/ou poderá determinar o que deve e o que não deve, sempre de acordo com sua vontade suprema. Todo este grupo transforma-se em *vacas de presépio*. E a apatia é um ato antiético.

²³ LEVI-STRAUSS, Claude. *Mito e Significado*. São Paulo: Brasiliense, 1978, p.22-

²³.

²⁴ *Ibid.*

Levi-Strauss afirma que “esta é uma crença pessoal, e não tenho provas claras que assegurem o funcionamento desta dialética. Mas, na realidade, não consigo entender como é que a Humanidade poderá viver sem algum tipo de diversidade interna [orgânica].”²⁵

Provavelmente, seria semelhante a um cemitério de vivos, onde não haveria discussões, discordâncias, nem qualquer tipo de confrontação de idéias. A própria democracia que é um regime aberto e tolerante só existe pela existência de partidos contrários e que favorecem a disputa pelo poder. A ausência de poder seria a anarquia, um tipo de comunidade em que as pessoas negam a existência de tudo. Mas, escondido nas sombras da negação de todo e qualquer poder está um líder autoritário e tirânico que dita as regras contra as regras sociais com mão de ferro. Quem discorda do “regime” criado, mantido e preconizado é banido do convívio grupal. No outro extremo está a ditadura onde o poder é centralizado nas mãos de um único mandatário e todos os que discordam das suas idéias são perseguidos, silenciados e/ou exterminados.

De acordo com Levi-Strauss e com base no conceito de que toda ética fundamenta-se em uma necessidade premente de dialética, a diversidade entre as culturas se deu pelo fato de que cada uma delas desenvolveu seu sistema político-social em cima de necessidades relacionadas a seus respectivos tempos e espaços geográficos. Este autor levanta uma questão muito delicada quando evoca que foi a diferença entre os povos que os garantiram a sobrevivência e permitiram-lhes se tornarem fortes. E, na atualidade, as sociedades

²⁵ LEVI-STRAUSS, Claude. *Mito e Significado*. São Paulo: Brasiliense, 1978, p.22-23.

caminham para a igualdade, para uma situação a-histórica [*aliás, condição inevitável para a perda de identidade*]. E esta definição do papel e da condição humana caracteriza-se, *in strictu*, pelo discurso vazio de que não pode haver fronteiras entre os homens. Esquecem-se de que são estas fronteiras que permitem ao ser humano auto-analisar-se e na tentativa de superá-las, acaba por descobrir que intermediando todo este [*complexo*] processo está o outro que possui uma identidade; é um ser [...] dotado de razão e vontade próprias [*que devem ser respeitadas e preservadas*].

A conduta ética humana e a melhor maneira de usá-la dependeria da sociedade com a qual o indivíduo em sua fase de formação interagisse. A família e a escola são instituições que influenciam de maneira decisiva a formação ética das crianças. A família propicia à criança as suas experiências iniciais e, por isso mesmo, as mais importantes e marcantes. São bem elucidativas as experiências com crianças em orfanatos e hospitais, em que ficou evidenciado que as crianças mal amadas, rejeitadas, inseguras apresentam comportamentos de apatia, alheamento, deficiência motora e intelectual generalizada. Tais crianças negligenciadas comportam-se como se tivessem totalmente inadequadas para com a vida, como se viver fosse muito difícil ou praticamente impossível para elas. Assim, os primeiros sentimentos de adequação ou inadequação são determinados pelo tipo de relacionamento afetivo estabelecido entre as crianças e sua família ou com o substituto desta. Os pais, mães, irmãos, parentes e, mais tarde, a vizinhança e a escola propiciarão as primeiras estimulações sociais que também influenciarão o desenvolvimento social da criança. Assim, experiências positivas e autodefinições positivas gerarão, na criança, sentimento de segurança e adequação e, vice-versa, experiências negativas, frustrações, negligências ge-

rarão, na criança, sentimento de inadequação e insegurança, o que poderá levá-la a cometer atos ilícitos com a finalidade ou de se afirmar socialmente ou para dar vazão a seus impulsos reprimidos.

Segundo vygotsky²⁶ no processo de desenvolvimento, a criança começa usando as mesmas formas de comportamento que outras pessoas inicialmente usaram em relação a ela, isto porque, desde os primeiros dias de vida, as atividades da criança adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social, refratadas através de seu ambiente humano, que a auxilia entender seus objetivos. Daí se infere que o exemplo não é a melhor forma de se educar... é a única!

Freud defendeu que os fatos ocorridos na primeira infância é que deixarão marcas indeléveis. Konrad Lorentz vem corroborar esta teoria com um experimento que se tornaria clássico. Lorentz fez chocar dois grupos de ovos de gansa; o primeiro pela mãe natural, o segundo por uma chocadeira, de modo que ele foi o primeiro ser vivo com que os filhotes deste segundo grupo tiveram contato. Depois observou que reunindo os dois grupos num só, os gansinhos tendiam a seguir a mãe, mas separavam-se dela em situações de perigo, os primeiros buscando abrigo junto a ela, e os segundos junto a ele. Assim, ele demonstrava experimentalmente algo que a Psicanálise já descobrira por meio da clínica: as experiências precoces deixam sua marca.

A ética é transmitida por meio da ação, dos exemplos práticos e não através de discursos demagógicos. Corrupção,

²⁶ Cf. VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

agressões a direitos humanos, ofensas ao meio ambiente e qualquer outra transgressão a valores não acontecem porque valores não estão presentes, mas porque as condições objetivas em que se dá a atividade humana (institucional ou empresarial) propiciam a oportunidade para que ocorram. Da mesma forma estes fatos nos mostram que o homem não tem se tornado *[ou melhor, não tem sido educado para ser]* um ser autônomo, senhor de seu tempo e de seu eu, afinal, a ocasião faz o furto..., o ladrão já estava pronto...

Ficar interrogando ‘o que é ética’ é como viver tentando solucionar o problema de saber quem veio primeiro, se o ovo se a galinha. A pergunta que não se pode calar é ‘o porquê’ da ética existir e para quem ela existe, qual a sua real finalidade, uma vez que é, eminentemente, prática.

Depreende-se, assim, que a ética não está no homem, mas no conjunto de regras que rege a sociedade, ou seja, não é um valor de equilíbrio *ad hominis*, mas um valor com propósitos de equidade social. Portanto, seria equivocado dizer a alguém que seja ético. Sensato seria dizer respeite as normas, pois sendo um conceito puramente pessoal, está sujeita a oscilações sociais, temporais, étnicas e geográficas.

A confusão que acontece entre as palavras Moral e Ética existem há muitos séculos. A própria etimologia destes termos gera confusão, sendo que Ética vem do grego “*ethos*” que significa modo de ser, e Moral tem sua origem no latim, que vem de “*mores*”, significando costumes. Daí dar significado aos aforismos nietzschianos onde se diz que o moral dos povos são ocidentais são ‘moral de rebanho’. Conclui-se, a partir desta visão hermenêutica que ele quer dizer que, o povo ocidental tem costume de rebanho, de seguir cegamente um líder, sem questionar seus axiomas.

Esta confusão pode ser resolvida com o esclarecimento dos dois temas, sendo que Moral é um conjunto de normas que regulam o comportamento do homem em sociedade, e estas normas são adquiridas pela educação, pela tradição e pelo cotidiano. Pode-se definir Moral como a “ciência dos costumes”, sendo algo anterior a própria sociedade. A Moral tem carácter obrigatório.

Já a palavra Ética, se define como um conjunto de valores que orientam o comportamento do homem em relação aos outros homens na sociedade em que vive, garantindo, outrossim, o bem-estar social, ou seja, Ética é a forma que o homem deve se comportar no seu meio social *[para que possa ser aceito pelos seus iguais]*.

A Moral sempre existiu, pois todo ser humano possui a consciência Moral que o leva a distinguir o bem do mal *[no contexto em que vive]*. Surgindo realmente quando o homem passou a fazer parte de agrupamentos, *i.e.*, surgiu nas sociedades primitivas, nas primeiras tribos.

O estudo sistemático da Ética teria surgido com Sócrates, pois exige-se, para tanto, maior grau de intelectualidade e inquirição dos valores. Ela investiga e explica as normas morais, na tentativa de levar o homem a agir não só por tradição, educação ou hábito, mas principalmente por convicção e inteligência. Ela é teórica e reflexiva, enquanto a Moral é, eminentemente, prática. Uma completa a outra, havendo um inter-relacionamento entre ambas, pois na ação humana, o conhecer e o agir são indissociáveis. Os indivíduos se deparam com a necessidade de organizar o seu comportamento por normas que se julgam mais apropriadas ou mais dignas de ser cumpridas. Tais normas são aceitas como obrigatórias, e desta forma, as pessoas compreendem que

têm o dever de agir desta ou daquela maneira. Porém o comportamento é o resultado de normas já estabelecidas, não sendo, então, uma decisão natural, pois todo comportamento sofrerá um julgamento.

A ciência determina o que é e não o que deve ser. Foi através do Iluminismo que chegou-se ao triunfo da razão. Foi um avanço fenomenal, todas as possibilidades estavam postas à frente dos seres humanos que podiam sonhar com aquilo que séculos antes parecia ser impossível ou no máximo criação de algum poeta dotado de clarividência. Todos os escritores ficaram otimistas com o futuro da ciência. Advinda de um saneamento da sociedade graças à difusão das luzes da razão. Passou-se a acreditar que a vida seria perfeita, a paz garantida por meio dos acessos aos conhecimentos científicos. Porém, na esteira da contramão um quadro dramático passou a perpetuar em nosso mundo marcado pela tragédia de Hiroshima e Nagasaki, fato este que deixaram os cientistas desprezados, porque a sociedade passou a não mais acreditar que a técnica pudesse ser capaz de garantir a felicidade humana. Muito menos a segurança dos povos. E serviu em muito para aumentar a sua insegurança com relação aos seus líderes.

Mas, o que leva as nações a fazerem uso de artefatos bélicos de destruição em massa tornou-se uma pergunta de retórica porque a resposta quase que surge automaticamente quando feita, mas ainda assim, o que fica na memória de todos é o impacto de um ataque feroz, a força da destruição, o alcance e a velocidade com que faz despertar o terror naqueles que, de alguma forma assistir às cenas, mesmo tendo passado muitos anos.

Passados mais de 70 (setenta) anos que a primeira bomba atômica foi utilizada sobre a cidade de Hiroshima (Japão), sobreviveu a pergunta que ainda navega em busca de uma resposta: “Foi, realmente, necessário lançar o artefato sobre aquele povo como resposta a um suposto ataque a uma base norte-americana?”

Não se está aqui a buscar uma resposta; antes analisar o porquê de tal ação e interpretar como foi este impacto sobre a população e como isto influenciaria (n)as tomadas de decisões políticas daí em diante entre as nações, possivelmente, beligerantes.

Refletindo acerca disto Einstein disse que, “nós, cientistas, cujo trágico destino tem sido ajudar a fabricar os mais hediondos e eficazes métodos de aniquilação, devemos considerar nossa missão, fazer tudo em que estiver em nosso poder para evitar que essas armas sejam usadas para propósitos brutais. Que missão seria mais importante para nós? Que finalidade social estaria mais próxima de nossos corações?”²⁷

Esta reflexão é produto de um tempo em que já não havia mais paixão no cientista, porque nenhum gênio que se preza imagina que esteja criando artefatos para a morte, a não ser que seja um doente dos nervos no mais completo sentido, um psicopata perfeito e muito bem camuflado dentro de um jaleco branco e por detrás de um título acadêmico, o que não pode ser difícil dado as palavras de Maquiavel que to-

²⁷ EINSTEIN, Albert. *Escritos da Maturidade*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994, p.74.

dos vêem o que você aparenta, porém, poucos adivinham o que realmente é.²⁸

Mas, como bem afirmou Nietzsche (1844 - 1900) todo homem esconde dentro de si uma criança que deseja brincar e ao cientista é dado esta liberdade de brincar com suas fórmulas e reagentes químicos, tal qual um poeta brinca com as palavras e ao fim tem-se ora doces e românticas palavras ora outras ácidas e ferinas. Como tais serão utilizadas vai depender da criatividade e do desejo de cada um que dela tiver posse, o mesmo dando-se com os instrumentos bélicos criados pela engenharia.

Mas, eis uma nova questão: por qual motivo um cientista deve se preocupar com “ética”? Sua preocupação deve estar acima de tudo com o avanço dos conhecimentos advindos com a criação e produção de seus engenhos... A forma como eles serão empregados é problema de quem detém o poder. O desdobramento científico não pode ser interrompido por causa do mau uso das suas descobertas e avanços.

Mas, antes de tudo mesmo o mais brilhante cientista é um ser humano sujeito a sua consciência e a ação coletiva do pensamento e da reflexão. Isolado em seu laboratório ele pode mesmo a pensar em Hiroshima e nos milhares de pessoas que morreram, mas este será, tão somente, um pensamento que lhe aparece e desaparece, uma cidade no meio do nada na Ásia Oriental... Mas eis que imerso na população e bombardeado pelas imagens e pelas notícias e repercussão das mesmas ele torna-se massa, vítima do terror coletivo. A sua ética foi influenciada pelo grupo, ou seja,

²⁸ Cf. MAQUIAVEL, Nicolas. *O Príncipe*. São Paulo; Martin Claret, 2006.

foi elevada muito acima do seu normal, fato já demonstrado pelos estudos de Gustave Le Bon a este respeito.²⁹ Da mesma forma, tem-se o que impediria um cientista de clonar um ser humano? Na verdade, nada! Mas o que o impede é o seu senso religioso arraigado no seu senso cultural, o medo de que Deus o castigue, nada mais. Pura superstição. E tal foi imputada ao seu espírito pela convivência social, não é um sentimento nato, assim como a própria ética.

Outra coisa relevante para este terror individual é o fato de saber que alguém morreu em algum lugar vitimado por uma criação sua. Em *O Mandarim*, Jean Jacques Rousseau (1712 - 1778) mostra como a morte de um mandarim, nos confins da China deixa perturbado um homem na França porque está a usufruir de sua fortuna. Eça de Queiroz que cria uma obra homônima, incluindo aí o mesmo nome mostra um personagem completamente neurótico, sofrendo de uma culpa neurotizada se estende infinitamente e que passa a viver cada vez mais angustiado pela impossibilidade de redimir-se.³⁰ Possivelmente este seja o sentimento que a ciência carregue após 1945 e viva em uma luta desigual para fornecer melhores condições de vida à população, por meio de adventos da engenharia, da medicina e da produção de alimentos.

Por que a guerra? Esta pergunta é oriunda de uma carta que Albert Einstein (1879 - 1955) encaminhou a seu colega cientista Sigmund Freud (1856 - 1939), em 1932, 7 (sete) anos antes de explodir, oficialmente, a Segunda Guerra Mundial. Tal demonstra que com a ascensão de Hitler ao poder, não foi somente o médico de Viena que passou a

²⁹ Cf. LE BON, Gustave. *As Opiniões e as Crenças*. São Paulo: Ícone, 2002.

³⁰ QUEIROZ, Eça de. *O Mandarim*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

temer uma ação beligerante e repressiva por parte do Estado alemão se não também o físico, demonstrando que a instabilidade política havia sido instalada definitivamente e de maneira genérica no reino alemão.

Em resposta Freud concebe a formação da mente humana semelhante à formação geológica da Terra: uma camada de detritos veio sobrepondo ao que já existia e assim foi formando a camada terrestre fértil e útil ao ser humano; porém, as camadas primitivas sobreviveram e mantém-se em fervilhante pressão, ocorrendo vez ou outra uma erupção destes elementos que encontram-se suprimidos.³¹

Segundo ele o gênero humano não foi capaz de suprimir a besta peluda que encontra-se dentro da alma. Mas, eis uma nova questão: a fera peluda ancestral era beligerante por motivos de força maior ou por puro prazer de exterminar seus iguais?

Souza defende a hipótese de que a guerra surge a partir do desenvolvimento do sistema límbico, o Ego, na concepção freudiana, que este utiliza como expressão latina para *orgulho* e não *Eu* como tem sido traduzido e interpretado pela maioria. A partir deste momento os seres humanos passaram a sentir prazer na perseguição e eliminação do seu rival, não mais tem a guerra como um elemento de vingança ou manutenção do espaço.³²

Com a chegada do Século XX e o auge do capitalismo é que as guerras tomam outro rumo interessante: a manutenção

³¹ Cf. EINSTEIN, Albert. *¿Po que La Guerra? Correspondencia Entre Einstein Y Freud*. Potsdam, 30 de Julio de1932.

³² Cf. SOUZA, Sérgio Rodrigues de. *A Ética e Suas Implicações na Formação da Condição Humana*. Mutum: Expresso Gráfica, 2012.

exacerbada do poder, a conquista pela força do medo causado inconscientemente, não propriamente pelo que se fez efetivamente, mas pelo que se é capaz de fazer. Algo como se a vida perdesse, completamente, o valor e a ética deixasse de existir, por definitivo. “Sentimos com desmedida intensidade a maldade desta época” porque “a guerra, em que não queríamos acreditar, estalou e trouxe consigo a decepção. Não só é mais sangrenta e mais mortífera do que todas as guerras passadas, por causa do aperfeiçoamento das armas de ataque e de defesa, mas, pelo menos, tão cruel, exasperada e brutal como qualquer uma delas.”³³

Este tipo de guerra ao qual o Mestre de Viena refere-se é mais frio e calculado quanto ao seu poder de destruição, algo que pode ser medido e pensado, estatisticamente, bem como a ideia da dimensão do terror a ser implantado. Para ter-se uma ideia deste poder, a população de Hiroshima, em 1945, era de 250 mil habitantes e cerca de 30% desta morreu em consequência da radiação (direta e indiretamente).

Tal ato gerou um estado de terror ao qual seguiu-se uma letargia quanto ao que viria a ser pelo motivo de que “onde a comunidade se abstém de toda a reprovação, cessa também a opressão dos maus impulsos, e os homens cometem actos de crueldade, de malícia, de traição e brutalidade, cuja possibilidade se teria considerado incompatível com o seu nível cultural.”³⁴

Tal fala corrobora a supracitada de que o nível cultural consciente é incompatível com a herança primitiva humana.

³³ FREUD, Sigmund (1915). Escritos Sobre a Guerra e a Morte. In: *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, pp.05-8.

³⁴ *Ibid.*, p.09.

Porém, tais manobras são oriundas do poder conferido pelo Estado a uns poucos homens que conseguem por meio da opressão manipular os sentimentos grupais, transformando-os em verdadeiros *patriotas*. A propaganda mostra um Estado defendendo sua honra e interesses de seu povo, porém, em caminho contrário tem-se mortes, violência, estupro em massa, alejados, mutilados, neuroses e toda a sorte de miséria que a guerra sangrenta consegue deixar como herança para uma nação, antes pacífica e bem estruturada, psicologicamente.

O que fica patente é que um mesmo indivíduo pacífico, uma vez dotado de poder declara-se dono de parte do que seja do outro, incita os seus parceiros à guerra armada contra os mais fracos (jamais contra os mais fortes), porque para manutenção de sua aparência ele deve vencer e subjugar alguém. E este sentimento acaba sendo transferido às massas como valores a serem agregados e em pouco tempo um povo pacífico é contaminado pelo orgulho individual, transformando a todos em máquinas de guerra desprovidas de sentimentos.

A este respeito Freud revela que “dada a falta de mutações, o estado psíquico anterior pode não se ter manifestado em muitos anos, no entanto, persiste de tal modo que em qualquer momento se pode tornar de novo a forma expressiva das forças anímicas, e até a única, como se todas as evoluções ulteriores se tivessem anulado ou regredido. O psíquico primitivo é, no sentido mais pleno, imperecível.”³⁵

³⁵ FREUD, Sigmund (1915). Escritos Sobre a Guerra e a Morte. In: *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.15-16.

Incute, ainda, em suas falas os sentimentos de civilização e promoção do progresso aos povos que encontram-se atrasados (*sic*) tecnicamente e por detrás deste discurso está o sentimento ganancioso de posse e dominação. Isto sob nenhuma hipótese exclui a responsabilidade individual, apenas comprova que por mais que se tenha buscado graus elevados de aprimoramento cultural termina por confirmar as palavras de Gramsci de que o ser humano possui tão somente uma fina camada de verniz sobre sua pele que, mal arranhada, já mostra a pele do lobo.³⁶

Não há nada que justifique o lançamento da bomba sobre Hiroshima. Alegar que o ataque à base norte-americana de Pearl Harbor foi motivação e justificativa para um genocídio em massa contra civis é abusar da inteligência alheia.

Começemos pelo fato de que Pearl Harbor era uma base militar e todo soldado já sabe que seu destino está fadado a ser interrompido a qualquer tempo, até mesmo porque inconscientemente quem busca alistar-se deseja lutas e batalhas o que o levará inevitavelmente a uma morte prematura, como eram os guerreiros nórdicos no passado. Porém, em sentido contrário é o cidadão pacífico que vive a acreditar que viverá para os seus descendentes, como se a morte fosse uma situação alheia a si. Foi sobre estes que a ação norte-americana de detonar a cidade japonesa provocou verdadeiro terror no mundo pós-guerra.

Quando a bomba foi lançada sobre a cidade japonesa a 2ª Grande Guerra já estava, praticamente, definida e acabada, com as três grandes potências beligerantes em condições

³⁶ RUIZ, Erasmo Miessa. *Freud no Divã do Cárcere – Gramsci Analisa a Psicanálise*. Campinas: Editora Autores Associados, 1998.

de sucateamento financeiro e moral. Alemanha e Itália lutaram para derrubar seus próprios líderes antes carismáticos e agora odiados e execrados.

Freud, em resposta a uma carta enviada por seu colega cientista Albert Einstein, diz que a humanidade sempre se valeu do direito e da força para resolver seus problemas e conflitos. Não foi diferente com o Japão. Demonstrou não somente a eles, mas ao resto do mundo o quão poderosa era sua força e, paradoxalmente, quão pequena sua ética quando seus interesses falam mais alto.

Com tal atitude fez o mundo todo prostrar a seus pés e impôs uma diplomacia de cima para baixo que até mesmo hoje, com a ajuda de Hollywood, faz as pessoas do mundo temerem deixá-los irados. Com isto garantiram um poderio hegemônico que somente foi abalado com os ataques de 11 de Setembro ao World Trade Center.

Mesmo assim, ainda possuem o *statu* de guardiões do mundo e poder de polícia, que só vem sendo desgastado por causa das conseqüentes crises econômico-financeiras por que tem passado nas últimas décadas. Aliás, falamos de Hiroshima como se fosse algo ocorrido nas trevas da história humana quando o fato está a uma distância ainda, relativamente, próxima a todos nós.

O horror provocado pela bomba despertou a consciência em todo o mundo quanto à nocividade da guerra. Porém, por detrás da aversão às guerras esconde-se o medo da morte iminente. Júlio César (imperador romano) dizia que a melhor morte é aquela que vem sem se esperar, mas ironicamente, no seu último instante desperta um grito de horror que en-

trou para a história: o sentimento da traição. Entre seus assassinos estava um suposto filho.

Mas acaba que é este medo de uma morte violenta vir a qualquer instante de qualquer lugar que acaba sendo sublimado para aversão e combatido com grande ferocidade. Em tempos medievais de guerra, quando o marido saía em campanha deixava uma ordem expressa de que se chegasse a notícia da queda de seu reino que a esposa desse veneno aos filhos e depois suicidasse. A maioria esmagadora dos soldados não sabiam porque lutavam, mas sabiam muito bem o que seria imputado aos seus caso perdessem; assim, matavam impiedosamente pessoas que em tempos de paz poderiam e até mesmo seriam seus companheiros ou pessoas com as quais travariam grandes negociações comerciais.

Passados 7 (sete) décadas do lançamento da bomba atômica sobre Hiroshima ainda resta a pergunta se foi realmente necessário lançá-la sobre a cidade. Que representação este gesto tem ainda hoje no imaginário social?

O que sobreviveu não foram as cenas patéticas de horror e questionamento das pessoas sobre o que seria que as havia atingido de maneira tão violenta, mas a imagem do cogumelo da morte que assusta pelo poder de destruição em qualquer tempo e espaço. Criou-se a partir daí o jargão de que uma nação beligerante estava com seu poder de ataque condicionado a um apertar de botão e tal botão estava em poder de uma única nação, paradoxalmente, a mesma que o Mestre Freud defende como pacífica em sua obra.

Freud não viveu para assistir aos horrores da Segunda Guerra Mundial, sua guerra pessoal conta o câncer o privou

de decepcionar-se ainda mais, mas se tivesse assistido ao caos em que mergulhou o mundo, possivelmente, diria que houve um retrocesso, uma involução nos sentimentos morais e uma manifestação dos sentimentos primitivos, tal como ocorre em uma erupção vulcânica, onde todo o material soterrado por anos de evolução é trazido à tona por meio de uma violência desmedida que causa catástrofes além do que se pode, ao menos, imaginar.

Em meio a toda esta discussão temos uma questão mais contundente: O que impediria um cientista de clonar um ser humano? De fato? Nada! O que o impede é o seu senso religioso arraigado no seu senso cultural, o medo de que Deus o castigue pela idéia já prefixada e arraigada, em sua mente, de que realizando tal façanha esteja tentando comparar-se a ele, nada mais. Um sentimento intensamente pueril de medo de ser castigado por acreditar que está fazendo alguma travessura proibida pelos pais. Pura superstição. Mas, o pior dano da religião dá-se sobre a mente das crianças. A idade escolar clássica é sete anos. Até os 8 (oito) anos de idade, está concentrado grande parte da capacidade plástica cognitiva do ser humano... Mas, as crianças são privadas do saber científico, mas em hipótese alguma do mítico, do religioso, do tradicional... Eça de Queiroz questiona por qual motivo se manda, ainda, as crianças à escola, afinal, “quando se manifestam no pequeno os primeiros sintomas de razão, quando se torna necessário que ele tenha, para o distinguir dos animais, uma noção de si mesmo e do Universo, então entra-lhe a Igreja em casa e explica-lhe tudo! Tudo!”³⁷

³⁷ QUEIROZ, Eça de. *O Crime do Padre Amaro*. São Paulo: Escala, 2007, p.359-360.

Esta condição de explicar à criança como tudo foi originado é uma forma cruel e antiética de privá-las da curiosidade enquanto as condiciona a uma obediência cega e ignóbil. Já crescem com a convicção de que a verdade já foi-lhes dada pelo sacerdote e não há nada mais que buscar para além daquelas míopes fronteiras inculcadas em sua mente. Ao final o que tem-se é uma decadência completa do processo evolutivo do pensamento científico que caminha a passos muito lentos uma vez que a curiosidade foi suprimida criando professores preconceituosos contra os avanços científicos eruditos e péssimos formadores de novas mentes. No máximo, criam Pégasus para viverem, eternamente, atrelados ao arado da ignorância.

Ensinam-no, “todas” as coisas, “tão completamente, que um gaiato de seis anos que não sabe ainda o *bê-á-bá* tem uma ciência mais vasta, mais certa, que as reais academias combinadas de Londres, Berlim e Paris! O velhaco não hesita um momento para dizer como se fez o Universo e os seus sistemas planetários; como apareceu na Terra a criação; como se sucederam as raças; como passaram as revoluções geológicas do globo; como se formaram as línguas; como se inventou a escrita...”³⁸

Porém, tudo isto não passa de ação mimética porque seu conjunto psicológico ainda não possui maturidade suficiente para confrontar tudo o que ouviu com os fatos existentes e recorrentes. Para a criança o pai é um herói que tudo sabe e tudo pode, invulnerável, invencível, portanto, tudo que diz é a mais pura verdade. Quando chega à puberdade que é um momento de confronto de valores, que deveria ocorrer de

³⁸ QUEIROZ, Eça de. *O Crime do Padre Amaro*. São Paulo: Escala, 2007, p.359-360.

forma salutar há uma verdadeira guerra de inimigos, resultando em verdadeiras catástrofes psicológicas e, por mais que tente agregar-se a um fundo de busca científica não o consegue porque não é nada mais que um neurótico e um doente dos nervos, já na mais tenra idade. Sua ignorância futura é produto de sua condição de doente neural, porque libertar-se é causa de um sentimento de culpa. Se houver qualquer tipo de ética neste tipo de formação do processo cognitivo infantil então o valor está na ignorância e no resultado de sua contínua prática: a obediência cega.

O pequeno já é senhor de um vasto conhecimento, “sabe tudo: possui completa e imutável a regra para dirigir todas as ações e formar todos os juízos; tem mesmo a certeza de todos os mistérios; ainda que seja míope como uma toupeira vê o que se passa na profundidade dos céus e no interior do globo; conhece, como se não tivesse feito senão assistir a esse espetáculo, o que lhe há de suceder depois de morrer... Não há problema na descida...”³⁹

As crianças possuem uma capacidade de fantasiar as formas e as coisas que impressionam mesmo ao mais preparado estudioso da área de educação infantil. Utilizam desta capacidade cognitiva infantil para inculcarem-lhes as mais diversas características do além-mundo da mesma forma que os contadores de história faziam na Antiguidade Clássica, porém, com a diferença de que lá a idéia era a formação do culto aos antepassados, a preservação da memória guerreira e agora é uma obediência servil a um sistema que mais oprime a um custo elevado, que é a supressão dos avanços técnico-científicos. “E quando a Igreja tem feito

³⁹ QUEIROZ, Eça de. *O Crime do Padre Amaro*. São Paulo: Escala, 2007, p.359-360.

deste marmanjo tal maravilha de saber, manda-o então para ler... O que eu pergunto é: para quê?”⁴⁰

Do mesmo modo que Eça de Queiroz ficou sem uma resposta satisfatória no século XIX ainda hoje continuamos sem tê-la. A leitura, após todo o treinamento calcificante e cauterizante cerebral que é ofertado [*ou imposto*] ao neófito não é capaz de ampliar os horizontes deste. Torna-se parte de um processo mecânico, uma função social que permite o ingresso ao mercado formal de trabalho e de consumo, nada mais.

Watson dizia que bastava dar-lhe uma criança até os 8 (oito) anos de idade e depois tentar ensinar a ela o que quisesse que qualquer um “fracassaria”. E assim se deu na Alemanha de 1861 quando o ensino primário se tornou obrigatório e a Igreja assumiu este encargo. O ideal que se procurava era ensinar o básico da gramática e da aritmética e da submissão total a Deus e ao Kaiser. Uma bela e insidiosa medida de controle social absoluto.

Um dos mais belos contos da Antigüidade Clássica é o mito de Hércules na encruzilhada. Este duplo caminho significava escolher entre o Caminho do Bem e o caminho do Mal. Ele estava livre..., assim como qualquer mortal, porém, Hércules, quando atingiu a idade de dezoito anos, era o homem mais forte e mais belo da Grécia. Era chegado o momento em que teria que decidir se empregaria sua força para o bem ou para o mal.

Hércules deixou pastores e rebanhos, mudou-se para uma região distante e pensava na carreira que seguiria. E não é

⁴⁰ *Ibid.*

apenas Heracles que se encontra entre dois caminhos. Todo ser humano, em algum momento de sua vida se vê entre estas duas estradas. As ofertas são imutáveis..., as escolhas é que são pessoais; são elas que determinarão quem o neófito será ou deixará de ser. Ele estava indeciso porque como ele era muito forte poderia ser caçador *[que para a época significava ser uma espécie de ladrão]*.

Quando é aceitável que os líderes usem os seus poderes para cruzar a linha invisível que os pode transformar em déspotas sobre os seus companheiros? A resposta é: “*Nunca!*” porque a coisa mais plausível é que “é parte do amor o conjunto de atitudes que denominamos civilidade ou educação: se gostamos de morar onde moramos (ou simplesmente não temos outro aonde ir), não vamos brigar com os vizinhos; vamos ao contrário, tentar ser amáveis com eles. A mesma coisa no trânsito. Se gostamos de chegar vivos em casa, tentaremos ser amáveis com os demais motoristas e não arriscar acidentes imprevisíveis.”⁴¹

Ao inferir nesta reflexão, observa-se que a ética rege o homem sempre no desejo de ser feliz, de ser aceito, e este, segundo Aristóteles, só é feliz vivendo em sociedade; logo, podemos concluir que o homem ao respeitar estas regras básicas de convivência é um ser feliz. Ao quebrá-las se tornará um ser infeliz, pois deverá ser excluído do convívio social. Disto, conclui-se que o exercício pleno da ética é o princípio básico da felicidade humana.

Na concepção de Eduard Hyde, personagem criado por Robert Louis Stevenson, esta felicidade é uma atitude cínica,

⁴¹ IZQUIERDO, Ivan. *Córtex Cerebral, Amor e Equilíbrio*. [Apostila ofertada pela professora Luiza Helena Pio Caselli durante o curso de Pós-graduação em Psicopedagogia, Supervisão e Orientação Escolar, em Mutum – MG], 2007.

forçada, imposta. Em franca harmonia com o pensamento de Mr. Hyde está o pensamento de Sócrates. Para este o ser humano só pratica a justiça contra a própria vontade e pela incapacidade de cometer a injustiça, pois não poderia fazer nada melhor do que imaginar o seguinte. Segundo ele, basta que se dê ao homem de bem e ao iníquo igual poder de fazer o que quiserem e os sigam para ver onde a paixão os vai conduzir.

Um discípulo de Sócrates, Glauco, diz que ao dar a ambos [*ao homem de bem e ao iníquo*] poderes infinitos “surpreenderemos o homem de bem tomando o mesmo caminho que o iníquo, levado pelo desejo de ter sempre mais, desejo que toda natureza persegue como um bem, mas que a lei sujeita, à força, ao respeito e à igualdade. O melhor meio de lhes dar o poder de que falo é lhes emprestar o privilégio que, dizem, Giges, o antepassado do Rei da Lídia, possuiu outrora. Giges era um pastor a serviço do rei que reinava então na Lídia. (...) tendo-se reunido os pastores como de costume para fazer ao rei o seu relatório mensal sobre o estado dos rebanhos, Giges veio à assembléia, trazendo no dedo o seu anel. Tendo tomado o lugar entre os pastores, girou, por acaso, o anel de tal modo que a pedra ficou do lado de dentro de sua mão e, imediatamente, ele se tornou invisível para os seus vizinhos, e falava-se dele como se tivesse partido, o que o encheu de espanto. Girando de novo o seu anel, virou a pedra para fora e imediatamente tornou a ficar visível. Atônito com o efeito, ele repetiu a experiência para ver se o anel realmente tinha esse poder, e constatou que, virando a pedra para dentro, tornava-se invisível; para fora, visível. Tendo essa certeza, fez-se incluir entre os pastores que seriam enviados até o rei como representantes. Foi ao palácio, seqüestrou a rainha e atacou e matou o rei; em seguida, apoderou-se do trono. Suponha-

mos, agora, dois anéis como esse; coloquemos um no dedo do homem justo e outro no do injusto. Segundo o que tudo indica, não encontraremos em nenhum dos dois uma força de caráter suficientemente forte para permanecerem fiéis à justiça e resistirem à tentação de se apoderar do bem que quisessem, já que poderiam, impunemente, pegar no mercado o que quisessem, e fazer o que bem entendessem em qualquer lugar, como se fossem deuses entre os homens, pois não seriam punidos por nada que viessem a fazer. Penso que, quanto a isso, nada distinguiria o homem justo do injusto, e os dois tenderiam para o mesmo fim, e poderíamos ver nisso uma grande prova de que não se é justo por escolha, mas por imposição, e não é a justiça como um bem individual, pois sempre que julgamos poder ser injustos, não o deixamos de ser. Todos os homens, com efeito, crêem que a injustiça lhes é muito mais vantajosa individualmente do que a justiça, e têm razão para acreditar nisso, se nos referimos àquele que é partidário da doutrina que exponho. De fato, se um homem que tivesse tal poder não consentisse nunca em praticar uma injustiça e em apoderar-se de um bem de outrem, seria considerado por aqueles que estivessem a par do segredo como o mais infeliz e o mais insensato [*louco*] dos homens. Nem por isso deixariam de elogiar, em público, a sua virtude, mas como intento de se enganarem mutuamente, no temor de sofrerem, eles mesmos, alguma injustiça.”⁴² [*grifo nosso*]

Com esta fala o filósofo ateniense Sócrates fala o que o filósofo francês Jean Jacques Rousseau corrobora muitos séculos mais tarde: o de que a sociedade torna o homem mau, mas aqui ele vai muito além e diz que há uma certa pressão psicológica neste sentido. Infelizmente, não está em toda a

⁴² PLATÃO. *A República*. São Paulo: Nova Cultural, 1997, p.42-43.

extensão de sua preleção, expondo incorretamente o seu pensamento, porque os seres humanos são suficientemente dóceis, maleáveis e 'éticos' para que muitos possam ser eventualmente ensinados a matar, apoiar a matança ou consentir a matar sob o comando de um macho alfa, dissociando-se completamente da responsabilidade pelo ato. O pecado original humano não é nenhuma vontade de assassinar - é a obediência porque equivaleria a obediência a servir como um autômato, o que geralmente se chama de ser uma *vaca de presépio*, pessoa que concorda com tudo o que os outros, uma pessoa sem personalidade, sem opinião própria. Fica-se ali, parado, sem nem ao menos saber o motivo do porquê de estar ali. A experiência de Stanley Milgram provou que, quando sob o comando de um líder antiético o ser humano é capaz de coisas que jamais faria em condições de não-pressão. Mas existe o outro lado da experiência, o da passividade incondicional, o não questionamento, simplesmente porque um superior ordenou.

Quanto às conclusões acerca do experimento de Milgram⁴³, este o resumiria ao escrever, que: "os aspectos legais e filosóficos da obediência são de enorme importância, porém dizem muito pouco sobre como a maioria das pessoas se comportam em situações concretas. Montei um simples experimento na Universidade de Yale para provar quanta dor infringiria um cidadão comum a outra simplesmente porque lhe pediam para um experimento científico. A férrea autoridade se imposta aos fortes imperativos morais dos sujeitos (participantes) de causar danos a outros e, com os gritos das vítimas ecoando nos ouvidos dos sujeitos (participantes), a autoridade subjugava com a maior frequência. A extrema boa vontade dos adultos de aceitar quase qualquer

⁴³ MILGRAM, Stanley. *Los peligros de la obediencia*, 1974. [S.n.t.]

requerimento ordenado por uma autoridade constitui o principal descobrimento do estudo.”⁴⁴

A frase célebre de Dostoievski “se Deus não existisse tudo seria permitido”, encaixa-se perfeitamente no esquema da experiência nazista. Hitler meramente declarou aos seus cientistas que eles poderiam fazer o que quisessem. Não haveria leis, nem ordens, nem proibições, nem sanções quaisquer que os punissem; ali, Deus existia, porém, ele se imiscuiu de sua autoridade; ou se quiser melhor situar no tempo, ele a delegou para seus anjos. Estes cientistas, simplesmente ‘obedeceram’ a seus instintos.

Certa vez um cientista escreveu que se Adão e Eva possuísem a força e a coragem de Martinho Lutero e Joana D’arc, eles não teriam sucumbido ao mal. Dá vontade de rir da expressão de fervor em prol destes dois históricos delinqüentes ilustres. É mais fácil acreditar que estes dois teriam incendiado o Éden caso não fossem expulsos. É preciso dizer que ambos foram cassados e condenados à morte porque eram obedientes ou modelos de virtude? Ambos são um belo exemplo de conduta ética (*sic*).

Outro experimento que demonstrou que o ser humano perde todo seu senso ético quando dotado de poder absoluto é o de Phillip Zimbardo⁴⁵. Bastou que o Dr. Zimbardo dele plenos poderes a seus alunos para que se transformassem em verdadeiros monstros, capazes de todos os tipos de *desmésure*.

⁴⁴ MILGRAM, Stanley. Obediência à Autoridade. São Paulo: Francisco Alves, 1983.

⁴⁵ Cf. O Experimento da Prisão de Stanford, 1971.

Analizando a história de Adão e Eva, percebe-se que Eva foi punida por causa de sua desobediência. Adão pelo seu medo (in)consciente da solidão. O espírito divino que este sentia a acompanhá-lo deixou de existir. O herói passa de uma lógica concreta para uma lógica abstrata. Deus deixou de oferecer segurança a Adão. Os longos dias a caminhar sozinho, perdido por aquela imensidão já não fazia sentido para o jovem que havia sentido o calor humano a aquecê-lo nas noites frias; as perguntas sendo respondidas; lógico que a falta de amor e segurança leva o homem a mais completa insanidade. A dúvida se deus-pai o amasse ainda perturbava o homem agora liberto do seu paraíso. A solução encontrada pela Igreja na Idade Média para acalmar os ânimos foi a de dar qualidades sobre-humanas a um Deus e entre elas foi o da ética e do compromisso inalienável de estar sempre à disposição da vontade volúvel dos humores humanos. Houve aqui uma inversão dos valores pregados pelas religiões anteriores ao cristianismo romano. Não está escrito em nenhum auto que “fidelidade tenha qualquer ligação “direta” com ética”.

Na atualidade, não há como falar em ética abertamente. A literatura, que, em tempos modernos tornou-se a língua oficial dos ideólogos, sabe florear os mais árduos espinhos, transforma um assunto crítico e pesado em algo que diverte e encanta e ainda educa, mostrando que um soberano só por deter tal e qual poder pode transformar seu planeta inteiro em um ringue com o propósito de disfarçar a miséria de seu povo às expensas de lutas ignominiosas.

Enquanto estão assistindo a esses combates esquecem a fome, a guerra, a miséria, a prostituição, as doenças e ainda adoram seu líder pelo fato de ele proporcionar-lhes estes momentos de entretenimento. Isto geralmente ocorre em

países totalitários, em meio a crises tanto físicas quanto ideológicas.

No filme *O Sobrevivente* estrelado por Arnold Schwarzenegger, mostra esta trama, onde um líder autoritário consegue manipular as massas através da televisão. Ele oferece um entretenimento carrasco onde as pessoas se iludem quanto à sua autoridade e autonomia, escolhendo os carrascos que irão lutar contra os tiranos que estão promovendo massacre e destruições em massa, minando as estruturas de segurança da nação. E esta diversão bizarra os aliena de toda a miséria humana e social que os cercam e oprimem. São desde cedo robotizados a acreditar que os “maus” devem ser punidos e os bons devem sempre vencer. Mas o resultado de toda a operação é o nível elevado de adrenalina que ocorre nas reuniões grupais. Essa adrenalina se torna tão alta que chega mesmo a criar a sensação de esquecimento de algumas necessidades básicas.

E nestas lutas sangrentas há, por parte da massa, um processo duplo de identificação e antagonismo. Identificação (amor) com o agressor e antagonismo (ódio) com relação ao mais fraco. A identificação com o herói simboliza o que eles queriam ser e o ódio contra o massacrado revela o que eles odeiam em si mesmos. Por este motivo se felicitarem com a morte do fraco, que é como se o seu desejo de ser melhor destruísse o que lhes é sina de humilhação e há ódio contra o vencedor caso este não mate o derrotado. O sintoma é como se estas pessoas saíssem de casa para ir ao ringue para ver seu “Ego” matar o seu “Id”. Ali naqueles instantes, o herói simboliza tudo de bom: ‘a comida, o repouso, a segurança, o sexo.’

E o fracote que é humilhado e morto, simboliza tudo que é desprezível e ruim: 'a fome, a miséria, a dor, a humilhação, a morte'! Este é o motivo de que quando o guerreiro derrota rapidamente seus adversários tanto ele quanto seus espectadores fiquem irados. As pestes que os assolavam na vida real não eram derrotadas em questão de segundos de tempo. Eles uivavam, choravam, sofriam na luta desigual e impiedosa contra estes rivais... para ao final sobreviverem para lutar um outro dia... da mesma maneira que o guerreiro que lutava dias a fio na arena e vencida. Ele não queria mais lutar, mas não havia saída e no dia seguinte estava lá novamente. O desejo de não mais lutar significava que queria morrer, assim toda aquela panacéia acabaria! Da mesma forma que o povo... A fome e as desgraças eram tantas que eles desejavam que a morte os levasse, mas ela zombava de todos, do povo e do guerreiro, e, o instinto de sobrevivência falava mais alto e outra vez estavam lá a se iludirem e a simbolizarem a morte de seus suplícios.

E tal qual o povo não entregava-se a estas mazelas sem luta carnicenta, o guerreiro lutava até o limite final de suas forças. Não se sabe aí quem motivava quem a prosseguir na luta funesta contra um adversário que no máximo protelava a cobrança de uma dívida que não poderia ser paga com outra coisa senão a vida. Ou outro grupo a fim de insurgir contra seus líderes promovem a desmoralização de todo o grupo frente à população, provocando seu enfraquecimento para facilitar o golpe. Mostra até que ponto a ganância leva as pessoas deixando muito explícito que a vida perde todo o seu valor quando o que encontra-se em jogo é o desejo de poder.

II

UMA VISÃO ANTROPOLÓGICA DA ÉTICA

Os seres humanos enquanto viveram solitários e livres pelas savanas não dependiam de nenhum código complexo de conduta; não havia o outro e não havendo-o não há limites [*além daqueles, naturalmente, já impostos pela natureza*]; porém, a partir do momento em que outros se unem, formando pequenos bandos, a vida começa a tornar-se complexa e eles passam a necessitarem de limites; necessidade imposta a partir da presença do outro.

“Há oitenta mil anos o cérebro tinha 2/3 do seu tamanho atual e as poucas comunidades existentes viviam em completo isolamento. Com o desenvolvimento de sua inteligência, o ‘*Homo sapiens*’ há cerca de quarenta mil anos, passou a fazer ferramentas de pedra para auxiliá-lo na caça e na pesca.”⁴⁶

Possivelmente, foi a disputa entre os membros da tribo que forçou o desenvolvimento de armas e utensílios mais sofisticados permitindo aos grupos terem maior ampliação dos sentidos cognitivos. A inteligência não antecedeu à construção dos artefatos de caça e pesca, foi a partir de sua existência que permitiu que fossem estudados e melhorados numa disputa infinita por impressionar às companheiras e possíveis parceiras sexuais. E, ainda que toda a produção fosse destinada a um fim comum que era a nutrição da tribo, o ser humano, em nenhum momento de sua história, esteve desprovido de sua vaidade e desejo de conquistas pessoais.

⁴⁶ KATZENSTEIN, Úrsula. *A Origem do Livro da idade da pedra ao advento da impressão tipográfica no Ocidente*. São Paulo: Hucitec, 1986, p.42-43.

Imbuído desta ambição “a invenção da ferramenta foi a primeira realização intelectual do homem. Colocou-lhe às mãos dispositivos ativos e agressivos para enfrentar os desafios da vida cotidiana. Ferramenta, técnica e linguagem foram o ‘equipamento espiritual’ com que partiu para conquistar o mundo. As ferramentas concebidas por seu cérebro, capacitaram-no a dominar e transformar seu ambiente natural, e se tornaram um requisito básico para todo desenvolvimento cultural futuro. Inclusive seu desejo insano de dominação!”⁴⁷

Isto porque quanto maior o domínio que exercesse maior o número de fêmeas que poderia arrebanhar o que garantir-lhe-ia infinitas vezes mais possibilidades de garantir a perpetuação de seu DNA. Mesmo o homem primitivo não estava livre da força do desejo, controlando tudo à sua volta como um princípio de vaidade, mas que em sua sombra estava escondido o medo do desaparecimento, o medo inconsciente da morte e, ao descobrir que tal ato era inevitável, ao menos que deixasse descendentes para fornecer-lhe as honras fúnebres, para que fosse lembrado. Para alcançar tal propósito, subjugou seus iguais, escravizando-os e criando terríveis formas de dominação e divisão do poder transformando os membros da tribo em senhores e servos. De forma que o homem não se sente feliz vivendo em sociedade. Ele se sente seguro... E esta segurança é traduzida pela sua consciência como um estado de felicidade, porque lhe permite ter uma garantia de que seu DNA ‘poderá’ vir a ser perpetuado.

⁴⁷ KATZENSTEIN, Úrsula. *A Origem do Livro da idade da pedra ao advento da impressão tipográfica no Ocidente*. São Paulo: Hucitec, 1986, p.42-43.

Não é de admirar o Adão de Milton sentir-se apavorado ao ter imputado a si a conquista da sua liberdade.

“Cheio de dúvidas continuo”, reflete Adão;

“Se eu me arrependesse agora do pecado

Por mim feito e ocasionado, e tanto mais me alegrasse,

Quão maior não seria o bem que disto me viria.”⁴⁸

Não é de estranhar o medo de Adão. No Paraíso havia regras, leis, um código de conduta a seguir. Tão logo foi desrespeitado o preceito moral prescrito, a pena para tal delito foi a expulsão. O herói de Milton se assusta ante o desconhecido, pois sendo o único homem livre, temia até mesmo esta liberdade. Não havia um código de conduta lhe esperando, para lhe ensinar a viver. Muito menos outro humano para lhe conduzir em sua nova vida. Não tendo aprendido, não teve como ensinar regras morais aos seus filhos. Nem como lidar com a inveja, o ódio, a raiva... Não foi ensinado a Caim que ele deveria proteger seu irmão, nem que não poderia sentir inveja deste, nem que não poderia matá-lo.

A ética se faz necessária aos humanos para que os ajude a se conduzirem pelo obscuro caminho da existência [*em companhia de seus outros iguais*]. Segundo Rubem Alves as receitas de como ser humano tem de ser ensinadas, aprendidas e preservadas.

Bettelheim⁴⁹ revela que o medo humano de ser privado da proteção dos seus iguais é oriundo da mais tenra infância. E é também, uma herança da pré-história humana. Sozinho, o homem primitivo seria alvo fácil para os adversários naturais; ou seja, o banimento do grupo seria uma sentença de

⁴⁸ MILTON, J. *Paraíso Perdido*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

⁴⁹ Cf. BETELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. 21ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

morte; e, por temer a morte e o esquecimento, ele age eticamente, ou seja, respeita os preceitos coletivos.

Quando um membro do clã era abandonado isto significava sua pena de morte. Assim era o que se fazia [*mais comumente*] com as crianças que eram destinadas a servirem de comida. Abandonavam-nas em algum ponto remoto da selva para que fossem caçadas e mortas com o intuito de saciar a fome das tribos vizinhas e estas, por sua vez faziam o mesmo com suas meninas. As famílias, mesmo com suas condições de parentalidade obedeciam a tais preceitos sem questionar porque de tal costume dependia a sobrevivência de todo o clã.

Pode-se interpretar a origem do homem civilizado da seguinte maneira: “No início havia era uma horda primitiva que não tinha paradeiro; eram verdadeiros nômades, viviam a perambular e quando a comida acabava, as crianças eram as primeiras a serem mortas a fim de saciar a fome do grupo, em seguida eram as mulheres por serem mais frágeis [...]”.⁵⁰

Porém, quando o homem abandona o sistema nômade, chamado de nomadismo e começa a preocupar-se com seu sistema agrícola aliado à descoberta do cloreto de sódio [*o famoso sal de cozinha*] estes foram elementos de grande relevância para o sedentarismo humano. As grandes civilizações se ergueram em regiões (ou pelo menos próximas) onde este composto mineral era abundante; isto porque o sódio (Na) é o único mineral que todo animal consome até sentir-se satisfeito. Este alimento era importante para os povos antigos que os sodomitas ergueram uma estátua em

⁵⁰ COELHO, Paulo. *O Diário de Um Mago*. São Paulo: Gold Editora Ltda., 2006.

forma de mulher para honrá-lo e foi apenas com o culto da deusa caindo em desuso, sendo substituído por um deus masculino (Javé), que criou-se a lenda em torno de Ló e sua família e a desobediência de sua esposa, como causa de tê-la transformado em uma estátua.

Com o avanço das culturas e do pensamento surgiu a necessidade de um novo tipo de liderança. Aquela que era regida pelas mulheres que tinha por base um tipo de terror sangrento foi cedendo espaço a uma convivência mais harmônica e pacífica com a natureza, porém, não demorou muito tempo para que tudo fosse desviado do seu sentido natural, o que fez surgir dois tipos de liderança:

- A imposta; e,
- A natural.

Uma representada pela ética, outra pela moral. A imposta, *[representada pela moral]* é aquela onde as pessoas se vêem obrigadas a te seguir, afinal, és o líder, deténs o poder..., e a liderança natural, *[representada pela ética]* é aquela em que as pessoas seguem juntas com o líder, porque o objetivo é a felicidade, o sucesso do grupo.

Podemos dizer que a liderança natural é aquela baseada na ética social. E é esta que a sociedade atual deve voltar a encontrar. Aos poucos e sem nenhuma modéstia a humanidade tem-se aproximado de uma sociedade descortçada *[mentalmente insana]*, do mundo reptiliano, onde vale a lei do mais forte ou do que tem mais (o lema é quem tem mais pode mais); deixa-se o morrer o doente, castiga-se o velho como se a velhice fosse um crime; pais batem nos filhos até a morte, como se estes fossem culpados pelos seus fracas-

sos pessoais; exploram-se as crianças [*no tráfico, na prostituição, no crime organizado, no trabalho escravo*], vizinhos chacinam vizinhos. O ódio e não o amor é tema de campanha política; o conhecimento é tudo. A mídia anestesiada faz esforços para perder a memória de nosso passado coletivo e com ela, toda noção de quem somos e, principalmente, de todo o sacrifício que a espécie humana já fez para atingir este grau de desenvolvimento social.

E, um povo sem memória não pode ter ética. Uma vez que esta se baseia em valores históricos, culturais e sociais acumulados e desenvolvidos ao longo de décadas e às vezes milênios; cada vez mais se assiste a sociedade se lagartear feliz como se estivesse possuída pelo nada... É como se ela se deslindasse de suas obrigações com a existência, com o mundo externo, onde existe o outro. Negando a vida, nega-se a dor. Negando-se à causa nega-se o efeito... E isto assusta, porque expressa a idéia de que “o homem prefere ainda querer o nada antes que nada querer!”⁵¹

Ou seja, a dor do indivíduo está em ser indivíduo, em ter que negar as coisas da vida, em ser alguém isolado da massa, obrigado a pensar por si só, a viver e a lutar como ser independente. Vive preso a um mundo que julga ter sido construído por seu próprio esforço quando este é nada mais que uma cópia barata de algum outro mundo decaído do qual nada poderia ter sido aproveitado para o bem de quem quer que seja. A vida moderna transformou-se em uma farsa vivida e encenada por todos com tanta efusão que passa-se a crer que é real e que as pessoas envolvidas são e/ou estão, realmente, felizes.

⁵¹ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A Genealogia da Moral*. São Paulo: Editora Escala, 2007, p.154.

Partindo da leitura da vida real tem-se condições de inferir que os habitantes do *Admirável Mundo Novo*, criado por Aldous Huxley, em 1932, não possuem ética porque suas histórias de vida são meras lendas contadas indefinidamente por uma vitrola; não são nada mais que pessoas condenadas a excessos sem fim, tanto consumistas quanto libertinos. A lei é se promiscuir e se, em 1984, de Orwell, escrito em 1949, a felicidade é controlada pelo Estado, em *Admirável Mundo Novo*, a tristeza é que é. No primeiro o amor é proibido, no segundo ele é banalizado. Em ambos os Estados a ética faz-se inexistente.

Tem-se assim que não é a ética que equilibra a equação; ela só poderá existir se a equação já encontrar-se em equilíbrio. A ética não é inata ao homem nem interiorizada neste. É somente um conjunto de regras sociais que de tanto a criança ter acesso a ele através dos adultos em fase ainda tenra da idade que parece que o fez nascer já com aqueles valores em seu código genético. Inserem-se no comportamento humano através dos preceitos educacionais e do convívio social. E, para respeitar estes preceitos faz-se necessário que os seres humanos queiram respeitá-los. Porém, para que haja este querer e tal seja transformado em vontade absoluta, faz-se “necessária uma representação de prazer e de desprazer; e que uma violenta irritação produza uma sensação de prazer ou de desprazer, isso é uma interpretação do intelecto que, aliás, na maioria das vezes opera sem que o saibamos – uma mesma irritação pode receber uma interpretação de prazer ou de desprazer; e, só há prazer, desprazer e vontade nos seres intelectuais.”⁵²

⁵² NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Aurora*. São Paulo: Escala, 2006. Livro Primeiro; af. 9: Conceito da Moralidade dos Costumes, p.131.

O restante da massa divide-se entre raiva, amor e ódio vivendo com a culpa de sentir tais coisas sem que saibam por que ocorrem. Sem a interpretação fina dos sentimentos, coisa não tão fácil de conseguir, porque estes traem o senso humano na maioria das vezes, tudo não passa de elementos fluidos e voláteis. Aliás, esta tem sido a conquista dos humanos nos últimos tempos, vivendo à margem do entendimento científico preferindo crer que tudo que é mostrado pela única janela aberta ao público: A TV constitui a verdade suprema, absoluta e indiscutível.

Nesta mesma esteira de doura e sapientíssima ignorância social que, inevitavelmente, conduz a interpretações distorcidas dos fatos sociais Eric Raimon alerta para o fato de que um dos erros mais perigosos de nosso tempo é a crença de que os seres humanos são animais unicamente violentos, escassamente contidos de cometer atrocidades uns aos outros pelas restrições da ética, da religião e do estado. Defende ele que, “menos que a metade de um por cento da população humana presente já matou em tempos de paz; assassinatos são mais que uma ordem de magnitude menos comuns que acidentes domésticos fatais. Além disso, todos menos um número muito pequeno de assassinatos são executados por homens entre as idades de 15 (quinze) e 25 (vinte e cinco), e a imensa maioria desses por homens solteiros. As chances de uma pessoa ser morta por um humano fora dessa faixa demográfica são comparáveis às chances dela ser morta por um raio.”⁵³

Contrariamente a estes dados a imprensa televisiva e escrita têm tentado e conseguido mostrar uma situação dife-

* A probabilidade de alguém ser atingido por um raio é de 1:576.000. A probabilidade de alguém morrer atingido por um raio é de 1:2.320.000.

⁵³ RAIMON, Eric. *O Mito do Homem Assassino*. São Paulo: Edusp, 2006.

rente onde todos têm se tornado reféns de um medo pueril, em que todos à volta são assassinos, sociopatas e psicopatas em potencial. Isto acabou criando um estado de sítio tão exasperador que a sociedade, na iminência de encontrar uma saída elegeu grupos como sendo os responsáveis por tais situações. Sempre houve figuras antissociais convivendo em paz com todos, com o diferencial que havia um sistema que alimentava estas feras e as mantinha sob controle. Não era uma atitude ética, mas como era ignorada, não era julgada. Isto mantinha a população sob uma condição de seguridade resultando em um gasto menor de energia no combate ao *stress* diário.

Este era um tipo de equilíbrio que tinha como objetivo maior a manutenção da espécie, uma vez que “menos brigas de *statu* significava mais corpos capazes na tribo ou bando de caça. Era especialmente importante que machos solteiros, entre 15 e 25 anos obedecessem ordens até mesmo quando essas ordens envolvessem risco e matança. Estes solteiros eram os caçadores da tribo, guerreiros, exploradores e aqueles que se arriscavam; um bando sobreviveria melhor se eles fossem tanto agressivos para com estranhos de fora quanto amenos ao controle social.”⁵⁴

Um grave problema que ocorreu nestes últimos tempos foi que os políticos no afã de serem eleitos para os cargos públicos de comando tomaram a violência como alvo de exposição deliberada e os meios de comunicação na esteira do ganho excessivo a expõe como se fosse esta a única ação benéfica da população, a sua via de liberação do stress causado pela luta diária contra os fantasmas da incerteza que assombram o ser humano. Em uma partida de futebol

⁵⁴ RAIMON, Eric. *O Mito do Homem Assassino*. São Paulo: Edusp, 2006.

em que encontram-se milhares de torcedores as câmeras debruçam seu foco sobre um grupo de meia dúzia que brigam por motivos fúteis, o que provoca a idéia de que todas as pessoas que vão aos estádios são vândalos e criaturas insanas sedentas de sangue.

Geralmente, as brigas começam entre dois indivíduos e só se amplia porque os milhares restantes presentes não reagem para dirimi-la no ato. A omissão tem sido a causa principal das chacinas nos estádios e em outras instâncias da sociedade. Isto é corroborado pela fala de Raimon que afirma que “nem guerra nem genocídio precisam de mais que relativamente um punhado de assassinos - não muito maior que o 0,5% (meio por cento) a 1% (um por cento) que comete violência letal em tempos de paz. Porém, ambos requerem a obediência de uma grande população de apoio. Fábricas têm que trabalhar em hora extra. Caminhões de munição devem ser levados aonde as balas são necessárias. Pessoas têm que concordar em não ver, não ouvir, não notar certas coisas. Ordens devem ser obedecidas.”⁵⁵

Aqui ela aborda um momento extremo de guerra e ação militar, mas na vida cotidiana atual percebe-se isto. Um começa a provocar um outro. Alguém deseja intervir, mas é impedido por um qualquer, ou seja, obedece a um mandado de um estranho e em pouco tempo tem-se o caos instalado e, se as forças do além não intervêm, tem-se de um lado um defunto e de outro um assassino, que a partir daí faz nascer o ódio dos familiares e a crença no poder daquilo que, por mero acaso, ceifou uma vida alheia.

⁵⁵ RAIMON, Eric. *O Mito do Homem Assassino*. São Paulo: Edusp, 2006.

Se o cidadão não obedecesse a ordem de um estranho o desfecho seria outro. Mas, a fim de justificar a autoridade do zero-à-esquerda ele diz á sua consciência que o problema não compete-lhe, delegando a terceiros como o Estado, por exemplo, a função de vigiar e punir arruaceiros e ainda classifica dois brigões vadios que desconhece de delinqüentes.

Este autor corrobora a idéia de Aristóteles de Estagira de que os jovens são impulsivos e pouco dados à virtude, porque ainda não conseguem, por si só, discernir entre o que é virtuoso e o que não é. Sendo assim, cabe aos mais velhos cuidarem para que sigam o caminho do bem. Porém, nesta brincadeira de empurrar a responsabilidade para “qualquer um que seja menos para mim” toda a sociedade civil vai perdendo seu senso de discernimento, a capacidade de emitir juízos de valor conscientes, entendendo que “o discernimento, por outro lado, relaciona-se com as ações humanas e coisas acerca das quais é possível deliberar; de fato, dizemos que deliberar bem é acima de tudo a função das pessoas de discernimento, mas ninguém delibera a respeito de coisas invariáveis, ou de coisas cuja finalidade não seja um bem que possamos atingir mediante a ação.”⁵⁶

Talvez tal não ocorra porque a quase totalidade da vida inteira das pessoas é vivida sob o jugo de outras, sendo convencidas acerca de verdades absolutas e incontestáveis e na maior parte contentam-se com isto, pois são aliviadas da obrigação de terem que refletir. Contrário aos pensamentos socráticos que preconizavam uma vida plena de reflexões acerca daquilo que supostamente sabiam, negam tal ação em nome da prática laboral mecânica. O resultado é uma sociedade cada vez mais arbitrária e em busca cada vez

⁵⁶ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2006, p.119.

mais de justificativas para suas ações. Assim, passa a ter necessidade de que os jornais mostrem mais e mais crimes hediondos e massacres a civis indefesos, porque por meio do terror existe meios de justificar sua inércia e sua crueldade. Tudo em nome da segurança civil. Porém, o que esconde-se sob esta pretensa máscara de altruísmo é um desejo de obter vantagens em tudo às expensas do bem público.

Tem-se a pretensão de acreditar “as pessoas boas de um modo geral são as capazes de visar calculadamente ao que há de melhor para as criaturas humanas nas coisas passíveis de ser atingidas mediante a ação. Tampouco o discernimento se relaciona somente com os universais; ele deve também levar em conta os particulares, pois o discernimento é prático e a prática se relaciona com os particulares.”⁵⁷

Geralmente, todos desejam a harmonia social o que evita transtornos, brigas, guerras, disputas inúteis e todas estas coisas surgem devido ao fato de colocar-se os interesses particulares, extremamente, acima dos interesses públicos. Daí que o discernimento deve ser uma ação individual, dos indivíduos que possuem seus desejos e conceitos muito particulares e isto não muda nem mudará com o passar dos tempos, mas vemos tais situações agravarem-se no meio político brasileiro quando os partidos colocam seus interesses, unicamente particulares, sobre todo o resto de ações que deveriam visar ao bem estar da nação como um todo. O discernimento torna-se prático para aqueles que o praticam. Quando todos tornam-se inimigos do diálogo e da reflexão este, como consequência direta, desaparece e o que sobra como meio de ocupar o espaço deixado por ele é a estultícia

⁵⁷ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2006, p.119.

e ações desmedidas, partindo do consenso de que “o discernimento se relaciona também com a ação, de tal modo que as pessoas devem possuir ambas as suas formas, ou melhor, mais conhecimento dos fatos particulares do que conhecimento dos universais.”⁵⁸

Se as pessoas procurassem conhecer a si próprias de maneira profunda e a seus sentimentos mais negros cuidando de confrontá-los com a realidade fazendo uso da razão para tocarem suas vidas em sentido de crescimento pessoal e social, o mundo seria um lugar bastante tranquilo e saudável para viver. O mais grave problema é que a maioria deseja ter tudo e não dispor de nada julgando-se a si mesmos extremamente importantes e valorosos. Até mesmo mais do que realmente são. Isto cria um estado de egoísmo que leva todo o conjunto social a uma condição de miséria generalizada onde todos são inimigos de todos. Conviver com tal situação exige outro tipo de discernimento que só é capaz de ser alcançado com a maturidade e o exercício constante do poder de reflexão individual. Seguindo esta idéia, o Estagirita argumenta que “não parece possível que um jovem seja dotado de discernimento justamente pelo fato de esse tipo de sabedoria não resumir-se ao conhecimento dos universais; sendo – pelo contrário – a familiaridade com os particulares; o que exige experiência; o que exige tempo de vida e de amadurecimento. Pode-se, assim, encontrar exímios jogadores de xadrez ainda adolescentes; existem jovens matemáticos brilhantes... Mas, para o caso da política - uma ciência prática - dificilmente poderiam ser encontrados notáveis jovens estadistas.”⁵⁹

⁵⁸ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2006, p.119.

⁵⁹ *Ibid.*

O filósofo compara a gestão do Estado com situações em que tão somente a disciplina e o esforço intelectual seriam capazes de condicionar a formação exemplar. Diferentemente é o comando da cidade onde além da coragem há a necessidade da disposição para compreender o que nenhum outro seria capaz de fazê-lo mesmo em meio a situações de alta complexidade e riscos. O jovem, por sua própria natureza, é mais voltado ao impulso, ao calor da emoção provocada pela ação direta e a batalha aberta não sendo costume desta idade a reflexão mais profunda acerca dos elementos que compõem todo o conjunto de coisas que, inevitavelmente, levam a concretização dos fatos, das situações e dos significados em si. Não se pode culpá-los por isto, uma vez que a estrutura psicológica obedece aos processos de maturação da estrutura biológica humana não dando espaço ao desenvolvimento pleno da razão se não no tempo estipulado para a realização de complexíssimas elucubrações mentais, a grande maioria delas ignoradas pelo próprio indivíduo. Neste campo ter-se-ia que a gestão do Estado exige que tenha firmeza de caráter, estratégia ao agir, ao falar, ao ouvir, atuando como um cientista nato na análise e interpretação dos fatos coletados e observados, bem como resistência, persistência, integridade e uma preocupação com as outras pessoas. Isto requer paciência e dedicação, coisas raras no espírito de um jovem. Portanto, “não correspondendo ao conhecimento científico dos universais, o discernimento estaria atado ao fato particular – para o qual a argúcia da percepção seria um predicado imprescindível. Capacidade de conjeturar, cálculo, rapidez de raciocínio para o estabelecimento de inferências pertinentes, e, sobretudo, correção na decisão”⁶⁰ considerando que em nenhuma hipótese um líder está impedido de cometer falhas

⁶⁰ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2006, p.119.

ou de agir de acordo com a situação e descobrir que equivocou em sua tomada de decisão. O que não pode haver é deixar ser levado pela soberba e não agir para corrigir as incongruências nascidas da sua intrépida capacidade para enfrentar as situações adversas. Chama a atenção para isto o fato de que Aristóteles deixava bastante explícito que, em matéria de ética, há de lembrar que existem formas variadas de errar; uma só de acertar da mesma forma que “só existe um método para inventar: é imitar. Só há um método para bem pensar: é continuar algum pensamento antigo e experimentado. Essa idéia é seu próprio exemplo, circunstância favorável à reflexão. Porque parece inicialmente muito comum e bastante fraca. Mas também só é totalmente familiar a quem tem o costume de olhar muitas vezes atrás de si.”⁶¹

Esta seria a medida ideal para a criação e continuação de uma sociedade baseada na justiça e no comedimento. Imitar, no sentido amplo é buscar o que é ideal e repetir os feitos visando ao amplo consenso de ajustá-los aos tempos em que aplicam-se e às populações a que destinam-se. Pensar que a partir de uma fórmula mágica miraculosa poder-se-á resolver os problemas do mundo e das pessoas é de um orgulho e uma empáfia sem limites. As leis que existem são oriundas do pensamento amadurecido das sociedades que souberam, de maneira sábia, lidar com seus fracassos e demônios mais terríveis; jamais podem ser vistas como produto de uma mente iluminada. “E se chegarmos a percorrer novamente o caminho que vai dos mitos às idéias e o caminho ainda mais antigo que conduz dos ídolos aos mitos, é então somente que compreenderemos toda a idéia, e como todos os homens pensaram sucessivamente como

⁶¹ ALAIN (Émile Chartier). *Reflexões sobre a educação*. São Paulo: Saraiva, 1978, p.133.

que no interior de um mesmo pensamento, até tocar e esclarecer enfim o mundo insensível das pedras, dos metais e dos ventos.”⁶²

A reflexão necessita de disciplina como também conduz a isto, permitindo chegar ao entendimento das coisas mais sensíveis e, aparentemente, mais insensíveis. Não trata-se de uma ação realizada no vácuo e na negação do outro, porém, antes um encontro do ser humano consigo mesmo, o que permitir-lhe-á diferenciar entre o aquilo que é e aquilo que deseja ser. Não se poder ter a concreta idéia de uma permanência estática nos valores mais intrínsecos porque as normas éticas sendo ditadas pela cultura submetem os seus valores a variações. Na atualidade se uma rocha rola de seu local habitual e em seu percurso destrói casas e mata pessoas é um “mero acidente natural com vítimas fatais.” Na Grécia Clássica ela seria punida porque sua ação causou danos, o que leva a inferir que, para os gregos, mesmo as coisas insensíveis eram dotadas de sentimentos, intenções. A recordação das coisas desagradáveis deveria fazer os seres humanos saberem o que é desejável e o que não é. Tendo em vista os conflitos de interesses inerentes à convivência social, faz-se necessária a utilidade de normas que regulem o que deve ser feito em uma série de situações habituais. A lenda do anel de Gíges, contada por Platão, mostra que o ser humano respeita a ética somente quando sob algum tipo de coerção, ou quando sob a vista dos outros. Isto revela que no meio do grupo, o sujeito é capaz de ações que, não faria, em hipótese alguma, quando isolado; seguir os preceitos éticos sociais, *p.e.*, é um deles. Mesmo que o homem seja governado, conscientemente,

⁶² ALAIN (Émile Chartier). *Reflexões sobre a educação*. São Paulo: Saraiva, 1978, p.133.

pelo princípio da realidade, em seu inconsciente, sua alma anseia mesmo é pelo princípio do prazer.

Mesmo sob as mais diversas formas de coerção criadas e aplicadas pelos mecanismos sociais de controle, o ser humano continua tendo necessidade de ser monitorado, guiado e coordenado e em suas ações mais amplas e de maior complexidade. Tal ocorre pelo fato de que “nossos sentimentos, nossas condutas, nossas ações e comportamentos são modelados pelas condições em que vivemos (família, classe e grupo social, escola, religião, trabalho, circunstâncias políticas, etc)”⁶³ e tais elementos externos, altamente voláteis, são responsáveis pela formação e consolidação do caráter ajudando na formação dos hábitos e costumes. Mas, não pode-se esquecer que o homem é uma criatura em constante mobilidade, seja temporária (viagens, passeios, cursos) ou prolongadas (estadias no estrangeiro ou fixação de residência).

Acerca da educação humana o que não muda é o fato de que “somos formados pelos costumes de nossa sociedade, que nos educa para respeitarmos e reproduzirmos os valores propostos por ela como bons e, portanto, como obrigações e deveres.”⁶⁴

O social pesa sobre o individual, afinal, é mais forte, mais velho e mais poderoso. Mas, quem valida tais ações como boas? Quem garante que tudo que a sociedade pratica não é reprovável? Se a resposta for de indignação, então tem-se que dizer que o preconceito, a intolerância, o repúdio ao que é diferente são valores não aceitos socialmente. Pode até

⁶³ CHAUÍ, Marilena de Souza. *Filosofia*. São Paulo: Ática, 1999, p.340.

⁶⁴ *Ibid.*

ser, o que deixa muitas dúvidas, porém, continuam a existir. Continuam a serem praticados e ensinados às novas gerações para serem utilizados como ferramentas de dominação, exclusão e ostracismo. “Dessa maneira, valores e deveres parecem existir por si e em si mesmos, parecem ser naturais e intemporais, fatos ou dados com os quais nos relacionamos desde nosso nascimento: somos recompensados quando os seguimos, punidos quando os transgredimos.”⁶⁵

Portanto, tem-se aqui o paradoxo da relatividade valorativa porque condenar a um inocente quando todos o fazem é ético; protegê-lo da ira das massas já não o é. Condenar a um figurão social que age ilicitamente em muitas ocasiões é tratado pelos seus comparsas e mesmo por alguns meio de comunicação em massa como inveja. A sociedade cria regras paradoxais para garantir não os valores criados positivos por ela, mas antes para garantir que aquilo que “considera” como ideal seja respeitado, conservado e repetido pelos outros.

Partindo do pressuposto da Psicanálise, os humanos tendem a abandonar as formas de comportamento que são penalizadoras e manter as gratificantes. Considera-se a posse de normas éticas como uma forma de conduta, seguindo-se a utilidade (gratificação) de possuir normas éticas que tenderão a desenvolver-se em muitos grupos sociais. O desenvolvimento das normas morais requer a formação de certos conceitos, que satisfaçam ao grupo e que não sejam muito pesadas para os indivíduos. O que se deseja quando se cria uma norma é combater algum tipo de mal que está a ocorrer e espera-se que seja obedecida por

⁶⁵ CHAUÍ, Marilena de Souza. *Filosofia*. São Paulo: Ática, 1999, p.340.

todos, sem excessão. Logo, para atingir tal nível de aceitação geral deve ser flexível ao ponto de que todos a obedçam e ser, suficientemente, rígida ao ponto de que não permita e nem fomenta a libertinagem. E alcançar este equilíbrio é o grande desafio que propõe-se às escolas, à educação e à cultura em geral.

III

PRECEITOS E REFLEXÕES ACERCA DO BINÔMIO EDUCAÇÃO E ÉTICA

Pensar a relação entre ética e educação significa valorizar a centralidade do humano em todas as dimensões do processo pedagógico, incluindo entre estas as que se referem aos aspectos organizacionais e administrativos.

Pensar é uma atividade perigosa! Porque ao fazê-lo se exerce poder e se esclarece, mostra e vislumbra [*ao mesmo tempo*] outros aspectos do ‘logos’ que eram, até aquele exato momento, desconhecidos. Quando se busca o esclarecimento, automaticamente, surge a necessidade de se quebrar mitos, tabus, conceitos arcaicos e a criação de um novo elemento, dado que a vacância dos velhos conceitos irão necessitar de novos. Surge um novo paradigma que é o de se preencher os espaços vazios provocados pela queda dos velhos mitos; porém, o mundo se torna menos complexo para este novo homem, uma vez que a sua complexidade pessoal se aclara aos seus olhos e ele passa a enxergar a si mesmo como um micro cosmo. E daí entende que necessita decifrar este cosmo para poder buscar a sabedoria que se encontra além. O esclarecimento desmistifica o mundo extra-humano e cria possibilidades para o homem enxergar o universo intra-humano, ou seja, não só permite como infunde-lhe a busca pela sabedoria.

Tales de Mileto já lançava o desafio: ‘homem, conheça-te a ti mesmo’; ou seja, como você quer conhecer os outros e até o invisível e o infinito se você ignora até mesmo quem você é! De maneira que foram as idéias intelectuais que movimentaram revoluções, mudanças morais, conquistaram di-

reitos sociais, discutiram ou avaliaram os vícios e as virtudes humanas nos diversos panoramas e momentos histórico-sociais; aquilo que há de mais valioso ao ser humano pois resume aspirações sociais e pessoais dos filósofos no que envolve temas éticos e ainda, a compilação de temas, abordagens, metodologias e percepções intelectuais que se mostram a quem na atualidade pretender adentrar às investigações éticas.

Nos primeiros ditames da língua escrita, durante muitos séculos, a alfabetização foi privilégio e monopólio dos sacerdotes e, posteriormente, quase sempre de outras elites. A classe dominante, religiosa e secular, em todos os lugares logo reconheceu o valor da leitura e da escrita como fonte de poder e fez todo o possível para negar seu conhecimento àqueles em cujas mãos poderia ser usado para abalar sua autoridade.

O sujeito ao fazer uma reflexão ética mostra-se um sábio. Se se faz uma inflexão moral, prova-se um imbecil, 'mais um'! A ética provoca o pensar, a moral engessa as idéias!

Pensar é um ato [*ilicitamente*] antiético. É uma atitude imoral. Como Lord Henry Voton diz a Dorian Gray... “o objetivo da vida é o nosso desenvolvimento pessoal. Compreender perfeitamente a nossa natureza - é para isso que estamos cá neste mundo. Hoje as pessoas temem-se a si próprias. Esqueceram o mais nobre de todos os deveres: o dever que cada um tem para consigo mesmo.”⁶⁶ Vivem enganando a si mesmas utilizando para tanto uma máscara transparente e rasgada de altruísmo. Perderam a coragem de encararem-se como seres em constante transformação e temem o que

⁶⁶ Wilde, Oscar. *O Retrato de Dorian Gray*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

podem ver refletidos no espelho quebrado de suas vidas parcas e sem sentido. Isto é constrangedor porque um povo sem coragem para lutar por si mesmos perdem, em muito pouco tempo, a força e o desejo de lutar pelas melhoras sociais, permitindo que déspotas tomem o comando de suas cidades e em um tempo muito reduzido, o controle absoluto de suas vidas. E este é o preço pago pela inércia deixando uma sutil impressão de que “a coragem desapareceu da nossa raça. Ou talvez nunca a tivéssemos tido. O temor da sociedade, que é a base da moral, o temor de Deus, que é o segredo da religião - eis as duas coisas que nos governam. E, contudo... (...) se um homem devesse viver a sua vida em toda a plenitude, dar forma a todos os sentimentos, expressão a todos os pensamentos, realidade a todos os sonhos, creio que o mundo ganharia um novo impulso de alegria que nos levaria a esquecer todos os males do medievalismo e a regressar ao ideal helênico. Talvez mesmo a algo mais refinado e mais rico que o ideal helênico.”⁶⁷

Há que considerar que o ideal helênico foi atingido por meio da violência contra os povos que habitavam para além dos muros da cidade Atenas. Foi extorquindo e tomando o que os outros possuíam que puderam viver às sombras da filosofia, da beleza apolínea, das artes mais finas, da poesia clássica e do encanto supremo de tudo que aquilo que suas férteis e despreocupadas imaginações poderiam proporcionar-lhes. Diferentemente do que ocorre na atualidade onde o fantasma impiedoso da fome e da miséria espalha insegurança a todos, indiscriminadamente tal qual o fazia com todos aqueles que sustentavam a luxúria e a extravagância a que permitiam-se os habitantes da polis ateniense.

⁶⁷ Wilde, Oscar. *O Retrato de Dorian Gray*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

Ainda assim eles tinham audácia, diferente do homem moderno que foi amansado e domesticado para além do necessário restando uns poucos com coragem suficiente para desejar um retorno ao ideal preconizado pelos helenos, “mas o mais ousado de todos nós teme-se a si mesmo. O selvagem mutilado [*castrado, cego*] que nós somos sobrevive tragicamente na auto-rejeição que frustra as nossas vidas. Somos punidos pelas nossas rejeições.”⁶⁸

Depois do estudo sistemático acerca do inconsciente realizado por Sigmund Freud (1856 - 1939) as pessoas tornaram-se mais temerosas acerca daquilo que desconhecem sobre si mesmas. O próprio Wilde relata isto 6 (seis) anos antes da primeira publicação psicanalítica que ocorre em 1896. Lord Henry expressa a idéia de que os costumes e as leis morais transformaram o homem selvagem e guerrido em um animal domesticado, acorrentado e preso a uma coleira que o torna mais doente a cada dia que tenta esconder e rejeitar seu passado sangrento e instintivo. A lástima produzida por sua culpa inocente fez dele um esquizofrênico paranóico em busca de um perdão que jamais alcança, transformando-o em qualquer coisa menos no ser que sobreviveu a todas as intempéries geológicas históricas e à própria selvageria da natureza contra si. Agora prefere aceitar que sua sobrevivência foi produto de um milagre negando que tudo foi obra de um animal insano e terrivelmente selvagem que tinha como objetivo a sobrevivência a qualquer preço e custo. Esta lembrança o faz chorar, não sabe-se o porquê, se um dia estas mesmas histórias que são agora contos de terror e geradoras de vergonha, serviram para encantar e motivar seus filhos.

⁶⁸ Wilde, Oscar. *O Retrato de Dorian Gray*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

Esta punição a que refere-se Wild é uma luta interna porque o passado sangrento deixa feliz o espírito humano e este luta contra esta felicidade que, agora, o envergonha. Ele diz a si mesmo que deve ficar triste, deprimido, flagelar-se duramente e é em tal ação que seu espírito enjaulado e moribundo encontra sua amargura mais extrema. A não aceitação daquilo que se é tem sido o muro das lamentações do homem moderno.

A Psicanálise e todo seu séquito de teorias mostraram que “todo o impulso que esforçadamente asfixiamos fica a fermentar no nosso espírito, e envenena-nos. O corpo peca uma vez, e mais não precisa, pois a ação é um processo de purificação. E nada fica, a não ser a lembrança de um prazer, ou o luxo de um pesar.”⁶⁹

Inadvertidamente, se cedessem todos aos caprichos e desejos que vivem asfixiados na alma humana, a sociedade não teria lugar para nenhuma pessoa mais. É fato que as neuroses e muitos atos insanos vêm deste tipo de repressão, mas ao longo de sua nefasta história a humanidade criou mecanismos que permitem dar uma vazão saudável para estes impulsos. As palavras de Lord Henry são verdadeiras do ponto de vista psicanalítico, porque o desejo uma vez manifesto libera a produção de hormônios no cérebro que relaxam e provoca um estado de êxtase, uma felicidade [quase] pueril. E se algumas almas há de dizer que arrependem-se do prazer sentido, são como ele expressa, alguns pouquíssimos, para não dizer raros, que vivem a negar a vida vivida, como se tal ato tivesse sido realizado por uma entidade *extrahominis*.

⁶⁹ Wilde, Oscar. *O Retrato de Dorian Gray*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

A fim de acabar com a dor e a pressão do desejo, ele diz, a forma é entregar-se ao anelo suplicante, entendendo que “ceder a uma tentação é a única maneira de nos libertarmos dela [*porque uma vez alcançado o gozo este faz, milagrosamente, desaparecer a sensação de culpa*]. Se lhe resistimos, a alma enlanguesce, adoece com as saudades de tudo o que a si mesma proíbe, e de desejo por tudo o que as suas leis monstruosas converteram em monstruosidade e ilegalidade. Diz-se que as grandes realizações deste mundo ocorrem no cérebro. É também no cérebro, e só aí, que ocorrem os grandes erros do mundo.”⁷⁰

Negar aos caprichos e apetites mais sinistros da alma humana seria um erro ou uma realização? Esta pergunta cria uma condição de relatividade, algo como Hércules na Encruzilhada, porque alguém que já perdeu toda sua fé e senso de moralidade ou mesmo a esperança ante a vida irá concordar com o primeiro, já quem ainda tece esperanças de uma vida enaltecida e em comunidade valorizaria a segunda questão. Os maiores erros do mundo ocorrem quando o ser humano nega-se a refletir sobre suas ações passadas e a conjecturar sobre suas ações futuras. Sem tal exercício torna-se máquina.

O pensar torna-se um ato ilícito quando leva o indivíduo a questionar valores, internos e externos porque só se questiona aquilo que o incomoda de fato. Daí que a sentença mais terrível a que pode ser submetido um ser humano estava gravada no pórtico do Templo de Delfos: “*Ó homem, conhece-te a ti mesmo e conhecerás os deuses e o universo.*” Tão terrível e suprema porque uma vez iniciada passa a

⁷⁰ Wilde, Oscar. *O Retrato de Dorian Gray*. São Paulo: Martin Claret, 2004, p.25-27.

funcionar como uma válvula de escape para o que está reprimido, tornando-se “senhor” de suas ações. E, quanto mais complexa a sociedade, mais tênues, estreitos se tornam os limites que separam um do outro. E ninguém parece disposto a admitir a perda da razão, daí a origem dos conflitos.

Sem conflitos não há avanços em qualquer campo. Por este motivo que procura-se educar os humanos. A educação visa a formação do homem, ou seja, trabalhá-lo de dentro para fora, construindo um ser que será orgulho para os pais e para o Estado. Na Antiguidade, a palavra educação queria dizer *disciplina*, logo ser educado equivaleria a ter postura, ter equilíbrio emocional, ter domínio sobre as forças ctônicas da alma, sobre os *dáimons*. Hércules, depois de adulto teve a oportunidade de fazer a sua escolha sobre qual caminho seguir. Na sua adolescência após matar seu professor de lira, como se encontrava sob a tutela de seu pai, este o enviou para o campo, a fim de ser educado pelo Centauro Quíron. E porque por um ser que era metade animal metade homem? Exatamente para que aprendesse a dominar ambas as partes que coexistem no ser. Porém, assim como o homem está acima do cavalo, a razão deve estar acima das emoções e dos instintos selvagens.

Na concepção de Immanuel Kant, “o homem é a única criatura que necessita ser educada. Entendendo por educação os cuidados (sustento, manutenção), a disciplina e a instrução, juntamente com a educação. Segundo este raciocínio, o homem é eterno menino pequeno, educando e estudante.”⁷¹

⁷¹ No original: El hombre es la única criatura que ha de ser educada. Entendiendo por educación los cuidados (sustento, manutención), la disciplina y la instrucción,

A capacidade de aprender coisas mais elaboradas devido à sua formação mais complexa do cérebro humano aliado a uma infinita curiosidade tenha possibilitado este sentimento de viver estudando e buscando novos aprendizados. Possivelmente, Kant chama de necessidade pelo fato de haver formado distintas culturas todas com costumes muito diversos entre si e a comunicação entre os povos tanto foi bom por outro lado como gerou este tipo de entendimento, uma troca simbólica de valores bens tangíveis e intangíveis.

Na expressão do filósofo ele deixa bem claro estas duas modalidades: o educando que necessita ser moldado de acordo com os valores e costumes sociais e o cientista que necessita de novos ensinamentos a fim de saciar sua dipsomania de saberes e conhecimentos. Ainda que tenha o mais organizado e complexo cérebro entre os seres vivos a capacidade de percepção do ser humano carece de nutrição e coordenação. Não admira a expressão utilizada por Kant “eterno menino pequeno.”⁷²

O homem, ao nascer é completamente incompetente e dotado de poucos instintos que se fossem utilizados em ambiente natural somente colocam sua vida em risco iminente. Daí a necessidade de receber elementos educacionais que visem a formar-lhe a disciplina, o que na concepção de Kant a disciplina tem a capacidade de converter a animalidade em humanidade, tendo em consideração que “um animal o é já tudo por seu instinto; uma razão desconhecida o tem provido de tudo. Porém o homem necessita de uma razão própria; não tem nenhum instinto, e necessita construir a si mesmo no plano de sua conduta. Porém, como não está em

juntamente con la educación. Según esto, el hombre es niño pequeño, educando y estudiante. (KANT, I. *Pedagogía*. 1803, p.01)

⁷² *Ibid.*

disposição de fazê-lo imediatamente, considerando que vem inculto ao mundo, compete aos outros construí-lo.”⁷³ E nesse processo de construção social o indivíduo vai formando, moldando e consolidando seu caráter.

A educação até o século XVI era um luxo a que pouquíssimas famílias tinham acesso tanto pelo alto custo quanto pelo *statu*. Os preceitos de uma educação para todos começa por volta de 1517, com a Revolução Protestante, mas só veio a dar, timidamente, seus primeiros passos no início do século XIX. A classe dominante nunca viu com bons olhos a instrução das massas. Shakespeare que não nutria ilusões a respeito da cultura de seu tempo coloca na boca de um de seus personagens uma admoestação contra o seu senhor: “Corrompeste traiçoeiramente a juventude do reino erguendo uma escola de primeiras letras enquanto outrora nossos antepassados não tinham outros livros afora o registro e as contas; fizeste com que se usasse a imprensa e, contra o rei, sua coroa e dignidade, construístes um moinho de papel.”⁷⁴

Tem-se a divina ilusão de que a educação e a instrução intelectual, por si só, são capazes de transformar o indivíduo em um revolucionário. Pode até ser dependendo do conceito que dá-se a este termo para cada povo distinto. O maior problema da imprensa escrita é a velocidade com que poderia atingir as pessoas naquele tempo quando comparado com a transmissão oral. Tomando uma relação espaço-

⁷³ No original: La disciplina convierte la animalidad en humanidad. Un animal lo es ya todo por su instinto; una razón extraña le ha provisto de todo. Pero el hombre necesita una razón propia; no tiene ningún instinto, y ha de construirse él mismo el plan de su conducta. Pero como no está en disposición de hacérselo inmediatamente, sino que viene inculto al mundo, se lo tienen que construir los demás. (KANT, I. *Pedagogía*. 1803, p.01)

⁷⁴ SHAKESPEARE, William. *Henry VI*. London: The Folio Society, 1967, p.76.

tempo, seria o que comparar hoje a mídia eletrônica com a imprensa. Enquanto uma carta leva, em média, 2 (dois) dias para chegar ao seu destino, o correio eletrônico é cerca de segundos e abrange uma gama infinita de pessoas. Assim como a velocidade dos meios eletrônicos encantaram alguns e assombraram outros nos fins do século XX o mesmo ocorreu com os povos da era vitoriana.

A resistência que todos apresentavam não era contra a imprensa em si, mas contra a quebra de uma tradição e muito mais com relação ao controle que estaria agora em condições bastante precárias. Quando os conhecimentos eram transmitidos por meio da tradição oral se, por acaso, alguém insurgisse contra o regime, o Rei ou a Coroa, era fácil detê-lo e silenciá-lo em tempo recorde antes que pudesse alardear o conflito e sua pena seria exemplar a fim de evitar novas ações de insurgência contra o poder estabelecido. Mas, com a imprensa seria quase impossível identificar a origem do problema e a velocidade com que os panfletos correriam não permitiria um controle absoluto sobre as massas e mais, os indivíduos poderiam ler e reler os textos quantas vezes achasse necessário para sua análise e compreensão. O temor estava na perda do controle absoluto, não na instrução em si, mas, nas consequências advindas. Esta análise é corroborada por meio da declaração de Sir William Berkeley, governador do Estado de Virgínia, EUA, pronunciada em 1671: “Mas agradeço a Deus que não tenhamos escola e imprensa livres; e espero que não as tenhamos por trezentos anos, pois o estudo trouxe ao mundo desobediência, heresia e seitas, e a imprensa as divulgou, bem como as calúnias contra o governo.”⁷⁵

⁷⁵ CHAPPELL, Warren. *A Short History of the Printed Word*. Boston: Nonparell, 1970, p.139.

Desta forma, tem-se que conhecimento é poder nas mãos de quem tem poder para utilizá-lo, porém, quando este torna-se público, o temor que provoca naqueles que o detém e vivem atemorizados por sua perda provoca as reações mais absurdas e estapafúrdias que pode-se [sequer] imaginar. E, por meios de atitudes, extremamente, arbitrarias, covardes, sub-repticiamente colocadas em ação, tendo como suporte legal (*sic*) a preservação e manutenção da ética e da moral muitos intelectuais tiveram seus direitos legalmente adquiridos cassados e muitas vezes suas vidas ceifadas pelo poder hegemônico. Gramsci foi condenado à prisão. E quem ficou célebre foi a frase do Juiz que o condenou: “temos que parar este cérebro por pelo menos vinte anos!” Durante o auto de fé em Berlim as obras de Freud foram queimadas em Praça pública. O Emílio de Rousseau foi condenado à fogueira e este à prisão [*“Em 9 de julho de 1762, uma sentença do Parlamento de Paris condenava o Emílio a ser rasgado e queimado e ordenava: “O chamado J.-J. Rousseau... será detido e levado às prisões da portaria do Palácio”*]. Sócrates foi condenado à morte por instruir os jovens de Atenas contra as doutrinas da religião municipal e a não respeitar os seus preceitos. Na Holanda, Baruch de Spinoza teve que fugir por causa de seu livro *Tratado Teológico-Político*. Na Inglaterra, logo após sua morte a casa e todos os livros de John Milton foram queimados, em protesto às suas idéias liberais [*a intenção do governo britânico era fazer com que suas idéias liberais se extinguissem junto com ele*]; na Itália, a obra *O Príncipe*, de Maquiavel seria impedido de ser publicada naquele país e de ser lida, isto porque ele faz de Cesare Borja, o filho do papa Alexandre VI, seu saco de pancadas. E a obra *A Monarquia*, de Dante Alighieri, seria proibida de ser lida até 1908 (início do Século XX).

Na Alemanha nazista surgiram vários movimentos de caças às bruxas intelectuais, só que diferentemente do que ocorria na Idade Média, eram queimadas as obras e não as próprias. Freud considerou tal ato como um avanço na tolerância humana contra aquilo que consideram como nocivos a si... “Na noite de 10 para 11 de maio de 1933, exatamente às onze horas, momento em que normalmente reinava uma calma serena, ouviu-se, de repente, na Opernplatz de Berlim uma música patriótica acompanhando um simulacro de ópera organizado pela Universidade, e viu-se irromper nesse cenário grupos de estudantes seguidos por seus professores segurando na mão tochas inflamadas. Durante este balé noturno de uma juventude jubilosa rodeada por estranhos grupos da AS e da SS, podiam-se ver livros passando de mão em mão e ouvir terríveis encantações contra as nove categorias de “Obras estranhas ao espírito alemão”. Um estudante se pôs então a vociferar: “Contra aqueles que agitam a luta de classes e louvam os livros de Karl Marx”. Um pouco mais tarde, outra voz proferiu: “Contra a exageração da vida instintiva que desagrega o espírito, pela nobreza da alma humana, eu jogo ao fogo os livros de Sigmund Freud.”⁷⁶

Não é o livro em si que é o alvo da destruição, mas o que ele pode provocar nos espíritos certos. Impedindo que sejam lidos não poderão despertar o interesse pela análise; assim, o perigo está controlado e o inimigo, dominado. Chamaram a este evento bárbaro de *auto-de-fé*! Karl Marx foi expulso de quantos países pediu asilo. Por fim, temiam tanto seus escritos que os países permitiam-lhe asilo somente se assinasse um acordo comprometendo-se, fielmente, a não escrever nenhum ensaio.

⁷⁶ MAJOR, René; TALAGRAND, Chantal. *Freud*. Porto Alegre: L&PM, 2007, p.10.

O ato de queimar livros é um ato político e, simbólico, também pelo fato de ser projetada a imagem do autor nas obras sendo consumidas no fogo. Mas como relacionar política e simbolismo? A resposta é simples: em um livro estão registradas as idéias do pensador, tudo aquilo que ele acredita ser verdade ou mesmo suas inquietudes acerca do mundo que o cerca e das coisas à sua volta, algo como a essência mais pura do que o incomoda. Em 24 de agosto de 1644, o poeta inglês John Milton escreveu que “é quase tão criminoso destruir um bom livro quanto matar um homem.” Segundo ele “aquele que mata um homem mata uma criatura que raciocina e que é a imagem de Deus; mas aquele que destrói um livro mata a própria razão, mata a imagem de Deus, por assim dizer. Muitos homens não passam de um fardo para a Terra, mas um bom livro é o sangue vital, precioso de um espírito de mestre, embalsamado e guardado propositadamente como um tesouro para uma vida além da vida.”⁷⁷

E é esta essência pessoal e profunda contendo uma verdade pessoal que assombra os regimes totalitários que vêm em nisto uma fagulha capaz de acender o fogo da revolta em todos os outros. Em toda a história humana houve assaltos contra as obras literárias. O próprio Platão adquiria as obras dos filósofos materialistas e as queimava porque contrapunham ao seu pensamento espiritualista. Isto ocorria em um momento em que a quase totalidade absoluta da população era analfabeta, por completo. Por isto que o fato de queimar livros era um ato simbólico, intencionava com isto que o povo criasse ojeriza ao escritor e eles pedissem seu banimento do meio social. Mesmo aqui no Brasil [*que, sem*

⁷⁷ THOMAS & THOMAS, 1952. In: MILTON, John. *Paraíso Perdido*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

nenhuma modéstia registrava o surpreendente índice de 80% de analfabetismo, nas décadas de 1960/1970] a fobia aos intelectuais não foi menor do que na Rússia Bolchevista. O professor Paulo Freire foi o primeiro a ser, gentilmente, convidado a sair do país *[por livre e espontânea pressão, obviamente!]* e ainda se criou a Universidade Departamentista com a finalidade de evitar o contato mais próximo entre os estudantes e a formação de vínculos. Criou-se, ainda, a ala da direita e da esquerda, nos centros de ensino. A ala da direita era formada pelos professores e alunos dos cursos de Ciências Exatas e a ala da esquerda pelos professores e alunos das áreas de Ciências Humanas. Sem contar na onda de cassações de direitos políticos, delações fraudulentas, perseguições, exílios, prisões, torturas e extermínios em massa de estudantes e ‘intelectuais’ que assolou o país, na década de 1970, após a implantação do Ato Institucional nº.5 (AI-5), em 13 de dezembro de 1968.

“O Ato Institucional nº 5, AI-5, baixado em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva, foi a expressão mais acabada da ditadura militar brasileira (1964 - 1985). Vigorou até dezembro de 1978 e produziu um elenco de ações arbitrárias de efeitos duradouros. Definiu o momento mais duro do regime, dando poder de exceção aos governantes para punir arbitrariamente os que fossem inimigos do regime ou como tal considerados. Não só se impunha como instrumento de intolerância em um momento de intensa polarização ideológica, como referendava uma concepção de modelo econômico em que o crescimento seria feito com ‘sangue, suor e lágrimas’.”⁷⁸

⁷⁸ D’ARAÚJO, Maria Celina. *O ai-5*. São Paulo/Rio de Janeiro: FGV - centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 2015, p.01.

É próprio de sistemas totalitários administrarem pela exceção e quando não satisfeitos o fazem pela raridade. Um ato isolado é tratado com toda brutal violência possível porque seu intento é demonstrar poder e já acalmar os espíritos que, por ventura, estivessem com intenções de, em algum dia qualquer do mais incerto futuro, permitir brotar o germe da desordem. Os ditadores e seu séquito de seguidores são tão esquizofrênicos e paranóicos que tudo que for contra seus ideais vêem como ameaça iminente ao seu comando. Sofrem de uma doença terrível que tem assolado a América Latina [*quase*] inteira nos últimos anos que é a *psicose messiânica*. Líderes que dizem-se escolhidos para salvar o povo da opressão e não medem esforços ou meios para atingir seus objetivos agindo mesmo com mais opressão do que seus antecessores com a finalidade de atingir seus ideais. São, radicalmente, contra o diálogo aberto, sempre que fazem uma pergunta de retórica já possuem uma resposta definitiva e única. Em nome do bem-estar da população destrói tudo o que foi conquistado a duras penas por meio da razão social. Suas armas de terror são utilizadas tendo como bandeiras a justiça social, a manutenção da ordem e da moral, a promoção da justiça e da paz. Utilizam termos nobres a fim de justificar atos de total injustiça contra inocentes e, em especial, contra os potenciais adversários.

O caudilismo militar *tupiniquim* teve, ainda, outra idéia *fantastiqué* com relação ao livro e o hábito da leitura: implantar a televisão. O país, como um local de muito analfabetismo e pouca leitura, é campo propício para o desenvolvimento da “imagem educativa”. A imagem também é um texto, um contexto; faz-se leitura imagética. Porém, a expulsão da letra pela imagem asfixia o processo de reflexão, sem a qual nada se conquista. Elaboram-se, nesse período, novos modelos ético-pedagógicos.

“Nossas sociedades administradas atuais usam de expedientes mais sutis e eficazes: o bombardeamento das informações pelos meios de comunicação de massa, em especial pelos complexos televisivos, torna assépticos a censura e o controle sobre as mentes. Não é necessário destruir os livros se as gerações, sem que elas e os adultos tenham disso consciência clara, são ‘des-ensinadas’ da prática de leitura crítica.”⁷⁹ E o sucesso desta operação foi encantador porque o país chegou já a mais de uma década e meia do Século XXI garantindo o 6º/7º *ranking* na economia mundial e sem nenhuma modéstia com nada menos que 10% da população acima de 10 (dez) anos de idade ainda mergulhada no analfabetismo e mais de 20% da população acima de 15 (quinze) anos de idade perdidos em meio ao analfabetismo funcional, ou seja, sabe ler, mas, não consegue interpretar um texto simples. Será que para promover o milagre econômico havia necessidade de manter o povo na mais completa ignorância intelectual? Onde encontra-se a ética administrativa neste ponto? É próprio daqueles que detém o poder fazer de tudo para mantê-lo, porque não há nada para além do poder; uma vez sem ele volta-se a ser súdito, um cidadão comum e isto incomoda sobremaneira a muitas pessoas, em especial àqueles que desejam o poder como algo que sem ele não é possível viver. E a educação, de maneira clara e concisa, juntamente com outras ciências visa a analisar e esclarecer estes pontos obscuros à maioria. É próprio dela esta crítica e este questionamento acerca dos motivos de que e quem assume o comando dos povos.

⁷⁹ RAMOS-DE-OLIVEIRA, N. Reflexões Sobre a Educação Danificada. In: *A Educação Danificada: Contribuições à teoria crítica da educação*/ organizadores – Antônio Álvaro Soares Zuin, Bruno Pucci, Newton Ramos-de-Oliveira. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, São Carlos, São Paulo: Universidade Federal de São Carlos, 1997, p.31

A concepção da idéia de uma educação libertária e Sócrates confundem-se, intimamente. Mas o próprio filósofo relata que a elucidação do indivíduo, o seu esclarecimento, a saída de sua condição de minoridade [*condicionada e por vezes, imposta pela própria cultura como valores ideais*] suscita sentimentos hostis entre a classe dominante [*que nunca se permite ver este processo com bons olhos*] e, muitas das vezes até mesmo por parte do próprio sujeito.

Sócrates saía pelas ruas exortando as pessoas a definirem suas crenças. Perguntava-lhes o que é verdade? O que é ética? O que é virtude? E as pessoas não sabiam o que eram estas coisas? E quando questionado sobre se estas coisas eram inatas aos seres humanos ou poderiam ser ensinadas, dizia: “Como posso lhe responder tal coisa se nem ao menos sei o que ela é?” No diálogo *Mênon*, ele diz a um seu interlocutor que “estás a suscitar um árduo problema ao apresentares essa doutrina eurística, segundo a qual o homem não pode procurar o que sabe, nem o que não sabe? O que se sabe, é claro, não precisa procurar, por que sabe; o que não se sabe, não pode procurar, porque não sabe o que deve procurar.”⁸⁰

Sendo assim, o que o pesquisador deve procurar? A resposta seria aquilo que encontra-se entre o compreendido e o, ainda, incompreendido seguindo um caminho a partir do que já foi respondido pela busca investigativa. Há o conhecimento, o saber e o suposto saber. Sócrates ao ser declarado como o homem mais sábio de Atenas saiu a confrontar o seu suposto com o conhecimento dos sábios da época acerca de vários assuntos e suas perguntas acabavam por levar o interrogado a deixar claro que tudo o que ele sabia

⁸⁰ Cf. PLATÃO. *Mênon*. São Paulo: Edipro, 2006.

era mera suposição, um título concedido pela ignorância popular e não saber de outros eruditos acerca do assunto abordado.

Adimanto, outro interlocutor diz a Sócrates que “ninguém seria capaz de opor-se aos teus argumentos. Mas vê o que acontece, via de regra, às pessoas que conversam contigo. Imaginam que, por não terem experiência na arte de interrogar e responder, deixaram-se desorientar pouco a pouco em cada questão, e esses pequenos desvios, acumulando-se, surgem no final da discussão sob a forma de um grande erro, totalmente contrário ao que se tinha decidido inicialmente.”⁸¹

Sócrates conseguiu adquirir uma gama respeitável de inimigos, em sua cidade, por causa desta sua forma de discussão. Transformou os sábios de sua época em um bando de bufões idiotas, destruindo a sabedoria sob a forma tal e qual era concebida. Não se pode considerar a atitude de Sócrates como sendo ética, porque se seu interesse era instruir as pessoas, despertando-as para um pensar mais elevado acerca de suas próprias medidas de conhecimento adquirido que tal seja feito a partir do desejo deste de fazê-lo. Induzir qualquer indivíduo a questionar seus valores e seus saberes/conhecimentos sem que se tenha sido solicitado é invasão de privacidade, destruição de propriedade alheia e como não existe nos autos nenhuma sanção contra destruir os saberes dos autos; logo, pode ser considerado como falta de ética.

Este é um papel imputado ao professor no exercício de sua profissão. Se, por acaso, acata as sandices de seus alunos

⁸¹ PLATÃO. *A República*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

como verdade ou não as discute academicamente, então age contra a ética de sua profissão e com desrespeito aos seus discentes, considerando que os mesmos encontram-se ali na iminência e no desejo de alcançar novos saberes e confrontar aqueles que possuem e que consideram-nos como fatos verdadeiros, entendendo que “a educação não é o que alguns proclamam que é, porquanto pretendem introduzi-la na alma onde ela não está, como quem tentasse dar vista a olhos cegos. A educação é, pois, a arte que se propõe este objetivo, a conversão da alma, e que procura os meios mais fáceis e mais eficazes de o conseguir. Não consiste em dar visão ao órgão da alma, visto que já a tem; mas, como ele está mal Orientado e não olha para onde deveria, ela esforça-se por educá-lo na boa direção.”⁸²

O interlocutor de Sócrates considera seu método de diálogo como um jogo em que por mais que jogue não há vitoriosos sendo que “da mesma forma que no gamão, em que os jogadores inábeis acabam sendo bloqueados pelos hábeis a ponto de não saberem que peça avançar, o teu interlocutor fica bloqueado e não sabe o que dizer, nesta espécie de gamão que é jogado, não com peões, mas com argumentos; e, contudo, nem por isso está convencido de que a verdade está nos teus argumentos.”⁸³

Sócrates desenvolveu um sentimento pela busca do saber que estava para muito além dos seus contemporâneos. Uma inquietude marcava sua investigação, agindo mais como um autista em que estava confinado a seu próprio mundo e tal como Adimanto coloca seus argumentos pareciam mais dirigir a si mesmo que aos outros. Não havia como ser compre-

⁸² Sócrates citado por PLATÃO. *A República*. São Paulo: Nova Cultural, 2000, p.302.

⁸³ PLATÃO. *A República*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

endido pelas pelos intelectuais de seu tempo que viviam para o exterior, satisfeitos com aquilo que possuíam de conhecimento e saberes e não buscavam a angústia por meio da dúvida acerca do que ignoravam.

Adimanto continua: “Falo isto tendo em conta a discussão presente: com efeito, poderíamos agora dizer-te que não temos nada a opor a cada um dos teus argumentos, mas se percebe perfeitamente que aqueles que se consagram à filosofia e que, depois de a terem estudado na juventude, para se instruírem, não a abandonam, antes ficam presos a ela, se tomam, em grande número, personagens extravagantes, para não dizer perversas, ao passo que os que parecem os melhores, embora viciados por esse estudo que tu exaltas, são inúteis às cidades.”⁸⁴

Esta fala revela como os seus contemporâneos davam um carácter antiético ao ancião e à doutrina que ele pregava. Talvez o preconceito tenha surgido por causa da forma como ele a conduzia. Sócrates era um sofista, embora moderado em suas ações, mas suas palavras o condenavam. E como tal ia contra os velhos costumes da religião municipal. Dizia que sua missão era trazer para a luz da sabedoria as mentes das pessoas. Esta elucidação era como um parto, daí que a ciência dialógica que criou chamar-se maiêutica. Mas, o esclarecimento cobra um tributo. A *Alegoria da Caverna* mostra como este processo (de libertação da mente das trevas da ignorância) é visto pelos outros que insistem em permanecer para sempre na escuridão da ignomínia, da abjeção.

⁸⁴ PLATÃO. *A República*. São Paulo: Nova Cultural, 2000, 257-258.

Toda esta apologética leva o homem a viver interrogando-se sobre suas verdadeiras colocações neste mundo. Da mesma forma que faz com que busque alívio quase que imediato das tensões que o agriem: “um trabalho que não o motiva; um casamento vampiresco, desastroso; uma faculdade sem talentos; enfim, esta idéia acaba por se tornar uma ode, um convite à vida... assim como faz o homem de *Assim Falou Zaratustra*: “Eis a vida! Vamos à vida!”

Resta, agora, saber a qual vida quer-se aderir. Há pessoas que não conseguem viver na harmonia. Sua dor está na alegria pessoal enquanto sua felicidade consiste na sua desgraça, no seu sofrimento, sendo por meio destes que produz os mais belos versos, os mais profundos poemas, os mais encantadores romances literários, as mais inimagináveis esculturas. A escuridão da ignorância é o mais belo e encantador paraíso para a maioria das pessoas. Retirá-las daí é condená-las a um eterno sofrimento desmedido e mesmo estando sujeito a contrair um sangrento inimigo.

Um dos mais sensacionais contos da filosofia é a *Alegoria da Caverna*, contida na obra *A República*, de Platão. É a narração de um prisioneiro que liberta-se, sabe-se lá como de suas cadeias e descobre que tudo o que via e percebia era uma realidade construída por outrem e sai a explorar e descobre infinitas outras maravilhas e quando tenta exortar seus companheiros a segui-lo; é morto por eles porque enlouqueceu. Nesta narrativa, que se segue, Sócrates leva seu interlocutor a imaginar a cena e a deduzir o que aconteceria com tal subversor:

“**Sócrates** - Agora imagina a maneira como segue o estado da nossa natureza relativamente à instrução e à ignorância. Imagina homens numa morada subterrânea, em forma de

caverna, com uma entrada aberta à luz; esses homens estão aí desde a infância, de pernas e pescoço acorrentadas, de modo que não podem mexer-se nem ver senão o que está diante deles, pois as correntes os impedem de voltar a cabeça; a luz chega-lhes de uma fogueira acesa numa colina que se ergue por detrás deles; entre o fogo e os prisioneiros passa uma estrada ascendente. Imagina que ao longo dessa estrada está construída um pequeno muro, semelhante às divisórias que os apresentadores de títeres armam diante de si e por cima das quais exibem as suas maravilhas.

Glauco - Estou vendo.

Sócrates - Imagina agora, ao longo desse pequeno muro, homens que transportam objetos de toda espécie, que o transportem: estatuetas de homens e animais, de pedra, madeira e toda espécie de matéria; naturalmente, entre esses transportadores, uns falam e outros seguem em silêncio.

Glauco - Um quadro estranho e estranhos prisioneiros.

Sócrates - Assemelham-se a nós. E, para começar, achas que, numa tal condição, eles tenham alguma vez visto, de si mesmos e dos seus companheiros, mais da que as sombras projetadas pelo fogo na parede da caverna que lhes fica defronte?

Glauco - Como, se são obrigados a ficar de cabeça imóvel durante toda a vida?

Sócrates - E com as coisas que desfilam? Não se passa o mesmo?

Glauco - Sem dúvida.

Sócrates - Portanto, se pudessem se comunicar uns com os outros, não achas que tomariam por objetos reais as sombras que veriam?

Glauco - E bem possível.

Sócrates - E se a parede do fundo da prisão provocasse eco, sempre que um dos transportadores falasse, não julgariam ouvir a sombra que passasse diante deles?

Glauco - Sim, por Zeus!

Sócrates - Dessa forma, tais homens não atribuirão realidade senão às sombras dos objetos fabricados.

Glauco - Assim terá de ser.

Sócrates - Considera agora o que lhes acontecerá, naturalmente, se forem libertados das suas cadeias e curadas da sua ignorância. Que se liberte um desses prisioneiros, que seja ele obrigado a endireitar-se imediatamente, a voltar o pescoço, a caminhar, a erguer os olhos para a luz: ao fazer todos estes movimentos sofrerá, e o deslumbramento impedi-lo-á de distinguir os abjetos de que antes via as sombras. Que achas que responderá se alguém lhe vier dizer que não viu até então senão fantasmas, mas que agora, mais perto da realidade e voltado para objetos mais reais, vê com mais justeza? Se, enfim, mostrando-lhe cada uma das coisas que passam, o obrigar, à força de perguntas, a dizer o que é? Não achas que ficará embaraçada e que as sombras que via outrora lhe parecerão mais verdadeiras do que os objetos que lhe mostram agora?

Glauco - Muito mais verdadeiras.

Sócrates - E se a força-rem a fixar a luz, os seus olhos não ficarão magoados? Não desviará ele a vista para voltar às coisas que pode fitar e não acreditará que estas são realmente mais distintas do que as que se lhe mostram?

Glauco - Com toda a certeza.

Sócrates - E se o arrancarem à força da sua caverna, o obrigarem a subir a encosta rude e escarpada e não o largarem antes de o terem arrastado até a luz do Sol, não sofrerá vivamente e não se queixará de tais violências? E, quando tiver chegado à luz, poderá, com os olhos ofuscados pelo seu brilho, distinguir uma só das coisas que ora denominamos verdadeiras?

Glauco - Não o conseguirá, pelo menos de início.

Sócrates - Terá, creio eu, necessidade de se habituar a ver os objetos da região superior. Começará por distinguir mais facilmente as sombras; em seguida, as imagens dos homens e dos outros objetos que se refletem nas águas; por último, os próprios objetos. Depois disso, poderá, enfrentando a claridade dos astros e da Lua, contemplar mais facilmente, durante a noite, os corpos celestes e o próprio céu da que, durante o dia, o Sol e a sua luz.

Glauco - Sem dúvida.

Sócrates - Por fim, suponho eu, será o Sol, e não as suas imagens refletidas nas águas ou em qualquer outra coisa, mas o próprio Sol, no seu verdadeiro lugar, que poderá ver e contemplar tal como é.

Glauco - Necessariamente.

Sócrates - Depois disso, poderá concluir, a respeito do Sol, que é ele que faz as estações e os anos, que governa tudo no mundo visível e que, de certa maneira, é a causa de tudo o que ele via com os seus companheiros, na caverna.

Glauco - E evidente que chegará a essa conclusão.

Sócrates - Ora, lembrando-se da sua primeira morada, da sabedoria que aí se professa e daqueles que aí foram seus companheiros de cativo, não achas que se alegrará com a mudança e lamentará os que lá ficaram?

Glauco - Sim, com certeza, Sócrates.

Sócrates - E se então distribuíssem honras e louvares, se tivessem recompensas para aquele que se apercesse, com o olhar mais vivo, da passagem das sombras, que melhor se recordasse das que costumavam chegar em primeiro ou em último lugar, ou virem juntas, e que por isso era o mais hábil em adivinhar a sua aparição, e que provocasse a inveja daqueles que, entre os prisioneiros, são venerados e poderosos? Ou então, como o herói de Homero, não preferirá mil vezes ser um simples criado de charrua, a serviço de um pobre lavrador, e sofrer tudo no mundo, a voltar às antigas ilusões e viver como vivia?

Glauco - Sou da tua opinião. Preferirá sofrer tudo a ter de viver dessa maneira.

Sócrates - Imagina ainda que esse homem volta à caverna e vai sentar-se no seu antigo lugar: não ficará com os olhos

cegos pelas trevas ao se afastar bruscamente da luz do Sol?

Glauco - Por certo que sim.

Sócrates - E se tiver de entrar de nova em competição com os prisioneiros que não se libertaram de suas correntes, para julgar essas sombras, estando ainda sua vista confusa e antes que os seus olhos se tenham recomposto, pois habituar-se à escuridão exigirá um tempo bastante longo, não fará que os outros se riam à sua custa e digam que, tendo ido lá acima, voltou com a vista estragada, pelo que não vale a pena tentar subir até lá? E se a alguém tentar libertar e conduzir para o alto, esse alguém não o mataria, se pudesse fazê-lo?

Glauco - Sem nenhuma dúvida.

Sócrates - Agora, meu caro Glauco, é preciso aplicar, ponto por ponto, esta imagem ao que dissemos atrás e comparar o mundo que nos cerca com a vida da prisão na caverna, e a luz do fogo que a ilumina com a força do Sol. Quanto à subida à região superior e à contemplação dos seus objetos, se a considerares como a ascensão da alma para a mansão inteligível, não te enganarás quanto à minha idéia, visto que também tu desejas conhecê-la. Só Deus sabe se ela é verdadeira. Quanto a mim, a minha opinião é esta: no mundo inteligível, a idéia do bem é a última a ser apreendida, e com dificuldade, mas não se pode apreendê-la sem concluir que ela é a causa de tudo o que de reto e belo existe em todas as coisas; no mundo visível, ela engendrou a luz e a soberana da luz; no mundo inteligível, é ela que é soberana e dispensa a verdade e a inteligência; e é preciso vê-la para

se comportar com sabedoria na vida particular e na vida pública.

Glauco - Concordo com a tua opinião, até onde posso compreendê-la.

Sócrates - Pois bem! Compartilha-a também neste ponto e não te admires se aqueles que se elevaram a tais alturas desistem de se ocupar das coisas humanas e as suas almas aspiram sem cessar a instalar-se nas alturas. Isto é muito natural, se a nossa alegoria for exata.

Glauco - Com efeito, é muito natural.

Sócrates - Mas como? Achas espantoso que um homem que passa das contemplações divinas às miseráveis coisas humanas revele repugnância e pareça inteiramente ridículo, quando, ainda com a vista perturbada e não estando suficientemente acostumado às trevas circundantes, é obrigado a entrar em disputa, perante os tribunais ou em qualquer outra parte, sobre sombras de justiça ou sobre as imagens que projetam essas sombras, e a combater as interpretações que disso dão os que nunca viram a justiça em si mesma?

Glauco - Não há nisso nada de espantoso.

Sócrates - No entanto, um homem sensato lembrar-se-á de que os olhos podem ser perturbados de duas maneiras e por duas causas apostas: pela passagem da luz à escuridão e pela da escuridão à luz; e, tento refletido que o mesmo se passa com a alma, quando encontrar uma confusa e embaraçada para discernir certos objetos, não se rirá tolamente, mas antes examinará se, vinda de uma vida mais luminosa, ela se encontra, por falta de hábito, ofuscada pelas trevas

ou se, passando da ignorância à luz, está deslumbrada pelo seu brilho demasiado vivo; no primeiro caso, considera-la-á feliz, em virtude do que ela sente e da vida que leva; no segundo, lamenta-la-á e, se quisesse rir à sua custa, as suas zombarias seriam menos ridículas do que se se dirigissem à alma que regressa da mansão da luz.

Glauco - E a isso que se chama falar com muita sabedoria.

Sócrates - Se tudo isto é verdadeiro, temos de concluir o seguinte: a educação não é o que alguns proclamam que é, porquanto pretendem introduzi-la na alma onde ela não está, como quem tentasse dar vista a olhos cegos.

Glauco - Mais uma verdade.

Sócrates - Ora, o presente discurso demonstra que cada um possui a faculdade de aprender e o órgão destinado a esse uso e que, semelhante a olhos que só poderiam voltar das trevas para a luz com todo o corpo, esse órgão deve também afastar-se com toda a alma do que se altera, até que se tome capaz de suportar a vista do Ser e do que há de mais luminoso no Ser. A isso denominamos o bem, não é verdade?

Glauco - É.

Sócrates - A educação é, pois, a arte que se propõe este objetivo, a conversão da alma, e que procura os meios mais fáceis e mais eficazes de o conseguir. Não consiste em dar visão ao órgão da alma, visto que já a tem; mas, como ele

está mal orientado e não olha para onde deveria; ela esforça-se por encorajá-lo na boa direção.”⁸⁵

Platão busca com esta explanação abordar o próprio ser humano em si. O encontro consigo mesmo, com tudo aquilo que pode vir a ser é algo estonteante e que o indivíduo vive a negar a si mesmo. Encontrar-se é sair de uma caverna, da escuridão colocada pela sociedade e sustentada pelo nosso medo de ser verdade. O homem teme confrontar o seu destino e ter como recompensa o mais iminente fracasso como resultado de sua *hybris*, porque é isto o que todos dizem às crianças desde que nascem. Porém, todos esquecem que a garantia mais exata em nossa vida é o fracasso; o êxito é que é produto do esforço advindo da tentativa de negação de uma verdade incontestável. E é desta luta [*a priori*] perdida que ocorrem as grandes revoluções, os grandes feitos e as grandes realizações pessoais.

Sócrates era filho de uma parteira e, assim, como sua mãe, ele considerava a si mesmo como um parteiro. Segundo ele, do mesmo modo como sua mãe tirava as crianças das trevas e as trazia para a luz ele tirava a mente das pessoas das trevas da ignorância e as trazia para a luz do conhecimento. Denominava sua doutrina de maiêutica (a ciência do parto). Ele foi condenado à morte por envenenamento porque incorreu em *asebeia* [*asebeia consiste em ter um mau procedimento para com os deuses e gênios divinos, para com os pais, os mortos e a pátria*]. Portanto, ‘*asebeia*’ é a expressão de um comportamento reprovável à luz da moral divina e social, por constituir uma afronta em domínios que são determinantes para assegurarem estabilidade na existência humana e na vida em comunidade: a proteção dos

⁸⁵ PLATÃO. *A República*. Nova Cultural, 1997, p.164-167.

deuses, a hierarquia familiar (bem como a sua memória), a consciência de uma identidade política solidária.

Uma vez despertado o hábito da reflexão, o homem nunca mais quis crer sem compreender, nem se deixar governar sem discutir suas instituições. Duvidou da justiça de suas velhas leis sociais e outros princípios surgiram. A revolução iniciada pelos sofistas e continuada por Sócrates não teve mais fim.

Diopites [*por volta de 430 a.C.*] propôs um decreto (*psephisma*), segundo o qual quem não acreditasse nos deuses ou ministrasse ensinamentos sobre fenômenos celestes, seria sujeito a um processo de *eisangelia* ('denúncia pública'). Esta lei proibia em Atenas instruir os jovens sem autorização dos magistrados e havia outra lei que proibia especialmente o ensino da filosofia. Que ninguém se permitisse duvidar da Athená Políada, ou de Erecteu ou de Cé crops. Cometeria grande impunidade que ofenderia ao mesmo tempo a religião e o Estado e era pelo Estado severamente punido. Sócrates foi condenado à morte por este crime. Ele colocava a verdade acima do costume e a justiça acima da lei. Distinguia a moral da religião; antes dele não se concebia o dever senão como mandato dos antigos deuses, mas o filósofo demonstrou que a origem do dever está na própria alma do homem. Em tudo isso, quer o quisesse, quer não, fazia guerra aos cultos da cidade. Em vão tinha o cuidado de assistir a todas as festas e a tomar parte nos sacrifícios; suas crenças e palavras desmentiam a sua conduta. Condenaram-no a morrer por ter atacado os costumes e as crenças dos antepassados ou, como então se dizia, por corromper a geração da época.

Sócrates considerava antiéticos os jovens que se envolviam com mulheres... A doutrina da pederastia não era bem vista pelos gregos e o ancião era um forte defensor da mesma. Segundo ele “cada um de nós é uma tábua complementar de um homem, porque cortado como os linguados, de um só em dois; e procura então cada um o seu próprio complemento. Por conseguinte, todos os homens que são um corte do tipo comum, o que então se chamava andrógino, gostam de mulheres, e a maioria dos adultérios provém deste tipo, assim como também todas as mulheres que gostam de homens e são adúlteras, é deste tipo que provêm.”⁸⁶

Os gregos criaram filosofias, mitos e contos a fim de justificar suas ações pederastas, mas não convenceram a população de que isto era o ideal. Conseguiram suscitar o ódio contra os filósofos que defendiam a pederastia. Nada mais! Mas, mesmo na teoria de Sócrates já expressa que havia dois tipos de indivíduos quando são separados: um que era metade macho e metade fêmea e outro que era duas partes constituídas de machos e de outro que possuía as duas partes constituídas de fêmeas. Sua tese não traz nada de inovador para o diálogo, somente ajuda a explicar o prazer genésico sentido por alguns homens e mulheres em suas relações amorosas [*a quem ele refere como adúlteros*] e disfarça a abdução com relação aos meninos e adolescentes como se estes fossem os responsáveis pelo ataque recebido por parte dos adultos.

E ele prossegue na tentativa frustrada de explicar o porquê de existir atrações homossexuais defendendo a idéia de que “todas as mulheres que são o corte de uma mulher não dirigem muito sua atenção aos homens, mas antes estão volta-

⁸⁶ PLATÃO. *O Banquete*. São Paulo: Martin Claret, 2004, p.22-23.

das para as mulheres e as amiguinhas provêm deste tipo. E todos os que são corte de um macho perseguem o macho, e enquanto são crianças, como cortículos do macho, gostam dos homens e se comprazem em deitar-se com os homens e a eles se enlaçar, e são estes os melhores meninos e adolescentes, os de natural mais corajoso. Dizem alguns, é verdade, que eles são despudorados, mas estão mentindo; pois não é por despudor que fazem isso, mas por audácia, coragem e masculinidade, porque acolhem o que lhes é semelhante.”⁸⁷

Dizem que cada animal se defende com as armas que tem. Sócrates era um bom orador, nada mais natural que defendesse com unhas e dentes suas idéias a respeito da pederastia fazendo uso de sua eloquaz oratória. Mas todo o seu discurso sobre tal assunto não passava de ideologias. Sua psicologia neste campo mostrava-lhe o que bem queria ver e justificar suas teses. Não é pelo direcionamento da sexualidade que pode dizer quem será melhor ou pior dirigente para uma cidade. O que poderia reforçar seu discurso é que o tirano ao eleger um menino como seu amante já o ia direcionando para o exercício do poder. Mas seria míope [*para não dizer cego*] quem não enxergasse tal estratégia. Para o filósofo nada disto consistia em fato e tais indivíduos alcançavam os postos de estrategos por entregarem-se à pederastia e expressa sua defesa alegando que “uma prova disso é que, uma vez amadurecidos, são os únicos que chegam a ser homens para a política, os que são desse tipo. E quando se tornam homens, são os jovens que eles amam, e a casamentos e procriação naturalmente eles não lhes

⁸⁷ PLATÃO. *O Banquete*. São Paulo: Martin Claret, 2004, p.22-23.

dão atenção, embora por lei a isso sejam forçados, mas se contentam em passar a vida um com o outro, solteiros.”⁸⁸

Depois de anos convivendo com um discurso misógino, era muito natural que absorvessem tais ideais como sendo seus e dando a impressão de que os gregos já nasciam com este germe no DNA. Havia toda uma construção cultural envolvendo estes jovens que [*quase*] os forçavam a ter tal atitude, aliás, a própria sociedade grega tinha tal perfil. O homem que não falasse mal das mulheres em Atenas era mal visto pelos seus concidadãos. Mesmo amando suas esposas eles eram, por tradição, obrigados a denegri-las.

Pelas próprias palavras de Sócrates pode-se inferir que o que era ético para ele não o era para os governantes atenienses [*de seu tempo*] nem para as famílias. No julgamento foi lhe dada a comutação de pena caso não ensinasse mais filosofia nas ruas de Atenas. Porém, ele foi bem incisivo em sua defesa alegando que, “se me absolvêsseis, não cedendo a Anito, se me dissêsseis: Sócrates, agora não damos crédito a Anito, mas te absolveremos, contanto que não te ocupes mais dessas tais pesquisas e de filosofar, porque, se fores apanhado ainda a fazer isso, morrerás; se, pois, me absolvêsseis sob tal condição, eu vos diria: Cidadãos atenienses, eu vos respeito e vos amo, mas obedecerei aos Deuses em vez de obedecer a vós, e enquanto eu respirar e estiver na posse de minhas faculdades, não deixarei de filosofar e de vos exortar ou de instruir cada um, quem quer que seja que vier à minha presença (...). Absolvendo-me ou

⁸⁸ PLATÃO. *O Banquete*. São Paulo: Martin Claret, 2004, p.22-23.

não, não farei outra coisa, nem que tenha de morrer muitas vezes.”⁸⁹

É admirar a convicção de Sócrates pelo ensino. Por meio de sua dedicação construiu muitas coisas interessantes, despertou o hábito da reflexão, ajudou a derrubar o sistema religioso e criou outro no lugar vazio que a derrocada do antigo regime havia deixado. Por outro lado, destruiu muita coisa que os velhos costumes haviam erigido. Mas, dizer que a instrução das massas é um crime que passa sem punição é algo risível. Mesmo sendo guiada pelas idéias alheias, a massa se unida em prol de algo ou contra ele torna-se por demais perigosa. Não foi o velho filósofo quem corrompeu a juventude ateniense, estes, simplesmente buscavam um porto aonde ancorar porque o regime municipal já não dava mostras de poder e coesão suficientes para servir de base para estes. Sócrates sendo um cidadão que tinha idéias contrárias ao estilo de governo foi o escolhido para ser o guru espiritual de uma geração sem mestre. A tradição ateniense já estava em decadência, portanto, não foi necessário fazer muita força para destruir um regime já condenado ao fracasso. A perda do arcontado-rei foi um duro golpe na religião que estava diretamente ligada ao regime político. O resto foi obra das circunstâncias. Por fim, tem-se que ele foi uma luz para os desolados e perdidos jovens atenienses criando e ampliando inúmeros conceitos antes não discutidos de maneira aberta. Até aquele momento todos contentavam-se com o que era dito.

Segundo Rubem Alves, ensinar é desensinar enquanto aprender é desaprender, destacando que “quando se encon-

⁸⁹ PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. São Paulo: Martin Claret, 2004, p.17. Segunda Parte: Sócrates é condenado e sugere a sua sentença.

tram todas as respostas, mudam-se as perguntas”⁹⁰ porque o ciclo motivado e embalado pela curiosidade deve continuar. Não há outra forma de alcançar o pleno sentido da vida, viver em busca daquilo que parece estar ao alcance, mas que sempre foge ao alcance quando está-se a tomar posse dele, como Tântalo e seu suplício. Ao chegar a este estágio é quando volta-se à realidade exposta por Sócrates em seu julgamento, perante o tribunal de Atenas: “Só sei que nada sei daquilo que sei!” E isto, por si só, já é *[extremamente]* doloroso para o homem normal, quando descobre que ignora até mesmo o que julgava ter domínio. Daí desejar voltar ao estado embrionário, ao estado larval, ao estágio maca-cóide; no máximo, antropóide. Como tal regresso não é possível contenta-se em servir ao sistema como indivíduo de boa fé tendo como pano de fundo o fato de a cultura preparar todo ser humano normal, que por azar tenha nascido vivo, para ser uma coisa, não um indivíduo, no sentido estrito da palavra. Como Gramsci lembra, “já nascemos velhos crianças. *[Poís]* um círculo de tradições pesa sobre nossas costas fazendo-nos envergar sob os desígnios da cultura dominante.”⁹¹

Sem este imperativo sociológico ao qual Gramsci tece suas críticas o ser humano estaria condenado a ter que começar tudo a cada geração. A cultura e todos os seus ditames existem por causa da memória. O fato de lembrar-se do que ocorreu nas gerações passadas e o que levou os povos ao sucesso ou ao fracasso permite traçar novas questões e ampliar o pensamento, modificando-o, inovando e permitindo novas conquistas para aqueles que vêm depois dos geni-

⁹⁰ Charles Chaplin citado por GOMES, M. *A Vida e a Obra de Charles Chaplin*. São Paulo: Minuano, 2007.

⁹¹ Gramsci citado por RUIZ, Erasmo Miessa. *Freud No Divã Do Cárcere*. Campinas: Editora Autores Associados, 1998.

tores. A família é o primeiro círculo social que coloca sanções bastante pesadas aos que estão chegando por meio da tradição e a sociedade, a escola, a Igreja, as instituições públicas e privadas cuidam de ampliar esta organização educacional. Mesmo sem o consentimento do indivíduo situações, ensinamentos e valores são-lhe introjetados, o que poderia ser considerado como uma atitude imoral, antiética, por ser uma invasão, mas este é um das questões humanas que colocam-se sobre os mais vulneráveis, que, no caso, são as crianças. E de outra parte estas absorvem tais coisas sem questionar impulsionados pelo sentimento de gratidão que possuem para com seus pais, sentimento este que nada mais é que uma transmutação do medo original. Tem-se, por fim, que o amor dos filhos aos pais é uma questão de sobrevivência, um jogo maquiavélico a fim de manterem-se vivos.

Tirando proveito de tal situação os adultos constroem toda uma gama de compromissos sociais que transformam o indivíduo em um escravo livre. Nesta linha de raciocínio Jean Jacques Rousseau apresenta sua prelação dizendo que “o homem que mais viveu não é o que conta mais anos, mas aquele que mais sentiu a vida. Toda a nossa sabedoria consiste em preconceitos servis; todos os nossos usos são apenas sujeição, coação e constrangimento. O homem nasce, vive e morre na escravidão: ao nascer cosem-no numa malha; na sua morte pregam-no num caixão: enquanto tem figura humana é encadeado pelas nossas instituições.”⁹²

A vida urbanizada criou este encadeamento que Rousseau tanto critica. Sem ele, seria praticamente impossível haver

⁹² ROUSSEAU, Jean Jacques. *Emile et Sophie ou os Solitários*. São Paulo: Hedra, 2011, [s.p.].

vida social. Sufoca, bestializa, embrutece, mas não há como agir de modo independente de tal situação. Mesmos escravizados, os humanos diziam-se felizes porque estavam imbuídos do *statu* de cidadãos. A vaidade representa o maior mal para os indivíduos, porque sentem desejo de pertencer a determinados grupos que colocam critérios de seleção muito além das capacidades das pessoas comuns. São os chamados *clubes fechados*! E em nome de estar inscrito nestes grupinhos, pessoas vendem-se a si mesmas e à sua honra e o que mais aprouver-lhe.

Sempre tais ações terminam em tragédia porque aquele que busca conhecimento incorre em *hybris*, sendo por isto, na Antiguidade Clássica castigado pelos deuses; na atualidade a pena é a exclusão social, o alijamento dos meios cultos (*sic*).

Na Rússia, em pleno século XX, a situação para os pensadores não foi diferente. Stalin (literalmente: "Homem de Aço!") dizia que "idéias são muito mais poderosas do que armas. Se não permitimos que nossos inimigos possuam armas, por que permitiremos que tenham idéias?" E a política stalinista pregava que sempre se tinha que entregar algum irmão sob pena de ser acusado de cumplicidade com os inimigos públicos do Estado. Além de ser e agir antieticamente, ainda forçava seus concidadãos aos mesmos atos. Os *Gulags* (Campos de Concentração russos) eram o local onde se depositava os intelectuais considerados subversivos para a realização de trabalhos forçados. O medo de ser denunciado os levava a denunciar um colega, mesmo que inocente. Em pouco se acabaram os intelectuais livres da Rússia.

Todos os preceitos éticos desaparecem do ser humano quando sob o estigma do medo. Ele se torna capaz de mentir, fingir, matar, perjurar; mesmo que este não seja o seu caráter.

Os russos pensaram que a revolução psicanalítica poderia ser posta a serviço da Revolução Bolchevique, que as crianças poderiam, separando-se de suas famílias, tornarem-se filhos da nação. O estado teria o controle das crianças. Mas logo perceberam que as fantasias primordiais das crianças, fantasias de sedução, de cena primitiva, de castração eram necessariamente ligadas ao pai ou à mãe, eles perceberam que a natureza sexual das relações no seio da família não seria nunca dissolvida nem poderia ser desenvolvida pelo pai ou mãe da Nação.

Mas, de onde surge esta forma monstruosa de ética? Quando se julga um réu se diz: 'foi feita justiça'. Erro crasso. Deveria estar em julgamento os educadores que falharam, os pais, os mestres e os tutores. É pela educação que se forma uma verdadeira ética na sociedade. A maneira delicada e hábil de corrigir, sem repressões exageradas, sem, contudo demonstrar fraqueza seria o ideal. Nem procurar eliminar os 'instintos' (o que é impossível), nem deixar que eles dominem. Eis aí todo o segredo da educação.

Sampaio Dória (s.d.) aconselha: "Um homem, só idéia, sem emoção, frio e marmóreo, seria um cadáver, e não uma criatura viva. Por outro lado, um homem, só emoção, só instinto, sem lógica ardente e vulcânico, seria fera e não criatura livre. O que se deve atingir é o equilíbrio da vida intelectual e sentimental. Uma não elimina a outra, mas se orientam os sentimentos pela razão. O que é preciso é ter mão firme sobre os instintos e emoções. Não permitir jamais que, nas

deliberações voluntárias, os sentimentos decidam por sua força bruta.”⁹³

A principal função a que dedica-se a educação formal é ao refino do espírito humano preparando o indivíduo para uma convivência pacífica em meio aos seus pares, entendendo por isto, que deve respeito aos outros em todos os sentidos, especialmente, àqueles que são, pensam, agem e expressam suas formas de maneira diferente da maioria das pessoas.

As opiniões e as crenças individuais são fatores que em muitos casos provocam discórdia e graves incitações à violência, o que gera um terrível desconforto na vivência social. Educar-se para ter controle sobre os sentimentos é uma ação medida e controlada por aqueles que cuidam da formação do caráter desde a mais tenra idade. Não basta cobrar equilíbrio emocional às pessoas, há que exigir que ponderem suas ações e analisem suas atitudes quando estas fogem aos limites permitidos pela situação ou o momento em si, porque aquilo que mais deseja-se é que os indivíduos tenham controle sobre suas emoções mais violentas. Não espera-se que tais sejam abnegadas nem destruídas, o que deseja-se do homem é que tenha um justo equilíbrio, nem mesmo domínio, um vez que não é senhor nem em seu próprio reino sombrio, mas que busque conhecer e interpretar este mundo e viver o mais harmonicamente possível com ele, o que, inevitavelmente, o levará a uma vida sã e equilibrada fora dele, também.

⁹³ Sampaio Dória citado por PEREIRA DA SILVA, Gastão. *Enciclopédia de Psicologia e Psicanálise*. Vol. 2: Novos aspectos da Psicanálise. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda., 1968, p.223. 6 vol.

Durante décadas, a psicologia pavloviana, vazia de qualquer discussão sobre a subjetividade, foi elevada à Psicologia Oficial do Estado Soviético. Se Leontiev e Vigotsky não “desfrutaram” das acomodações siberianas do exílio político, por outro lado, desfrutaram de um certo ostracismo intelectual justamente por colocarem em relevo a discussão de como o homem constrói seu psiquismo, os estados internos, os processos cognitivos.

Os russos foram os primeiros a traduzir Freud para uma língua estrangeira e logo o baniram alegando que sua doutrina era pansexualista. O behaviorismo pavloviano serve muito bem para domesticar feras selvagens. Não é o que se aplica no caso da livre associação de idéias na técnica psicanalítica, nem na formação de seres humanos para o exercício pleno da cidadania.

“Estou à vontade para dizer que nos regimes totalitários a Psicanálise é proibida. Os regimes que privilegiam um pensamento único não toleram também o jornalismo, por ser uma forma livre de expressão. Da mesma forma que a Psicanálise proporciona a livre expressão dos pensamentos e emoções. Se o objetivo de um regime totalitário é reprimir essas manifestações, obviamente, não vai tolerar a psicanálise. Sabemos que foi assim na Argentina e na China.”⁹⁴

Todo regime totalitário é, automaticamente, repressor e age com o máximo de rigor no controle e eliminação de qualquer tipo de ação que extrapole suas rígidas regras canônicas ditatoriais. Sendo assim, necessita de uma desculpa para reprimir as ações que profanem seus ideais utópicos

⁹⁴ MARZAGÃO, Luis Roberto. *Labirintos da Alma*. Belo Horizonte: O Estado de Minas, 22 de maio de 2006, p.06.

como o questionamento ao poder, sua forma de condução e suas ações. Sendo a Psicanálise uma ciência que prega que o ser humano não é senhor nem em seu próprio mundo as ações de desrespeito às regras seriam meras ações infantilizadas que trazem consigo a partir do desenvolvimento e o estado deveria acatá-las como sendo parte da condição humana o que não justificaria o uso abusivo de força bruta sobre as massas por estes regimes. Tem-se que os regimes absolutistas vivem sob a sombra do medo de perderem o domínio sobre as massas, uma vez que sua propaganda ideológica prega uma infinita beleza e harmonia que só pode ser mantida sob o peso de ferros, armas e o medo infantil dos subordinados.

Isto é conseguido por meio de discursos acalorados e de leituras rigorosamente escolhidas e dirigidas ao público certo. Está-se em uma época onde a sociedade é grafa e alfabetizada, diferentemente do que era na Idade Média onde a escrita e a leitura eram privilégios de uns poucos gatos pingados. A nobreza e o clero em peso, quase por inteiro, eram analfabetos. Isto porque a profissão de escriba era considerada como uma profissão vulgar. Sendo assim, a única forma de expandir o conhecimento e fazê-lo chegar à massa era através da retórica e da oratória. O povo não pensava, não lia nem escrevia, mas ouvia! Logo, a única saída era calar o blasfemo, para que ele não organizasse um motim e este viesse a se transformar em uma rebelião de verdade. Junto com o herege ardiam seus manuscritos...

O sistema político da época que era regido pela Igreja, não estava nem aí para o que o pensador escrevia, seu medo se baseava no fato de essas idéias serem expostas ao público, que, sem eira nem beira, poderia, feito um naufrago, se agarrar a qualquer pena solta em auto-mar, e assim a hege-

monia política estaria correndo sérias ameaças. Isto foi até a criação da imprensa por Guttemberg e a Revolução Protestante, de Lutero, que começou a preconizar uma educação para todos e, conseqüentemente, uma alfabetização universal. Em 1559, durante o Concílio de Trento, é criado o *Index Librorum Prohibitorum* [uma espécie de compêndio onde enumerava as obras que deveriam ser evitadas pelos fiéis] sob a administração do Tribunal do Santo Ofício. Este documento continha uma lista de obras que deveriam ser impedidas de serem lidas. Foi revisado periodicamente, sendo a última edição [de número 32] publicada em 1948, sendo, definitivamente, abolido em 1966.

Criou, ainda, a famosa ideologia de que quem ler muito ficaria louco e este fato criava um pânico terrível na população, pois o tratamento dado aos loucos da época era estarrecedor; atava-se por correntes o braço direito à perna esquerda do condenado e este ficava nesta posição torturante até a morte.

Freud começa a escrever em um tempo onde a educação na Alemanha já era considerado um fenômeno no mundo todo. Em 1816, a Prússia institui o ensino básico obrigatório, ou seja, em tese todo alemão da era freudiana sabia ler... Isto quer dizer que, mesmo que Freud não fosse para as ruas palestrar, suas idéias alcançariam distâncias inimagináveis... Já se vivia em uma época em que a retórica tinha pouca influência na formação de opiniões se comparada com o poder que emanava dos livros. Com a criação da imprensa por Guttemberg, no século XV, a impressão de livros ficaria mais barata e mais rápida. Mas de pouco ou nada serviria se o povo, a grande massa consumidora não sabia ler? Como relacionar política e simbolismo?

O fato é que, na Idade Média, a escrita e a leitura eram privilégios de uns poucos gatos pingados. A nobreza e o clero em peso, quase por inteiro, eram analfabetos. Isto porque a profissão de escriba era considerada como uma profissão vulgar. Sendo assim, a única forma de expandir o conhecimento e fazê-lo chegar à massa era através da retórica e da oratória. O povo não pensava, não lia nem escrevia, mas ouvia! Logo, a única saída era calar o blasfemo, para que ele não organizasse um motim e este viesse a se transformar em uma rebelião de verdade. Junto com o herege ardia seus manuscritos...

O sistema político da época que era regido pela Igreja, não estava nem aí para o que o pensador escrevia, seu medo se baseava no fato de essas idéias serem expostas ao público, que, sem eira nem beira, poderia, feito um naufrago, se agarrar a qualquer pena solta em auto-mar, e assim a hegemonia política estaria correndo sérias ameaças. A partir daí, a burguesia começa a incrementar uma forma de ensinar as pessoas a ler, não para que cresçam intelectualmente, mas para que possam comprar os livros que eram fabricados em larga escala. A censura foi criada, talvez, pelo poder transcendental atribuído às palavras por Aristóteles. O que se deveu é que Sócrates não deixando nenhuma obra escrita coube a Platão, seu fiel discípulo, transcrever seus memoráveis discursos na forma de diálogos e, a partir daí começou-se a questionar que poder teria as palavras que, mesmo não sendo expressas pela própria boca do orador, comovia e influenciava quem as ouvisse... Assim, Aristóteles, discípulo de Platão, afirma que as palavras possuíam um poder que ultrapassava os tempos, capaz de transcender as eras e os homens...

Mas, quando Hitler sobe ao poder, em 1933, ele já era autor de um best-seller. Sua obra *My Kempf (Minha Luta)* já era sucesso entre os alemães. Ela já havia influenciado vários arianos na luta contra o povo judeu... Ao sair da prisão Hitler já não era visto como um desertor do exército prussiano e nem como um revolucionário fracassado; graças a seu livro, suas idéias já eram conhecidas do povo; para estes ele seria um 'führer' (condutor) que levaria o povo alemão a expurgar a doença da Alemanha que provocava a degradação de sua economia. Assim, Hitler já tinha conhecimento do poder de persuasão da leitura dos livros *[afinal ele conseguiu inculcar uma ideologia, uma doença no povo alemão através de sua obra]* e o médico austríaco não contribuía muito para a psicologia do *Terceiro Reich* ao afirmar que o homem não é senhor nem mesmo de si.

De tudo que foi relatado pela história da luta do Estado contra as idéias subversivas que, segundo a alegação deste, poderiam abalar a moral e os bons costumes, observa-se que, para contê-las o desafiado fez uso da força bruta e da violência gratuita, ferindo, mediocrementemente, os preceitos éticos que ele mesmo pregava com tanta veemência. Ou seja, a instituição da lei fez nascer o crime e não o contrário.

A educação prepara o sujeito para ser mais, mas, a classe dominante vê este desejo de ser mais como 'ganância, inveja', e são até mesmo capazes de usar a força para evitar que haja equitência no poder aquisitivo. Nenhum ser humano pode se dar ao luxo de se considerar ético, no sentido estrito da palavra. Os valores que regem cada indivíduo estarão sempre em conflito com os valores que regem a sociedade. Ainda que se concorde com o sistema, intrinsecamente, a guerra continua. E a cultura possui seu próprio

código de ética [*rígido, inexorável*] baseado em leis estereotipadas e arcaicas [*por vezes*].

Uma educação de verdade, que busque a saída do indivíduo de sua condição de abjeto para a de homem, será sempre vista pela classe dominante como antiética e até mesmo, herética. Já aquela que prega que as coisas são assim mesmo, tudo é regido e mantido pela soberana vontade divina será vista pela classe oprimida como hipócrita. Logo, uma educação que seja ética não existirá nunca, porque a desigualdade social é *conditio sine qua non* para a existência da sociedade de classes e para a existência, manutenção e sobrevivência da economia capitalista.

IV

OS PRECEITOS DA ÉTICA ATRAVÉS DOS TEMPOS

O mundo do *ethos*, da ética, começa a surgir, no mundo antigo, segundo o modelo do cosmos ou da ordem da natureza (modelo do cosmos = cosmocêntrico). Esta ética inicial concebida no modelo cósmico presidiu os primeiros ensaios pré-socráticos de uma ciência do *ethos*.

O termo ética refere-se aos padrões de conduta moral, *i.e.*, padrões de comportamentos relativos aos cidadãos. O conceito de Ética não é unívoco. Resulta da cultura dos povos, porém sabemos que nem tudo que é tradicional é moral. Mas o que é jurídico e político pertencem ao significado do termo ético. Isso não implica dizer que normas morais, normas de tratos sociais, normas religiosas, normas jurídicas ou políticas não se distinguem, mas confirmam sua origem comum.

Um exemplo de conceito ético marcado pelo espaço temporal foi o culto ao *phallos*. Este era um símbolo da fertilidade e era extremamente adorado e cultuado entre os povos das civilizações antigas. O *phallus* é um símbolo de tão grande poder que Osíris era o rei supremo no mundo dos vivos. Seu irmão Set, invejoso de seu poder o assassina e o parte em sete pedaços. Sua irmã e esposa Isis recolhe apenas seis das sete partes. Devido à falta desta última parte ele não pode mais reinar sobre o mundo dos vivos, sendo relegado à soberania no mundo dos mortos. Outro fato que nos mostra a relevância simbólica do *phallus* é a destronação de Urano por seu filho Kronos, que, a fim de tomar o lugar do pai o castra, decepando-lhe os órgãos genitais. Nos perío-

dos dos reis medievais, estes ao serem coroados recebiam como símbolos de poder máximo um cetro que simbolizava o pênis masculino, tanto que no desenho animado de He-Man Esqueleto, o vilão da trama, trama roubar o artefato do rei durante uma cerimônia simbólica em que uma vez ao ano todos os súditos podiam segurar o cetro real, ou seja, pegar e segurar o pênis [*simbólico*] do Rei Randor. Sem o cetro, este perderia seu poder e o campeão de Etérnia faz de tudo para salvar o instrumento sagrado.

“No hinduísmo o *lingam* (pênis) é o símbolo de Shiva. Na Antiga Grécia, as *hermai* eram pilares sagrados ao deus Hermes com uma cabeça humana e um ‘*phallos*’ ou pênis ereto, que existia diante de toda casa em Atenas. Ficou famoso o processo dos *Hermokopidai* em 415 a.C., quando todas as ‘*hermai*’ amanheceram cortadas e profanadas, o que levou à condenação do popularíssimo general Alcibíades. Isso mostra como o órgão masculino fazia parte do culto e era reverenciado.”⁹⁵

Um culto é uma forma de adoração, agradecimento e jamais pode ser considerado como uma coisa realizada fora de estritos padrões morais e costumes de um povo e época específicos. Não é porque o *falus* era cultuado que os homens poderiam andar pelas ruas exibindo seus órgãos como se fossem troféus. Havia toda uma gama de respeito e cuidado. O mundo moderno pós-cristianismo que cuidou de considerar tal membro como algo vergonhoso, como a causa da queda do homem e sua conseqüente perda do paraíso o que levou a todos a continuar adorando o membro masculino, porém de uma maneira que ninguém saiba disto.

⁹⁵ MORAIS, Vamberto. *A Volta da Deusa - Feminismo e Religião*. São Paulo: Ibrasa, 2001, p.16.

Somente as mulheres podem dizer tal coisa, mas a higiene e o cuidados masculinos com seus membros viris (o pênis) já deixa explícito que o adoram, e mais, vivem a massageá-lo e admirá-lo tão logo encontrem uma oportunidade de o fazerem sem serem vistos. Os tempos e os costumes mudaram; os valores mais intrínsecos, não. Apenas recebem uma maquiagem mais condizente com o baile.

As estátuas sagradas a que refere o autor acima eram, na sua forma mais elaborada, as estátuas que representavam a imagem de Hermes consistiam numa coluna de forma quadrangular, adornada com um grande *falo* ao centro e com a figuração da cabeça do deus, no topo. É sobre estes pilares que um grupo de desconhecidos irá exercer a sua violência, para espanto e escândalo dos seus contemporâneos.

O pênis passou a ser reverenciado porque era quem trazia a semente que fecundava a fêmea e assim produzia os filhos, tão necessários à polis. A fertilidade entre as mulheres gregas da Antiguidade era muito baixa. Toda família colocava em frente as suas casas uma estátua de Hermes (as Hermais) com um *falus* ereto e todo dia pela manhã as mulheres iam prestar reverência a este deus na expectativa de que ele trouxesse-lhe a fertilidade, uma vez que era o mensageiro dos deuses. A questão da fertilidade era uma coisa que assombrava, sobremaneira, aos gregos, porque um casamento infértil, a lei obrigava que ao final de 8 (oito) anos o marido deveria abandonar a esposa. Para a mulher significava a morte porque sem o apoio de um consorte estaria em maus lençóis e para o homem significava perder o amor de sua vida, a pessoa a qual havia escolhido como companheira, porque mesmo sendo misóginos e vivendo para falar mal das mulheres, esta era mais uma obrigação legal do que um sentimento nato entre eles ou mesmo um aspecto cultural.

Quando as *hermais* foram mutiladas instalou-se o pânico entre as famílias e, conseqüentemente, na cidade. Entre as famílias porque sem filhos, as mulheres seriam abandonadas, conforme rezava a lei; os pais não receberiam as honras fúnebres após a morte, não podendo descansar em paz; a polis, sem rebentos, estaria condenada ao desaparecimento, o culto sagrado seria perdido, a história desapareceria. Não foi tão somente um ato que provocou tamanho desespero, são as conseqüências advindas que assombrava.

O grande general Alcebíades foi acusado de ser o mentor intelectual do ato de profanação pública, mas tudo não passou de um ardil político para banir um concorrente de peso pelo poder em Atenas. Tudo, ao final, não passou de trapaga política organizada pelos donos do poder para manterem-se em seus postos.

Diopites propôs, em 430 a.C., um decreto (*psephisma*), segundo o qual quem não acreditasse nos deuses ou ministrasse ensinamentos sobre fenômenos celestes, seria sujeito a um processo de *eisangelia*⁹⁶ (denúncia pública). O âmbito de aplicação do decreto sugere que visava de forma objetiva filósofos cientistas como Anaxágoras e representaria a primeira tentativa legal de alargar a incidência jurídica da *asebeia*⁹⁷, de maneira a nela incluir também a expressão

⁹⁶ *Eisangelia* era uma forma de acusação pública em Atenas. Estava disponível para uso contra qualquer agente público.

⁹⁷ Transcripción del término griego ασέβεια (compuesto de alfa privativa y σέβας, *sébas* = cosa sagrada) que se traduce por impiedad. La asebeia, en la Atenas de Sócrates, era un delito castigado con el destierro o con la muerte. Muchos ilustres filósofos griegos fueron acusados de asebeia. No hay que confundir la asebeia o impiedad con el ateísmo: éste no se refiere a la negación (o privación) de la piedad, sino a la privación o negación de Dios (o de los dioses). Pero la asebeia no es necesariamente ateísmo; el deísta puede ser impío pero no es ateo, y el ateísmo no implica la asebeia (un ateo ontológico que niega al Dios monoteísta puede ser piadoso con los dioses del panteón politeísta). La impiedad entendida en un sentido amplio, esto es, como irreligiosidad, caracte-

de idéias ateístas, além das práticas rituais consideradas ímpias. O infrator incorria em ‘*asebeia*’ que, segundo Aristóteles, consiste em ter um mau procedimento para com os deuses e gênios divinos, para com os pais, os mortos e a pátria.

Ninguém conhecia os responsáveis pelo ato, mas eles foram investigados, com a oferta de grandes recompensas, custeadas pelo Estado. Alcibiades é chamado, mas, iludindo a escolta enviada para o trazer a Atenas, foge para Esparta. Ainda assim, foi julgado *in absentia* e condenado à morte, juntamente com os companheiros.

Em Roma houve uma ação semelhante. Ficou conhecida como a ‘A Grande Castração’. Foi uma das piores tragédias da arte da Renascença. Em 1857, o Papa Pio IX decidiu que a representação exata do corpo masculino poderia incitar à luxúria. Então, pegou um cinzel e um malho e decepou a genitália de todas as estátuas masculinas da Cidade do Vaticano. Desfigurou obras de Michelangelo, Bramante e Bernini. Folhas de parreira feitas de gesso serviram de remendo para o estrago. Fica sempre a interrogação se não há um enorme caixote cheio de pênis em algum lugar, no Vaticano.⁹⁸ A obra de Michelangelo Buonarroti *O Juízo Final*, também, foi alvo de perseguição e por pouco não foi destruída.

Na Grécia Clássica, os guerreiros começaram a participar dos torneios corporais somente de tangas, para impedir que seus movimentos fossem atrapalhados pelo excesso de roupas. Depois passaram a participar destes torneios com-

riza al racionalismo filosófico por ser éste incompatible con la aceptación de verdades alcanzadas desde fuentes praeterracionales como la fe o la revelación.

⁹⁸ BROWN, Dan. *Anjos e Demônios*. São Paulo: Sextante, 2004.

pletamente nus. Não havia vergonha porque os guerreiros eram educados para exibirem suas artes e os espectadores iam até lá para assistirem a uma manifestação artística. Não havia imoralidade; até porque, como diz Lawrence, a imoralidade está na cabeça das pessoas, não em seus corpos ou nas imagens que vêem.

Não está muito longe na história humana que o homem [*sexo masculino*] descobriu que ele tinha participação na reprodução. Tão logo isto aconteceu, o *phallus* foi eleito como um símbolo sagrado, pois era ele quem trazia a semente sagrada que permitiria dar continuidade à espécie. E, muito, além disto, há um fator de que a fertilidade na Antigüidade era extremamente baixa. Os antigos acreditavam que adorando determinado Deus se apossaria de suas qualidades místicas. Como o *phallus* era o símbolo da fertilidade, cria-se que idolatrando-o as mulheres adquiririam a sua tão sonhada fertilidade.

“Muito antes de a Igreja coibir a sensualidade, religiões de povos antigos estabeleciam, no culto de suas práticas, a adoração de membros ou partes anatômicas do corpo humano. São características as idolatrias, hoje tidas e havidas como imorais, mas que naquele tempo gozavam de grande prestígio e tinham prodigiosa influência sobre os espíritos de elite.”⁹⁹

Os cristãos que deram o nome de sensualidade porque para os povos antigos tratava-se de um momento sagrado em que reverenciava-se tais e quais partes com a finalidade de que a fertilidade feminina fosse mantida. Suas crenças não

⁹⁹ PEREIRA DA SILVA, Gastão. *Enciclopédia de Psicologia e Psicanálise*. Vol. 2: Novos aspectos da Psicanálise. Belo Horizonte: Editor Itatiaia Ltda., 1968, p.30-31, 6 vol.

estavam em um deus fora do espaço-tempo. Analisar a fé alheia sob um aspecto unilateral resulta em interpretações equivocadas e ignorantes terminando em julgamentos abusivos.

Neste mesmo conjunto de ações religiosas havia, também, “o culto de *lingham*, mito que representa o órgão masculino da propagação da espécie, teve enorme repercussão na Antigüidade. No Indústão, no Egito, na Grécia, em Roma, as mulheres traziam a imagem daquele órgão pendurado no pescoço, tal qual hoje conduzem um rosário ou um santo. No Oriente, à porta suntuosa das mesquitas e pagodes, via-se um imenso pênis perfumado com sagrados óleos, para o culto dos fiéis.”¹⁰⁰

Faziam suas libações ao órgão e dirigiam-lhes orações pedindo fecundidade. Em tempos em que a fertilidade feminina era extremamente baixa e as leis duras com relação a esterilidade/infertilidade seria um ato muito natural solicitar ao portador da semente fecundatória que trouxesse um bebê ao casal.

Continua a relatar Gastão Pereira da Silva que “como reminiscências simbólicas, mas vivas do *falus*, temos ainda hoje os chamados frades de pedra que já vão desaparecendo com o modernismo das cidades. Em alguns pontos adiantados da Rússia, encontram-se determinados pãezinhos que representam os testículos de São Vito.”¹⁰¹

¹⁰⁰ PEREIRA DA SILVA, Gastão. *Enciclopédia de Psicologia e Psicanálise*. Vol. 2: Novos aspectos da Psicanálise. Belo Horizonte: Editor Itatiaia Ltda., 1968, p.30-31. 6 vol.

¹⁰¹ *Ibid.*

Transformar a sensualidade em culpa neurótica foi uma forma de dominação que a Igreja encontrou porque isto conduzia por livre e espontânea pressão aos confessionários e, uma vez lá, os sacerdotes poderiam extorquir e abusar dos fieis a seu bel prazer sem correr o risco de serem delatados. Cria uma neurose obsessiva de forma coletiva onde aquele que desejasse a cura seria obrigado a arcar com um custo muito mais elevado que a manutenção da doença.

Mesmo a despeito de toda a coação por parte da Igreja diversos cultos mantiveram-se vivos, mesmo em países de tradição fortemente católica-judaico-cristã. Fato este é que “no século passado ainda se celebrava, na Itália, uma festa fálica em honra a São Cosme e Damião. Sabe-se que o *lingham* e *onahman* índicos - diz um entendido - que se apropriam à conjunção indispensável às funções de reprodução, repetem-se no *priapo* da Grécia e no *falus* de Roma, reverenciados mitos que, em seu tempo foram alvos de pomposos e memoráveis festejos.”¹⁰²

As lendas contam que Priapo era um deus cultuado na Grécia Antiga e mesmo no período Clássico como símbolo da virilidade. E até mesmo aqui no Brasil colonial se prestou culto ao *phallus* [teve grande importância em decisões familiares e comerciais], v.g., os escravos que tinham o seu valor comercial elevado, de acordo com o tamanho de seus pênis; os casamentos só eram deferidos na Casa Grande depois do jovem querelante ser levado a um banho de cachoeira pelos primos e irmãos da moça pretendida e lá se averiguar que seu pênis era de ‘bom tamanho’ [se cria, indubitavel-

¹⁰² PEREIRA DA SILVA, Gastão. *Enciclopédia de Psicologia e Psicanálise*. Vol. 2: Novos aspectos da Psicanálise. Belo Horizonte: Editor Itatiaia Ltda., 1968, p.30-31. 6 vol.

mente, que quanto maior o 'phallus' maior a chance de se ter filhos varões, fortes; viris e ainda saudáveis].

Com a passagem da sociedade tradicional para a sociedade moderna há o rompimento entre, moral e política. Nas sociedades tradicionais os princípios morais religiosos, dominavam todas as tarefas da vida social, ou seja, determinava o comportamento do indivíduo em sociedade, quer seja no aspecto econômico, político, artístico e humanístico.

Na Antigüidade, podemos falar da ética em duas das principais cidades da Grécia: Esparta e Atenas. Em Esparta como em Atena as crianças ficavam aos cuidados dos pais até os sete anos. A partir daí o Estado assumia a formação do soldado, em Esparta, e a formação do cidadão, em Atena.

Todos os valores estavam embasados no culto aos manes e no respeito aos deuses. Nada era feito, sem antes consultar os oráculos ou ver os sinais.

O soldado em Esparta ao sair para a guerra se não houvesse matado nenhum homem durante a campanha era proibido de entrar na cidade. A sede beligerante deste povo tornou-se tão aguda que partiram para uma eugenia severa, onde cada bebê nascido deveria ser levado a um conselho de anciãos que avaliariam se o mesmo não possuía nenhum defeito anatômico. Caso houvesse deveria ser eliminado *in contesti*.

As mulheres tão logo atingissem idade para a reprodução eram casadas (*sic*) com os guerreiros mais virtuosos a fim de produzir novos guerreiros para o exército estatal. Esta lei só foi mudada depois que consultaram o Oráculo em Delfos sobre a alta taxa de mortalidade em suas mulheres e este

Oráculo lhes revelou que era porque estavam engravidando suas mulheres muito cedo.

A lei ordenava que quando as tropas voltavam da guerra, as mães que tinham seus filhos de volta deveriam chorar e as que perderam seus filhos deveriam sorrir e mostrarem-se felizes. E a lei era tão poderosa que as mães as respeitavam, à risca.

Até mesmo a educação na Antigüidade, olhando de hoje para lá era totalmente contrária aos padrões éticos atuais. Não se admite, na atualidade, o contato físico íntimo entre mestres e educandos, coisa que naqueles tempos se dava de forma genésica entre os envolvidos. A pederastia mesmo foi um destes processos; o jovem só podia ter acesso à mulheres após ter sido possuído por seu mestre e este o considerar apto a tal. Naquela época se acreditava que toda a sabedoria humana só era repassada ao discípulo através do esperma; logo, o mestre ao ejacular dentro do seu discípulo estava a transmitir sua sabedoria a este.

As mulheres só não sofreram estas agruras de serem estupidadas e sodomizadas por mestres educadores porque Aristóteles definiu a mulher como um ser que rejeitava a sabedoria masculina quando esta era oferecida a elas. A menstruação, para Aristóteles era o que se tornava o esperma masculino no corpo da mulher e esta o rejeitava. Mas nada impedia que nos colégios de moças, como o que havia em Lesbos, as alunas se relacionassem com suas mestras. Destas, a mais famosa foi Safo e numerosos foram os seus envoltimentos passionais com as alunas, sendo o mais famoso o de Átis, que, após apaixonar-se por um rapaz abandonou a escola. Outra versão diz que os pais da jovem a

tirou da escola. Célebre mesmo se tornou o poema de Safo à sua encantadora pupila:

“Semelhante aos deuses parece-me que há de ser o feliz mancebo que, sentado à tua frente, ou ao teu lado, te contemple e, em silêncio, te ouça a argêntea voz e o riso abafado do amor.

Oh, isso - isso só - é bastante para ferir-me o perturbado coração, fazendo-o tremer dentro do meu peito! Pois basta que, por um instante, eu te veja para que, como por magia, minha voz emudeça; sim, basta isso, para que minha língua se paralise, e eu sinta sob a carne impalpável fogo a incendiar-me as entranhas.

Meus olhos ficam cegos e um fragor de ondas soa-me aos ouvidos; o suor desce-me em rios pelo corpo, um tremor (...).

Eros de novo, este quebra-ossos, atormenta-me,
Eros amargo e doce, a invencível criatura.

Oh, minha Átis!
E tu, enfasiada de mim, foges para Andrômeda!”

“Seria bem melhor para mim se [você] tivesse morrido.”¹⁰³
(Grifo meu)

¹⁰³ SAFO de Lesbos. À Átis [*Fragments*]. **Safo** foi uma poetisa grega que viveu na cidade lesbiana de Mitilene, ativo centro cultural no século VII a.C. Foi muito respeitada e apreciada durante a Antiguidade, sendo considerada, por Platão, como “a décima musa”. No entanto, sua poesia, devido ao conteúdo erótico, sofreu censura na Idade Média por parte dos monges copistas, e o que restou de sua obra foram escassos fragmentos. Sua poesia era considerada das mais sublimes. Entre os gregos que lhe foram contemporâneos e pósteros, Safo era considerada uma dos chamados “**Nove Poetas Líricos**” (os outros eram: Alcman, Alceu, Estesícoro, Íbico, Anacreonte, Simônides, Píndaro e Baquírides). Estrabão

O amor homossexual era proibido e negado na Grécia porque feria o princípio da reprodução. Safo era conhecida por suas paixões ardentes com suas alunas adolescentes sendo a que mais despertou seu ímero foi a jovem Átis para a qual escreve o fragmento de poema acima. Ainda que a jovem amasse sua mentora, a lei estava acima dela e condenava com severa pena quem se entregasse ao celibato.

Para os padrões da época não era considerado antiético o mentor que se envolvesse afetivamente com seus pupilos, porém, conduzi-los a uma negação deliberada do casamento era uma atitude antiética. Até mesmo esta paixão avassaladora era, *per si*, um crime de Estado. Devido a querelas políticas Safo foi exilada por várias vezes. No primeiro exílio, em Pirra, consta que Alceu tenha lhe enviado um convite amoroso: "Oh pura Safo, de violetas coroada e de suave sorriso, queria dizer-te algo, mas a vergonha me impede." Não se sabe se este *affair* teve conseqüências, mas que Safo respondera-lhe, então: "Se teus desejos fossem decentes e nobres e tua língua incapaz de proferir baixezas, não permitirias que a vergonha te nublasse os olhos - dirias claramente aquilo que desejasses."

escrevera que "*Safo era maravilhosa, pois em todos os tempos que temos conhecimento não sei de outra mulher que a ela se tenha comparado, ainda que de leve, em matéria de talento poético.*"

Assim como Homero era conhecido como "o Poeta", Safo era conhecida como "a Poetisa". Narram, ainda, os historiadores, que tendo Excetides declamado um canto de louvor a Safo para Sólon, seu tio, este pediu que o moço o ensinasse todo, de tanto que o agradou. Alguém então perguntou-lhe para quê queria tal coisa, ao que o célebre jurista respondeu: "*Quero aprendê-lo, e depois morrer!*"

Mas nenhum epigrama foi mais próximo ao êxtase que seus versos provocavam do que este:

*Há quem afirme serem nove as musas. Que erro!
Pois não vêem que Safo de Lesbos é a décima?! (PLATÃO)*

Para os costumes da época poderia querer dizer-lhe simples e puramente que estava perdidamente apaixonado por ela, mas afirmar isto seria cair em ridículo por causa dos costumes do seu tempo. A nossa época, que esconde o sensualismo sob uma capa de moral vertiginosa tende a crer que aquilo que enrubesce o homem moderno era o mesmo que o fazia com os seres da Antiguidade. Entregar-se ao prazer genésico com a esposa era um ato antiético na Grécia e não falar mal dela, também, e muito pior seria se a elogiasse.

Na Idade Média, o pai foi elevado à condição de um deus, carrasco e tudo o mais que ele quisesse aprovar sobre os seus descendentes. É como se o deus todo poderoso habitasse no céu e o pai fosse um sucedâneo dele na Terra. Este tinha direito de matar a própria esposa em caso de adultério. Até mesmo de beber vinho a mulher foi proibida sob pena de morte. Aconteceu que ao ter o culto de Dioniso introduzido em Roma, os senadores tiveram que cuidar para que ele fosse mantido fora da alçada das mulheres romanas. Segundo eles o vinho era sangue e também era abortivo. Sendo sangue se a mulher bebesse sangue de outro homem estaria cometendo adultério; sendo abortivo, era crime porque estaria matando um filho em tempos tão difíceis para uma mulher engravidar. Porém, como descobrir se ela consumiu vinho ou não. A solução era beijá-la na boca para saber se havia consumido o vinho ou não.

Dioniso é o deus do vinho, um deus ébrio, causador de desordens. Ao ser admitido no Olimpo fez arruaças ao embebedar os deuses olímpicos, pois estes expunham suas verdadeiras intenções quando sob o efeito da magia de Dioniso.

Segundo Jean Pierre Vernant “[...] até no mundo dos deuses olímpicos ao qual foi admitido Dioniso encarna, a figura do Outro. Seu papel não é confirmar e reforçar, sacralizando-a, a ordem humana e social. Dioniso questiona esta ordem; ele a faz despedaçar-se ao revelar, por sua presença, outro aspecto do sagrado, já não regular, estável e definido, mas estranho, inapreensível e desconcertante. À maneira de um ilusionista, joga com as aparências, embaralha as fronteiras entre o fantástico e o real”¹⁰⁴ destruindo as regras sociais que regem a ordem pessoal permitindo ao indivíduo voltar a ser indivíduo. E a ausência da postura ética encontrava-se, na Antiguidade, bem aí, nesta negação do mundo do outro e sacralização do ilusório e do fantástico, da libertação das amarras do que pode ser negado como sacro. Já na atualidade é o contrário, o indivíduo que introspecta-se é considerado como estranho socialmente e condenado a um ostracismo social. Dioniso teria o poder de devolver tais indivíduos aos dias de glória da aceitação deste pelo social, porque une o útil ao agradável, coloca-o em movimento, em ação coletiva.

O culto a este deus Dioniso foi introduzido em Roma no século III a.C. e brutalmente interrompido no ano de 186 a.C. por causa do “escândalo das bacanais” revelado por uma jovem prostituta, chamada Híspala, que depõe perante o Senado Romano. Recém-iniciada nos mistérios de Baco [*foi assim que Dioniso foi chamado em Roma*] relata que as bacanais longe de serem simples sociedades religiosas, são o teatro da libertinagem afogados no vinho e na música. A partir de tal relato a repressão é terrível: o estado de sítio é decretado em Roma e em toda a Itália; milhares de conde-

¹⁰⁴ VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e Religião na Grécia Antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.77.

nações à morte são pronunciadas. Tito Lívio relata que, “querendo o Senado extirpar de Roma as Bacanais, decretou a pena de morte contra quantos nelas tomassem parte. O decreto teve fácil execução no que se refere aos cidadãos. Mas quanto às mulheres, que não eram as menos culpadas, logo surgiu grave dificuldade: as mulheres não podiam comparecer perante a justiça do Estado, pois só a família tinha o direito de julgá-las.”¹⁰⁵

Este sempre foi um princípio muito valorizado em Roma, o da lei e da soberania dos direitos garantidos por ela. O pai era o soberano do lar, ali a lei estatal não podia entrar e agir. Assim, acionava-se o patriarca da família para que ele fizesse valer os ditames legais sobre as esposas, filhos, servos e empregados. “O Senado respeitou este velho princípio e deixou aos maridos e aos pais o encargo de pronunciarem contra as mulheres a sentença de morte. Este direito de jurisdição, pelo chefe de família exercido em sua casa, era completo e dele não havia apelação: (...) se sua mulher bebeu vinho, condena-a; se teve relações com outro homem, mata-a.”¹⁰⁶

Simbolicamente, associava-se o vinho ao sangue. E, se a mulher bebesse um sangue estranho ao seu seria considerada adúltera [*vale lembrar que a palavra adultério em sua origem etimológica se refere a ‘sentir prazer’ em uma relação afetivo-conjugal e não propriamente envolver-se, carnalmente, com outrem*]. Mais ainda, o vinho era tido como abortivo, pois, segundo a crença, um sangue matava outro [*a fertilidade feminina era muito baixa por estes tempos*] e podia, ainda, levar seres fracos à perdição. Como, para a

¹⁰⁵ COULANGES, Fustel de. *A Cidade antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p.101.

¹⁰⁶ *Ibid.*

sociedade de então, as mulheres eram seres fracos, deviam ser protegidas contra o vício e a desonra. Mas, como saber se a mulher havia bebido vinho? A saída encontrada pelos maridos foi [*por precaução*] beijar a mulher na boca quando chegava em casa. Assim, podiam descobrir, pelo hálito, se ela havia sucumbido à tentação de beber vinho.

É um estranho paradoxo, ver como este povo tão severo em seus preceitos morais veio, pouco mais tarde a extasiar-se com cenas dantescas de eventos bárbaros, tais como leões famintos despedaçando prisioneiros, exércitos de escravos combatendo-se até a morte, estupros coletivos de mulheres exóticas capturadas em terras remotas, assim como decapitações e castrações públicas, a chegar ao ponto do filósofo Sêneca (04 a.C. - 65 d.C.) dizer que “o homem deveria ser sacro para o homem, mas, agora, é objeto de matança por mero jogo de deleite.” Tornaram-se, extremamente sádicos. Talvez tais atitudes tenham nascido do inchaço populacional que a cidade de Roma experimentou, provocando um verdadeiro caos na ordem social que, para manter-se sob controle teve que “encontrar” uma solução para reduzir a população local a um número razoável e mesmo um mecanismo para disfarçar a fome do povo e ainda evitar, possíveis, rebeliões por meio do terror implantado com as cenas dantescas dos circos. É uma ironia, mas a imagem de sangue e ossos expostos por meio da violência fortuita consegue produzir um êxtase tão grande nos humanos que é capaz até mesmo de atenuar a sua fome, fazendo-o esquecer-se dela, temporariamente. Era costume, também, na Roma Clássica, em caso de traição, o marido traído tinha o seu orgulho de homem e a sua moral de marido restituída, somente, após sodomizar o amante da esposa.

Ainda em Roma caso algum nobre denunciasse outro como um inimigo do Estado, o acusado era condenado à morte, a família vendida como escravos, os bens tomados e repartidos entre o Estado e o acusador. E, para tanto não carecia de provas, bastava a palavra do acusador para tal ação judicial ir à frente. Nesta política, totalmente, contrária ao senso ético, muitos inocentes foram punidos. E como a inveja e a ganância imperam onde há poder e dinheiro, esta prática era comum na Roma dos Césares que eram figuras paranoicas e assombradas pelo medo da perda de seu poder.

Mas, segundo Nietzsche “deve-se evitar, ao considerar as épocas antigas, de cair numa recriminação injusta. A injustiça na escravidão, a crueldade na sujeição de pessoas e povos, não devem ser aferidas por nossa medida. De fato, nesse tempo o instinto de justiça não era ainda tão desenvolvido.”¹⁰⁷

O filósofo alemão chama a atenção aqui para o aspecto de posicionamento temporal em que na maioria das vezes efetua-se um julgamento sobre os povos que nos antecederam como se estes fossem criaturas selvagens e monstruosas que violentavam, mutilavam, escarpelavam e matavam suas vítimas sem nenhum escrúpulo, mas como ele ressalta os valores eram menos expressivos que são nos dias atuais e tudo esta ferocidade era uma forma de extravasar uma energia que não podia ser contida. Atitude bárbara é o julgamento que faz-se hoje sem analisar e comparar as atitudes dos homens e mulheres modernos com as de outros tempos. A violência explícita, o som de ossos sendo quebrados, crânios sendo rachados, artérias de rompendo, ainda, pro-

¹⁰⁷ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Aurora*. São Paulo: Escala, 2006, 87.

voca um êxtase orgástico, desperta um furor sexual na maioria das pessoas.

Uma análise causal sempre deve ser realizada quando faz-se comparações de tempos históricos e ações dos diferentes povos. Não era apenas o senso de justiça que era mais frágil que o é na atualidade; também o eram as leis e assim o era porque os povos estavam em constantes conflitos; sendo assim, todo forasteiro era um inimigo em potencial, logo, sobrevivia quem atirasse a flecha primeiro e não tendo quem o protegesse nem uma lei que o guardasse toda a violência imposta a ele era algo furtivo, como que aplicado a um nada, a um animal de expiação. A humanidade teve que passar por duas guerras de proporções assustadoras para compreender e fazer valer o direito individual de qualquer pessoa em qualquer parte do planeta [*ao menos, no plano teórico*].

Os valores mudarão de acordo com a cultura, o tempo, a geografia. Por exemplo, Cora Du Bois pesquisando nas ilhas Alor descobriu entre as marquesas um regime matrimonial chamado de *poliandria*. Lá, devido à escassez de comida durante certa época do ano, o infanticídio feminino foi a alternativa encontrada para sanar parte do problema. Porém, com isto, o número de mulheres é proporcionalmente inferior ao de homens. A saída foi permitir às mulheres que contraissem matrimônio com mais de um homem.

O Professor Marins que conviveu com primitivos na Austrália relata alguns costumes destes povos ainda ‘selvagens’ (*sic*) quanto à cidadania. Segundo ele os genros não se dirigem diretamente aos sogros e nem estes a eles; durante um diálogo entre eles, os lados se dirigem a um terceiro que transmite o recado ao outro. Caso falte este ‘diplomata’, as

partes falam se dirigindo ao vácuo, como se houvesse ali uma terceira pessoa. Quando o professor foi interrogar o jovem sobre o motivo daquela atitude, ele respondeu que “o seu sogro havia lhe dado a melhor mulher do mundo, e ele não quer brigar com o pai de sua esposa.”¹⁰⁸

As rixas entre sogros e genros são tão naturais quanto o casamento entre os jovens e tal situação ocorre e persiste pelos tempos porque os primeiros perderam para os segundos seus bens mais preciosos além de que dificultaram bastante seu intento. Logo, todos buscam uma alternativa para não desagradarem seus consortes que ainda continuam vinculados a dois mundos distintos. E este ódio entre eles é uma forma de confirmação do amor dos pais para com seus filhos, mesmo depois de adultos. Não há nada de antiético ou de negativo em tais atitudes. As situações vivenciais embasam as condições de construção de determinados valores nos seres humanos. A falta de ética está na não compreensão destes modos e querer modificá-los a qualquer custo alegando que duas pessoas próximas ou ligadas por algum tipo de parentesco [*ainda que somente por consideração*] não podem ser distantes fraternamente um do outro.

Ainda segundo o professor Marins, os nativos fazem a troca de mulheres com outras tribos com o intuito de evitar as guerras. Caso o líder de uma tribo pense em guerrear com outra qualquer, será levado a pensar que lá há filhas suas, netos, sobrinhos que poderão perecer nas disputas. O impulso de preservação da espécie é posto a serviço da preservação coletiva.

¹⁰⁸ Cf. MARINS FILHO, Luiz Almeida. *Socorram-me dos Meus Parentes*. Harbra Business, 2001.

Até o advento da oficialização do cristianismo por Constantino, em 325 d.C., as leis matrimoniais eram as da poliginia, *i.e.*, quem tinha dinheiro possuía quantas mulheres sua conta bancária permitisse. Mas, Constantino estava em guerra com um poderoso vizinho do Império e este sistema dava muitas brigas internas e mortes por causa de mulheres. Os que possuíam muitas não abria mão para os que não possuíam nenhuma, afinal, ele havia comprado-as de seus pais; logo a solução para quem estava sem nenhuma era roubar ou tomar à força e quem as possuía deveria, de igual forma, defender seus pertences usando a força; a solução encontrada pelo Imperador foi o de abolir este sistema, inserir nos evangelhos que a poligamia era um pecado mortal e, sujeito a fazer arder o transgressor nas santas fogueiras da Imaculada (*sic*) Inquisição. Com isto distribuiu mulheres para todos os seus soldados. Foi uma verdadeira desapropriação e distribuição de mulheres na Baixa Idade Média.

A política constrói o gênero e o gênero constrói a política.

Esta idéia perdurou na Europa fazendo sombras até os dias atuais (*sic*). Mas aconteceu que com o *achamento* do Brasil e seu abandono começou a ocorrer invasões na costa deste torrão. Portugal, preocupado em manter suas posses, extraditou homens para cá com a finalidade de povoar estas terras; não vieram mulheres nas primeiras expedições. Eis os que aportaram na região amazônica.

A ausência de mulher branca nos idos de 1500 no Brasil levaram os portugueses a contraírem matrimônio com as nativas. E, em repugnância à poligamia que se vinha formando, o Padre Manuel da Nóbrega implorava aos monarcas portugueses que mandassem mulheres órfãs e inclusive mulheres ‘que fossem erradas’ para dar estabilidade à famí-

lia. “Deviam vir órfãs e meretrizes, pois, residindo no Brasil portugueses de diferentes condições sociais, os ricos se casariam com as primeiras e os outros com as segundas.”¹⁰⁹

Impressiona um padre ter uma idéia fantástica e genial como esta. Aliás, seria um benefício duplo para a coroa portuguesa porque mandando as órfãs para o desterro haveria menos pessoas em situação de vulnerabilidade na Capital e enviando as putas para cá deixaria o país com menos chances dos fiéis cometerem atos pecaminosos. Sob a nossa vista refinada do Século XXI é um pensamento e um ato cruel, mas naqueles dias [já] bastantes distantes de nós isto configurou-se como uma solução higienista e moralista; uma forma de proteger os filhos do risco do pecado, lá em *Tierras Lusitãas, no acá en Tierras Brasilis*. Algo como se praticar sexo com prostitutas fosse pecado somente do outro lado do Atlântico, e neste negócio o pecado estava condicionado a uma posição geográfica, como se Deus somente efetuasse julgamentos e impusesse leis sobre os europeus. [Coitados]. Sob este novo dogma “a Igreja colocou-se como ‘intermediária’ do comércio sexual na sociedade colonial. O comércio sexual foi a estratégia sexista encontrada pelo poder local para povoar a Amazônia, atendendo, assim, tanto aos interesses da Coroa em se apossar o mais rápido possível da região, quanto da Igreja em expandir a sua base católica no território. A Amazônia seria povoada a partir de práticas sexuais induzidas pelo poder lusitano e permitidas subrepticamente pela Igreja. Diga-se que essas práticas continuavam condenadas pela Igreja e pelas forças renascentistas da Europa do século XVIII. Interessante é constatar que

¹⁰⁹ Padre Manuel da Nóbrega, em carta a El Rey, datada de 6 de janeiro de 1550.

“as categorias ‘homem e mulher’ são transmutadas de acordo com as necessidades históricas do momento.”¹¹⁰

E não apenas os conceitos de macho e fêmea, mas de direitos e deveres, certo e errado, poder e decisão. As fronteiras entre o proibido e o permitido transmutam-se em espaços muito estreitos de distâncias geográficas dentro do mesmo espaço temporal e pelas mesmas pessoas que impunham formas rígidas e draconianas de poder. Somente continuaram a condenar a sodomia simplesmente porque ela ia contra o princípio da reprodução que era o desejo da Igreja e a necessidade da Coroa. A fé foi transmutada em interesses políticos mundanos puros e selvagens.

Com a colonização das regiões mais extremas do país, mudou-se pequenos fatos. Não vindo mulheres junto aos homens, estes começaram primeiro a ficar extremamente furiosos, depois partiram para a sodomia como forma de aliviar os impulsos. Mas, esta prática era totalmente antiética, afinal, Tertuliano havia inserido, por ordem de Constantino que havia mandado escrever nos autos e nos evangelhos que esta prática deveria ser condenada ferrenhamente, afinal, ele (o Império) precisava de soldados e mulheres para os seus soldados, e, deste jeito não era possível conseguir tal fato. Assim, para acabar com aqueles atos profanos e imorais, o monarca português enviou um navio carregado de mulheres erradas (prostitutas), afinal seria melhor que um filho de Deus, cristão, se unisse em pecado com uma meretriz que continuar naquela prática profana. As consequências foram que a população, em peso, contraiu sífilis.

¹¹⁰ Cf. BIDEKAN, 1996, p.28 citado por TORRES, I. C. *O Paternalismo e as Mulheres da Amazônia de Ontem*. Manaus: UFAM, 2006, p.03.

A ideologia do governo foi que se mandassem mulheres junto aos homens estes não trabalhariam, só que o tiro saiu pela culatra duas vezes. A falta de ética ou o excesso de crença e zelo por valores morais caóticos e infundados resultam em situações como as expostas.

Tudo isto explica-se pelo fato de que a cidadania neste período ainda estava restrita ao habitante da cidade. Não tinha-se um conceito de cidadania cosmopolita (aliás, este termo é do final do século XX), logo, os valores estabelecidos só poderiam ser aplicados ao cidadão. Portanto, transformar as nativas do Brasil em prostitutas e escravas não era antiético, pois não havia leis que as protegiam, uma vez que não eram cidadãs (mas com que autoridade as obrigaram a se batizar na nova fé?). Como não havia leis sociais que as obrigassem a esta nova fé, usaram da Psicologia comportamental para tanto; obrigando os portugueses a excluí-las dos presentes, das maquiagens, dos espelhos, do convívio.

Observemos que, mesmo entre os povos primitivos existe o desejo de ser aceito no grupo e a cafetinagem das índias amazonenses vem corroborar a idéia de William James (1842 - 1910) de que o homem sente “ânsia” de fazer parte de um grupo; por isto, ele respeita as leis, costumes e valores, muitas vezes estranhos e até mesmo hostis ao seu código pessoal de valores. Isto nos mostra que o código social de valores tem maior peso que o código pessoal destes. E esta cidadania foi mesmo um problema para se conseguir pessoas para vir residir nas Américas. Ninguém queria abrir mão da sua cidadania. Por isso o governo desenvolveu uma propaganda onde aqui em *‘tierra brasilis’* o jovem poderia ter até vinte mulheres ou mais se quisesse. Observa-se que ao vir para cá deixando esposas, noivas, namoradas eles não procuravam apenas sexo fortuito, mas aqui poderiam que-

brar as regras de um valor que consideravam por demais rigorosos *[a idéia de que aqui poderiam fazer o que bem entendessem entusiasmava qualquer jovem português; atos como fumar, v.g., (em Portugal o fumante era tido como um maconheiro nas eras atuais)]*. E ademais, esta cidadania foi o que fez o governo enviar condenados à morte, exilados políticos e meretrizes, pois ao quebrarem as regras éticas de seu país já haviam perdido o direito à cidadania. Logo, para eles não fazia a menor diferença uma ou outra vida...; sendo assim, preferiam viver como párias no Brasil que como prisioneiro privado de “tudo” na boa e velha Europa. Estranho paradoxo... ‘aqui, como criminosos *[condenados e exilados]* teriam direitos que como europeus livres não tinham em seu país’.

Este hábito do colonizador tratar os nativos como se não fossem cidadãos é ainda comum na Índia e em alguns países da África sob domínio inglês. O dominante age sob seu código de valores como se estivesse em seu país de origem e o povo acata, miseravelmente, com medo que este se revolte e ainda lhe castigue. Os valores de um homem (e mesmo o de um povo) acabam-se depois de muito tempo sob o julgo de outrem.

Darwin, ao passar pelo Brasil, em 1832, ficou extasiado com a beleza proporcionada pela vegetação à sua frente: “É uma visão das mil e uma noites, com a diferença de que é tudo de verdade”(anotou em seu diário). As observações mais contundentes de Darwin sobre o Brasil dizem respeito à manutenção da escravidão e à forma violenta como os escravos eram tratados. Certo dia, inadvertidamente, foi protagonista de um episódio dramático. Um escravo conduzia a balsa na qual ele fazia uma travessia de rio. Tentando se comunicar com ele para lhe dar instruções, Darwin começou a

gesticular e a falar alto. A certa altura, sem querer, esbarrou a mão no rosto do negro. Esse imediatamente baixou as mãos e a cabeça, colocando-se na posição que estava habituado a assumir para ser punido fisicamente. “Que eu jamais visite de novo uma nação escravocrata”, anotou ele ao deixar a costa brasileira. Relatou, também, que jamais pisaria nesta terra, pois ‘um país onde se media o valor de um homem pela cor da pele e pela arcada dentária não merecia ser chamada de nação.’”¹¹¹

O Brasil foi o último país americano a abolir a escravatura, em 1888. Mesmo com a Constituição Imperial de 1824 que garantiu avanços humanistas com relação ao tratamento aos presidiários [*ao menos para inglês ver*] tais medidas de proteção aos cidadãos brasileiros não alcançou os escravos que continuaram a serem açoitados pelos motivos mais fúteis condenados a condições de vida para além de miseráveis. Com a proibição do comércio e depois do tráfico de escravos mesmo sabendo que não poderiam trazer outros escravos, os donos continuavam a maltratar aqueles que tinham e a mortalidade era grande, um escravo vivia em média 7 (sete) anos. Havia poucos casamentos e quase nenhuma vida familiar, as péssimas condições de higiene favoreciam as doenças e assim poucas crianças sobreviviam.

Mas, emociona muito ouvir tal indignação vindo da boca de um inglês. Os mesmos que fizeram do tráfico de negros uma prática econômica, do tráfico de ópio a mesma maldição para os chineses que foi a bebida alcoólica para os Astecas, aliás, diga-se de passagem “Civilização Asteca”; e a mesma Inglaterra que expulsou seus micro proprietários para fo-

¹¹¹ Darwin, Charles (1809 - 1882).

mentar a criação de ovelhas, conforme crescia a indústria lanífera nos países baixos, e com isto, aumentar a exportação de lã. Desta forma, criou um sistema de neofeudalismo onde os colonos tinham uma condição de vida pior que a do escravo negro brasileiro.

Na Inglaterra da época de Shakespeare “nobres poderosos e senhores rurais agiram brutalmente para expulsar os camponeses e aldeões das terras comuns, fazendo com que milhares de mendigos partissem para as cidades, em busca de sobrevivência. Nessa época, Londres chegou a ter 150 mil habitantes fazendo com que se tornasse um dos maiores conglomerados humanos daqueles tempos.”¹¹²

O desejo desesperado do ganho e a ânsia de fomentar e expandir sua indústria obrigou os camponeses a terem uma vida de miséria e privações nos centros urbanos. Celso Furtado complementa a fala da autora supracitada, dizendo que “a colonização de povoamento que se inicia na América no século XVII constitui, portanto, seja uma operação com objetivos políticos, seja uma forma de exploração de mão-de-obra européia que um conjunto de circunstâncias tornara relativamente barata nas Ilhas Britânicas. Ao contrário do que ocorrera com a Espanha e Portugal, que haviam sido afligidos por uma permanente escassez de mão-de-obra quando iniciaram a ocupação da América, a Inglaterra do século XVII apresentava um considerável excedente da população, graças às profundas modificações de sua agricultura iniciadas no século anterior.”¹¹³

¹¹² GOMES, Morgana. *A Vida e a Obra de Shakespeare*. São Paulo: Minuano, 2007, p.10.

¹¹³ FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. 23ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1975, p.21.

Este excedente de pessoas no nosso entendimento pode ser considerada como descartável, logo, ao invés de matá-los tiveram uma idéia mais brilhante: ela serviria para ser enviada para povoar a América recém tomada, assim, resolvendo dois problemas domésticos. Celso Furtado continua explanando que “essa população sobrente, que abandonava os campos na medida em que o velho sistema de agricultura coletiva ia sendo eliminado, e em que as terras agrícolas eram desviadas para a criação de gado lanígero, vivia em condições suficientemente precárias para submeter-se a um regime de servidão por tempo limitado, com o fim de acumular um pequeno patrimônio.”¹¹⁴

Esta era a proposta para que as pessoas se interessassem em sair da Europa e vir para a selvagem América. Um terrível engodo porque as condições adversas do novo mundo dizimavam os indivíduos feito mosca. Mas a propaganda era feita de modo a garantir um contingente de indivíduos sempre constante nesta jornada somente de ida... O acordo entre as partes dava-se da seguinte maneira: “A pessoa interessada assinava um contrato na Inglaterra, pelo qual se comprometia a trabalhar para outra por um prazo de cinco a sete anos, recebendo em compensação o pagamento da passagem, manutenção e, ao final do contrato, um pedaço de terra ou uma indenização em dinheiro. Tudo indica que essa gente recebia um tratamento igual ou pior ao dado aos escravos africanos.”¹¹⁵

O escravo africano, por mais árdua, agonizante, desesperadora que fosse sua condição ele tinha alguém que zelava por sua vida pelo fato de representar um investimento eco-

¹¹⁴ FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. 23ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1975, p.21.

¹¹⁵ *Ibid.*, p.23.

nômico por parte do seu patrão. Já o branco livre na América do Norte era material descartável da Europa, logo estava entregue à sua própria miserável sorte e esquecido pelo seu contratante e também pelos deuses. Em uma terra onde não havia quase nada de produção alimentícia, a sorte era contar com a caça e a pesca até enquanto durassem os frutos das águas e os animais disponíveis.

E mais adiante Celso Furtado acrescenta que, “os esforços realizados, principalmente na Inglaterra, para recrutar mão-de-obra no regime prevalecente de servidão temporária, se intensificaram com a prosperidade de negócios. Por todos os meios procurava-se induzir as pessoas que haviam cometido qualquer crime ou mesmo contravenção a vender-se para trabalhar na América em vez de ir para o cárcere. Com tudo, o suprimento de mão-de-obra deveria ser insuficiente, pois a prática do rapto¹¹⁶ de adultos e crianças tendeu a transformar-se em calamidade pública neste país.”¹¹⁷

Quando a ânsia de lucro fala mais alto as pessoas fazem qualquer coisa para atender seus desejos egoístas. Ninguém queria sair da Europa para viver entre os selvagens e mais, as histórias que chegavam até o Velho Mundo era de que os nativos das terras para além-mar eram terríveis canibais, comiam humanos a torto e a direita. Antes morrer de fome na Inglaterra que no espeto de algum aborígine no Novo Mundo.

Sobre esta questão da condição de vida do europeu livre Gilberto Freyre, o grande sociólogo brasileiro, foi ovacionado ao apresentar sua tese de doutoramento comparando a si-

¹¹⁶ Entenda rapto aqui como seqüestro.

¹¹⁷ FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. 23ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1975, p.23.

tuação de vida do negro escravo brasileiro com a do europeu livre. O primeiro tinha, pelo menos mandioca com torresmo para saciar sua fome. Já o europeu estava às beiras de voltar a praticar a antropofagia, para poder sobreviver.¹¹⁸

Mas, não é que a condição do negro escravo brasileiro fosse digna de qualquer ser humano. O caso é que a condição do branco europeu livre era tão miserável que, quando comparada com a do seu irmão de sofrimento em *tierras brasílicas*, o primeiro, do ponto de vista da classe dominante, ainda vivia em uma condição [*considerada*] humanística (*sic*) isto se alguém quisesse considerar castrações, violações e castigos corporais, mutilações, uso do corpo para satisfação dos instintos mais baixos..., *etc.*..., como condição humanística de vida... Na Antiguidade, os valores éticos diferiam para cidadãos, escravos e os que habitavam fora dos muros da cidade, aliás, para quem estava fora da proteção da polis não havia qualquer garantia de direitos. E da mesma forma eram os escravos aqui no Brasil onde tudo era proibido entre os cônjuges, mas que os filhos do patrão e o próprio divertiam-se com as escravas e também com os escravos.

Havia sanções para o gozo conjugal. Um marido sentir prazer numa relação conjugal com a esposa era antiético. Marido e mulher devem ser amigos, e não amantes, a não ser por acidente ou necessidade vital. Nesse espírito, os teólogos não cessaram de denunciar os "excessos" conjugais: "o homem que se mostra mais um amante expansivo do que um marido junto à sua mulher, é adúltero."¹¹⁹

¹¹⁸ Cf. FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala. 50ª Ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 2010.

¹¹⁹ BADINTER, Elisabeth. *Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p.29.

Todo tipo de gozo conjugal era considerado como extravagância e deveria ser punido. A mulher na Grécia que fosse acusada de adultério não poderia participar dos festejos públicos nem adentrar os templos sagrados ou realizar oferendas e se por acaso fosse vista poderia ser agredida por qualquer cidadão, porque estava a profanar um espaço sagrado. Mas todo este tipo de estultícia não estava somente agregada à Atenas Clássica. Também, na França, o decreto de 20 de abril de 1684 estabelecia que os filhos (de menos de 25 anos) e as filhas (de qualquer idade) de artesãos e trabalhadores que maltratassem os pais, ou que fossem preguiçosos, libertinos ou corressem o risco de vir a sê-lo (previdência que abria a porta a todas as arbitrariedades) poderiam ser presos, os rapazes em *Bicêtre* [hospício masculino], as mulheres na *Salpêtrière* [hospício feminino]. Uma vez obtida, a prisão era definitiva. O condenado passava o resto de sua miserável e cretina vida acorrentado pelo pé esquerdo ao braço direito e ambos fixados ao chão em meio a seus excrementos. Não se casar, também, significava agir contra a ética.

Na atualidade, a mentira é tida como algo nefasto pela sociedade. Mas, em outros tempos a capacidade de mentir era uma qualidade admirada pelos deuses gregos (veja que Athena admira Ulisses pela sua capacidade nata de mentir). Isto porque o engodo, a mentira era considerada como astúcia, um instrumento, extremamente, útil e necessário em tempos de guerra. No matriarcado, agia contra a ética aquele que atentava contra a mãe. Veja que Orestes é atormentado pelas Erínias. Já no patriarcado, agia contra a ética quem atentasse contra o pai. Veja que Orestes é absolvido, no Areópago, por Athena.

“Nasci sem ter passado por ventre materno; meu ânimo sempre foi a favor dos homens, à exceção do casamento; apóio o pai. Logo, não tenho preocupação maior com uma esposa que matou o seu marido, o guardião do lar; para que Orestes vença, basta que os votos se dividam igualmente.” (DEUSA PALAS ATHENÁ).

Pode-se confirmar as palavras da Deusa na sua retórica enquanto despertava a vocação heróica em Telêmaco, opondo-lhe o exemplo de decisão viril de Orestes: “(...) Cogita em teu espírito e em teu coração na maneira de matar os pretendentes em tua casa, quer servindo-te de manhas, quer às claras. Põe de lado os divertimentos infantis, que já não tens mais idade para isso. Ignoras, acaso, o grande renome que no mundo inteiro alcançou o nobre Orestes, desde o dia em que fez perecer o pérfido Egisto, o assassino de seu ilustre pai?”¹²⁰

Observa-se que, para manter imaculado, o nome do pai, o filho poderia até mesmo recorrer ao assassinio, utilizando de artimanhas, de astúcia, sem com isto ser considerado como tendo agido contra os preceitos éticos. Aliás, muito pelo contrário, se o ser amado não fosse vingado, esta atitude seria vista por todos como antiética, como mostra Platão através da decisão de Aquiles quando da morte de seu amigo e amado Pátroclo. O filho de Tétis, mesmo informado pela mãe de que morreria se matasse Heitor, enquanto que se o não matasse voltaria à pátria onde morreria velho, teve a coragem de preferir, ao socorrer seu amante Pátroclo e vingá-lo, não apenas morrer por ele, mas sucumbir à sua morte. Segundo Platão, Aquiles foi muito mais honrado pelos deuses que Alceste, devido à sua atitude.

¹²⁰ HOMERO. *Odisséia*. São Paulo: Nova Cultural, 2003, p.23.

Alceste, filha de Pélias, dá aos gregos uma prova cabal em favor de sua ética “ao consentir em morrer pelo marido, embora tivesse este pai e mãe, os quais ela tanto excedeu na afeição do seu amor que os fez aparecer como estranhos ao filho, e parentes apenas de nome.”¹²¹

Na visão de Platão Aquiles mesmo a despeito do fatídico vaticínio do oráculo parte em busca de vingança por um amor perdido, crendo que não seria julgado como um covarde quando chegasse ao Reino de Hades. E muito mais que isto, o amante tinha toda uma obrigação moral para com seu amado e tal atitude servia de motivação àqueles que estavam em luta; os poetas cantavam este compromisso para os soldados para que, uma vez nos campos de batalha protegessem seus pupilos.

Athená foi forte defensora dos gregos na Guerra de Tróia. Depois da queda de Tróia, entretanto, os gregos não conseguiram respeitar a santidade de um templo erguido em sua honra em que a profetisa Cassandra procurou abrigo. Como castigo, tempestades enviadas pelo deus do mar, Posídon, a pedido da Deusa, destruiu a maioria dos navios gregos que retornavam de Tróia. Ela valoriza o pensamento racional e é pelo domínio da vontade e do intelecto sobre o instinto e a natureza. Sua vitalidade é encontrada na cidade. Para Ela, a selva deve ser subjugada e dominada. Athena se identifica completamente com a cidade que ela protege. As qualidades masculinas de Minerva não seriam aceitas se a deusa fosse leviana e libertina como as outras imortais olímpicas. Para ganhar e manter o respeito de guerreiros e

¹²¹ PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. São Paulo: Martin Claret, 2004, p.10-11. Primeira Parte: Sócrates apresenta a sua defesa.

povos inteiros manteve-se virgem, num pudor avassalador que chegou a causar não poucas desgraças.

Freud revela que “o destino de Palas Athena, que, sem dúvida constituía a forma local de deusa-mãe, é particularmente impressionante. Ela foi conduzida à condição de filha pela revolução religiosa, despojada de sua própria mãe e, por ter a virgindade imposta a si, permanentemente excluída da maternidade.”¹²²

O que ocorreu com a Deusa Palas Athená é que foi adotada por uma família muito rica e poderosa da cidade de Atenas, assim podia governar sem ter que fazer nenhum tipo de acordo com outros deuses. O poder da família *eteobutadae* era imenso. Isto garantia sua autonomia e independência. Tantas as disputas quanto os amores entre os deuses eram desavenças ou acordos entre as famílias aristocráticas da Polis. Viviam preocupados com seus deuses e seus egos inflados e, não abandonavam seus deuses protetores porque os humanos da Antigüidade temiam aborrecer os deuses temendo perder sua proteção. Era seu desejo que os deuses não existissem, afinal, eram tudo, menos seres dotados de senso ético. A única que realmente envolvia-se com a segurança e proteção de sua cidade era a Deusa Athená.

Athena era originalmente a deusa protetora da Família Butada. Seu controle se estendeu para toda a *pólis* e para o mundo devido à sua fidelidade e capacidade de justiça inigualável. Ela se identifica completamente com a cidade que protege. Era extremamente virtuosa, diferentemente de seus

¹²² FREUD, Sigmund. [1939] *Moisés e o Monoteísmo*. Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.58.

concidadãos olímpianos, pois era a razão personificada, logo, seu julgamento era extremamente justo e perfeito.

A única coisa que o restante do panteão grego fazia de melhor era reclamar dos humanos as oferendas. Mais que isto não podia-se esperar muito mais. Quando iam para as guerras as estátuas dos deuses eram amarradas com grossas correntes por temerem que passassem para o outro lado. Não eram criaturas confiáveis. “Deuses, heróis e ancestrais reclamavam do homem este culto material, o qual ele cumpria para os tornar seus amigos e, mais ainda, para não os ter como inimigos. O homem contava pouco com sua amizade. Eram deuses invejosos, irritáveis, sem afetos nem benevolências, que gostavam de fazer guerra com os homens.”¹²³

Os humanos honravam seus deuses por medo, logo, não se pode dizer que uma relação baseada no poder do temor da ira do protetor possa ser considerada como ética e sustentável. De um lado “nem os deuses amavam o homem, nem o homem amava os deuses. Acreditava em sua existência, mas, por vezes, preferiria que não existissem. Temia seus próprios deuses domésticos ou nacionais, receando ser traído por eles. Sua preocupação constante era não incorrer no ódio desses seres invisíveis. Ocupava toda sua vida a apaziguá-los.”¹²⁴

Era uma relação bilateral de desconfiança: de um lado o homem temia a ira dos deuses, de outro os deuses necessitavam dos sacrifícios e oferendas feitas pelos humanos. Ambos nutriam sentimentos dúbios e ambíguos com relação

¹²³ COULANGES, Fustel de. *A Cidade Antiga*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p.185.

¹²⁴ *Ibid.*

ao outro o que levou Aristóteles de Estagira chegar à conclusão de que “o homem fez os deuses à sua imagem; também lhes deu seus costumes”¹²⁵ e, além disto seus sentimentos mais profundos, aqueles que tentavam esconder de todos à sua volta.

Toda a abordagem que faz Platão, ao longo de sua vasta obra, é uma tentativa de reiterar a autoridade paterna. Reforça, em seus diálogos que agia eticamente aquele que tivesse como supremos os valores patriarcais podendo concluir-se, daí, o que era o conceito de ética na Grécia Clássica a harmonia apolínea, a justeza, o equilíbrio, a retidão do julgamento, a transvaloração dos valores e ele vai mais longe e infere que, contrária à ética é censurar o que deve ser apreciado e apreciar o que é digno de desprezo; aliás, coisa muito comum na sociedade lagartesca atual.

Por mais que se queira distanciar é impossível fugir da equação de que os humanos são seres sentimentais que pensam e não o inverso. Logo, os instintos não agem em consonância com a razão. É somente por meio de muita batalha e com prejuízos para a economia psíquica que a razão prevalece.

O incesto entre pais e filhos é proibido desde a mais obscura idade da civilização. Em Édipo Rei, Sófocles, através de Jocasta, revela que em sonhos os filhos cometem tal infração: “De que serve afligir-se em meio de terrores, se o homem vive à lei do acaso, e se nada pode prever ou pressentir! O mais acertado é abandonar-se ao destino. A idéia de

¹²⁵ ARISTÓTELES. *A Política*. São Paulo: Escala, 2007, p.15.

que profanarás o leito de tua mãe te aflige; mas tem havido quem tal faça em sonhos [...].”¹²⁶

Sófocles levanta uma questão moral muito aflitiva porque desejar a mulher do próximo já era considerado um ato delituoso para Moisés, mas desejar a própria mãe seria um crime. Porém, ele absolve aquele que possui tal desejo dizendo que há um espaço momentâneo na vida humana em que este selo é rompido e não pode haver culpa, uma vez que culpar-se por aquilo que não pode evitar ou sobre o qual não possui o menor domínio é uma atitude antiética. Freud mais de dois milênios depois vem afirmar que as neuroses nascem deste conflito, desta luta onde não deveria haver o menor sismo na estrutura psicológica.

Isto tudo nos mostra que se o homem é obrigado a viver sob um rigor ético durante o seu intercurso consciente, ele se torna antiético ou age antieticamente, ou seja, realiza seus desejos secretos, os quais seriam condenados pela sociedade durante o sono; em um período em que a censura está mais fragilizada. Esta atitude só revela que o homem deseja ser livre e respeita as normas sócio-culturais, sob um preço muito elevado [*que seria a sua exclusão, o seu desligamento do grupo*].

A religião prega que todos os seres humanos são irmãos, filhos do mesmo pai, logo, por analogia, todos vivem ou virão a viver uma relação incestuosa. Defendem-se dizendo que trata-se de uma relação simbólica, logo, por extensão, seria um incesto simbólico, mas não deixaria de ser, sob qualquer hipótese, um ato incestuoso.

¹²⁶ SÓFOCLES. *Édipo Rei*. São Paulo: Martin Claret, 2004, p.46.

A fim de resolver este espinhoso conflito, pregam que o amor fala mais alto, mas mesmo tal pensamento é fruto de tempos muito modernos porque na Antiguidade irmãos podiam casar-se, somente as relações entre pais e filhos que eram, terminantemente, proibidas. Há países, como Alemanha, *p.e.*, em que o incesto é punível com pena privativa da liberdade.

Blaise Pascal dizia que todo homem busca a felicidade, até mesmo aquele que está indo suicidar. Na ética cristã o suicídio é um atentado contra a moral, é um atentado contra a ética, mas nem sempre foi assim. Na Antiga Grécia, o cidadão que quisesse tirar a própria vida deveria comparecer perante um conselho e apresentar seu pedido. Caso fosse negado e este ainda assim praticasse o ato, era condenado a não receber os sacramentos *post mortem*, como sepultura e honras fúnebres, repastos e seria esquecido. Entre os samurais, era dever destes guerreiros proteger o seu senhor a todo custo, dando-lhe a própria vida. Caso o seu senhor fosse capturado, ele suicidava, pois havia falhado em sua missão. Quando houve a detonação das duas bombas atômicas sobre o Japão, coube ao imperador Hiroito comunicar a derrota aos súditos. Entre os militares muitos cometeram suicídio, afinal, pelo Código de Ética Samurai essa era uma obrigação diante do fracasso.

V

DOSTOIEVSKI E A [SUA SUPOSTA] NEGAÇÃO DE DEUS

Dostoevski afirmou que, "(...) Basta destruir na humanidade a idéia de Deus; é por aí que devem começar, cegos que não compreendem coisa alguma! Quando a humanidade toda houver renegado Deus, (e estou certo de que essa época virá, paralelamente às épocas geológicas) então, ela mudará espontaneamente, bem como a antiga moral, e tudo se renovará."¹²⁷

O autor coloca uma questão paradigmática porque é esta força sobrenatural quem mantém [ou ajuda manter] os seres sob controle e dentro dos padrões mínimos de respeito ao próximo. Mas, ao mesmo tempo a criação da idéia de Deus deixou o homem frouxo diante de muitas coisas da vida e alguns até dotaram-se de poderes sobrenaturais em nome dele. Possivelmente, estivesse a propor uma condição em que o homem tivesse que viver por si só, sujeito a leis criadas por ele mesmo e seus iguais sem nenhuma força sobrehumana a reiterar tais sanções. Tal situação poderia provocar um estado de sítio porque sem o medo de ser castigado ou estar sendo vigiado por um ente invisível entregue a sua própria consciência seria muita inocência crer que somente tal coisa bastaria para deter o desejo violento de subjugação ao outro que domina o espírito humano.

A quem o homem recorreria nos seus momentos mais tenebrosos? A quem imploraria por justiça quando seu instinto mais selvagem fala em vingança nua e crua? Se a idéia de

¹²⁷ DOSTOIEVSKI, Feódor Mikhailóvitch. *Os Irmãos Karamázovi*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio editora, 1955. (3 vol.), p.1118-1119.

Deus foi criada com o fim de controlar a besta selvagem, assassina, sanguinolenta e sedenta de êxtase que habitava no âmago do homem primitivo, não foi a modernidade quem deu tal polimento ao indivíduo atual. Crer que, da mesma forma que as eras geológicas da Terra a transformaram em um lugar habitável permitindo que fosse possível a vida humana com menos agressividade, o espírito humano, também vai sendo moldado é de uma ingenuidade sem medidas porque tal como diz Antônio Gramsci os instintos são somente amansados e não destruídos. Por fim, os instintos humanos são como o magma ardente no centro da Terra: quando explode é que demonstra sua verdadeira força bruta.

Para ele, haverá uma revolução no pensamento e “os homens se reunirão para tomar da vida tudo que ela puder dar, tendo em vista apenas a felicidade e a alegria neste mundo. Um orgulho titânico, divino, elevará a alma do homem, que se transformará em homem-deus. Triunfando sobre a natureza graças à vontade e à ciência, o homem, com esse triunfo, gozará de uma volúpia tão elevada que substituirá para ele as antigas esperanças das volúpias celestes. Cada um saberá que é mortal, que nada ressuscitará, e aceitará a morte, calma e orgulhosamente, como um deus. O orgulho o fará compreender que não deve murmurar contra a brevidade da vida, e ele há de amar seus irmãos sem nenhuma recompensa.”¹²⁸

Aqui está um contraste porque é por esta idéia de uma recompensa celeste e a ilusão de que é imortal que o faz viver cada dia com mais intensidade. Se Paulo Coelho cria na

¹²⁸ DOSTOIEVSKI, Feódor Mikhailóvitch. *Os Irmãos Karamázovi*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio editora, 1955. (3 vol.), p.1118-1119.

idéia de que aceitando sua condição de passageiro neste trem chamado vida faria o homem viver com plenitude e muito mais é esta certeza que o faz entrar numa terrível depressão. Toda vez que um conhecido é ceifado sua tristeza não encontra-se na perda em si, mas na certeza desta brevidade. A máscara da ilusão é derriçada e ele encontra-se frente ao mais terrível paradoxo de ter que viver intensamente porque a vida pode acabar a qualquer instante e ao mesmo tempo pergunta-se a si mesmo que sentido tem se ela poderá acabar a qualquer instante. Passado e futuro chocando-se na linha imaginária que divide o presente. Tudo isto é demais para um ser limitado, mas que sonha com a possível vantagem de viver para além de si e dos outros sem ter consciência de que esta seria a maior maldição que estaria condenado a carregar sobre seus ombros.

No mundo ideal preconizado pelo demônio de Dostoievski “O amor será apenas a satisfação de rápidos instantes, mas o simples sentimento de sua brevidade avivará a flama que outrora se concentrava na esperança dum amor eterno, um amor que irá além do túmulo. [...] É permitido a todo indivíduo que tenha consciência da verdade regularizar sua vida como bem entender, de acordo com os novos princípios. Neste sentido, tudo lhe é permitido [...]”¹²⁹

Aqui se esbarrando na primeira e definitiva miséria humana: a de ter tudo ao seu alcance e ser obrigado a respeitar a presença do outro, pois como já defendia Jean Jacques Rousseau a liberdade não consiste em fazer tudo aquilo o que deseja e sim ter a justa medida das coisas podendo

¹²⁹ DOSTOIEVSKI, Feódor Mikhailóvitch. *Os Irmãos Karamázovi*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio editora, 1955. (3 vol.), p.1118-1119.

realizar o que está ao seu alcance desde que não prejudique o seu companheiro.

Partindo do princípio de que “Deus e a imortalidade não existem, é permitido ao homem novo tornar-se um *homem-deus*, seja ele o único no mundo a viver assim na Terra; e depois de atingir esse grau elevadíssimo, é-lhe permitido transpor, de coração leve, as fronteiras morais do homem escravo (...).”¹³⁰

O homem é um ser escravizado pela sua própria razão e condição porque ainda que Deus e a Imortalidade não existam, existe o outro que é resguardado pelo direito constitucional e que é tão inocente de sua existência quanto qualquer outra criatura na Terra. Para mais além de tudo isto há o dever cívico e o dever ético/moral de respeitar cada ser da natureza. Se o respeito ao outro está atrelado a uma força supraterrena e a um benefício imaginário, então o homem nada mais é que um mercenário sacripanta e néscio e pior, um escravo vigarista, podendo, no primeiro caso ser considerado como um ser desprezível e no segundo, desprovido de razão própria.

Mas como viver sem a crença em um ser superior e em uma vida *postmortem* se ambas as coisas são os moldes que permitem uma vida mais ampla dentro das limitações da própria existência terrena. Esta amplitude está presentes nas ações benevolentes a que os humanos dedicam-se todos os dias, ainda que em seus parâmetros mais intrínsecos esteja guardado o egoísmo mais fino e a vaidade mais apurada. Porém, sem estes elixires, toda a máscara seria de-

¹³⁰ DOSTOIEVSKI, Feódor Mikhailóvitch. *Os Irmãos Karamázovi*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio editora, 1955. (3 vol.), p.1118-1119.

posta e sem o véu da hipocrisia a vida tornar-se-ia o mais árduo fardo, pesado ao extremo, chegando mesmo a tornar impossível a vida sob sua tutela. Assim, a inexistência de Deus e da crença na imortalidade provocaria uma condição de vida inviável para o gênero humano.

Tudo esta preleção nos permite questionar se na concepção de Dostoievski seria Deus e a imortalidade elementos capazes de manter viva a ética que equilibraria o Bem e o Mal e não exclusivamente o Bem em si mesmo? O que o autor quer colocar é que o homem deve sair de seu marasmo, de sua condição de agente passivo para uma condição ativa e sedutora perante a vida. Nestas palavras ele coloca que o ser humano respeita o seu igual por temor de um castigo superior ou por almejar uma vida de amor e perenidade pós-túmulo; e acaba, com isto, privando-se da que possui *ipso facto*. Não se trata de Deus existir ou não. Trata-se, apenas de não se ter mais um herói que salve o homem de si mesmo; este mesmo homem teria que desenvolver uma ética embasada em valores intrínsecos e orgânicos. E isto é um fardo por demais pesado para o ser humano carregar [*sozinho*]. Esta vida acabar-lhe-ia sendo um castigo; tornar-se-ia um animal ao invés de um deus. Não olharia mais para os céus porque não haveria nada mais para buscar ali, uma vez que o Sol e a Lua já foram-lhe privados como coisas sacras pela evolução do pensamento.

O paradoxal Jean Paul Sartre já vê na fala do clássico autor a mola do existencialismo. Segundo ele “Dostoievski escreveu: ‘Se Deus não existisse, tudo seria permitido’. Aí se situa o ponto de partida do existencialismo, com efeito, tudo é permitido se Deus não existe. [*Mas*], fica o homem, por conseguinte, abandonado, já que não encontra em si, nem fora de si, uma possibilidade a que se apegue. Antes de mais

nada, não há desculpas para ele”¹³¹, não há como dizer que não pode ser culpabilizado pelas ações de um criador sardônico que o fez ser assim. Será obrigado a assumir sua bondade e sua maldade como obras de sua própria mente doente e sadomasoquista.

Não haverá um ser a quem recorrer em busca de ajuda em seus dias de angústia, porque sua felicidade de tudo poder terminará em tristeza e frustração deste tudo poder sem limites. A vida social extinguir-se-ia num vazio existencial individual onde cada um temeria o poder absoluto e sem limites do outro. Viveriam em duelos constantes até não sobrar mais ninguém com quem guerrear e por fim suicidaria embalado pelo tédio da vida solitária e vazia de amigos e inimigos.

Tal vida extinta em sua existência é pelo fato de que antes de existir uma consciência há um corpo, do mesmo que antes da razão existe o instinto puro, deixando evidente que primeiro o ser existe, depois nasce e/ou implanta-se nele a essência. Portanto, “se, com efeito, a existência precede a essência, não será nunca possível referir uma explicação a uma natureza humana dada e imutável; por outras palavras, não há determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade. Se, por outro lado, Deus não existe, não encontramos diante de nós valores ou imposições que nos legitimem o comportamento [*fica vacante um objeto de identificação; ‘conditio sine qua non’ para a formação da moral humana*].”¹³²

¹³¹ SARTRE, Jean Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. São Paulo: Abril cultural, 1973, p.15.

¹³² *Ibid.*

Assim como a criança pequena teme ser descoberta em suas travessuras pelos pais e ser castigada, quando adultos possuímos o mesmo sentimento com relação a Deus. Se perdemos este vínculo pueril “não temos nem atrás de nós nem, diante de nós, no domínio luminoso dos valores, justificações ou desculpas. É o que traduzirei dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado porque não se criou a si próprio, e, no entanto, livre porque, uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer.”¹³³

Porém, jamais assume esta tal responsabilidade sempre sentindo-se um menino que pode jogar a culpa em todos à sua volta. Sem um criador ao qual possa imputar a sua liberdade de ação, tendo que arcar com ela torna-se um doente mental desequilibrado e perdido em meio a um mundo incapaz de controlar e desta forma perde-se totalmente o controle porque na possibilidade de inexistência de um Criador, de um grande ser moral, o homem não se vê um degenerado, nem mesmo um abominável, mas sim um daqueles homem-deus aos quais tudo é possível, mas que não tem, ao mesmo tempo, o menor senso de plausibilidade, de discernimento, cabendo-lhe, como fim último pela sua condição o isolamento social. Na concepção de Sartre, o homem sem Deus é como um navio sem timoneiro, entendendo desta expressão que fica sem um governo, uma direção, alguém que seja capaz de guiá-lo ou mesmo conduzi-lo. É difícil, em nossa cultura até mesmo imaginar uma criatura que fosse capaz de viver nestas condições.

Sartre dividia-se entre as questões existencialistas mais frias e uma religiosidade de princípios educacionais. Diferente-

¹³³ SARTRE, Jean Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. São Paulo: Abril cultural, 1973, p.15.

mente dele, muitos outros filósofos desta corrente de pensamento exclui qualquer ação que envolva a fé em um ente sobrenatural deixando ao homem a obrigação de viver sob suas próprias leis. Desta forma, “o Existencialismo coloca da maneira mais crua a questão da *imanência*, isto é, nada existe acima do humano com que o homem possa contar para ordenar o seu mundo e para orientar as suas ações”¹³⁴ o que é um risco iminente de criar um louco desordenado e uma projeção negativa de valores, porque um ser humano entregue a si próprio é um ser sem qualquer direção e segurança em sua vivência. Esta é uma carga por demais pesada que é dada a um ser humano em que fica condicionado a responder por seus atos de maneira solitária, ou seja, “é apenas diante de si mesmo que ele deverá construir seus critérios e suas justificações. A liberdade não é uma forma de Deus testar o homem, é a forma de o homem existir, é o dado primeiro, não há critérios anteriores de como utilizá-la, ela se faz na continuidade dos atos que a exprimem, cada vez que o homem se projeta na construção de si mesmo.”¹³⁵

Condição que o permite arriscar e conseqüentemente, errar e também acertar não podendo sob nenhuma hipótese ser punido pelas suas aventuras para fora dos mores sociais, considerando que a sua vida traduz-se, por si só em alguma coisa que pode dar certo, mas que também pode dar errado, partindo não só de suas escolhas como também das escolhas dos outros que entrecruzam o caminho alheio.

Pelo fato de viver em um ambiente social, partilhado com outros, em que seus direitos são limitados pela presença

¹³⁴ LEOPOLDO e SILVA, F. Da ética filosófica à ética em saúde. In: COSTA, S. I. F.; GARRAFA, V.; OSELKA, G., coord. *Iniciação à bioética*. Brasília: Conselho Federal de Medicina, 1998, p.30.

¹³⁵ *Ibid.*

deste tem-se que “a liberdade é um fardo, como foi o destino para o homem antigo. É isto o que significa dizer que a existência vem antes da essência e que o homem está condenado a ser livre.”¹³⁶

De forma que ao declarar-se livre torna-se responsável por tudo quanto realizar por estar de posse desta tal liberdade. Pode abrir mão dela por haver cometido um erro ao agir, mas não pode dizer que não teve opção de escolha ou que foi tolhido do poder de decisão. E é este fato de ter que arcar com seus ônus que tem levado a todos a um estado de agitação e neurose sem fim, porque decidir é não ter mais como voltar atrás e corrigir e toda decisão equilibra-se entre o certo e o errado, o positivo e o negativo ao mesmo tempo em que esta insegurança sobre o devir e aquilo que pode vir a ser provoca o medo e a instabilidade no indivíduo.

Somente um esquizofrênico poderia dizer que um mundo sem a existência de Deus e da imortalidade é um mundo ideal. Isto porque este indivíduo vive em seu mundo perfeito e harmônico onde não existe ninguém mais para além nem para alguém dele próprio. Mas, o restante das pessoas depende desta crença para poderem viver com tranquilidade, uma vez que não crêem na bondade inata dos seus companheiros.

Ao dizer ‘que tudo seria permitido’ caso Deus não existisse, Dostoiévski levanta uma questão sobre a condição humana e não uma mera querela religiosa. Sua relevância fica marcada e expressa no campo da Antropologia Cultural, no campo da ética. O autor era um anarquista, um niilista, para

¹³⁶ LEOPOLDO e SILVA, F. Da ética filosófica à ética em saúde. In: COSTA, S. I. F.; GARRAFA, V.; OSELKA, G., coord. *Iniciação à bioética*. Brasília: Conselho Federal de Medicina, 1998, p.30.

ser mais exato. Deus, para ele, representava o sistema, simbolizando as leis, os costumes, a moral, a ética. Logo, não havendo-os não haveria opressão, o homem seria livre; a inexistência de Deus representava a possibilidade do mundo anárquico pregado pelos *hippies*.

Na passagem onde o Diabo diz que 'já que Deus e a Imortalidade não existem' este novo homem tudo pode, ou seja, o homem da moral, o escravo do sistema, este que vive para o *postmortem*, para o além-vida, para ao além-túmulo, seria capaz, ou melhor, poderia viver para o hoje, para o seu *self*. Nada acontece na vida do homem pela vontade divina. A clínica psicanalítica com neuróticos tem mostrado que esta fala é para aliviar a culpa de ter tomado decisões erradas. Todo homem tem uma opção na vida; toda decisão é produto de uma opção pessoal [*inalienável e intransferível*]. Porém, sendo o homem livre, com que autoridade algum poder pode proibi-lo de errar? Tudo que ocorre na vida é gerida pela vontade dos próprios humanos... Na Grécia, as Moiras eram deusas que habitavam acima dos deuses e estes eram submetidos à sua vontade soberana, inexorável e inapelável e em consequência os homens eram submetidos à vontade suprema dos deuses.

Com o cristianismo e a interpretação *ad absurdum* da passagem dos evangelhos que diz que nenhuma folha cairá das árvores sem que Deus assim o permita fez com que todos se curvassem à vontade inquestionável do Deus hebreu. Mas os textos usam a palavra permissão e não desejo.

Eis uma questão bem complexa: se tudo de bom e de ruim que acontece na Terra, é porque Deus assim o permite, então ele é cúmplice no processo. Se for porque ele assim o deseja, isto o faz um sarcástico, idêntico aos deuses primiti-

vos. Uma mulher certa vez confidenciou que se fosse por sua vontade não teria nascido mulher, não teria se casado, não teria se tornado mãe. Das três situações, apenas o seu gênero sexual não dependeu de sua opção pessoal. Para Nietzsche, “todos os seres humanos são inocentes de sua existência!”¹³⁷, afinal ele não pede nem tem escolha de vir a este local; simplesmente é jogado nele; não escolhe os laços sanguíneos; algumas pessoas assumem a total responsabilidade ou irresponsabilidade sobre o novo rebento que é apresentado a este mundo como o local aonde passará toda a sua vida; como será tratado por este não tem resposta...; se será aceito, também é uma condição obscura...; se será feliz ou não, é um problema só seu, que caberá unicamente a si próprio decidir...

Ainda dizem-lhe que deve aceitar as condições que são-lhe impostas por tratar-se da vontade divina. Se aceita com fé e alegria será feliz, caso não, será eternamente infeliz porque nada pode fazer contra a vontade divina. No passado era uma vítima indefesa e assustada do destino. Mudou-se tão somente de carrasco.

Deus é um símbolo totêmico que representa o estrangulamento da liberdade humana. E o sucedâneo de Deus na Terra é o pai; logo é a morte simbólica deste que caracteriza a emancipação do filho, que torna-se, a partir de então, um novo homem, dotado de poder para ser livre. Mas Spinoza ressalva que a noção de livre arbítrio dos seres humanos provém do fato de ignorarem as forças secretas que os regem. Na miserável cultura ocidental judaico-cristã, baseada em valores medíocres, vazios de sentido, Deus é símbolo de

¹³⁷ NIETZSCHE, F. *Para Além do Bem e do Mal*. São Paulo: Martin Claret, 2006, p.84.

repressão. Logo, se esta força repressora é banida ou se for transformada em um símbolo de permissão ou de motivação *[para o Bem e/ou para o Mal, e assim voltamos à infinita questão da liberdade individual como 'conditio sine qua non']* então tudo se torna valor, tudo passa a ser permitido. A sedução de poder realizar o que se bem quer sem nenhum empecilho é por demais aliciadora para uma criatura que veio dos prados, acostumado à vida nas vastas savanas.

Sartre afirmou que o homem é um ser condenado a ser livre. Sendo assim se é condenado está sujeitado a infringir os *códices legis* e a matar o seu símbolo totêmico, assumindo o seu lugar. À verdadeira liberdade humana subentende-se que se possa fazer o que quiser, mas, o homem só será, potencialmente, livre quando tiver a liberdade de decidir sobre o que não quer realizar, quando decidir sem a menor das pressões do seu meio.

Referente a isto, Nietzsche escreveu que, “nas épocas mais remotas da humanidade durante o período mais longo, houve um remorso bem diferente daquele de hoje. Nos dias de hoje o homem só sente responsável daquilo que quer e que faz, e o orgulho só deriva daquilo que tem em si: todos os nossos juristas partem deste sentimento de dignidade e de prazer próprio do indivíduo, como se a fonte do direito tivesse jorrado disso desde sempre.”¹³⁸

Os pré-socráticos criaram a noção de indivíduo, indivisível, ao mesmo tempo único e a era atual tem isto com muita propriedade. Os habitantes da polis defendiam a cidade como sendo parte dela, porque para ele viver fora dali era um tormento que perduraria por toda a eternidade, uma vez que

¹³⁸ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Aurora*. São Paulo: Escala, 2006, p.124.

sua alma não repousaria em paz. “Durante o período mais longo da humanidade, não houve nada mais terrível que sentir-se isolado. Ser só, sentir como isolado, não obedecer, não dominar, ser um indivíduo – não era então um prazer, mas uma punição: estava-se condenado a ser “indivíduo”. A liberdade de pensar era considerada como o desprazer por excelência. Enquanto nós sentimos a lei e a ordem como uma coação e um prejuízo, outrora se considerava o egoísmo como uma coisa penosa, como um verdadeiro mal. Ser si mesmo, avaliar-se a si mesmo de acordo com suas próprias medidas e pesos – era coisa que passava por inconveniente.”¹³⁹

Neste período relatado por Nietzsche, neste aforismo, a religião dominava a toda vida humana em suas minúcias e nenhum homem sentia-se subjugado pela lei. Ele a obedecia em nome dos seus manes que o protegiam como ele um dia protegeria os seus filhos e netos. Tudo era para a guarda e proteção do lar e da polis. Não havia propriedade privada, individual e muito menos a negação do social como forma de garantir a suprema felicidade individual. Daí ele afirmar que “uma inclinação demonstrada neste sentido teria passado por loucura: pois toda miséria e todo temor estavam ligados à solidão. O “livre-arbítrio” era muito próximo da má consciência: quanto mais se agia de forma dependente, mais o instinto de rebanho, e não o sentido pessoal, se manifestava na ação, mais o indivíduo se considerava moral. Tudo o que prejudicava o rebanho, quer o indivíduo o tivesse querido ou não, lhe causava então remorsos - e não somente a ele, mas também a seu vizinho ou mesmo a todo rebanho!”¹⁴⁰

¹³⁹ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Aurora*. São Paulo: Escala, 2006, p.124.

¹⁴⁰ *Ibid.*

Isto porque o deus protetor cuidava de manter a polis segura, logo, se alguém incorresse em *hybris* poderia trazer a ira do guardião contra todos. Daí que a ofensa pessoal era interpretada como um agravo social. O pai quando morria era transformado em um deus protetor do lar, tamanho era o seu poder. E, o que sempre conferiu poder ao pai é o discurso da mãe que afirma aos filhos por meio do qual ele é 'senhor', o soberano da família. A lei é um fantasma; ela está contida no discurso, mas o poder está naquele que profere o discurso, porque ele recebeu este poder de um ente superior dotado de autoridade para tal. Logo, o filho só se torna poderoso em seu discurso, ou melhor, este só alcança poder, quando se emancipa, ou seja, quando o discurso do pai confere-lhe tal poder.

Na concepção dostoiévskiana, os humanos viveriam uma vida idílica, sem regras, o que reverberaria a passagem do homem da moral para o homem da ética. Mas, em contrapartida Rousseau escreveu que se todos os homens fizessem o que bem entendem não haveria liberdade. "Se a Liberdade consistisse em fazer o que se quer, homem algum seria livre", expressa ele, em 1762. Obviamente viveria sob os desígnios do desejo, da vontade soberana de mostrar que era livre e neste jogo de interesses complexos ele seria um eterno neurótico.

Mas o homem dostoiévskiano não seria [*nem precisaria*] ser vigiado nem punido por uma força invisível onipresente, onipotente, onisciente. Nem faria valer seus valores em prol de uma vida maravilhosa no além-túmulo. Este homem estaria mais para o Zaratustra nietzschiano, para o dionísio; ele que não se negaria à vida, "eis a vida, então vamos à vida", uma vez que ele é produto da ética.

Freud também afirmou que a verdadeira Psicanálise começa após a morte do pai. Mas, o escritor russo só quis afirmar que um mundo sem leis, regras, tradições, sem *mores* deixaria o homem em plena liberdade, pois poderia fazer tudo o que quisesse e não seria massacrado pelo pior de todos os males que assola a alma humana: a esperança.

Mas o herói de Dostoiévski resiste, simbolizando o homem normal que não quer responsabilidades, que quer continuar a responsabilizar tanto a Deus quanto ao Diabo pelas suas alegrias e mazelas [*em um regime de alternância e de acordo com a ocasião*].

Sartre fala ainda que “quando os professores franceses tentaram constituir uma moral laica, disseram mais ou menos o seguinte: Deus é uma hipótese inútil e dispendiosa; vamos suprimi-la: porém, é necessário – para que exista uma moral, uma sociedade, um mundo policiado – que certos valores sejam respeitados e considerados como existentes *a priori*; é preciso que seja obrigatório, *a priori*, ser honesto, não mentir, não bater na mulher, fazer filhos etc., etc. Vamos, portanto, realizar uma pequena manobra que nos permitirá demonstrar que esses valores existem, apesar de tudo, inscritos num céu inteligível, se bem que, como vimos, Deus não exista.”¹⁴¹

Esta é uma utopia sem precedentes porque é impossível a um homem viver sob seu próprio código moral e respeitar todos os conceitos expostos sem uma força mais poderosa que sua sutil inocência acerca dos direitos alheios e as obrigações sociais. Não trata-se de ser Deus uma idéia desne-

¹⁴¹ SARTRE, Jean Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. São Paulo: Abril cultural, 1973.

cessária, a idéia de sua existência é um elemento que colabora na ordem e manutenção social. É um risco muito grande querer destruir um totem criando um vácuo e não oferecendo nada que possa ocupar o espaço vazio deixado. “Por outras palavras, a inexistência de Deus não mudará nada; reencontramos as mesmas normas de honestidade, de progresso, de humanismo; é extremamente incômodo que Deus não exista, pois, junto com ele, desaparece toda e qualquer possibilidade de encontrar valores num céu inteligível; não pode mais existir nenhum bem *a priori*, já que não existe uma consciência infinita e perfeita para pensá-lo; não está escrito em nenhum lugar que o bem existe, que devemos ser honestos, que não devemos mentir, já que nos colocamos precisamente num plano em que só existem homens.”¹⁴²

É neste pórtico que encontra-se o elemento mais decisivo acerca do laicismo em que a religião conseguiu dominar os homens do passado e tem uma infinita dificuldade em domar os contemporâneos. Os homens de era antiga cria, cegamente, que os deuses falavam consigo, que mandavam mensagens e os protegiam. Houve o que Eliade Mircea chamou de ócio de Deus no mundo contemporâneo, em que a figura soberana da qual todos esperam proteção não garante mais tal seguridade, permite guerras, fome, assassinatos e outras atrocidades. E assim, todos perguntam: onde está Deus que nada faz para impedir tais mazelas contra a humanidade? Não há como fazer nada porque como o condenaram a uma condição obsoleta e para piorar a situação passaram a crer que toda a bondade é inata no ser humano, deixam para a própria natureza despertar tais sentimentos

¹⁴² Cf. SARTRE, Jean Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. São Paulo: Abril cultural, 1973.

em uma fera que somente conhece o ódio e a força bruta como formas de sobrevivência. O resultado é um mundo caótico e sem esperança.

Outro ponto para o ceticismo em relação à existência de Deus é o avanço das ciências que tem como provar, por meios empíricos, as dúvidas dos querelantes. Tal situação gerou uma condição de superpoder para os cientistas que na iminência da infinita curiosidade humana vê-se obrigada a dar respostas para aqueles que antes buscavam no divino (por meio da religião) e no senso comum. Pior que estas figuras não foram educadas para compreender o tempo e a forma de busca científica que, por mais fantástica que seja suas explicações estas estão sob o jugo, análise e interpretação dos pares e sujeitas a avanços em suas investigações o que produz novos entendimentos científicos e sociais.

Na aventura humana de viver, quer como figura isolada e abandonada quer protegida por uma força miraculosa misteriosa e invisível o mais profundo “o homem, na Terra, não vive uma só vez, vive três: a primeira etapa da vida é um sono contínuo; a segunda, um alternar de sono e vigília; a terceira, uma eterna vigília. Na primeira etapa vive ele solitário na treva. Na segunda vive em sociedade, mas isolado, junto aos outros, numa luz que a superfície lhe reflete. Na terceira, sua vida se enlaça com a das outras almas para uma existência no mais alto espírito, e passa a contemplar a essência das coisas imortais.”¹⁴³

A vida humana inteira passa na mais completa e absoluta solidão. Em raros momentos acredita estar imerso em um

¹⁴³ Fechner, G. citado por BENEVIDES, Walter. *Conversas de Médico*. São Paulo: Cátedra/MEC, 1976, p.35-36.

mundo que é povoado por outras pessoas e parte desta crença é capaz de sustentá-lo na sua luta pela busca da felicidade e do amor de seus pares, algo muito importante [para não dizer essencial] à manutenção de sua sanidade. O desenvolvimento humano dá-se de tal maneira que “na primeira etapa o corpo se desenvolve a partir do embrião e cria os instrumentos para a segunda; na segunda o espírito se desenvolve a partir do embrião e cria os instrumentos para a terceira; na terceira desenvolve a divina semente que jaz no íntimo de todo homem e desabrocha então, mercê de pressentimentos, da fé, da sensibilidade e do instinto da espécie, num Além que para nós é sombrio, mas é claríssimo para esses espíritos da terceira fase.”¹⁴⁴

Tal fala traduz-se numa crença na imortalidade, o que garante um modesto, porém, duradouro amor ao destino fazendo com que os humanos lutem até mesmo contra o invisível para manterem-se na liça. Do nascimento à morte há um intervalo consciente e é somente isto porque antes deste hiato não se sabe o que passou e muito menos depois. O que tem-se como garantia é que quando as pessoas que rodeiam a criança a desejaram ela já é amada muito antes de nascer e continuará a ser mesmo depois de partir. Mas isto é algo que todos só vem a descobrir muitos anos depois de ter nascido. “A passagem da primeira para a segunda etapa chama-se nascimento; a da segunda para a terceira chama-se morte. O caminho que tomamos para passar da segunda para a terceira etapa não é mais [nem menos] obscuro do que o que trilhamos para passar da primeira para a segunda”¹⁴⁵ tendo clara consciência de que continuamos ignorantes do que poderá vir a ser de nossas vidas ainda

¹⁴⁴ Gustav Fechner citado por BENEVIDES, Walter. *Conversas de Médico*. São Paulo: Cátedra/MEC, 1976, p.35-36.

¹⁴⁵ *Ibid.*

que continuemos a batalhar dia e noite para fazer acontecer nosso desejo [*supostamente*] consciente de vida.

Das três momentos da vida explanados por Fechner temos que “um leva à contemplação exterior, o outro à visão interior do mundo. Mas assim como a criança, na primeira etapa, ainda é cega a todo o brilho e a toda a música da segunda, e o nascimento lhe dói ao deixar o ventre materno, e ela sofre, havendo um momento durante o parto em que ela sente como morte a destruição do seu ser anterior antes de despertar para o novo ser externo, _ da mesma forma nós, durante a nossa existência atual, em que toda a nossa consciência se acha unida ao estreito corpo, nada sabemos do esplendor, da música, do sublime, da liberdade que é viver na terceira etapa, e consideramos facilmente a obscura passagem que para lá nos leva como um beco sem saída. Mas a morte é apenas um segundo nascimento para uma existência mais livre, onde o espírito rompe o seu exíguo envoltório, abandonando-o a decompor-se, como faz a criança com o seu ao nascer.”¹⁴⁶

Em cada etapa do seu desenvolvimento vai necessitar de ordenamento moral. E quer gostem quer não, a religião une os homens em torno de uma crença de igualdade. O ser humano é a única criatura que chora ao nascer, dado que caso não fizesse isto, morreria sem os cuidados necessários, uma vez que vem totalmente incauto ao mundo. Necessita dos pais para tudo em seus primeiros anos de vida e mesmo após a sua suposta maturidade física, que não é acompanhada por uma maturidade psicológica. E Durkheim, complementa esta fala dizendo que, “para que estejamos autorizados a prescindir das religiões é preciso que tenha-

¹⁴⁶ *Ibid.*

mos razões suficientes para crer que podemos cumprir essa tarefa melhor ou tão bem quanto elas. É necessário que tenhamos motivos para acreditar que somos capazes de prestar os mesmos serviços e, por conseguinte, nossa primeira preocupação deve ser buscar quais são os serviços que as religiões têm prestado, de modo que possamos perceber se estamos em condições de satisfazer às mesmas necessidades, mesmo que de outra maneira”¹⁴⁷, o que pode ser considerado um Trabalho de Sísifo que em muito pouco tempo passa a ser considerado enfadonho e infrutífero dada o terrível estado de ansiedade em que vive os mortais.

No passado toda a educação moral e a cultura estavam ligadas, diretamente, à Religião onde ela coordenava toda a vida humana, mesmo em suas mais intrínsecas minúcias. Não era ela quem criava as leis, ela era e fazia-se lei. “Enfim, vocês podem compreender que a aliança selada antigamente entre a moral e a religião não pode ser apenas o produto de uma interpretação do homem. Há séculos as idéias morais têm se abrigado nas idéias religiosas e, durante muito tempo, moral e religião foram confundidas. Pois bem, uma afinidade tão estreita entre essas duas espécies de idéias, entre essas duas classes de concepções, deve, evidentemente, corresponder a algo real; deve, evidentemente, em alguma medida, fundar-se na natureza das coisas.”¹⁴⁸

As palavras de Emilé Durkheim lembram bem a atitude tomada pelo Marquês de Pombal quando da expulsão dos jesuítas das terras brasileiras. Não preconizou-se um ensino que substituísse o que estava em gestão. O resultado foi um

¹⁴⁷ DURKHEIM, Emilé. O Ensino da Moral na Escola Primária. In: *Revista Novos Estudos*, n. 78. [s.l.], Julho de 2007, p.62-63.

¹⁴⁸ *ibid.*

longo hiato e uma porta aberta para explorações de bufões que apenas mudaram a máscara.

Dostoievski disse que para o homem ser livre basta destruir, na humanidade, a idéia de Deus. Mas, não é Deus quem limita a liberdade humana; é a presença do outro. E este outro pode ser real tanto quanto surreal; porquanto os limites para a ação humana subsistam *[independentemente da existência física do outro]*.

A frase célebre de Dostoievski “se Deus não existisse tudo seria permitido”, encaixa-se, perfeitamente, no esquema da experiência nazista. Hitler, meramente, declarou aos seus cientistas que eles poderiam fazer o que quisessem. Não haveria leis, nem ordens, nem proibições, nem sanções quaisquer que os punissem; ali, Deus existia, porém, ele se imiscuiu de sua autoridade; ou se quiser melhor situar no tempo, ele a delegou para o *Führer* que a delegou a seus cientistas e os garantiu que não interviria em favor dos fracos e oprimidos.

A religião surge com a missão de unir em torno de um núcleo comum o que antes estava disperso e impossibilitado de garantir a sobrevivência da espécie. Mesmo que, como teoriza Freud surgiu um macho-alfa entre o grupo e este declarou-se líder ainda havia necessidade da existência de um elemento de coesão. Sua autoridade se não foi questionada imediatamente, o seria em um tempo relativamente curto. A inveja é um sentimento inato no ser humano e muito para além dela há ainda outro problema de difícil solução: “o vínculo social não é fácil de ser estabelecido entre seres humanos tão diversos, tão livres, tão inconstantes *[como são]*. Para dar-lhes regras comuns, para instituir decretos e fazer aceitar a obediência, para obrigar a paixão a ceder à

razão, e a razão individual à razão pública, é certamente indispensável que exista algo mais forte que a força material, mais respeitável que o interesse, mais seguro que a teoria filosófica, mais imutável que uma convenção, algo, enfim, que exista igualmente no fundo de todos os corações e nestes se imponha com autoridade. E isto é a crença. Nada de mais poderoso existe sobre a alma.”¹⁴⁹

E é este poderoso elemento que permite a coesão social mesmo entre criaturas detentoras de interesses tão distintos e egoístas e de igual forma garante a obediência ao líder espiritual porque crêem que seu poder não é deste mundo, é dado por um ser infinito e imortal que não pode ser visto, mas tal não importa, a fé em sua existência já é o suficiente para que sintam-se seguros. Não há necessidade de nenhuma outra bússola tangível capaz de o guiar.

“A crença é obra do nosso espírito, mas não encontramos neste a liberdade para modificá-lo a seu gosto. A crença é de nossa criação, fato que o ignoramos. É humana, e julgamo-la sobrenatural. É efeito do nosso poder, e é mais forte que nós. Está em nós, não nos deixa e nos fala a cada instante. Se nos manda obedecer, obedecemos; se nos indica deveres, submetemo-nos. O homem pode dominar a natureza, mas está sempre sujeito ao seu próprio pensamento.”¹⁵⁰

São tais condições humanas que permitem aos humanos viverem sob um mesmo espaço em harmonia com os outros e consigo mesmo. Mesmo que nos últimos tempos a fé tenha estado na UTI e a crença anda em situação precária, é

¹⁴⁹ COULANGES, Fustel de. *A Cidade Antiga*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p.143.

¹⁵⁰ *Ibid.*

graças a estas forças que jazem no inconsciente humano as quais é dada uma aceitação sobrenatural que a humanidade sobreviveu até os dias atuais.

A deusa Palas Athená disse na obra *Agaménon* que basta um dia ruim na vida para que o homem entregue-se a sua loucura mais crua. Mas se assim fosse tão simplesmente não haveria mais pessoas em condições saudáveis de sanidade no mundo. Ao contrário, todos têm vários e, às vezes, incontáveis dias ruins ao longo de suas vidas, porém, é a crença de que tudo poderá e irá melhorar é o elixir que faz com que as pessoas acreditem e continuem as suas batalhas indefinidamente, crendo que vencerão e que viverão para desfrutar delas.

Isto tudo é o que contribui para que os seres humanos respeitem as regras impostas a si pela cultura, a educação e a sociedade e apresentem e mantenham posturas éticas. Interessantemente, nada disto pode ser visto ou tocado, no máximo, sentido.

VI

O SENTIDO EPISTEMOLÓGICO DA FRASE DE NIETZSCHE: *DEUS ESTÁ MORTO*

Diferentemente de Dostoievski, que supôs a existência de um mundo sem a existência de um ente superior, Frederico Nietzsche afirmou, categoricamente, que 'Deus está morto!' E disse ainda que os homens o havia matado [*ou seja, o desejo dostoiévskiano foi realizado*].

O que ele coloca em pauta é que o homem perdeu o equilíbrio que o mantinha nos trilhos. Considera que o homem da ética passou para o jugo da moral decadente, começou a fazer guerras, escravizar seus iguais, mentir pelos motivos mais fúteis, estuprar, matar, perjurar...

Quando o homem começou a sentir-se senhor de tudo não demorou muito para despertar e a dar asas à fera que trazia guardada em seu íntimo e, segundo Coulanges tão logo a religião perdeu seu domínio sobre o homem este enveredou-se em guerra contra os seus vizinhos e quando se esgotaram os seus inimigos externos, ele virou-se contra os seus concidadãos¹⁵¹ e começou uma guerra sem precedentes que perdura até os dias atuais; muitas delas em nome de Deus e da fé.

Não dá para compreender como que uma criatura frágil e indefesa transformou-se em um monstro assassino e sedento de sangue que não mede esforços em perseguir o que quer que rasteje. Seu *frenesi* não é tão somente pela busca por poder e domínio, há algo como uma necessidade de satisfação sádica que por mais que seja alimentada mais ela

¹⁵¹ Cf. COULANGES, Fustel de. *A Cidade Antiga*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

cresce num ritmo exponencial. Foi por causa deste sentimento incontrolável pelo próprio indivíduo que criou-se leis e costumes tão severos. E os seres humanos da Antiguidade os respeitavam à risca mesmo em um tempo em que os preceitos legais não eram tão evoluídos quanto o são na atualidade. Daí partir para a compreensão do pensamento nietzschiano de que “se compararmos nossa maneira de viver com aquela da humanidade durante milhares de anos, constataremos que nós, homens de hoje, vivemos numa época muito imoral: o poder dos costumes enfraqueceu de uma forma espantosa e muito perigosa! - Qual é o homem mais moral? *Em primeiro lugar*, aquele que cumpre a lei com mais freqüência: por conseguinte, aquele que, semelhante ao brâmane, em toda a parte e em cada instante conserva a surpreendente e o sentido moral sutilizou e se elevou de tal modo que podemos muito bem dizer que se volatilizou.”¹⁵²

Perdeu-se no espaço e no tempo porque colocaram a moral acima de todos os valores individuais, tornando-se mesmos intransigentes e cegos às necessidades e fraquezas humanas o que veio a gerar arbitrariedades e quanto mais uma sociedade eleva seu grau de opressão sobre seus membros mais ela torna-se mal vista por estes mesmos indivíduos que em tempos não muito distantes clamavam por maior rigor na aplicação das leis. Sempre há que ter uma justa medida na aplicação dos castigos e tal é coisa que não houve por muito tempo na história, se, por acaso, ocorreu. “É por isso que nós, homens tardios, tão dificilmente penetramos nas idéias fundamentais que presidiram a formação da moral e, se chegarmos a descobri-las, rejeitamos ainda em publicá-las, tanto nos parecem grosseiras! Tanto aparentam caluniar a moralidade! Veja-se, por exemplo, a *proposição*

¹⁵² NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Aurora*. São Paulo: Escala, 2006, p.23-26.

principal: a moralidade não é outra coisa (portanto, antes de tudo, nada mais) senão a obediência aos costumes, sejam eles quais forem; ora, os costumes são a maneira *tradicional* de agir e de avaliar.”¹⁵³

Eles podem ser interpretados como a repetição de atos criados por alguém estranho aos homens do presente, mas que impedidos por alguma força mais poderosa de questionar os porquês continuam a agir como a lei manda, como os deveres mandam e da forma como todos querem que assim seja. No passado a obediência aos velhos costumes garantia a proteção dos manes; na atualidade, esta mesma doença garante a comunhão com o poder regido pelo dinheiro e pela força bruta mascarada por meio do discurso político e igualitário.

E este mesmo processo é a causa da ruína da situação social, porque tenta-se igualar as pessoas por meio de manobras lingüísticas fantásticas e mirabolantes. Começam dizendo que todos são iguais porque são filhos do mesmo pai simbólico. Não funcionando ou perdendo seu *statu quo* começam a dizer que todos são iguais na diferença e assim que tal falácia perde o seu poder começam a tentar a igualar a todos por meio do discurso de que todos são diferentes. Por fim, já sem mais argumentos criam uma nova situação que possa servir de modelo para desviar o foco do problema e mesmo deste.

Todo o discurso sobre alguma coisa nasce do costume de discutir qualquer coisa que alguém julgue pertinente fazê-lo, não porque seria benéfico a algum conjunto de cidadãos. E, parece que sempre foi assim, porque mudam somente os

¹⁵³ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Aurora*. São Paulo: Escala, 2006, p.23-26.

palhaços, o circo continua mostrando o mesmo espetáculo ridículo e sem graça.

E assim tem de ser porque “em toda [e *qualquer*] parte onde os costumes não mandam, não há moralidade; e quanto menos a vida é determinada pelos costumes, menor é o cerco da moralidade.”¹⁵⁴

Este é o mundo atual onde os humanos afastaram-se de seus deuses benevolentes e perderam o contato com a tradição. O homem primitivo e da Antiguidade respeitava os moldes de suas tribos e ancestrais à risca; tudo para ele era sagrado; nada era possível sem a permissão dos seus manes. No processo evolutivo tudo isto desfez-se como papel na água e os homens contemporâneos obedecem tão somente ao poder e este flutua de mão em mão de acordo com a quantidade de dinheiro que possui ou quanto menor o grau de caráter dos envolvidos na questão. Surge o quesito do “ter é poder”, logo quem tem mais pode mais, manda, opina, decide, calunia, confronta e segue seu trajeto como se tudo fosse a coisa mais normal que o mundo conhece. Se é assim é porque o criador o permite que assim seja. Logo, questionar tal ordenamento é um ato imoral.

Friedrich Nietzsche complementa este pensamento com a afirmação de que “o homem livre é imoral, porque em todas as coisas *quer* depender de si mesmo e não de uma tradição estabelecida: em todos os estados primitivos da humanidade, “mal” é sinônimo de “individual”, “livre”, “arbitrário”, “inabitual”, “imprevisto”, “imprevisível”.¹⁵⁵

¹⁵⁴ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Aurora*. São Paulo: Escala, 2006, p.23-26.

¹⁵⁵ *Ibid.*

Estas figuras passam a ser chamadas de livres pensadores utilizando uma expressão mais fina e de um modo pejorativo são chamados de liberais que transmutam para libertinos, uma vez que confundem o pensamento intelectual livre com opiniões de cunho sexual indo em confronto com a moral libidinosa que rege a cultura judaico-cristã.

E tal situação acontece não é somente com os valores atuais da sociedade. Os povos primitivos também sentem esta angústia uma vez que “nesses mesmos estados primitivos, sempre segundo a mesma avaliação: se uma ação é executada, *não* porque a tradição assim o exija, mas por outros motivos (por exemplo, por causa de sua utilidade individual) e mesmo pelas razões que outrora estabeleceram o costume, a ação é classificada como imoral e considerada como tal até mesmo por aquele que a executa: pois este não se inspirou na obediência para com a tradição.”¹⁵⁶

O horror que este indivíduo causa é porque age de maneira diferente de todos os outros. Por este motivo é considerado como subversivo e alvo de críticas quando não do ódio social. Mas eis a pergunta: que poder tem e exerce a tradição sobre a mente humana que força-a a seguir um padrão que nem ao menos sabe de onde veio e muito menos para onde segue?

Nietzsche elabora uma pergunta mais ampla: “E o que é a tradição?” Ele mesmo responde que ela caracteriza como sendo “uma autoridade superior à qual se obedece, não porque ordene o *útil*, mas porque *ordena*. - Em que esse sentimento da tradição se distingue de um sentimento geral do medo? É o temor de uma inteligência superior que orde-

¹⁵⁶ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Aurora*. São Paulo: Escala, 2006, p.23-26.

na, de um poder incompreensível e indefinido, de alguma coisa que é mais que pessoal - há *superstição* nesse temor.”¹⁵⁷

Há um conjunto de histórias macabras, maldições, toda uma gama de contos em que o desfecho foi terrível contra aquele que desobedeceu aos paradigmas, ou seja, ultrapassou seu *métron*, incorrendo em *hybris*. A mitologia e, posteriormente, a tragédia grega são exemplos clássicos deste tipo de educação em que preocupava-se na manutenção da tradição existente. “Na origem, toda a educação e os cuidados do corpo, o casamento, a medicina, a agricultura, a guerra, a palavra e o silêncio, as relações entre os homens e as relações com os deuses, pertenciam ao domínio da moralidade: esta exigia que prescrições fossem observadas, *sem pensar em si mesmo* como indivíduo.”¹⁵⁸

Tudo era regido pela religião e por fórmulas sagradas repetidas pelos sacerdotes à risca. Os iniciados eram escolhidos entre as famílias nobres desde muito cedo para aprenderem e decorarem as velhas fórmulas e ordenamentos canônicos. Tudo dependia deste ritual sagrado que era repetido a cada ciclo da natureza como forma de religar o homem ao sagrado. Aqueles que habitavam a cidade encontravam-se todos sob a proteção do deus soberano desta. Ele protegia a todos, por este motivo que não havia indivíduo, havia um corpo social que era guardado por um guardião o qual reclamava o culto, oferendas e obediência às suas leis. “Nos tempos primitivos, tudo dependia, portanto, do costume e aquele que quisesse se elevar acima dos costumes devia tornar-se legislador, curandeiro e algo como um semi-deus: isto é,

¹⁵⁷ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Aurora*. São Paulo: Escala, 2006, p.23-26.

¹⁵⁸ *Ibid.*

deveria *criar costumes* - coisa de seu ato - as nuvens divinas e as explosões da cólera divina se acumularam sobre a comunidade - mas ela considera, no entanto, acima de tudo, a culpabilidade do indivíduo como culpabilidade própria *dela* e suporta lei presente no espírito de tal maneira que inventa constantemente ocasiões de obedecer a essa lei. *Em seguida*, aquele que cumpre a lei também nos casos mais difíceis.”¹⁵⁹

A lei era soberana nos tempos antigos. Não obedecê-la significava ser excluído do grupo ou exterminado a fim de redimir-se ante o nume ofendido e todo um ritual de purificação era organizado com o intuito de garantir a ordem na cidade. Todos respeitavam as leis não porque fosse ditada pelos deuses, mas por sua inflexibilidade ante os delitos. Ainda que houvesse um conflito interno este não era manifestado, daí surgir a crença de que o homem antigo vivia em paz com seus deuses e demônios. Na verdade, ele os temia e à sua fúria desmedida. Desrespeitar uma lei era condenar-se à morte iminente se este fosse o castigo prescrito por ela. Isto foi o que aconteceu a Remo, irmão de Rômulo, fundador da cidade de Roma. Enquanto seu irmão demarcava com o arado de bois o local onde seria erguida a cidade este pulos por sobre a relha, desrespeitando um velho costume. A lei dizia que para tal crime a pena imputada era a morte e ele foi executado sumariamente.¹⁶⁰

Deduz-se, assim, que “o mais moral é aquele que mais *sacrifica* aos costumes; mas quais são os maiores sacrifícios? Respondendo a esta pergunta, chega-se a desenvolver várias morais distintas; contudo, a diferença essencial continua

¹⁵⁹ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Aurora*. São Paulo: Escala, 2006, p.23-26.

¹⁶⁰ Vide COULANGES, Fustel de. *A Cidade Antiga*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

sendo aquela que separa a moralidade do cumprimento *mais freqüente* da moralidade do cumprimento *mais difícil*.”¹⁶¹

Exige-se cada vez mais do indivíduo maiores sacrifícios para que prove sua lealdade ao sistema. Isto não é um cumprimento do dever moral, é to somente uma demonstração fria de poder às custas do infeliz que foi educado para ser moral, ou melhor, para obedecer em nome de um regime e de uma fé que acredita ser verdadeira, mas que não é, somente abusa de sua força e utiliza algumas almas mais fieis para garantir a perpetuação do seu domínio sobre os demais.

Por este motivo Nietzsche dizer: “Não nos enganemos acerca dos motivos dessa moral que exige como sinal de moralidade o cumprimento de um costume nos casos mais difíceis! A vitória sobre si próprio *não* é exigida por causa das conseqüências úteis que tem para o indivíduo, mas para que os costumes, a tradição apareçam como dominantes, apesar de todas as veleidades contrárias e todas as vantagens individuais: o indivíduo deve se sacrificar - assim o exige a moralidade dos costumes.”¹⁶²

Toda exigência moral acaba por tornar-se arbitrária e as pessoas envolvidas nestas formas de costumes transformam-se em criaturas sádicas sempre elevando o grau de dificuldade das ações em nome de um sentimento de superioridade falando por aqueles que superaram os desafios. Torna-se o reino da ciranda fictícia do poder absoluto o que esconde nada mais que vaidades.

¹⁶¹ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Aurora*. São Paulo: Escala, 2006, p.23-26.

¹⁶² *Ibid.*

“Em compensação, esses moralistas que, semelhantes aos sucessores de *Sócrates*, recomendam ao indivíduo o domínio de si e a sobriedade, como suas *vantagens* mais específicas, como a chave mais pessoal de sua felicidade, esses moralistas constituem a *exceção* - e se vemos as coisas de outro modo é porque simplesmente fomos criados sob a influência deles: todos seguem uma via nova que lhes vale a mais severa reprovação dos representantes da moralidade dos costumes - eles se excluem da comunidade, uma vez que são imorais, e são, na acepção mais profunda do termo, maus. Da mesma forma que um romano virtuoso de velha escola considerava como mau todo *cristão* que “aspirava, acima de tudo, à sua própria salvação.”¹⁶³

O individualismo que passou a viver o ser humano após a criação do cristianismo foi entendida como um ato de imoralidade contra os costumes da época. Hoje, este sentimento já fluiu e ninguém importa-se mais em que cada qual queira a todo custo salvar a própria pele e viver uma eternidade sublime e feliz em um paraíso imaginário. Aliás, é tal coisa que garante um pouco de felicidade, para não dizer resignação por parte de uma gama muito ampla da população. Estes indivíduos, mesmo em conjunto vivem buscando a sua fé de maneira única, porque foi assim que Cristo os ensinou. Mas o Messias foi um ator que buscou confrontar os costumes de sua época. Não pode-se entender uma afronta a um sistema como um valor em si mesmo e, infelizmente, foi isto o que ocorreu com a fé Cristiana. Ela tirou o senso de comunidade para o senso de individualismo, o deus comunitário tornou-se o deus individual. As libações, as comidas foram substituídas por preces e jejuns sexuais.

¹⁶³ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Aurora*. São Paulo: Escala, 2006, p.23-26.

Perdeu-se, em grande parte, a consistência entre o pessoal e o social. Mesmo assim, “em toda a parte onde existe comunidade e, por conseguinte, moralidade dos costumes, reina a idéia de que a punição pela violação dos costumes recai em primeiro lugar sobre a própria comunidade: esta pena é uma punição sobrenatural, cuja manifestação e limites são tão difíceis de captar para o espírito, que os analisa com um medo supersticioso.”¹⁶⁴

Esta maldição pesando sobre o social é uma forma de controle adotado para que o grupo puna, exclua ou mesmo elimine o elemento infrator de seu meio sem que o sacerdote tenha que sujar suas mãos com uma ação que despertaria o ódio dos familiares contra si. Tudo não passa de manobras bastante geniosas em que o bem comum é utilizado como discurso ideológico para a manutenção do poder nas mãos de uns pouquíssimos oligarcas. Não há nada de sagrado nisto, apenas manipulação. E o que leva o filósofo alemão a colocar em xeque tudo isto é que Deus assistindo a tudo que passa-se com os pobres mortais esquecidos de sua graça não faz nada para mudar o quadro que, somente deteriorava-se a cada dia que passava. Primeiro era o discurso em nome da comunidade; depois em nome do progresso social; depois em nome da soberania; depois em nome da liberdade. Problemas que apenas ampliam-se e quanto mais dizia-se agir em busca de uma solução mais distantes e impossíveis tornavam-se tal evento para o homem comum.

Em nome de uma moral e sempre em seu nome “a comunidade pode obrigar o indivíduo a reparar, em relação a outro indivíduo ou à própria comunidade, o dano imediato que é a consequência de seu ato, pode igualmente exercer uma

¹⁶⁴ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Aurora*. São Paulo: Escala, 2006, p.23-26.

espécie de vingança sobre o indivíduo porque, por causa dele - como uma pretensa consequência sua punição como *sua própria* punição: “Os costumes estão relaxados”, assim geme a alma de cada um, “uma vez que tais atos se tornaram possíveis.”¹⁶⁵

Com o iluminismo muitas tradições perderam sua força habitual e aos poucos elas caíram no desuso restando como fim último o refúgio do esquecimento. Isto criou uma época bastante ateísta e sem fé resultando em um processo neurótico que leva a todos a um beco sem saída. O avanço científico também contribuiu para este afastamento e posterior deslindamento do sagrado. As catástrofes são, agora, explicadas como fenômenos naturais previsíveis e, em alguns casos, até controláveis. A proteção divina tornou-se coisa [quase] desnecessária.

Na Antiguidade Clássica, era comum quando havia alguma desgraça, um insensato sair pelas ruas segurando uma lanterna a gritar “onde está deus”? O que aconteceu com o nosso Deus que não nos ouve nem nos atende? Na Ilíada, Helena dirige suas preces a Athena, mas ela não os ouve. Então ela grita com a deusa, mas nada resolve [*a Deusa estava irritada com o crime de Paris*]. Ainda na Espanha em pleno século XVIII, era comum os fiéis quando nervosos com os seus deuses amarrá-los a traseiras de carroças e arrastá-los por uma via pública, xingá-los, apedrejá-los, mostrando, assim sua insatisfação com o referido deus.

A frase de Nietzsche revela que a insatisfação era tamanha que ele nem acreditava que Deus estivesse vivo. Este ser estava não apenas irado com todos, estava morto mesmo e

¹⁶⁵ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Aurora*. São Paulo: Escala, 2006, p.23-26.

o deicídio havia sido praticado pelos próprios fiéis. Quando diz que haviam matado o Sol, se refere à fumaça das chaminés que provocava mudanças na visão do horizonte, privando o céu do brilho, sempre ofuscado pela fumaça cinzenta e este se tornando, também, cada vez mais cinzento.

Esta frase inclui o filósofo no rol dos ateus declarados. Mas, seus críticos esquecem-se, sempre que Nietzsche era cristão, educado para a carreira eclesiástica. Sua análise da tragédia grega demonstra o quanto a religiosidade estava arraigada em sua alma. Sua crítica a Sócrates baseia-se no fato de que a partir dele a ética deixou de ser pessoal para tornar-se uma moral social. É aí que a crítica dele embasa-se, numa moral social, baseada na contramão da reificação humana provocada pela revolução industrial que, ao invés de trazer felicidade e conforto ao homem trouxe foi mais desgraças e desolação. Se Eric Raimon insiste em afirmar que mesmo nas condições de vivência campesina, o homem trava uma guerra impiedosa e sem precedentes com a natureza, sujeito a derrotas sem fim, mas pelo menos é uma luta isolada e não exposta. Mesmo tendo a natureza zombado dele todo o tempo, ela o alimenta, de uma forma singela o protege das intempéries da vida. Já a luta provocada pelo poderio imperial do capitalismo ocorre em campo aberto e é exposta para todos; uma arena onde são massacrados todos os envolvidos, sempre expostos, condenados a mais extensa e profunda miséria. E daí surge o questionamento do filósofo, afinal, para o homem poder realizar tudo aquilo teria que ter eliminado *[na concepção nietzschiana]*, e não apenas suprimido, o único obstáculo que poderia impedi-lo: sua consciência! E assim perdeu por completo sua visão de comunidade, agindo sempre em torno do individual, do eu comigo e para mim mesmo. Isto assusta sobremaneira, porque “toda ação individual, toda maneira de pensar individual

fazem tremer; é totalmente impossível determinar o que os espíritos raros, escolhidos, originais tiveram de sofrer no curso dos tempos por serem assim sempre considerados como maus e perigosos, mais ainda, *por se terem sempre eles próprios considerado assim*. Sob o domínio da moralidade dos costumes, toda forma de originalidade tinha má consciência; o horizonte dos melhores tornou-se ainda mais sombrio do que deveria ter sido.”¹⁶⁶

O homem em combate com sua própria natureza das coisas há sempre de assustar-se com o que vê diante de si e muito mais com o que é obrigado a ver dentro de si. Não trata-se tão somente de um valor que é negado, mas que ainda mais é valorizado no campo do inconsciente, nos locais onde somente a fé é capaz de chegar.

Na interpretação de Martin Heidegger “uma reflexão mais profunda poderia mostrar como nisto que Nietzsche chama ‘pessimismo da natureza’ se consuma a rebelião do homem moderno no domínio incondicional da subjetividade dentro da subjetividade do ser. Por meio do pessimismo, em sua forma ambígua, os extremos se confrontam. Os extremos obtêm, como tais, a supremacia.”¹⁶⁷ Criando situações em que todo o poder perde o controle sobre os desígnios humanos permitindo o surgimento de espaços vazios onde “surge um estado no qual se aguçam as alternativas incondicionais até mover-se entre um este ou o outro. Inicia-se um ‘estado intermediário’ no qual se manifesta, por um lado, que a realização efetiva dos valores até agora superiores não se cumprem. O mundo parece vazio de valores. Por outro lado, em virtude desta conscientização, a visão es-

¹⁶⁶ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Aurora*. São Paulo: Escala, 2006, p.23-26.

¹⁶⁷ HEIDEGGER, Martin. *La Frase de Nietzsche 'Dios Ha Muerto'*. Caminos de Bosque (Madrid), 1996, p.12.

quadrinhadora se orienta desde a fonte da nova instauração de valores, sem que o mundo recupere, assim, seu valor.”¹⁶⁸

Tais palavras remetem o ser humano a um ponto de fusão que não provoca o retorno ao ser, mas o seu deslindamento e um preenchimento com um nada. Ele continua afirmando que “o valor é valor na medida em que vale. Vale, na medida em que é disposto em prol daquilo que importa. Assim, é disposto por um enfocar e observar desde aquilo com o que tem que contar. O ponto de vista, a perspectiva, o círculo de visão significam aqui ser visto e ver em um sentido determinado pelos gregos, ainda que tendo em conta a transformação sofrida pela idéia desde o significado de origem até a sua percepção. Ver é este representar que, desde Leibniz, é entendido expressamente sob o risco fundamental da aspiração (apetite).”¹⁶⁹

Mas, quando não se tem nada para sentir, ver ou aspirar, tal espaço é preenchido com o nada, com o vazio do vácuo que preenche a vida de cada um. Um alienado olhando para o vazio na tentativa de enxergar sabe-se lá o que. Tornou-se nada mais que um insensato. E quem diz “Deus está morto”, é este homem insensato, que não encontra-se preso à razão, à metafísica e sim a um sistema de valores moral que coloca o mundo em oposições dualistas entre o “certo” e o “errado”, a “verdade” e a “mentira”, entre outras que, ingenuamente, o homem até então, acredita que são marcas inerentes à vida. O insensato, ou seja, aquele que não é sensível, que não se abduz ante à magia da vida, que a vê tal e qual se lhe apresenta... Só um sujeito assim seria ca-

¹⁶⁸ HEIDEGGER, Martin. *La Frase de Nietzsche 'Dios Ha Muerto'*. Caminos de Bosque (Madrid), 1996, p.12.

¹⁶⁹ *Ibid.*

paz de ver a destruição de tudo e não ser corrompido pela propaganda ideológica do progresso.

Quem dá a sentença é um louco. O louco, aquele que vive alienado de sua realidade. A loucura é um estado de alienação social oprimente e deprimente, mas é um vácuo ao qual o sujeito é lançado e não há como sair. Ou seja, o louco vê a realidade comum de outro ponto, que pode ser do espaço, do além, de outro cosmo. Ele é o verdadeiro filósofo, porque analisa a realidade de uma esfera extramoral. E a loucura tem seu próprio mundo, sua própria realidade. O louco vê a realidade não só de uma outra forma, como também de outro espaço, outro ângulo. Há um microcosmo interior que não transforma a realidade em ilusão; o louco vê o que é, não o que se pretende que se veja. Ele não é capaz de dourar a realidade com o fim de torná-la mais amena. A verdade dura, sem a fantasia é, muitas vezes, intolerável. Vesti-la, dourá-la com a nossa fantasia é torná-la bela e acessível, menos agressiva e, portanto mais tolerável.

Este homem, o louco, é antes de tudo aquele que lança sobre a vida diferentes olhares e perspectivas, não estando interessado em encontrar nenhuma “verdade” ou “mentira”, pois sabe que a vida não comporta medidas [*não possui um métron*]. Desse modo, ele dança alegremente com várias melodias, busca ouvir os seus impulsos e o seu corpo, usa a razão e o conhecimento para o bem-viver e sabe que as leis da razão foram inventadas pelos próprios humanos. Assim, ele se vê diante do inaudito, *i.e.*, de um mundo e de uma vida que emanam uma multiplicidade de forças casuais da qual ele jamais poderá apreender em sua totalidade, e seu próprio corpo também entra nessa relação, de tal forma que os potenciais que se revelam no instante somente são apreendidos enquanto representações.

Ao analisar-se, dentro do contexto da época, a morte de Deus é um olhar de Nietzsche sobre a história, mostrando uma ruptura da teologia com o homem moderno que coloca a razão acima de tudo e de todas as coisas. Deve-se levar em conta que a crítica do filósofo não é a razão enquanto capacidade do homem, mas sim enquanto ‘objeto’ de supremacia humana, *i.e.*, como se a razão fosse a chave para todos os enigmas. Agindo desta forma, a ciência moderna se torna tão ‘dogmática’ quanto o cristianismo [*que ela visava combater com tanta veemência*], na medida em que acredita que o mundo e os fenômenos carregam uma “verdade” inerente na qual o homem, debruçando-se através da razão, [*pré-supostamente*] passa a descobrir.

Assim fala Nietzsche: “Nunca ouviram falar desse louco que acendia uma lanterna em pleno dia e desatava a correr pela praça pública gritando sem cessar: “Procuro Deus! Procuro Deus!” – como havia ali muitos daqueles que não acreditam em Deus, seu grito provocou grande riso. “Estava perdido?” – dizia um. “Será que se extraviou como uma criança?” – perguntava o outro. “Será que se escondeu?” “Tem medo de nós?” “Embarcou? Emigrou?” – Assim gritavam e riam todos ao mesmo tempo. O louco saltou no meio deles e trespassou-os com o olhar. “Para onde foi Deus?!” – Exclamou – “É o que vou dizer. Nós o matamos – vocês e eu! Nós todos, nós somos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos esvaziar o mar? Quem nos deu uma esponja para apagar o horizonte? Que fizemos quando desprendemos esta terra da corrente que a ligava ao sol? Para onde vai agora? Para onde vamos nós? Longe de todos os sóis? Não estamos incessantemente caindo? Para diante, para trás, para o lado, para todos os lados? Haverá ainda um acima e um abaixo? Não estaremos errando como num nada [*existência*] infinito? O vazio não nos persegue com seu

hálito? Não faz mais frio? Não vêm chegar a noite, sempre mais noite? Não será preciso acender os lampiões antes do meio dia? Não ouvimos nada ainda do barulho que fazem os coveiros que enterram Deus? Não sentimos nada ainda da decomposição divina? – Os deuses também se decompõem! Deus morreu! Deus continua morto! E fomos nós que o matamos! Como havemos de nos consolar, nós, assassinos entre os assassinos? O que o mundo possuiu de mais sagrado e de mais poderoso até hoje sangrou sob nosso punhal – quem nos lavará desse sangue? Que água nos poderá purificar? Que expiações, que jogos sagrados seremos forçados a inventar? A grandeza desse ato não é demasiado grande para nós? Não seremos forçados a nos tornarmos nós próprios deuses – mesmo que fosse simplesmente para parecermos dignos deles? Nunca houve ação mais grandiosa e aqueles que nascerem depois de nós pertencerão, por causa dela, a uma história mais elevada do que o foi alguma vez toda essa história.”¹⁷⁰

Nietzsche aborda, neste aforismo, a questão da devastação ambiental provocada pelas ações desmedidas dos seres humanos. O horizonte apagado se refere ao problema da fumaça das chaminés das indústrias que deixavam o céu plúmbeo, acabando com o espetáculo do sol e os prédios que começavam a serem erguidos, não permitindo mais uma visão ampla do horizonte, ou mesmo impedindo-a, por completo. Mas, para o capitalista industrial não interessava a cor do céu ou a visão do sol, sua visão estava voltada para o lucro. O frio [*cada vez mais intenso*], indicando as terríveis mudanças climáticas, devido à degradação da natureza; as noites [*cada vez mais escuras*], a perda da visão da luz das estrelas e das mesmas, ocasionado pela fumaça. O

¹⁷⁰ NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Escala, 2006, p.129.

barulho dos coveiros que enterram Deus, significando o barulho das máquinas que ‘traziam o progresso’; mas que, para ele, aquilo era uma marcha fúnebre, pois via o homem de seu tempo cada vez mais se alienando.

Nesta mesma obra ele escreve um outro aforismo onde diz que “a caça ao ganho força o espírito a se esgotar numa dissimulação sem trégua, numa ilusão permanente ou na preocupação de desmascarar o outro: a verdadeira virtude consiste agora em superar o vizinho”¹⁷¹, ou seja, o outro já não era mais um outro, era um rival que deveria ser vencido a todo custo e preço. Rompia-se a sacralidade elementar da vida humana em sociedade.

A fome, a pobreza, a miséria, o desemprego levando os alemães a entregarem-se aos instintos mais baixos [*como forma última de sobrevivência*] e uma minoria alimentando-se da desgraça alheia feito corvos para enriquecerem-se, com um fome de lobisomem por lucros e mais lucros (parafraseando Marx), tem o poder de provocar tal exasperação em um filósofo do quilate de Frederico Nietzsche.

A ética é um desfecho totalmente inconsciente. Havendo forças secretas que leva o homem a quebrar o equilíbrio social, há também aquelas que o obrigam a mantê-lo. Mas, um dia, o pai honesto e trabalhador se cansa de ver seus filhos chorando de fome; se cansa de ver os seus sonhos de poder proporcionar uma vida digna e honrada à sua esposa se esvaír como uma nuvem de fumaça frente a seus olhos. E, quando o medo de vê-los morrer por falta de cuidados médicos, a ‘perspectiva’ de que venham a ter um futuro tão ou mais miserável que o seu, o medo de que suas filhas se

¹⁷¹ NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Escala, 2006, p.190.

entreguem à prostituição como “opção” *[única e última]* de sobrevivência; quando este pensamento o aterroriza de verdade, adentrar o caminho do mal é uma alternativa *[tão]* plausível que não haverá jamais remorso algum em seu ato, pois estará fazendo isto em prol dos seus dependentes; está lutando com o que lhe resta de forças para preservar a dignidade e a integridade dos seus. Com os recursos adquiridos ele agora pode até sonhar em ver seus filhos criados e vivendo com dignidade. O medo da morte ou do perigo não existe mais para este novo ser. E se morrer, terá morrido por uma causa nobre... *[ainda que os meios não sejam nobres, os fins a que se destinam o justificam...]*

A expressão ‘Deus está morto’ serve como base para toda a crítica expressionista à sociedade burguesa tanto para sua forma de vida estancada como para a crítica ao conceito de progresso. Ambas as formas de vida, ainda que de diferente maneira, se sustentam sobre o ataúde de um deus morto que segue servindo como referência para os atos morais. Somente o abandono desta idéia do transcendente pode devolver ao homem seu caráter natural.

Logo, a expressão de Nietzsche se refere à consciência humana; a um sentimento de alheamento humano quanto ao sofrimento do outro, como se este outro fosse um peso, uma condição de entrave ao desenvolvimento da ciência. Mas não é apenas o outro que lhe dá ódio; é a sua imagem refletida neste outro que o faz odiá-lo, tão apaixonadamente. Esquecidos de que a espécie humana depende do olhar do outro, de ser reconhecida como gente, e quando diz que Deus está morto, é como se dissesse que a consciência humana está morta, e quem a matou? Todos, porque a consciência habita dentro de cada um, mergulhada nas trevas da alma onde é formado o desejo e a vontade e também

o autodomínio. Desprovido deste controle interno, o ser humano se torna qualquer coisa menos ser racional, incapaz de sentir, pelo menos, a presença do outro; aliás, a desgraça do outro serve para lhe mostrar e reforçar o quanto Deus o ama e o quanto ele é feliz; porém, o contrário também produz o contrário. Os humanos, na concepção nietzschiana, haviam matado aquele Deus que amava a todos com equidade e na vacância dele, haviam adotado um que demonstrava seu amor a uns poucos à custa da miséria do resto.

O homem guarda, desde épocas remotas, um desejo ardente de habitar as cidades, porque os deuses habitavam e protegiam somente os habitantes das cidades, os cidadãos. Esta primeira revolução religiosa privou os habitantes campestres de seus deuses protetores. De igual forma, os humanos buscam, incessantemente, reconhecimento, daí se ter um fluxo muito violento de jovens saindo das zonas rurais para os grandes centros. Mas, ao chegarem nas urbes quanta decepção... Cadê o Deus onipotente que a todos protegiam contra todas as mazelas e agruras da vida?!

A frase nietzschiana causou um tremendo revolto nos ideólogos, pois, um mundo sem a existência de um deus é impensável do ponto de vista que o caos seria instalado e este se tornaria ingovernável. O homem não conseguiria viver sem alguém a reconhecê-lo como um ser importante [*insignificante que é perante a natureza*], e, também, na concepção socrática, tão logo, tenha certeza de que não há ninguém a vigiá-lo se tornaria tão antiético quanto fosse possível ou quanto seu instinto destruidor, sua fome de morte, poder e ganância fossem capazes de lhe dar. Mas foi o que ocorreu na Alemanha de Nietzsche. A guerra franco-prussiana foi capaz de expandir o território alemão, porém,

incapaz de oferecer equilíbrio ao contingente de miseráveis que dependiam da máquina estatal. Sem contar que as campanhas para atrair mão-de-obra para a indústria prometia o paraíso na terra e quando via-se e confrontava com a realidade dura e brutal, os envolvidos chafurdavam-se na mais profunda angústia e desolação provocando a derrocada para os caminhos mais vis, condenando-os a uma sub-existência humana.

Não é de estranhar que um filósofo do quilate de Nietzsche tenha dito tal coisa. Mas não há nada de antiético nesta expressão. Se bem que a verdade, quando dita de maneira direta, nua e crua, sem um douramento, se torna esdrúxula. Porém, Nietzsche era um filósofo muito amplo em sua visão social. Tê-lo como elemento de análise partindo de uma única frase é uma atitude antifilosófica o que vale a sentença de Heidegger de que “o intento de captar, sem ilusões, a verdade da referida sentença sobre a morte de Deus, é algo distinto a um reconhecimento da filosofia de Nietzsche. Se for esta nossa intenção, com esta afirmação não teríamos nenhum trabalho de pensar [*refletir*]. Só respeitamos a um pensador na medida em que pensamos. [E] Isto exige pensar todo o essencial pensado em seu pensamento.”¹⁷²

Isto implica em estudar a obra do autor em suas nuances, perspectivas e minúcias. Cada detalhe é um novo ponto de partida para o [*possível*] entendimento daquilo que desejou expressar. A filosofia é um campo que não se admite especulações, embora seja ela uma ciência, altamente, especulativa, ou seja, não se permite incursões de ‘achismos’ no seio do objeto analisado. Ela vive em busca da verdade,

¹⁷² HEIDEGGER, Martin. *La Frase de Nietzsche 'Dios Ha Muerto'*. Caminos de Bosque (Madrid), 1996, p.26.

logo necessita conhecer o todo em todas as suas partes intrínsecas e extrínsecas. Sem o conhecimento como suporte ela deixaria de ser um processo de busca e passaria a ser uma ciência dogmática, cristalizada em si mesma e sem chances de crescimento. Cabe, ao filósofo, uma análise completamente fria do que se faz *mister* e não se envolver na projeção.

Toda análise deve-se imiscuir de se embrenhar e/ou se envolver nos costumes e ideologias que envolvem o objeto analisado; *i.e.*, não pode estar ligado, de qualquer forma, ao sistema moral; com isto se conclui que a filosofia deve sempre fazer suas prerrogativas de um campo extramoral. Ela jamais pode ser maculada pela moral que envolve a sociedade. Ela deve criar e ter seus próprios preceitos éticos.

Por extramoral infere-se que o observador esteja distante do objeto observado, distância esta que lhe permita ver com clareza, nitidez e objetividade. E assim é a filosofia nietzschiana. Estava sempre afastada o suficiente da cidade para perceber o quanto as torres se elevavam acima das casas. É um tipo de filosofia extramoral, supraterrênea.

Pode-se perceber o quanto a humanidade se afastou de seu processo religioso que, quando Nietzsche coloca esta questão, todos já partiram para condená-lo como um ateu convicto. A idéia produzida de um deus imortal, onisciente, onipotente, que amava a todos não poderia ser sucumbida por um filósofo doente da cabeça. Mas, o que ele questiona é realmente este amor, que se era tão incondicional, porque agora tem condições para existir, porque protege a um grupinho e a outro não? E as crianças, morrendo de fome, trabalhadores presos em empregos sem perspectivas, adolescentes frustrados, os aposentados marginalizados, solitários e per-

didos; sem expectativas de qualquer amanhã, até mesmo do mais negro... Carentes de um olhar, ainda que fosse o mais banal, ainda que fosse um olhar de ódio, mas que alguém as olhasse...; mas, [e] nem isto!

Quando as pessoas tomam a autoridade divina como única e suprema, automaticamente não dão mais importância à autoridade humana, nem à pessoa humana e nem à condição humana. E é muito fácil para alguém em meio a todo este terror perder a cabeça e começar a questionar a existência de uma inteligência superior bem como mesmo a negar sua existência. Antiético é todo o emaranhado que envolve a situação em si. A moral social estudada por Nietzsche se trata de um valor *ad hominis* introjetado neste via cultura, via educação. Como esta moral estava falida, produzia, no homem um efeito retardado de coisificação, fazendo-o negar sua consciência coletiva, sua alteridade.

“Se Deus, como fundamento supra-sensível e meta de todo o efetivamente real, está morto, se o mundo supra-sensível das idéias tem perdido toda força unificadora e sobre o todo toda força capaz de despertar e de construir, então já não subsiste nada a que o homem possa se assegurar e por que possa orientar-se. Por isso se encontra no fragmento citado a pergunta: ‘Não andamos através de uma inexistência infinita?’. A fórmula ‘Deus está morto’ compreende a constatação de que esta inexistência se estende [*ad infinitum*].”¹⁷³

Inexistência que na expressão nietzschiana, significa ‘subvida, miséria’. O existir pressupõe o ‘*ex-sistere*’, o ser para fora. Se se seguir a mesma linha de raciocínio, a inexistên-

¹⁷³ HEIDEGGER, Martin. *La Frase de Nietzsche 'Dios Ha Muerto'*. Caminos de Bosque (Madrid), 1996, p.06.

cia poderia presumir o contrário, a interiorização do homem, a sua volta para dentro; mas não é assim que funciona. A existência humana é uma equação de função quadrática; logo, a inexistência não é uma interiorização em busca do eu interior; é um processo de apatia, depressivo, o enclausuramento de si próprio dentro de um eu esmagado pelo sistema.

Este processo de inexistência humana determina a prisão do homem na ignorância, na impossibilidade de vir a ser e como ponto de chegada o não ser. Incapacitado de libertar-se desta condição vai ensimesmando-se à força, até que vai tornando-se amargo, mau, chegando a ocorrer em sua alma “a promessa obscura de um grande final, liberando o assassino mítico interior para expressar todas essas frustrações em uma catarse sangrenta e vingativa.”¹⁷⁴

Uma espécie de monstro invisível que estava sempre à vista de todos, porém, ignorado. Um dia ele se cansa de ser mais uma figura invisível em meio a uma multidão individualista e explode como um vulcão que encontrava-se adormecido e ninguém preocupava com uma possível erupção. Este é o verdadeiro assassino de Deus. Este homem, ao qual Nietzsche culpa da cumplicidade no deicídio é um mero fantoche consumista do sistema, relegado a uma senzala confortável a qual apelidou de lar e agradece a Deus por tê-la [*enquanto outros nem isto possuem*] e diz estar feliz com isto e, assim, vai [*lentamente*] perdendo a razão, a emoção, a vontade e o próprio ser e a autonomia de ser. Sua vida não se altera; é uma sucessão infinita de tarefas as quais ele nem sabe que significado tem [*para si e para os outros*], de forma que este sujeito nunca forma uma obra. Ele se contenta com que lhe

¹⁷⁴ RAIMON, Eric. *O Mito do Homem Assassino*. São Paulo: Edusp, 2006.

vêm [ou que lhe põem] à mão; nada lhe é proposto, é sempre imposto; sobrevive recolhido a um papel insignificante que lhe foi prescrito e segue pegando o repuxo das idéias dos que se salvaram do naufrágio [intelectual]. O seu paraíso é a inconseqüência [o não se incomodar e o não agir], o que pressupõe o não pensar.

Para Nietzsche, este indivíduo é completamente antiético, pois apesar de contestar Sócrates em muitos aspectos, concorda com este quando diz que o maior bem para um homem é justamente falar todos os dias sobre a virtude e outros argumentos, raciocinar, examinando-se a si próprio e aos outros tendo em conta “que uma vida sem esse exame não é digna de ser vivida.”¹⁷⁵ Um homem que vivesse sem o exercício de tal condição seria não mais que uma vaca de presépio, um alienado, um néscio, um peso-morto sobre a terra. Seria um homem desprovido do mínimo de fé, porque já estaria morto ou poderia ser considerado como tal.

Heidegger enfatiza que “enquanto entendermos a frase ‘Deus está morto’ única [e exclusivamente] como fórmula da falta de fé, a estaremos interpretando teológico-apologeticamente e renunciando ao que interessa a Nietzsche, concretamente: a meditação que reflexiona sobre o que tem ocorrido já com a verdade do mundo supra-sensível e sua relação com a essência do ser humano.”¹⁷⁶ De forma que a frase de Nietzsche revela que a insatisfação era tamanha que ele nem acreditava que Deus estivesse [mais] vivo. Para ele este ser estava não apenas irado com todos, estava morto mesmo e o deicídio havia sido praticado pelos próprios fiéis. Quando diz que haviam matado o Sol, se refe-

¹⁷⁵ Cf. PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. São Paulo: Martin Claret, 2004, p.26.

¹⁷⁶ HEIDEGGER, Martin. *La Frase de Nietzsche 'Dios Ha Muerto'*. Caminos de Bosque (Madrid), 1996, p.07.

re à fumaça das chaminés que provocava mudanças na visão do horizonte, privando o céu do seu brilho azulado, sempre ofuscado pela fumaça cinzenta e este se tornando, também, cada vez mais plúmbeo. Ele não via nem o estrangeiro nem o forasteiro sendo bem recebido e bem tratado na cidade, até pelo contrário; as negociações sempre baseadas na fraudulência; o meio ambiente sendo degradado a uma velocidade absurda, o mar, o ar, o Sol, o Céu, também, e em maior grau, a pessoa humana, sendo a cada dia mais desprovida de sua condição de imagem e semelhança de Deus e relegada à condição de coisa, recurso, simples *res cogitans*.

Para Nietzsche, tanto Deus quanto os seus conceitos e significados são produtos culturais. Eles surgem para refrear o instinto destruidor do homem, mas como efeito colateral foi utilizado como ferramenta de inibição do espírito criador humano, transformando-o em uma qualquer coisa obediente e servil, caquética e chafurdada em um casulo envolvido em fios de medo e covardia, e é aí que a crítica nietzschiana alcança seu ápice. Os valores deíficos são pertinentes à cultura e ao tempo.

Como formas de controle em massa e manipulação absoluta “o conceito de ‘Deus’ foi arquitetado como ‘antítese’ ao de ‘vida’, tendo sido reunido nele, em terrível unidade, tudo o que havia de abjeto, de venenoso, de calunioso: todo o ódio mortal contra a vida. O conceito do ‘além’, do mundo verdadeiro, foi criado para desprezo do único mundo que existe...”¹⁷⁷ e assim as pessoas passaram a viver em prol de um mundo que supostamente seria concedido aos escolhidos

¹⁷⁷ NIETZSCHE, F. *Para Além do Bem e do Mal*. São Paulo: Martin Claret, 2004, p.124.

ou àqueles que respeitassem as novas regras impostas como verdadeiras e inquestionáveis.

Nesta mesma esteira ideológica “o conceito de ‘culpa foi inventado conjuntamente com o instrumento que o completa; o conceito de livre-arbítrio, para confundir os instintos, para fazer da prevenção contra os instintos uma segunda natureza! No conceito de altruísmo, de renúncia de si mesmo, há verdadeiros signos de decadência: ser atraído pelo que causa prejuízo, não poder encontrar o que lhe seja útil, a destruição de si mesmo elevado à virtude, o dever, a santidade, a divindade no homem!”¹⁷⁸

Tudo construiu um sistema de escravidão que todos acreditam ser parte da condição humana que encontrará a rendição no além-túmulo. Junto com toda a liberdade que o homem experimentou “a lei da seleção foi crucificada pela oposição contra o homem altivo e são, contra o homem que afirma, contra o homem convicto, antemural do futuro, artífice do ideal; este homem, doravante, será tido por mau [...]”¹⁷⁹ porque desperta para o livre pensar e para o senso crítico superior ao mesmo tempo em que demonstra sua posição negando-se a participar da idiosincrasia social.

Deus é universal porque existe em todas as culturas. Porém, seu conceito e seus preceitos são inerentes à cultura, sujeito a interpretações modo-temporais e antropológicas. É um símbolo totêmico que representa o estrangulamento da liberdade humana. E o sucedâneo de Deus na Terra é o pai; logo é a morte simbólica deste que caracteriza a emancipação do filho, que se torna, a partir de então, um novo ho-

¹⁷⁸ *Ibid.*

¹⁷⁹ *Ibid.*

mem, dotado de poder para ser livre. Mas Spinoza ressalva que a noção de livre arbítrio dos seres humanos provém do fato de ignorarem as forças secretas que os regem. Na miserável cultura ocidental judaico-cristã, baseada em valores medíocres, vazios de sentido, Deus é símbolo de repressão. Logo, se esta força repressora é banida ou se for transformada em um símbolo de permissão ou de motivação *[para o Bem e/ou para o Mal, e assim voltamos à infinita questão da liberdade individual como 'conditio sine qua non']* então tudo se torna valor, tudo passa a ser permitido.

A sedução de poder realizar o que se bem quer sem nenhum empecilho é por demais aliciadora para uma criatura que veio dos prados, acostumado à vida nas vastas savanas, onde não precisava de uma condenação à liberdade, era livre e pronto. Neste sentido Konrad Lorenz afirma que “a alienação, generalizada e crescente da natureza viva, é em grande parte responsável pela volta à brutalidade que constatamos no homem civilizado no âmbito estético e moral. Como despertar num adolescente o sentimento do respeito, se tudo o que ele vê ao seu redor é obra humana, e, o que é mais grave, obra feia e banal? Para os que moram nas cidades até mesmo a vista de um céu estrelado é embaçada pelas emanações químicas que escurecem a atmosfera, ou encoberta pelos arranha-céus.”¹⁸⁰

Isto mostra o quanto a vida torna-se funesta quando comparada com a austeridade dos campos. O que parece moderno e avançado é opaco quando visto sob a ótica de um mundo que não abriga com o devido conforto as suas pessoas. Isto faz nascer o sentimento de um deus ocioso, que não liga

¹⁸⁰ LORENZ, Konrad. *Civilização e Pecado: Os Oito Erros Capitais do Homem*. 1991, p.12.

para os seus protegidos. “Desde certo ponto de vista, pode dizer-se que o ‘*deus otiosus*’ é o primeiro exemplo da «morte de Deus» freneticamente proclamada por Nietzsche. Um Deus Criador que se distancia do culto acaba por ser esquecido.”¹⁸¹

Eliade Mircea coloca como responsabilidade de Deus em ter se afastado do culto, deixado de reclamar sua adoração e orações. Mas até que ponto ele afastou-se ou foi afastado pela simples negação de sua existência ou porque foi substituído por um outro tipo de deus que tem respostas mais tangíveis? Mais empíricas? Partindo deste questionamento podemos chegar a dedução de que “o esquecimento de Deus, como sua transcendência absoluta, é uma expressão plástica de sua inatualidade religiosa ou, o que venha a ser o mesmo, que sua «morte». A desapareição do Ser Supremo não se traduz por um empobrecimento da vida religiosa. Pelo contrário, poderia dizer-se que as verdadeiras «religiões» aparecem *depois* de seu desaparecimento: os mitos mais ricos e mais dramáticos, os rituais mais extravagantes, os deuses e deusas de toda espécie, os antepassados, as máscaras e as sociedades secretas, os templos, os sacerdotes, etc., tudo isto se encontra nas culturas que tenham superado o estágio da recolhida e à caça menor, e nas que o Ser Supremo está ou bem ausente (esquecido?), ou bem profundamente confundido com outras figuras divinas, até o ponto de fazer-se irreconhecível.”¹⁸²

¹⁸¹ En lo original: Desde cierto punto de vista, puede decirse que el *deus otiosus* es el primer ejemplo de la «muerte de Dios» frenéticamente proclamada por Nietzsche. Un Dios Creador que se aleja del culto acaba por ser olvidado. (MIRCEA, Eliade. *Mito y Realidad*. Nova York: Ediciones Harper, 1962).

¹⁸² En lo original: El olvido de Dios, como su trascendencia absoluta, es una expresión plástica de su inactualidad religiosa o, lo que viene a ser lo mismo, de su «muerte». La desaparición del Ser Supremo no se traduce por un empobrecimiento de la vida religiosa. Por el contrario, podría decirse que las verdaderas «religiones» aparecen *después* de su desaparición: los mitos más ricos y más dramáticos, los

Esta é uma possibilidade muito forte porque nada para o homem existe no vácuo. Um deus não morre, no máximo é suprimido por algum outro mais poderoso que utiliza as velhas fórmulas para cultuá-lo e no inconsciente dos fiéis continua tão vivo quanto antes. Isto é o que Martin Buber (1878 - 1965) chamou de obscurecimento de deus. E este “‘eclipse de Deus’ de que fala Martin Buber, o afastamento e o silêncio de Deus que obsessiona a alguns teólogos contemporâneos não são fenômenos modernos. A ‘transcendência’ do Ser Supremo tem servido sempre de desculpa para a indiferença do homem a seu respeito. Mesmo quando se guarda dele uma recordação, o fato de que Deus de tão longe justifica toda classe de negligências, se não a total indiferença.”¹⁸³

Quando o autor supracitado aborda a questão da ociosidade e do obscurecimento divino é que em uma visão pós-moderna do mundo, não há mais função a ser desempenhada pelo Divino. Deus perde o controle sobre a evolução da Natureza, quando Darwin desenvolve a sua teoria sobre a evolução natural das espécies; Marx cria o conceito de materialismo dialético e passa a História a ter uma nova visão, agora sob o ponto de vista dos vencedores e dos vencidos; Freud desvenda o inconsciente humano e prova que

rituales más extravagantes, los dioses y diosas de toda especie, los Antepasados, las máscaras y las sociedades secretas, los templos, los sacerdocios, etc., todo esto se encuentra en las culturas que han superado el estadio de la recogida y la caza menor, y en las que el Ser Supremo está o bien ausente (¿olvidado?), o bien profundamente amalgamado con otras figuras divinas, hasta el punto de hacerse irreconocible. (MIRCEA, Eliade. *Mito y Realidad*. Nova York: Ediciones Harper, 1962).

¹⁸³ *En lo original:* El «eclipse de Dios» de que habla Martin Buber, el alejamiento y el silencio de Dios que obsesiona a algunos teólogos contemporáneos no son fenómenos modernos. La «trascendencia» del Ser Supremo ha servido siempre de excusa para la indiferencia del hombre a su respecto. Incluso cuando se le guarda un recuerdo, el hecho de que Dios esté *tan lejano* justifica toda clase de negligencias, si no la total indiferencia (MIRCEA, Eliade. *Mito y Realidad*. Nova York: Ediciones Harper, 1962, p.42-43).

o homem não é senhor nem em seu próprio mundo e mais, é um ignorante de si mesmo; logo, não tem como conhecer o sublime. Para Freud este conhecimento é uma profunda ilusão narcísica.

“O Dr. Jung também percebeu que o estranho e misterioso fenômeno da morte de deus é um fato psíquico de nossa época. escreveu, em 1937: “sei – e expresso aqui o que inúmeras pessoas também sabem – que a época atual é a do desaparecimento e da morte de deus.” durante anos ele observara como a imagem cristã de deus vinha se enfraquecendo nos sonhos dos seus pacientes – isto é, no inconsciente do homem moderno. A perda dessa imagem é a perda do fator supremo que dá significação à vida.”¹⁸⁴

Nietzsche faz um retorno ao conceito de Heráclito que afirma ‘que o homem é a medida de todas as coisas’. Para ele, Deus é a consciência Divina. Aquela que tudo observa, coordena e transforma. Para fazer os homens curvarem com mais respeito e menos questionamentos Deus passou a ser confundido com a cultura que o criou, chegando mesmo a perder sua identidade tanto quanto a própria cultura que representa. E esta cultura estava em decadência, moribunda, levando consigo toda uma expectativa de um futuro.

Não trata-se, literalmente, da existência de um mundo sem um deus. Apenas que esta figura tornou-se obsoleta, obscura com o avanço da ciência e do poder do dinheiro.

¹⁸⁴ JAFFÉ, Aniela. O Simbolismo nas artes plásticas. In: JUNG, Carl Gustav. *O Homem e Seus Símbolos*. 2ª Ed. Rio de Janeiro, 2008.

VII

A DECEPÇÃO PUERIL DE GAGÁRIN EXPRESSA POR MEIO DA FRASE: FUI AO CÉU E NÃO VI DEUS LÁ

Quando o astronauta russo Major Yuri Gagárin (*Iuri Aleksei-evitch Gagarin* [1934 - 1968]) soltou a frase: “fui ao céu e não vi Deus”, em abril de 1961, o mesmo foi chacoalhado pela opinião pública, taxando-o de ateu inveterado e até hoje algumas almas desprovidas de qualquer senso crítico e conhecimento erudito tendem a julgá-lo pela frase, desconcontextualizando, totalmente, a sua expressão. Porém, a sua frase expressa [*muito*] mais um desabafo frente a uma decepção sem precedentes, semelhante a uma criança que aguarda ansiosa pela chegada do pai e quando o trem para na estação e todos descem ela olha para a mãe e diz com um olhar misto de tristeza, decepção e interrogação [*acerca do*] porque ‘papai não veio!’. A frase original é: “*Olhei para todos os lados, mas não vi Deus!*”

Esta expressão que, maldosamente, transformaram em uma frase de cunho ateuísta, pode ser interpretada mais como uma forma de expressar toda uma vida em busca deste momento, não o de tornar-se o primeiro homem a explorar o espaço sideral, mas a ver Deus pessoalmente. Isto não acontecendo perdeu-se em um devaneio como se estivesse a perguntar: “onde está Deus? Para onde foi? Será que fugiu de mim? Porque não consigo vê-lo?” Eu quero vê-lo! Eu vim aqui somente para isto, para vê-lo!

E se estivesse respondendo a uma pergunta do chefe de Estado Nikita Khrushchev se, por algum acaso de destino havia visto Deus lá no céu, ainda assim não deixa de ter

uma aparência de decepção típica de uma criança que foi ao parque e suas expectativas não foram atendidas da maneira como ele sonhava.

E quanto poder teve esta fala vindo de alguém que acabava de desbravar o espaço sideral. A esperança egocêntrica dos que aqui ficaram acabava de sofrer outro duro golpe; mais uma vez. A julgar pelo que havia sido dito pouquíssimos anos antes, em meados da década de 1950 quando Francis Crick (1916 - 2004) e James Watson (1928 -) descobriram a estrutura helicóide do DNA: “pensávamos que o nosso futuro estivesse nas estrelas, mas agora sabemos que a maior parte dele está dentro de nossos genes”, esta foi outra ode ao antropocentrismo exacerbado.

As descobertas foram destronando a religião de seu eixo imaginário, e, junto com ela o conceito de Deus e mesmo colocou em xeque sua existência. Aquilo que no passado era explicado pela fé foi substituído por tubos de ensaio e demonstrações bastante palpáveis de como repetir o feito artificialmente. A religião nunca combateu o socialismo por causa dos males e da opressão que causava nas pessoas, mas puramente porque a privava de suas ovelhas miseráveis as quais ela cuidava de tratar com as menores migalhas possíveis de esperança. Se aversão da Igreja fosse contra o socialismo não teria ido contra o *Welfare state* que é de ideologia e criação do sistema de direita em favor dos menos favorecidos. Por causa deste posicionamento contrário da Igreja que nasceu rixas entre os governos socialistas e a religião, levando-os a negar todo e qualquer tipo que fosse de crença.

O Major Gagárin foi batizado em uma igreja cristã ortodoxa russa. Portanto, uma criança que nasce ouvindo que Deus

está no céu, acima das nuvens, que este não habita no vazio e quando, por uma força humana, esta criança chega lá no alto, ultrapassando as mais altas nuvens, a sua decepção começa pelo fato de que não enxerga nada mais além do que o vácuo extremo (...); e, logo em seguida, contrariando, ainda mais suas vãs expectativas não vê Deus. Quanta decepção! A sua fala expressa mais um sentimento de um adolescente quando descobre que o pai não é o super-homem com o qual ele sempre sonhou e acreditou que podia contar. Fora criado em um regime ateu e, possivelmente por isto, desprezava qualquer tipo de crença no invisível, naquilo que não podia ser, empiricamente, comprovado. Diferentemente do que alguns dizem que desprezava qualquer tipo de crença religiosa, vejo sua expressão mais como a comprovação de uma dúvida de que tentaram imputar-lhe e que agora desfazia-se ante todos. A frase que ouviu todos os domingos de que Deus estava lá no Céu, perdeu completamente seu sentido e tornou desprovida de valor.

A educação religiosa que inculcam nos seres humanos, desde o nascimento, transforma-os em criaturas concretas, incapazes de entender Deus como essência. Mesmo para o intelectual do século XXI, é-lhe impossível tecer uma experiência espiritual direta com o divino. Na escola, de segunda a sexta, as crianças escutam que tudo foi criado por um Deus e isto é fato consumado, porém, ninguém provou tal e, como as crianças estão neste período na letargia intelectual é melhor escutar, acreditar e tocar a vida para frente, afinal, nasceram em um período de relativa paz, onde ninguém morre por crer nestas coisas. A doutrinação desde o berço o faz necessitar de um contato real, por isto, o pastor e/ou o Padre serem detentores de tamanho poder sobre os seus rebanhos.

Gagarin era cristão, batizado na Igreja Cristã Ortodoxa Russa e um amigo pessoal do jovem disse que ele jamais proferiu tal frase; pelo fato de ser um indivíduo religioso. Este detalhe de sua vida é o que reforça, confirma e valida a expressão dita. Afinal, somente um homem muito religioso e de grande fé, poderia ter dito tal coisa porque o que os fanáticos religiosos mais esperam é que aconteça-lhes uma experiência que os coloque em conexão direta com o sagrado. E o fanatismo é diretamente proporcional à ausência de fé! Ou seja, à medida que esta decresce, aquele eleva-se [quase] ao extremo da loucura obsessiva. O desejo insano de que ocorra-lhe uma revelação é *per si*, uma prova concreta de sua dúvida acerca da existência de ser, por ele, divinizado. Por este motivo, viverem mergulhados na culpa, uma vez que não é o pecado que faz nascer a culpa, mas antes esta que, para justificar-se, cria a noção daquele. Afinal, um é a razão direta da existência do outro, porém, um deles tem que vir primeiro e, desta forma, o ciclo vicioso da neurose obsessiva da culpa faz o indivíduo profanizar suas ações, simplesmente, com a finalidade de caracterizar o que sente e justificar tal sentimento.

Toda estrutura que não possui um rigoroso controle sobre si acaba, por tornar-se despótica e arbitrária. Com a religião não foi diferente... Quando surge, o faz como um meio, um caminho para que o homem usasse como ritos, frases, libações, cantos, tudo isto com o intuito de ligar-se, uma outra vez mais, ao invisível e este fizesse-se visível por meio de uma resposta, que era esperada pelo indivíduo suplicante.

Em nenhum momento, em sua gênese, estava inscrito que seu uso teria como fim último, a dominação, a escravidão, a subjugação. Isto adveio oriundo do sentimento mesquinho humano que passou a sentir prazer naquele tipo mórbido de

poder que a credence e a superstição popular passou a atribuir ao sacerdote.

E não foi a fé do sacerdote que o fez todo-poderoso, antes foi a fé popular, por meio de um poder imputado pela fantástica mente coletiva, que, aos poucos a fez crer que realmente detinha tal poder. Como este indivíduo passou a deter um real conhecimento dos ciclos da natureza, impressionar o povo e elevar-se à condição de deus foi coisa [*quase*] ridícula.

O problema não está na religião em si, está nas pessoas que representam o divino na Terra; porque uma vez imbuídos de um poder extremo, não há sensor que seja capaz de deter sua ganância que torna-se esquizofrênica, demente e insaciável. No início, a obediência, *in contesti*, do rebanho, extasiavam-no. Mas com o tempo isto já não basta-lhe e assim começa a ter necessidades de testar sua força cada vez em campos mais amplos e o medo generalizado acede, o que leva a um estado de desequilíbrio tal que a solução torna-se [*quase*] impossível, aliada ao grave problema que o êxtase orgástico que a exibição deste poder insano exerce sobre a mente pouco questionadora da população.

Gágarin disse: “Eu estive no céu e não vi Deus lá!”¹⁸⁵ Heródoto poderia responder-lhe que não o viu “porque, estão os deuses tão alto que deixam ao homem, livres as mãos e o pensamento.”¹⁸⁶ Entendendo com esta expressão, a imaginação. Logo, imaginam que esteja no céu.

¹⁸⁵ Gágarin, Yuri (1934 – 1968). Astronauta russo. A frase foi dita por ele, em 1961.

¹⁸⁶ En lo original: Afortunadamente, pues, están los dioses tan alto que dejan libres al hombre las manos, y el pensamiento. (HERÓDOTO, 2006, p.06)

VIII

A CONCLUSÃO DE MARX: A RELIGIÃO É O ÓPIO DO POVO

A religião é uma construção social que nasce a partir de uma necessidade de um controle sobre massas humanas que cresciam *ad infinitum* em um tempo onde a consciência coletiva, e poderia chamar aqui de espírito de coletividade, nem ao menos existia. O que havia era um caos completo porque a família havia transformado-se em uma pequena tribo e esta, por sua vez, em supertribo.¹⁸⁷ Até que não pode-se cair no exagero de dizer que não havia este sentimento, porém, enfraqueceu-se muito com o surgimento da propriedade privada. Passou-se a haver necessidade de um mecanismo de controle poderoso, austero e ao mesmo tempo sutil o suficiente para manobrar grandes massas sem a utilização da violência explícita.

Da transformação de pequenos grupos em macros conjuntos surgiram necessidades de convívio, coisa que era nova e estranha a um ser que jamais foi obrigado a dividir nada com ninguém e a fim de evitar as guerras e os conflitos entre os indivíduos da mesma população preconizou-se a criação de um ente supremo e dotado de grandes poderes, indizível e com controle absoluto sobre tudo e todos. A partir daí nasce a religião e seus diversos dogmas (pontos fundamentais e indiscutíveis de uma crença), porque ela só poderia sobreviver se fosse constituída de tais, ou seja, cercada por mistérios e *tabus* os quais somente tinham acesso aqueles que fossem iniciados em tais.

¹⁸⁷ Cf. MORRIS, Desmond. *O Macaco Nu*. São Paulo: Círculo do Livro, 1969.

A religião constitui-se como um mal necessário; é um mal porque cerceia todo o pensamento científico e evolucionista, deixando a todos presos em uma cadeia de retrocesso intelectual da qual a saída e/ou a negação dos mesmos é fator de exclusão para o que insurgir na idéia. Ao mesmo tempo é necessária porque os seres humanos, volúveis como são não podem conviver sem a pressão de olhos invisíveis a vigiá-los e a dominá-los e muito menos sem representantes celestiais, os *sucedâneos de Deus* a determinar os rumos da vida cotidiana e dos pensamentos.

Ao longo da história, várias doutrinas foram criadas e outras perderam sua força sobre os humanos. As primeiras religiões estavam ligadas à natureza e às suas forças, como os raios, as tempestades, os vulcões e os ciclos naturais, como a seca e as chuvas. Era uma religião muito simples. Mais tarde é que o poderio alcançado pelos sacerdotes sobem-lhes à cabeça e eles começam a oprimir o povo em nome das forças divinas, a zombar de todos e a vingar daqueles que não queriam seguir suas ordens explícitas. Da mesma forma, muitos dogmas surgem como herança de velhas crenças da religião familiar e são inseridas pelos sacerdotes e ditadas ao povo como sendo ordens diretas de Deus. Novos costumes surgem e/ou são criados como meios de controle social e aos poucos transformam-se em leis canônicas as quais passam a imperar sobre todos. Por fim “esse mundo “acima” e ao “lado”, essa duplicata imaginária - chamada para encobrir o que de problemático foi sucedendo com a humanidade - o homem chamou de religião.”¹⁸⁸

Porque toda vez que ocorria algo que fugia à sua compreensão entendia como uma revolta dos deuses como se de

¹⁸⁸ Cf. SALOMÉ, Lou-Andreas. *Minha Vida*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p.10.

alguma forma estivessem desligado dos seus protetores ou estes se afastado deles. Logo, como os ciclos da natureza não duram para sempre, acreditava que as tormentas haviam se passado por causa de suas orações e sacrifícios e mais que estas podiam religá-los aos seus deuses. Daí nascer a religião com seus dogmas e cânones tal e qual conhecemos na atualidade.

A religião, em seu sentido amplo quer dizer religação, ou ligar-se de novo, porque ela surge a partir dos fenômenos naturais, dos ciclos da natureza, como do plantio e da colheita. Cícero (103 a. C.) afirma que a palavra “Religião” vem de *re-legere* (re-ler): considerar atentamente o que pertence ao culto divino, ler de novo, ou então reunir. Tem-se aqui o aspecto ‘comunidade’. Para Lactâncio (240 d.C. - 320 d. C.) a palavra religião vem de *re-legere* (re-ligar), ou seja, ligar o homem de novo a Deus. Vemos aqui que religião é aquilo que é capaz de ligar a Deus. O homem vai a Deus e Deus vem ao homem. Para Agostino de Hipona (354 d.C. - 430 d. C.) religião vem de *re-eligere* (re-eleger), *i.e.*, tornar a escolher Deus, perdido pelo pecado. A história da palavra religião parece fortalecer o significado da posição de Cícero.

Não há unanimidades entre os autores ao definir a religião. Uma das definições mais aceita é a seguinte: Em sentido real objeto, religião é o conjunto de crenças, leis e ritos que visam um poder que o homem, atualmente, considerado supremo, do qual se julga dependente, com a qual pode entrar em relação pessoal e do qual pode obter favores.

O termo “religião” originou-se da palavra latina *religio*, cujo sentido primeiro indicava um conjunto de regras, observâncias, advertências e interdições, sem fazer referência a divindades, rituais, mitos ou quaisquer outros tipos de mani-

festação que, contemporaneamente, entendemos como religiosas. Assim, o conceito “religião” foi construído histórica e culturalmente no Ocidente adquirindo um sentido ligado à tradição cristã. O vocábulo “religião” - nascido como produto histórico de nossa cultura ocidental e sujeito a alterações ao longo do tempo – não possui um significado original ou absoluto que poderíamos reencontrar. “Ao contrário, somos nós, com finalidades científicas, que conferimos sentido ao conceito. Tal conceituação não é arbitrária: deve poder ser aplicada a conjuntos reais de fenômenos históricos suscetíveis de corresponder ao vocábulo “religião”, extraído da linguagem corrente e introduzido como termo técnico.”¹⁸⁹ Em sentido real subjetivo, religião é o reconhecimento pelo homem de sua dependência de um ser supremo pessoal, pela aceitação de várias crenças e observância de várias leis e ritos atinentes a este ser.

Desde o seu surgimento que várias análises e interpretações foram criadas e ampliadas acerca do conceito de religião. Para Karl Marx (1818 - 1883) “a religião é a teoria geral deste mundo, o seu resumo enciclopédico, a sua lógica em forma popular, o seu *point d'honneur* espiritualista, o seu entusiasmo, a sua sanção moral, o seu complemento solene, a sua base geral de consolação e de justificação”¹⁹⁰ buscando compreender que funciona como um elixir capaz de aliviar as incertezas e os medos que assolam o volátil espírito humano e o ajuda a entender o ininteligível por meio de explicações simplistas, mas coerentes para uma mente infantil. Neste sentido, pode-se defini-la como sendo uma a-

¹⁸⁹ SILVA, Eliane Moura da. *Religião, Diversidade e Valores Culturais: conceitos teóricos e a educação para a Cidadania*. Campinas: Revista de Estudos da Religião Nº 2, 2004.

¹⁹⁰ Cf. MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

propriação suprarreal, porque caracteriza-se como “a realização fantástica da essência humana, porque a essência humana não possui verdadeira realidade. Por conseguinte, a luta contra a religião é, indiretamente, a luta contra aquele mundo cujo aroma espiritual é a religião. A miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração e a alma de situações sem alma. A religião é o ópio do povo.”¹⁹¹

Marx chega a tal conclusão pelo fato de que todas as drogas tipo opiáceo ou opióide têm basicamente os mesmos efeitos no Sistema Nervoso Central: diminuem a sua atividade. As diferenças ocorrem mais num sentido quantitativo, isto é, são mais ou menos eficientes em produzir os mesmos efeitos; tudo fica então sendo principalmente uma questão de dose. Assim tem-se que todas essas drogas produzem uma analgesia e uma hipnose (aumentam o sono): daí receberem também o nome de narcóticos que significa exatamente as drogas capazes de produzir estes dois efeitos: sono e diminuição da dor.

Esta é uma questão que, como tantas outras frases de autores clássicos como Friedrich Nietzsche (1844 - 1900) e Fiódor Dostoiévsky (1821 - 1881) foram recortadas e sucateadas depois de debatidas *ad infinitum* por pessoas incapazes para a realização do ofício, realizando interpretações e julgamentos apressados e inconsistentes. Quando Marx afirma que a religião é o *ópio do povo*, está a fazer uma análise sobre a forma como explica a situação miserável das pessoas por meio de jargões que nada mais faz que acalmar os

¹⁹¹ Cf. MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*; São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

nervos insanos, provocando uma anestesia no espírito beligerante das massas. Logo à frente defende que “a abolição da religião enquanto felicidade ilusória dos homens é a exigência da sua felicidade real. O apelo para que abandonem as ilusões a respeito da sua condição é o apelo para abandonarem uma condição que precisa de ilusões. A crítica da religião é, pois, o germe da crítica do vale de lágrimas, do qual a religião é a auréola. A crítica arrancou as flores imaginárias dos grilhões, não para que o homem os suporte sem fantasias ou consolo, mas para que lance fora os grilhões e a flor viva brote.”¹⁹²

O discurso de Marx não versa contra a religião em si, antes contra a forma de alegoria que apresenta para manter o *statu quo* da situação social e não humana e, quando assim o faz torna-se política e transforma-se em instrumento de opressão.

A religião busca manter um equilíbrio na vida entre as sociedades partindo da transformação do ser individual, onde a harmonia é criada com o objetivo de manter-se sob o poder da fé. Contrário a isto os dogmas são criados com o intuito de manutenção do *statu quo* e do poderio de dominação sobre as pessoas; ele age como uma força tradicional que pesa sobre as mentes porque vem imbuída de uma forte carga de superstição, o que faz a todos temerem o não cumprimento de sua ordem. Caracterizam-se como um conjunto de fundamentos sagrados que definem como deve ser a vida e que guiam moralmente os hábitos e a forma de ser e agir dos seres humanos. São como leis determinadas por uma religião. É uma crença ou doutrina estabelecida de uma

¹⁹² Cf. MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*; São Paulo: Boitempo Editorial, 2005, páginas 146/147.

religião, ideologia ou qualquer tipo de organização, considerada um ponto fundamental e indiscutível de uma crença. O termo deriva do grego δόγμα, que significa "aquilo que apa-
renta; opinião ou crença", por sua vez derivada do ver-
bo δοκέω (*dokeo*), que significa "pensar, supor, imaginar. Ou
seja, é uma doutrina ou crença que significa literalmente "o
que se pensa é verdade".

Sem os dogmas, as religiões sucumbiriam porque à medida
que o conhecimento lógico-científico avança, as respostas
dadas pela ideologia sacerdotal pede todo o seu aparato
mágico e começa-se a surgir novos tipos de questionamen-
tos, mais elaborados, mais coerentes e mais exigentes em
suas buscas.

Alguns povos que estão a pouco mais de um século ainda
lutam para manter *a fortiori* seus costumes mais profundos,
criando verdadeiras ilhas culturais, fechadas a tudo o que é
novo. E isto acaba por ser um desafio, não apenas à tentati-
va de promoção de um ensino religioso laico, mas a todo o
processo educativo, porque a filtragem dos conteúdos pro-
gramáticos, acaba por ser exasperada por parte destas co-
munidades.

Há de convir que as denominações religiosas ao longo dos
tempos tomaram vieses muito mais de doutrinação política
que de apoio espiritual, o que fez com que autores clássicos
começassem a questionar seus princípios. Ao longo da his-
tória, várias doutrinas foram criadas e outras perderam sua
força sobre os humanos. Não há registro em qualquer estu-
do por parte da História, Antropologia, Sociologia ou qual-
quer outra "ciência" social, de um grupamento humano em
qualquer época que não tenha professado algum tipo de

crença religiosa. As religiões são então um fenômeno inerente a cultura humana, assim como as artes e técnicas.

Grande parte de todos os movimentos humanos significativos tiveram a religião como impulsor, diversas guerras, geralmente as mais terríveis, tiveram legitimação religiosa, estruturas sociais foram definidas com base em religiões e grande parte do conhecimento científico, "filosófico" e artístico tiveram como vetores os grupos religiosos, que durante a maior parte da história da humanidade estiveram vinculados ao poder político e social.

Hoje em dia, apesar de todo o avanço científico, o fenômeno religioso sobrevive e cresce, desafiando previsões que anteveram seu fim. A grande maioria da humanidade professa alguma crença religiosa direta ou indiretamente e a Religião continua a promover diversos movimentos humanos, e mantendo estatutos políticos e sociais. Tal como a Ciência, a Arte e a Filosofia, a Religião é parte integrante e inseparável da cultura humana; e, muito provavelmente, sempre continuará sendo da mesma forma que continuará sendo o ópio do povo.

IX

A ÉTICA E O LIBERALISMO

No sistema capitalista a ética baseia-se mais ou menos em alguns conceitos, algo como:

- ✓ O ser humano vale quanto pesa;
- ✓ O funcionário vale quanto produz;
- ✓ Os fins justificam os meios;
- ✓ O valor humano é proporcional ao tamanho da sua conta bancária corrente.

Demonstrando, com tais afirmações, que no sistema capitalista o sentimento supremo é a ganância, a busca ao lucro imediato e constante e, o único sentimento comum universalizado neste universo a “inveja”.

Está relacionada à separação que existe entre a amizade e negócios ligado a famosa frase "*Business is Business*" negócio é negócio, ou amigos, amigos, negócios à parte. Estão ligados não somente à separação, mas a subordinação dos valores, como a amizade à racionalidade econômica. Quando a amizade entra em conflito com interesse econômico, é esse último que prevalece em detrimento ao primeiro. Nas sociedades tradicionais não havia essa separação. A economia era vista como um meio para a reprodução da vida, ou seja, as pessoas trabalhavam para viver, e não viviam para trabalhar. Ética e atividades econômicas eram inseparáveis, principalmente se levarmos em conta que nas sociedades pré-industriais era muito difícil [ou mesmo quase impossível] alguém sobreviver isolado de uma comunidade

familiar ou de amigos. Ao contrário da sociedade tradicional, a sociedade moderna capitalista, passou a ser um fim em si mesma. As pessoas não trabalham mais para viver, mas vivem para trabalhar e ganhar dinheiro, numa ânsia de ganho que nunca é suficiente deixando prevalecer o ter em lugar do ser.

Adam Smith acreditava e defendia que o funcionamento desimpedido da “sociedade comercial” não depende de que cada homem seja benevolente, mas, ao contrário, permite que eles usufruam de um nível de riqueza e bem-estar que torna possível que cada um exercite a benevolência, ao mesmo tempo em que elimina o risco das situações moralmente degradantes associadas à pobreza. Mas não é bem assim que funciona. A sociedade capitalista atual não tolera a concorrência, não suporta a idéia do *[possível]* sucesso alheio, que enxergam como desvalorização de si. Trata-se aqui de um modelo de crescimento humano centrado na visão do homem como um indivíduo fechado em si mesmo e em suas aspirações, no mercado como instância básica de coordenação da vida social e no lucro como fins últimos da vida individual. Ele conduz a um progresso material gigantesco ligado a uma também gigantesca degradação da dignidade do ser pessoal uma vez que mercantiliza *[para não dizer que ‘prostitui’]* o ser humano em suas diferentes dimensões e o convence a se submeter a este processo como sendo algo tão natural quanto o próprio viver. Nesta concepção *[eticamente inaceitável]*, é tudo o que se contrapõe à acumulação e à expansão do capital, uma visão hegemônica nos contextos sócio-culturais. Em última instância, esta concepção pressupõe uma nova articulação ao sentido da vida humana: produzir e consumir ilimitadamente todo tipo de bem material, portanto, acumulação de bens materiais e maximização do consumo, o que significa uma redução da

vida humana a uma dimensão material que em última análise significa o não reconhecimento efetivo da dignidade. Desta forma, cresce e enraíza como um câncer sanguinolento um tipo de materialismo radical que passa a reger as relações entre pessoas e povos.

A palavra competição que tem a mesma origem de competência e, conseqüentemente, o mesmo significado; porém, na literatura clássica tornou-se objeto de valor tal e qual para um competidor ganhar, o outro tem que perder. A origem comum é o verbo *competir* (do latim clássico ‘com + petere), que significa ‘*buscar junto com*’, *esforçar-se junto com ou pedir junto com*’. Apenas no latim tardio passou a prevalecer o significado de ‘*disputar junto com*’.

A bordo do transatlântico *Titanic*, que naufragou em 1912, viajavam centenas de milionários, incluindo quatro das dez maiores fortunas do mundo, e nenhum destes homens sobreviveu. Eram homens muito ricos mas que não pagaram com dinheiro a sua sobrevivência, isto é, não pagaram com dinheiro a garantia de um lugar no bote salva-vidas'. Há 'testemunhos pungentes de sobreviventes (do naufrágio do *Titanic*) que nos mostram que aqueles homens levaram até ao fim o lema: as mulheres e as crianças primeiro. Por causa deste senso moral elevado ao extremo, apenas 60% dos botes salva-vidas foram ocupados. Muitos mais indivíduos poderiam ter sido salvos, não fosse este respeito ilibado à lei, aos *mores* [estranho paradoxo!] Hoje em dia, se fosse possível, nenhum dos capitalistas que se conhece faria outra coisa senão mandar uma mulher e uma criança pela borda fora, para conseguir salvar-se'. E praticaria tal atitude deplorável não em nome de sua vida, mas em prol de seus negócios, seus bens e seus [possíveis] ganhos futuros.

Aqueles milionários que naufragaram no Titanic não tinham problema com o que viria a ser. Naqueles tempos, a propriedade não passava de uma mão a outra com tamanha facilidade quanto nos tempos atuais. A mobilidade social ainda era uma utopia durkhiemiana. Fato diferente do capitalismo moderno que vive assombrado pelo fantasma do esquecimento e pelo medo de ser sobrepujado pelo concorrente/adversário comercial. E não só por estes sentimentos como tem todo e qualquer vizinho como um inimigo em potencial. “A caça ao ganho força o espírito a se esgotar numa dissimulação sem trégua”, de acordo com Nietzsche¹⁹³, o que culmina em um estrondoso e delirante fracasso provocando-lhe danos materiais, intelectuais, de convivência interferindo em sua saúde psicológica porque vai contra toda a cultura e educação sociais humanas, contra valores aos quais a humanidade tem lutado desde eras muito antigas para prevalecer como fato. Por fim, acabam perdendo-se tudo e todos na "tentativa de impor ao homem, criatura superior e capaz de doçura, a fluir suculentamente, na última fase da Criação, dos cantos dos lábios barbudos de Deus, tentar impor, digo eu, leis e condições apropriadas para uma criação mecânica (...).”¹⁹⁴

E ao criar-se criaturas robóticas, com ações mimetizadas tem-se como resultado uma cultura descorticada, sem princípios, porque os valores acabam sendo transmutados em qualquer coisa relativa ao interesse particular de cada um e, com o tempo, convivendo nesta situação passa a ser algo normal, costumeiro, gerando o pior dos indivíduos que pode ter-se conhecimento: o indiferente.

¹⁹³ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano Demasiado Humano*. São Paulo: Escala, 2006, p.190.

¹⁹⁴ BURGUESS, Anthony. *A Laranja Mecânica*. São Paulo: Artenova, 1972, p.72.

A era capitalista pós-moderna valoriza aquele que gera mais bens para o sistema, não se importando que meios são utilizados; o que vale é o fim em si a que destina tal ação: o lucro. Assim, incentivam, por meio da propaganda violenta e agressiva, na população, o consumo obsessivo, o não-questionamento, ou seja, a ordem é consumir para, assim, favorecer o progresso... Este que jamais chega *[pelo menos para os pobres miseráveis consumidores!]*

Criam fetiches, quimeras em que os indivíduos passam a crer que se consumirem tal e qual produto tornar-se-ão iguais aos figurões que os divulgam. Prometem sonhos, promoções, carreira que nunca concretizam-se, de fato. O que sobra é um bando de famigerados movidos por uma esperança vazia de que sairão daquela condição de sub-existência e se esquecem de que a vida se desenrola em uma via sem volta. E este infeliz ainda se alegra de seu trabalho escravagista, que não lhe dá folga nem de um momento. Aliás, lhe incutam, na mente que o descanso é vergonhoso e de tal maneira este animal se vê oprimido pelo trabalho estafante que já não sabe mais viver sem ele; já não sente mais prazer nas diversões e vê a dos outros como uma coisa odiosa e relapsa *[que deve ser criticada, combatida e repudiada]*.

Até o pensar foi bestializado e prostituído; segundo Nietzsche “a meditação perdeu toda a dignidade de sua forma; ridicularizou-se o cerimonial e a atitude solene daquele que reflete e não se toleraria um homem sábio ao velho estilo. Pensamos depressa, pensamos pelo caminho, em plena marcha, no meio de negócios de toda espécie, mesmo quando se trate de pensar nas coisas mais sérias; basta-nos apenas um pouco de preparação e até mesmo pouco silêncio: - é como se nossa cabeça contivesse uma

máquina em movimento constante que continuasse trabalhando mesmo nas condições mais impróprias para o pensamento.”¹⁹⁵

Esta é uma das muitas consequências do estilo proporcionado pelo século pós Revolução Industrial onde tempo passou a ser sinônimo de dinheiro, de possibilidade de acúmulo de capital. Diferentemente do que ocorre *in nuestra época* “outrora quando alguém queria pensar – era realmente uma coisa excepcional! – era visto tornar-se mais calmo e preparar sua idéia: contraía o rosto como se fosse para uma oração e parava de caminhar; alguns ficavam até mesmo imóveis durante horas - apoiados numa só ou nas duas pernas – na rua, quando o pensamento “vinha”. Isto era chamado “pensar”!”¹⁹⁶

Nesta época relatada por Nietzsche o pensamento era uma contemplação divina. Ele não era alcançado pelo esforço cognitivo humano, antes um presente dos deuses àqueles mais ilustres, os iluminados, os escolhidos. Era, para o homem que tinha tal condição, uma garantia de que era amado pelos seres supremos, e mais, tal condição não era dada a todos os seres humanos, por isto o seu alto respeito.

A palavra teoria quer dizer, literalmente, ‘contemplação de Deus’. Este homem quando tinha uma ideia ele parava porque Deus o estava contemplando com uma nova percepção do mundo. Mas, na atualidade, tendo o homem relegado a figura deste a um canto qualquer, mantendo-o isolado e preso, e tornando-se senhor de todo e qualquer domínio, tornou-se fácil admirtir que as ideias nascem do

¹⁹⁵ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano Demasiado Humano*. São Paulo: Escala, 2006, p.44-45.

¹⁹⁶ *Ibid.*

próprio homem, dos conflitos ideológicos, de pura ação mecânica, da mesma forma que o exercício físico produz energia que transforma-se em calor passou-se a acreditar que o mero exercício mental produz ideias que transformam-se em teorias; portanto, como a vida corre e o tempo acelera-a, ainda mais, parar para degustar uma ideia implica em preguiça, em moleza e, conseqüentemente, em perda de espaço. E Konrad Lorenz corrobora esta fala acrescentando que “sob a pressão dessa concorrência entre homens, àquilo que é bom para toda a humanidade, e mesmo que é útil e bom para cada um, perdeu-se completamente de vista. A esmagadora maioria de nossos contemporâneos só dá importância ao sucesso, àquilo que permite vencer os outros, na dolorosa obrigação de exceder. Todos os meios para fingir essa finalidade aparecem, falsamente, como um valor em si.”¹⁹⁷

Esta ideologia nefanda gera um tipo de indivíduo no qual nasce em sua consciência um tipo de rivalidade psicótica em que o seu prêmio é a solidão mais pura. Ninguém vai mais a um espaço para assistir a luta, a um jogo, a um duelo ou para distrair; vai para ver alguém perder e outro vencer. Nenhum pai ou mãe vai ao parque de diversões para o deleite da família; vai para levar os filhos pequenos para que possam *desestressar*. A energia natural das crianças é vista agora como *stress*, como um mal a ser combatido por uma pílula mágica e quando esta falha a alternativa que resta é ver-se obrigado a sair com os rebentos. Logo, a ida aos domingos ao parque é uma forma de terapia para crianças, não mais como um momento de deleite espiritual, momentos únicos para acompanhar os filhos na fase mais encantadora

¹⁹⁷ LORENZ, Konrad. *Civilização e Pecado: Os oito Erros Capitais do Homem*. 1973, p.14-15.

de suas vidas. “Podemos dizer que o erro desastroso do “utilitarismo” consiste em confundir o meio com o fim. A princípio, o dinheiro era um meio, como prova a expressão corrente: “Ele tem meios”. Mas hoje em dia quantos são capazes de entender que o dinheiro em si não é um valor? O mesmo acontece com o tempo; *Time is Money* significa que aqueles que dão valor ao dinheiro, prezam da mesma forma, cada segundo de tempo economizado.”¹⁹⁸

Tal situação paranóica leva o indivíduo a uma exaustão espiritual porque por mais que corra em busca de seus objetivos estes estão sempre distanciando-se de si, condenando-o a um *Suplício de Tântalo*. Na mesma esteira que os malucos sociais a necessidade de lucros do sistema empresarial cresce num ritmo exponencial. A idéia, meramente hipotética, de que o outro possa ter mais deixa qualquer capitalista com insônia. Desde que o dinheiro passou a governar o mundo a coisa descambou. O poder, na atualidade troca de senhor com muita facilidade. A televisão detém o poder do discurso que engloba a ‘*mass media*’ ao mesmo tempo em vários locais, o que leva os capitalistas da era pós-moderna a estarem sempre em busca de novidades para alimentar a necessidade desmedida de ilusão da grande massa.

Na perspectiva do capitalismo moderno, crianças são produtos (rotuláveis, manipuláveis) que podem ser forjados como produtos em série e não pessoas dotadas de perspectivas próprias de vida. São, desde a mais tenra idade, des-ensinadas a gostar de tal e qual coisa e levados a estímulos com tal e qual brinquedo [*desenvolvido, testado,*

¹⁹⁸ LORENZ, Konrad. *Civilização e Pecado: Os oito Erros Capitais do Homem*. 1973, p.14-15.

aprovado] e indicado por pedagogos renomados e experimentados *[não se sabe em quê nem por quem]*, para que a criança desenvolva sua inteligência e interesse por uma determinada área.

Estes pais quando matriculam seus filhos em uma escola pública esperam tudo do governo e se tiverem que comprar o mínimo que seja de material vêem aquilo como gasto, porque, em suas concepções, a escola pública não tem poder para garantir um futuro ao seu filho; de forma que vê até a educação do filho neste sistema como um gasto *[sem retorno]*.

Já quando matricula o filho na rede particular, a situação se inverte. Todo o material exigido é comprado com prazer, porque ali é um investimento de futuro. Se filho terá chances de vir a ser um jurisconsulto ou um médico. Se na rede pública seu filho tinha que ir à escola a pé, de bicicleta ou de ônibus; agora ele é levado de carro do ano; tudo isto porque não quer ser visto pelos amigos do seu filho como inferior aos pais destes. De forma que o que governa a alma destas feras é o eufemismo e a inveja.

Eles pagam o mínimo suficiente para o cara comer e viver *[melhor dizendo, sobreviver]*; de forma que a única coisa que seus funcionários alimentam em desmedida é a esperança de saírem desta vida sem perspectivas. Em reuniões com seus funcionários, os discursos são sempre recheados de ofensas e rebaixamentos aos subalternos e de exaltação a si mesmo e a qualidades pessoais. Sofrem de um complexo de inferioridade terrível, mascarado sob a expressão de superioridades egocêntricas. A ganância por dinheiro exprime doença mental grave.

Uma empresa ou entidade tem que ser percebida com um elemento ativo do contexto social (cultural, político, econômico, *etc.*) e esse fato remete a compromissos e/ou responsabilidades que elas (empresa ou entidade) devam ter com a sociedade como um todo. O conceito de ética empresarial ou organizacional (ou ainda de ética nos negócios) tem a ver com este processo de inserção. A empresa ou entidade devem estar presentes de forma transparente e buscando sempre contribuir para o desenvolvimento comunitário, praticando a cidadania e a responsabilidade social. Atentam-se contra a cidadania, ferem a ética empresarial. A ética social se pratica internamente, recrutando e formando profissionais e executivos que compartilham desta filosofia, privilegiando a diversidade e o pluralismo, relacionando-se de maneira democrática com os diversos públicos, adotando o consumo responsável, respeitando as diferenças, cultivando a liberdade de expressão e a lisura nas relações comerciais. A ética social é um atributo indispensável para as organizações que querem manter-se vivas no mercado e a sociedade está cada vez mais alerta para os desvios de conduta das organizações.

A ética não é um valor acrescentado, mas intrínseco da atividade econômica e empresarial, pois esta atrai para si uma grande quantidade de fatores humanos e os seres humanos conferem ao que realizam, inevitavelmente, uma dimensão ética. A empresa, enquanto instituição capaz de tomar decisões e como conjunto de relações humanas com uma finalidade determinada, já tem, desde seu início uma dimensão ética. Uma ética empresarial não consiste somente no conhecimento da ética, mas na sua prática. E este praticar concretiza-se no campo comum da atuação diária e não apenas em ocasiões principais ou excepcionais geradoras

de conflitos de consciência. Ser ético não significa conduzir-se eticamente quando for conveniente, mas o tempo todo.

Muitos empresários reclamam da falta de ética nas empresas, tais como depois que fazem um bom funcionário este vai embora atraído pela concorrência. É preciso analisar se a empresa está tratando seus funcionários da forma como eles merecem ser tratados. E, da mesma forma que a empresa gastou tempo e dinheiro na formação de um profissional este, por sua vez, também investiu tempo e dinheiro para aprender. É uma relação dialética. E, sendo dialética, da mesma maneira que ele for tratado, é a forma como irá responder. É a lei da ação e reação. Dentro do 'processo' empresarial cada investimento deve ser tratado como tal. Porém, o ser humano é um ser dotado de algo além, que necessita de algo mais, algo como afeto, atenção, respeito; o erro deve ser punido, não o infrator; este deve ser trabalhado de forma que não venha mais a errar e caso o faça, não o omita, o que viria a ser pior que o próprio erro em si.

O prof. Marins conta que certa vez entrevistava um consultor para a sua empresa. Terminada a entrevista, ele muito satisfeito com o perfil do profissional, partiram para uma conversa informal, ao que o consultor começou a contar histórias de sua antiga empresa onde trabalhara. No mesmo instante ele disse ao consultor que não o contrataria porque ele não era ético. “Da mesma forma que o senhor está contando histórias de sua antiga empresa para mim, irá contar sobre a minha aos outros no dia em que dela sair.”

A ética empresarial deve ser um valor agregado ao espírito da organização que assegura sua sobrevivência, sua reputação e, conseqüentemente, seus bons resultados. As organizações estão percebendo a necessidade de utilizar a

ética, para que o “público” tenha uma melhor imagem do seu *slogan*, que permitirá, ou não, um crescimento da relação entre funcionários e clientes possibilitando a criação e manutenção da ideia de que torna-se relevante ter consciência de que toda a sociedade vai se beneficiar através da ética aplicada dentro da empresa, bem como os clientes, os fornecedores, os sócios, os funcionários, o governo... Se a empresa agir dentro dos padrões éticos, ela só tende a crescer, desde a sua estrutura em si, como aqueles que a compõem.

Os valores éticos são um conjunto de ações éticas que auxiliam gerentes e funcionários a tomar decisões de acordo com os princípios da organização. Quando bem implementado, os valores éticos tendem a especificar a maneira como a empresa administrará os negócios e consolidar relações com fornecedores, clientes e outras pessoas envolvidas. O Código de ética é um instrumento criado para orientar o desempenho de empresas em suas ações e na interação com seu diversificado público. Para a concretização deste relacionamento, é necessário que a empresa desenvolva o conteúdo do seu código de ética com clareza e objetividade, facilitando a compreensão dos seus funcionários. Se cada empresa elaborasse seu próprio código, especificando sua estrutura organizacional, a atuação dos seus profissionais e colaboradores poderia orientar-se através do mesmo. O sucesso da empresa depende das pessoas que a compõe, pois são elas que transformam os objetivos, metas, projetos e até mesmo a ética em realidade. Por isso é importante o comprometimento do indivíduo com o código de ética.

Dessa forma, foi eleito o conceito Responsabilidade Social Empresarial, uma vez que o termo Responsabilidade Social nas Empresas poderia sugerir apenas as ações sociais in-

ternas, aquelas destinadas aos funcionários e que visassem à criação de um ambiente de trabalho mais saudável, um maior bem-estar interno que favorecesse a produtividade e satisfação de funcionários, parceiros, clientes e empregadores. No entanto, a expressão *Responsabilidade Social das Empresas* sugere seus encargos para com a sociedade de uma maneira mais externa e paradoxalmente restrita, ou seja, através do cumprimento de leis e de deveres que apenas viessem reparar danos sociais e ambientais causados por sua atividade no local de instalação.

Uma corporação é formada por pessoas; e são elas que refletem a saúde da instituição, que a fazem serem mais ou menos e não o inverso. A Empresa-Vampiro já não tem mais espaço em um mercado que busca valorizar o ser humano em si como um ser do devir, do vir a ser. A fala de Martin Luther King Jr. Se aplica diretamente às corporações, considerando que a satisfação dos funcionários é um termômetro que marca o grau de sucesso de uma empresa. E ademais, estes devem se comprometer com o equilíbrio pessoal dos seus parceiros. Já na abordagem utilitária, o sujeito colaborador é tratado como um autômato, um inválido, uma figura perniciosa e viciosa que só e tão somente oferece perigo à corporação. Já na abordagem da moral e dos direitos, que significa uma abordagem deontológica, este é um parceiro, um sujeito, alguém capaz de ser mais e contribuir para o crescimento do grupo, enquanto tal. Logo, esta abordagem é a melhor para os gerentes seguirem, pois ela promove o esclarecimento do sujeito, ou seja, aceita-o com suas limitações ao mesmo tempo em que o prepara para uma relação dialética corporativa.

X

ÉTICA E CIDADANIA

Ética e cidadania são, na atualidade, imperativos de consciência, deveres e direitos públicos subjetivos de natureza social. É ter presente o que ocorre neste mundo, cada vez mais globalizado e mais cruel, e tão distante da sua matriz: as pessoas. Cada vez mais os cidadãos se sentem desamparados e entregues à sua sorte *[ou ao seu azar]* e, não raro, ao desespero. Por isso, é necessário dizer, a quem se esquece freqüentemente, que todos temos uma função a desempenhar, que toda a função, por mais humilde que seja, é necessária para o conjunto da vivência e convivência humana. Se uns são políticos e desempenham funções a este nível é porque outros têm a qualidade de eleitores e os elegem. Sem a qualidade de uns não existirá a qualidade dos outros. Se não houvesse a doença que falta nos faria o médico? Se o carro não nos avariasse, como sobreviria o mecânico?

Tal reflexão permite-nos deduzir que tudo pode ser compreendido como um ciclo vital que completa-se na responsabilidade de respeitar aqueles que fazem parte, de maneira direta e indireta em nossa cotidianidade e na coletividade.

A ética antecipou a cidadania. Isto porque mesmo quando os homens ainda viviam em hordas, havia certas regras que deveriam ser respeitadas e seguidas, logo, esta era uma ética rudimentar, mas imperava e mantinha o que se pode chamar de uma organização social. Mesmo na guerra havia preceitos a serem respeitados, como por exemplo, vencia a batalha o melhor estrategista e não o mais trapaceiro; as batalhas somente aconteciam até o por do sol, sendo res-

peitado à risca. Os acordos de paz eram feitos tendo como ato de selamento a invocação de um deus que servia como testemunha.

Uma organização social mais complexa dá-se a partir do momento em que o homem realiza o que pode ser considerado como os dois maiores feitos na história da humanidade: 'a invenção do arado e a domesticação dos bovinos.' Quando os grupos separam-se e instalam-se e começam a cultivar a terra, começa a haver uma nova ordem; surge aí o casamento monogâmico e nasce a ética familiar, uma vez que cada família só se correspondia com seus próprios entes. Até mesmo olhar para um estranho era sinal de mácula, que necessitava de purificação. Mas este cultivo da terra era muito restrito ao próprio lar, não dependendo de nenhuma ajuda externa.

Mas com o advento da invenção do arado, o homem passa a cultivar maiores espaços, ele passa a crer que a terra é-lhe menos hostil sob o jugo do arado, mas faltava uma criatura que realizasse aquela operação com maior sucesso e menor esforço. Sua atenção se volta para os bovinos, devido à sua força bruta e robustez. A partir daí, a área que era restrita começa a ampliar-se e passa a haver necessidade de mão-de-obra para o cultivo e a colheita. Começa a partir daí, a se formar os clãs, as tribos, as fratrias, cada qual com um número maior de pessoas e com uma nova ordem de convívio social. O homem que até bem pouco tempo vivia livre pelos prados tem agora que cumprir obrigações sociais como o sacrifício aos seus manes familiares e os da sua organização e ainda zelar pelo sustento da sua família.

Com a nova força de trabalho dos bovinos, é possível transportar materiais antes inimagináveis a este ser e começa a

erigir fortificações que veio a se chamar cidades. O habitante das cidades era chamado de cidadão. Para aqueles que habitavam fora dos muros da cidade não havia classificação. Não possuíam leis, nem obrigações legais ou religiosas, porém não tinham a proteção dos deuses, nem podiam olhar os cidadãos quando estes passavam, deveriam olhar para o chão. Caso um destes seres olhasse para um cidadão, o herege era morto e o cidadão deveria passar por um severo ritual de purificação.

Dentro da cidade, a ética consistia em oferecer o culto aos manes protetores, participar do banquete público, respeitar os deuses e não permitir-se olhar para um forasteiro. A palavra cidadão deriva de ‘cidade’. Hoje, o conceito de cidadão se ampliou para todo aquele que está dentro dos limites da sua nação de origem, bem como o conceito de ética, que, se no passado estava restrita àquele que habitava do lado de dentro dos muros da cidade, protegendo este das “tentativas” de ataques dos que estavam excluídos da cidade, na atualidade, com o conceito de cidadão cósmico, ela se estende a todos com iguais direitos e deveres.

Mas o sonho do homem de habitar a cidade permaneceu latente. Bastou a explosão da Revolução Industrial (entre 1760 a algum momento entre 1820 e 1840) para que o gene quiescente despertasse. Os historiadores dizem que isto foi um fenômeno social. O que houve é que a nova ordem não fazia exigências absurdas para que o camponês miserável pudesse tornar-se um habitante da cidade, ou seja, um cidadão. Este sonho adormecido por milênios finalmente pode ser realizado, mal sabendo ele que havia uma nova ética também e esta de agora tinha como Deus supremo o dinheiro do industrial e um preço a ser pago que era o da escravi-

dão moderna (onde o indivíduo vivia no engodo de que era livre).

Para garantir sua sobrevivência nesta nova ordem, o homem criou leis e regras que mantinham as pessoas unidas. Com isto, ele que era um caçador solitário passa a sentir falta de companhia. O Culto aos Antepassados era o laço que mantinha as famílias unidas, bem como as reuniões maiores (clãs, tribos, fratrias). Na cidade era a sua condição de “cidadão”.¹⁹⁹

Esta condição garantia-lhe proteção não somente contra os males da natureza como também dos outros habitantes da polis. Ninguém poderia agredir um cidadão ou a sua propriedade, mas aquele que não o fosse não havia lei que o resguardasse do ódio dos moradores da cidade. Presença de um forasteiro na cidade significava ameaça iminente de desgraças enviadas pelos deuses protetores. Por isto tamanho ódio. Caracterizava-se mais como medo pueril pelo que poderia ocorrer do que uma raiva consciente. Tal pensamento mudou com o surgimento dos primeiros sofistas e consequentemente, a Filosofia tornando-se incomensuráveis as transformações que ocorreram desde as primeiras experiências filosóficas e a instauração da democracia pelos antigos gregos, há 2.500 anos, fruto da evidência da razão, que desmistificou os preconceitos míticos e a força das tiranias, mostrando aos cidadãos a origem do poder. A persistência do pensamento filosófico fez novas descobertas, tanto no campo científico, como na relação ética e na capacidade da cidadania de cada um.

¹⁹⁹ A este respeito ver COULANGES, Fustel de. *A Cidade Antiga*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

O homem quando se separa de seu grupo se animaliza, se bestializa. A exclusão bestializa o ser humano porque o homem tem ânsia de ser aceito socialmente, não é simplesmente um desejo, chega mesmo a ser ansiedade. Por isto o homem respeita a coerção social, sem questionamentos, e é por isto que o homem respeitava as leis da cidade. Ele queria ser alguém, queria ser visto como tal, mesmo que isto tivesse-lhe um alto custo.

Rousseau fala que, “o homem nasceu livre e em toda parte se encontra sob ferros. Acredita-se de tal modo senhor dos outros que não deixa de ser mais escravo que eles. Enquanto um povo é obrigado a obedecer e obedece, faz bem; tão logo possa sacudir o jugo e o sacode, faz ainda melhor, porque, recuperando sua liberdade por meio do mesmo direito com o qual foi arrebatada dele, ou se lhe serve de base para retomá-la ou não se prestava em absoluto para tirá-la dele.”²⁰⁰

Não existe uma lei artificial que permita ao homem subjugar o outro por qualquer modo que seja. Ainda que pela força bruta tal seja possível e admissível nos códigos da Antiguidade, não o são mais nos atuais códigos *legis*. Representa tal coisa um avanço em nome da paz entre as nações e aquela que ainda pratica tais ações vê-se no risco de que a subjugada levante-se em armas a qualquer tempo e reivindique sua condição anterior de liberdade, o que na concepção de Rousseau é algo que encontra-se dentro de suas obrigações como nação.

O homem não é um ser gregário como afirmou Lê Bom. O ser humano busca o convívio social como uma forma de ser

²⁰⁰ ROUSSEAU, Jean Jacques. *O Contrato Social*. São Paulo: Escala, 2005, p.14.

aceito e de ser reconhecido. Ele tem necessidade de ser aceito no grupo, por parte dos companheiros, troca de amizade, de afeto e de amor. A sensação de não-pertencimento e isolamento provoca no indivíduo uma forte queda de sua auto-estima.

Esta questão da sociabilidade e a ânsia de ser aceito no grupo é observado até mesmo em povos primitivos. Quando a Igreja Católica veio para a região amazônica disposta a transformar as índias em prostitutas sacras para o deleite dos portugueses, um caso de uma índia em particular chamou a atenção de um Padre Daniel, que narra que “foi um dia muito devota, uma moça, pedir com instância ao missionário, que já a batizasse; porque se envergonhava de estar ainda gentia no meio de tantos cristãos (...)”²⁰¹

A história sempre que contada pelo sobrevivente terá um teor de valor superior aos desígnios sagrados que lhe apeteçam. Logo abaixo, sobrevém a sua resposta mais fiel. Depois de algum tempo, o missionário indagou à moça o que a teria levado àquele gesto, ao que repôs a índia “que aportando àquela missão tantos brancos, tinham com eles boas entradas as mais suas parentas, e que ela era repudiada, e mal vista deles por saberem que ainda estava gentia, pelo que se via como envergonhada com as mais, o que já não lhe sucedia depois de batizada.”²⁰²

A intenção era a de participar dos presentes e brindes dados pelos bufões que chegavam nas navegações portuguesas. A aceitação da fé do outro era um meio egoísta de atingir um fim. Segundo Homero, o homem perde metade de sua

²⁰¹ DANIEL, 1976, p.210-211 citado por TORRES, I. C. *O Paternalismo e as Mulheres da Amazônia de Ontem*. Manaus: UFAM, 2006, p.04-5.

²⁰² *Ibid.*

razão quando se torna escravo. Isto porque suas vontades não são postas em evidência, seus valores são suprimidos em prol da autoridade e vontade do conquistador. Um dos grandes méritos de Napoleão Bonaparte foi respeitar as leis e os costumes dos povos vencidos. Esta era sua ética. Se o costume em tempos de guerra era o de dominar o povo subjugado pela violência, o estupro, o assalto e a morte, as leis napoleônicas iam de confronto a esta ideologia. Aqui no Brasil, ao invés de usarem da violência usaram um “jeitinho” para domarem os nativos: a fé como meio para angariar presentes dos invasores. Fica-se sem saber quem abusou de quem nesta ciranda. Um fato é definitivo: os nativos brasileiros perderam sua identidade. Antes eram filhos da terra, com o domínio português passaram a ser posse da Coroa Portuguesa e utilizando outro jeitinho, foram chamados de brasileiros, como se tivessem uma cidadania.

Mas o que é cidadania? Na atualidade, cidadania é aquele que é natural de determinado país e possui registro genealógico nele. Mas nem sempre foi assim. Na Antigüidade, cidadão era o indivíduo que habitava a cidade, que estava dentro dos muros desta, os que estavam do lado de fora eram os outros. A lei era feita para o cidadão, não para todos. A diferença da atualidade é que só era cidadão quem fosse rico, ou estivesse sob os cuidados deste, logo a lei era feita para os ricos. Hoje a lei é feita “para todos”, mas ela só age contra os pobres, os ricos estão imunes a ela, o que nos mostra que ele na verdade é feita para os pobres. A semelhança com aquele período é que a lei era feita para proteger os ricos e hoje pelo mesmo modo.

Cidadão é o indivíduo que está no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado. Na outra fase da moeda, o cidadão não goza apenas de seus direitos. O cidadão também de-

semprenha deveres para com o Estado. Cidadão é um indivíduo que tem consciência de seus direitos e deveres e participa ativamente de todas as questões da sociedade. Para Demerval Saviani, ser cidadão significa ser sujeito de direitos e deveres: “Cidadão é, pois, aquele que está capacitado a participar da vida da cidade e, extensivamente, da vida da sociedade”. O cidadão tem de ser cômico das suas responsabilidades enquanto parte integrante de um grande e complexo organismo que é a coletividade, a nação, o Estado, para cujo bom funcionamento todos têm de dar sua parcela de contribuição. Somente assim se chega ao objetivo final, coletivo: a justiça em seu sentido mais amplo, ou seja, o bem comum.²⁰³ Já Cidadania define-se como um conjunto de direitos e deveres ao qual um indivíduo está sujeito em relação à sociedade em que vive. O conceito de cidadania sempre esteve fortemente “ligado” à noção de direitos, especialmente os direitos políticos, que permitem ao indivíduo intervir na direção dos negócios públicos do Estado, participando de modo direto ou indireto na formação do governo e na sua administração, seja ao votar (direto), seja ao concorrer a um cargo público (indireto). No entanto, dentro de uma democracia, a própria definição de Direito, pressupõe a contrapartida de deveres, uma vez que em uma coletividade os direitos de um indivíduo são garantidos a partir do cumprimento dos deveres dos demais componentes da sociedade.

O Dr. Pausch conta que ao viajar junto a um amigo para sua palestra, pararam em uma lanchonete para um almoço e a garçomete, “uma grávida de uns trinta anos, com o cabelo louro desbotado, chegou à nossa mesa exatamente quando surgiu na tela de meu computador uma fotografia de meus

²⁰³ SANTANA, Edilson. *Filosofar é Preciso – As grandes indagações filosóficas e os enigmas da Humanidade*. São Paulo: DPL Editora, 2007.

filhos. _ Que crianças fofas! – exclamou. Parabenizei-a pela gravidez, dizendo que deveria estar extremamente feliz! _ não exatamente _ reagiu ela_ foi um acidente! Enquanto ela se afastava, não pude deixar de me surpreender com sua franqueza. Sua observação espontânea lembrou-me dos elementos acidentais que estão em jogo tanto em nossa chegada à vida... quanto em nossa partida para a morte. Aquela mulher, por acidente, ia ter um filho, que com certeza viria a amar. Quanto a mim, por causa do câncer, deixaria três crianças que cresceriam sem meu amor.”²⁰⁴

Em cada sociedade, a ética criará valores onde a sinceridade poderá se tornar esdrúxula. E mesmo a franqueza irá afetar as sombras da civilização. Verdade, sinceridade, franqueza não são sinônimos de ética no mundo ocidental, isto porque fomos educados, ou melhor, domesticados a crer que o amor é a coisa máxima e que a vinda de um filho deve ser vista como uma dádiva dos céus; mas e se este presente for um presente de grego? O mesmo código de ética reza que devemos ser sinceros e verdadeiros quanto ao que sentimos...

Até bem próximo, a regra que imperava era a do ambientalismo e a do inatismo. Se nascesse em berço nobre era nobre por excelência, o velho ditado, “filho de peixe peixinho é”; porém se tivesse a maldição de nascer em lares menos afortunados... Esta era a lei do inatismo... A lei do ambientalismo era “se me disseres com quem andas direi quem tu és”, ou “quem com porco anda, farelo come.” E isto perdurou até que Kant vem e diz que tanto o meio quanto a interação social irão definir os padrões de comportamento do

²⁰⁴ PAUSCH, Randhal; ZASLOW, J. *A Lição Final*. Rio de Janeiro: Editora AGIR, 2008. Cap. 2: Minha Vida Em um Laptop, p.24.

indivíduo. Muitas das vezes, como nos mostra os relatos de cientistas do quilate de Freud e Elizabeth Badinter, que as crianças corriam mais riscos junto a seus familiares (pais e mães) que com estranhos.

Muitos valores foram modificados com relação à infância e a adolescência depois de Freud e a Psicanálise. Juntamente com a Revolução Industrial a humanidade experimentou um conjunto de leis que passaram a oferecer guarida e amparo aos mais indefesos. Crenças como as que diziam que bastava dizer com quem andava que podia-se definir o indivíduo são reminiscências de um tempo em que isto era fato. Os estamentos sociais eram perceptíveis e definiam, *ipso facto*, a posição social e esta a identidade de cada um.

Simmel dá uma demonstração de esperança e virtude na árdua e bela tarefa de educar as crianças de hoje para serem os adultos de amanhã, na pessoa de um jovem professor vienense. Assim fala seu personagem: “Queridas mães, seus filhos vieram hoje para nossa escola, e nós assumimos a incumbência de ensiná-los a ler, escrever, calcular, desenhar e cantar. Assumimos, no entanto, também outra tarefa, isto é, transformá-los em criaturas alegres, corajosas e íntegras.”²⁰⁵

Esta é uma das tarefas mais pesadas e difíceis que cabe à educação, a de imputar coragem em criaturas que sobrevivem em um mundo hostil e que anda experimentando todo tipo de violência possível em nome de um sarcasmo sem fim comandado por pessoas que fizeram juramentos de proteger a paz e zelar pela harmonia social. Se a educação não

²⁰⁵ SIMMEL, Johaness Mario. *Ainda Resta Uma Esperança*. [1950] São Paulo: Círculo do Livro, 1983.

tem atingido seus objetivos em plenitude é porque os professores, como seres humanos que são, também já encontram-se desmotivados e sem perspectivas quanto a um futuro. Mas este professor criado por Simmel parece ignorar a realidade social de seu país, Alemanha, esmagado pela guerra e continua sua preleção alegando que as diferenças, os preconceitos, as desavenças que poderão surgir são produtos de seus ambientes e não de suas próprias decisões autônomas, pois, “seus filhos, isso nós sabemos tão bem quanto vocês, vêm de famílias de níveis bem diferentes. Alguns estão bem de vida, outros não. Os filhos que vocês nos confiam já são hoje tão distintos quanto à personalidade como vocês que aqui estão. Só que eles são muito mais jovens e, por isso, aprendem com mais facilidade. Em pouco tempo vão se conhecer melhor e muitos ficarão amigos. (...) Seus filhos ficarão juntos quatro anos. É muito tempo, especialmente na vida de uma criança. Eles não vão ligar para o fato de os pais serem pobres ou ricos, feios ou bonitos... a não ser que para vocês isto faça grande diferença.”²⁰⁶

O que a sociedade elege como diferenças a serem consideradas é nada mais que uma quimera que mais colabora com a ampliação do abismo social entre as classes. Romper tal paradigma não tem sido a tarefa mais fácil em que muitos especialistas têm enveredado esforços. As divergências embasadas e justificadas pelas características fenotípicas foram, em parte, superadas, porém, em seu lugar surgiram as confrontações de ordem econômica. Tão ou mais difíceis de serem superadas pela razão simples. “Por isso, lembre-se de uma coisa: nem sempre é por mérito próprio que as

²⁰⁶ SIMMEL, Johanes Mario. *Ainda Resta Uma Esperança*. [1950] São Paulo: Círculo do Livro, 1983.

peças têm muito dinheiro, e não é vergonha alguma ser pobre. Também não é sinal de mau caráter ser rico, nem tampouco, por não possuir dinheiro, pode-se concluir que uma pessoa seja boa.”²⁰⁷

São crenças sociais que pessoas abastadas são desonestas e pobres são honestos. A ocasião faz o furto, uma vez que o larápio já encontra-se pronto. Logo, a condição socioeconômica pode ser um agente facilitador ou dificultador para certos atos considerados imorais e ilegais. O que não pode-se perder de vista é que a educação dada a uma criança é a que terá como base em seu futuro.

“Lembrem-se de que seus filhos serão os adultos de amanhã. Quando mais tarde os advogados, diretores de banco, funcionários do Estado e médicos famosos disserem: aqueles operários foram nossos colegas de infância, então poderemos ter esperança de estarmos nos encaminhando para um mundo melhor. Esse é o nosso propósito. Não é uma tarefa fácil. É mesmo muito difícil. Até hoje ninguém conseguiu levá-la a cabo, mas nem por isso ela é irrealizável.”²⁰⁸

Este autor mostra que o caminho para a plena cidadania se dá pela educação e não apenas por ela, mas por uma conduta que leve o homem a respeitar o seu igual como ser humano e não como coisa que pode ser descartável e indigna de respeito. Este romance foi escrito logo após a Segunda Grande Guerra, em uma Alemanha que não era mais do que cinzas e, aproximadamente, 18 (dezoito) milhões de vítimas inocentes em sua caderneta de terror.

²⁰⁷ SIMMEL, Johannes Mario. *Ainda Resta Uma Esperança*. [1950] São Paulo: Círculo do Livro, 1983.

²⁰⁸ *Ibid.*

São exageros, cultivados como valores éticos nacionais, como ocorrido no governo de Hitler que se deve atentar para que não volte mais. Coisas como os valores de um povo colocado acima de tudo e de todos. Acusar um grupo minoritário de ser o causador de todo o mal de uma nação como a alemã é o cúmulo do absurdo e mais absurdo é o povo se satisfazer com este carnaval, aceitando de bom grado desde que seja o outro a padecer e não “eu”. E depois se acusa um único homem de ser o único responsável por todo o caos provocado.

A fim de evitar tais contrastes “é preciso mostrar como a vida inteira de um povo reflete de forma impura e confusa a imagem que seus maiores gênios apresentam: estes não são o produto da massa, mas a massa mostra sua repercussão. Ou melhor, qual é a relação? Há uma ponte invisível de um gênio a outro – aí está a verdadeira “história” objetiva de um povo; qualquer outra é variação inumerável e fantástica numa matéria inferior, cópias de mãos inábeis. São igualmente as forças éticas de uma nação que se manifestam em seus gênios.”²⁰⁹ E ao longo da história são inúmeros os que manifestaram os instintos reprimidos de seus povos. Entre os mais clássicos na história encontra-se Adolf Hitler. E junto com ele Martinho Lutero, João Calvino, que, a muito custo escaparam das unhas impiedosas da santa Inquisição, ao tomarem o poder sob suas tutelas tornaram-se carrascos impiedosos em nome da nova fé; mulheres, grávidas, jovens, crianças, quem se negasse esta nova fé religiosa era assassinado sem misericórdia. Eles haviam saído das trevas, porém, as trevas não saíram de suas almas. É duro admitir, mas esta era a ética, os princípios daquele tempo,

²⁰⁹ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A Genealogia da Moral*. São Paulo: Editora Escala, 2007, p.13.

criados por eles mesmos. Mais tarde, o ex-seminarista Josef Stálin, literalmente, “O Homem de Aço”, declarava caça aos intelectuais, num expurgo que durou não mais nem menos que três anos. A política era a seguinte: ‘quem não delatava ninguém era considerado suspeito de ser inimigo do povo.’

A ideologia de Stálin para levar adiante seu massacre aos intelectuais era a de que “idéias são muito mais poderosas do que armas. Se não permitimos que nossos inimigos tenham armas, então porque permitiríamos que tivessem idéias?”²¹⁰ Neste esquema de eliminação do poder qualquer desafeto do Estado ou do Governo era enviado aos *gulags* (campos de concentração russos) onde, geralmente, morriam de tísica devido ao frio intenso e as péssimas condições de vida. Não precisava ser um gênio, bastava não concordar com a política do politiburo.

A ética, entendida como disciplina filosófica, estabelece juízos de valor, procurando determinar, a respeito da conduta humana, não “o que é”, mas “o que deve ser”, coercitivo. É, portanto, de natureza normativa, tendo por objeto um sistema de conceitos que não precisa exprimir uma realidade, mas antes constituem uma teoria do ideal. Vale esclarecer que alguns pensadores têm tentado fazer da ética uma ciência, particularmente aqueles que se acham vinculados à tradição empirista, pretendendo transformá-la numa “ciência dos costumes”. Embora as idéias e as atitudes morais possam ser encontradas e estudadas em povos de todas as épocas, a ética, como um sistema de idéias dotado de fundamentação racional só aparece no interior da especulação filosófica a partir da Grécia antiga.

²¹⁰ STÁLIN. *In: OS 100 DIAS que mudaram o mundo. Aventuras Na História*. São Paulo: Editora Abril, 2005, p.66.

Inicialmente, o problema moral, na tradição helênica, surge formulado por poetas, na medida em que propõem sobretudo duas questões estreitamente vinculadas: o que é a virtude?; É possível transmiti-la, e, como ensiná-la? Na fase antropocêntrica da filosofia grega, aquelas questões tornaram-se fundamentais, em grande parte devido à importância que assumiu, num regime democrático como o de Atenas, a determinação de objetivos para a ação humana. A Virtude é algo de bom que compõe a personalidade humana. Só será transmitida através da exteriorização de atos.

Desde então duas grandes linhas de pensamento passaram a se desenvolver: uma que pretendia submeter às normas morais à explicação científica e metafísica da realidade. Outra que considerava o universo ético como autônomo independente da ciência, fruto do esforço e da vontade e não da razão, a Fenomenologia. No platonismo e em todas as correntes dele derivadas, a ética fundamenta-se no bem ou na perfeição, essência suprema, absoluta e intemporal, que os pensadores cristãos identificarão com Deus. Na verdade, toda a ética tradicional pretende estabelecer normas que deveriam nortear a conduta humana, independentemente das circunstâncias de espaço e tempo.

De acordo com Descartes, a essência do bem e do mal depende, como as verdades eternas, da livre vontade de Deus: o bem é aquilo que Deus quer. Outros pensadores consideraram que o bem seria bem por sua própria essência, e não pela vontade arbitrária de Deus. Mas o bem não poderia ser obrigatório em virtude de sua própria essência? É o que pretendem as grandes doutrinas éticas fundamentadas na metafísica, como por exemplo, as de Platão e Aristóteles. Para todas essas doutrinas, a essência do bem pode ser definida

exclusivamente pela razão, independentemente de qualquer observação empírica.

Também quanto ao problema ético, a filosofia de Kant representa um marco divisor no pensamento moderno. Segundo Kant, a consciência moral é constituída por um conjunto de princípios que formam a razão prática. A análise desses princípios conduz ao exame dos qualificativos morais. Somente o ser humano pode ser considerado bom ou mal; ele age e em suas ações podem ser identificados dois elementos: aquilo que ele efetivamente faz e aquilo que ele quer fazer. Apenas esse último elemento é que pode ser qualificado bom ou mal.

Ao contrário de Kant, que constrói uma ética apriorista, que se encontra exclusivamente baseada na razão prática, as teorias utilitaristas partem da consideração dos resultados empíricos das ações humanas, e não de seus princípios.

Na filosofia contemporânea, o problema ético tem sido particularmente tratado pelos representantes das diferentes modalidades de existencialismo. Recusando a noção de "natureza humana" e substituindo-a pela de "condição humana", os existencialistas ao mesmo tempo rejeitam os valores éticos tidos como intemporais e absolutos. Sendo o homem um "ser *in situ*", sua ética jamais pode significar o esforço para adotar padrões universais de conduta, permanecendo uma moral estreitamente ligada às noções de risco e de responsabilidade, uma moral do relativo e não do absoluto, uma "moral da ambigüidade".

Kant mostrou que nenhum Estado de direito poderia subsistir se não houvesse por parte dos cidadãos uma adesão a esse sistema, ao invés de uma mera obediência em virtude

da coerção. A ação para difundir os valores, a formação espiritual e social das consciências, a difusão de uma mentalidade que favoreça a afirmação da moralidade pública em todos os níveis, contribui para gerar "homens novos"; homens socialmente preparados e inseridos profundamente no contexto social atual.

Hoje, a exigência ética fundamental é de que seja recuperada a possibilidade de se reconstruírem relacionamentos de comunhão entre as pessoas e entre as comunidades, em todos os níveis: familiar, social, econômico, político, etc. Aqui se encontra o antídoto para o mal moral, porque a comunhão entre as pessoas colocam-nas na condição de crescerem com responsabilidade diante de si mesmas e dos outros e de se doarem, realizando-se num contexto comunitário que favoreça as exigências sociais.

A ética, a política e o direito antes de serem vastos corpos teóricos nos saberes de nossa cultura superior são programas pedagógicos que visam educar o indivíduo e a comunidade para aquilo que se determinou bem, como valor a ser adotado, a vida plenamente humana em comunhão com os outros. Articulados como ciências a ética a política e o direito, pois sem educação ética não há participação política, participação que capacita o homem a assumir com plena consciência a recíproca relação entre direito e dever na qual consiste a existência na esfera do direito.

Todas as vezes em que o tema ética política e direito se tornar temas de debate ou de massa no exercício da administração da justiça, deixa o recinto austero dos tribunais para se tornar um problema social, pois a educação ética é a verdadeira. O mundo ético é uma conquista da civilização.

De acordo com Paul Ricoeur, uma proposta ética constitui-se de três momentos: a perspectiva ética, a norma moral e a sabedoria prática. A vida ética ganha precedência em relação à moral, mas da complementação entre elas nasce uma viva dialética entre essas duas faces do agir humano. Uma frase bem resume o programa do autor: a perspectiva ética consiste em viver bem *com* e *para* os outros em instituições justas.

Mas como surge e porque surge. Segundo Frazer (s.d.) nenhuma sanção vem do acaso, vem com a intenção de proibir algo que os homens fariam não fosse a força maior da lei a puni-los. Deuz-se, assim que, a existência da lei é decorrente da necessidade de se manter a ordem, que tem grande influência na distribuição dos poderes, sendo que poder é a condição que o homem ou grupo de homens tem de conseguir seus objetivos, mesmo em meio às resistências. O poder social não é similar aos outros poderes, podendo inclusive ser uma consequência de um poder econômico. Porém, deve-se observar que o homem não luta com o objetivo único de enriquecer economicamente, podendo haver outro objetivo na luta pelo poder, como, por exemplo, a honra e o reconhecimento social. Sendo que a honra social é constituída pelo poder econômico e político. O poder e a honra podem ser garantidos pela ordem social, mas não são frequentemente obtidos por ela. A ordem social é a forma pela qual a honra social se distribui numa comunidade. Portanto a distribuição de poder é fator determinante na constituição de classes, grupos de status e partidos de uma comunidade. Códigos morais são assentados nas condições sociais da existência, por isso, formas da moral apropriadas a uma sociedade seriam impróprias no contexto de outras. Quando houve o julgamento de Clinton no caso Mônica Lewinsky, ele simplesmente correu risco de *impeachment*, por ter men-

tido para o Senado Norte-americano, não por ter assediado uma jovem ou ferido os valores familiares daquela nação [*os culhões do senado estão acima dos valores morais da jovem*].

Mas como saber quais valores são éticos e quais não são? Como saber a linha que divisa a razão da loucura, o certo do errado. Quando alguém alcança muito poder o uso bom ou mal dele depende da decisão de cada um. Um poderoso argumento, já que o homem é tão livre que possui até mesmo a liberdade para errar.

Bill Clinton conta que quando foi governador no Estado de Arkansas ele mandou que sua secretária lhe desse um beijo francês [*fellatio in ore*]. Ele, simplesmente disse que fez aquilo porque podia. Será mesmo ético este Chefe de Estado? Ele agiu de acordo com seu *statu*. Cada vez mais as empresas se preocupam em contratar profissionais com medo de que estejam trazendo um Mr. Hyde na pele de um carismático Dr. Jakeil.

Heráclito dizia que a ética está vinculada à índole inferior, ao estado de consciência da pessoa. A ação ética surge de dentro para fora. Para Aristóteles a ética foi adquirida ao longo da vida; é a formação de hábitos. Surge de fora para dentro. Locke não admite idéias e princípios inatos nem no campo da moral. Para ele moral é mais intelectual que empirista. A avaliação ética se dá quando diferenciamos juízo de fato e juízo de valor. Quando julgamos algo como desejável ou reprovável chamamos de juízo de valor e quando podemos descrever como as coisas são e porque são chamadas de juízo de fato.

O homem é um ser moral e as comunidades humanas sempre necessitaram criar sistemas de valor e normas morais para possibilitar a convivência social porque os humanos são seres não determinados pela natureza ou pelo destino. É no processo de conquista da liberdade e do nosso ser, que descobrimos a diferença entre o ser e o dever ser, a vontade de construir um futuro diferente e melhor do que o presente.

Porém, para esta construção não basta boas intenções, necessita-se, também de um controle sobre os efeitos não intencionais das nossas ações e o conhecimento de que o questionamento moral pressupõe um conflito entre interesse individual e o da coletividade.

Por natureza, segundo Kant, somos egoístas, ambiciosos, destrutivos, agressivos, cruéis, ávidos de prazeres que nunca nos saciam e pelos quais matamos, mentimos, roubamos. É justamente por isso que precisamos do dever para nos tornarmos seres morais. A Ética, entendida como ciência do comportamento encara a virtude como prática do bem e esta como a promotora da felicidade dos seres, quer individualmente, quer coletivamente, onde são avaliados os desempenhos humanos em relação às normas sociais vigentes. O caminho da virtude é sempre possível. Enquanto o homem existir, tem ele a possibilidade de modificar sua conduta e imprimir direção diferente às suas ações. E todos os homens orientam-se na vida por um critério valorativo, conferindo assim um sentido pessoal em suas vidas. Contudo, a ética prioriza a busca de sua essência como o belo, o justo, o correto, o moral, mesmo que estes conceitos sejam subjetivos.

Nem sempre é possível e fácil atingir-se o conceito do bem e principalmente, muito mais difícil é vivenciá-lo de maneira coerente. Por mais rígidas que sejam as convicções morais, não conseguem permear a consciência sensível e a insegurança quanto à fixação dos padrões e o balizamento concreto das atitudes humanas; daí, a necessidade de leis cada vez mais rígidas e dirigidas a cada situação específica. É sempre suscetível de aferição o apreço conferido a cada valor, no momento determinado de toda história individual ou coletiva. O apreciar individual propicia nortear adequadamente a procura de felicidade própria, que não será integral se não se harmonizar com a daqueles que nos estão próximos, *i. e.*, a prática do bem promove a felicidade e ela deve ser praticada como ideal maior e como ato consciente.

A consciência ética que surge desse conjunto é diferente de uma simples assimilação de valores e normas vigentes na sociedade. Ela surge com a "desconfiança" de que valores morais da sociedade ou os meus - encobrem algum interesse particular não confiscável ou inconsciente que rompe com as próprias causas geradoras da moral. Desconfiança de que interesses imediatos e menores são colocados acima dos objetivos maiores, os interesses particulares acima do bem da coletividade, ou que é negado aos seres humanos a sua dignidade em nome de valores petrificados ou de pseudoteóricos, produzindo a chamada ideologia, que até Marx, significava estudo das idéias, mas após este teórico passou a valer como uma mentira contada e defendida pela elite com o fim de suprimir a vontade coletiva em prol de uns poucos.

Consciência ética que, segundo Antônio Lopes de Sá, "é o estado que decorre da mente e do espírito, através do qual

não só aceitamos modelos para conduta, como efetivamos julgamentos próprios.”²¹¹

Esse autor registra, ainda, que consciência ética é “cumprir” o que se faz útil e necessário a sobrevivência harmônica, própria e do grupo, dos semelhantes, da sociedade; é um “dever” ou obrigação perante as regras de convivência.

O homem é um ser moral e as comunidades humanas sempre necessitaram criar sistemas de valor e normas morais para possibilitar a convivência social porque os seres humanos são criaturas não determinadas pela natureza ou pelo destino. É no processo de conquista da liberdade e do seu ser, que se descobre a diferença entre o ser e o dever ser, a vontade de construir um futuro diferente e melhor do que o presente. Porém, para esta construção não basta boas intenções, necessita-se, também de um controle sobre os efeitos não intencionais das ações e o conhecimento de que o questionamento moral pressupõe um conflito entre interesse individual e o da coletividade.

Rousseau, tomando como base os valores culturais do Oriente, afirmou que, “tudo é perfeito quando sai das mãos do criador da natureza, porém, tudo se degenera nas mãos do homem. Obriga a uma terra a que dê o que deve produzir outra, a que uma árvore dê um fruto diferente; mistura e confunde os climas, os elementos e as estações, mutila [*castra*] seu cachorro, seu cavalo e seu escravo; o altera e desfigura por completo; ama a deformidade, o monstruoso; não quer nada como saiu da natureza, nem ao próprio homem, a quem submete a seu capricho, como as árvores de

²¹¹ SÁ, Antônio Lopes. *Ética profissional*. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2005, p.89.

seu jardim. De outra forma, tudo seria pior, uma vez que nossa espécie não deseja ser formada por médias.”²¹²

O egoísmo e a vaidade humana transformaram a vida individual a tal ponto que tudo que o homem conhece ele quer adaptar à sua imagem e semelhança. O resto quer submeter a seu capricho e servidão quer seja pela força bruta quer seja pelo poder econômico. Mesmo com tudo isto, na concepção de Rousseau esta condição ainda é uma situação da qual o ser humano não tem mais como fugir porque encontra-se imerso em um sistema onde tudo é artificial. Considerando as obrigações e inerências relativas à vida civilizada “no estado em que estão as coisas, um homem abandonado desde seu nascimento à sua própria sorte seria o mais desfigurado dos mortais; as preocupações, a autoridade, a necessidade, o exemplo, todas as instituições sociais, nas que estamos submergidos, se apagariam no seu modo natural de ser e não colocaria nada em seu lugar que as substituíssem. Seria como um arbusto que, por azar, tenha vindo a nascer no meio do caminho e que os transeuntes, sacudindo-o em todas as direções, o matariam.”²¹³

Todas as sociedades necessitaram criar um código de valores que deveriam ser obedecidos sob pena severa de castigo iminente. Isto para que tivessem seus direitos garantidos os fracos, os velhos, as crianças e as mulheres. Cada lei foi inerente a seu tempo, cultura e espaços, em particular, mas todas traziam em seus âmagos a mesma vontade de preservar a vida em sociedade e evitar o risco iminente da extinção. E ademais “[...] o instinto perverso é no homem mais poderoso que o bom... e o temor e a força têm maior império

²¹² Rousseau, Jean-Jacques. *Emílio ou da Educação*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p.04.

²¹³ *Ibid.*

sobre ele que a razão... Todos os homens ‘desejam’ o domínio e nenhum renunciará à opressão se puder exercê-la. Todos ou quase todos estão dispostos a sacrificar os direitos dos demais em prol de seus próprios interesses. Quem são os que se sujeitam a estas bestas devoradoras que chamamos homens? Na gênese das sociedades está a força brutal e desenfreada [...]”²¹⁴, o espírito de Áries.

Robert Louis Stevenson escreveu sua famosa novela, baseada na lenda francesa do lobisomem, “*The strange case of the Dr. Jekyll and the Mr. Hyde*”, traduzido no Brasil sob o título de *O médico e o monstro*, onde ele narra a saga de um respeitado médico londrino que após desenvolver uma estranha fórmula medicinal se transforma em um monstro cruel e sanguinário e sai, pelas ruas, à noite, a cometer crimes e atrocidades e à certa altura do texto o ilustre médico afirma em seu delírio paranóico o quanto seria bom se pudéssemos ter duas personalidades; uma boa e aceita socialmente e outra a qual pudéssemos fazer uso da mesma para dar vazão às nossas angústias secretas, aos desejos mais bizarros e aos delírios mais profundos, sem que fôssemos pegos ou censurados pela sociedade...

Mr. Hyde é o nome do monstro da história. Na verdade, Hyde deriva de *Hide*, palavra inglesa que quer dizer “escondido”. O que Stevenson quer dizer é que o nosso escondido é um monstro. Ele quer afirmar que o ser humano seria muito mais feliz caso não precisasse respeitar os preceitos sociais [ou melhor, seria feliz].

²¹⁴ JOLY, MAURICE. *Diálogo Em El Infierno Entre Maquiavelo y Montesquieu* (1864). In: LIBROdot.com, p.06.

Tomando este raciocínio como fundamento pode-se deduzir que a existência da ética e a obrigação de cumpri-la é causa de infelicidade para os mortais e não o inverso, pois a fera enjaulada em seu ser deseja sair para ferir, matar, dar vazão a seus instintos mais primitivos... uma vez que tais ações despertam um tipo primitivo [*e não estranho ao homem moderno*] de prazer.

Segundo Einstein a ética é um conceito exclusivamente humano, sem nenhuma autoridade sobre-humana por trás dele. Tomando estas palavras dentro de um contexto crítico-filosófico, poder-se-á concluir que a 'ética é o que permite considerar os homens como seres humanos...' Desprovidos de tais sentimentos são figuras assombrosas e temidas pelos outros, vítimas assustadas dos mais ferozes.

Como toda relação humana contém em si um aspecto de relatividade pelo fato de que aqueles que detêm o poder sentem-se no direito mais que sagrado de agirem em nome de todos, não espanta quando Nietzsche revela como funciona o relativismo ético-moral desde as culturas mais antigas. Para ele, os absurdos praticados pelos nobres somente são assim considerados pelos ofendidos pela ação. Os que a praticam consideram-se no seu direito de agir como desejam. Começa ele dizendo que "quando o rico tira um bem pertencente ao pobre (por exemplo, um príncipe que tira a amante de um plebeu), se produz então um erro no pobre; este acha que o outro deve ser realmente infame, para lhe tirar o pouco que possui. Mas o outro está longe de ter um sentimento tão profundo por um bem único, porque está habituado a ter muitos: portanto, não pode colocar-se como deveria na alma do pobre e não comete injustiça tão grande como o outro julga. Ambos têm um do outro uma idéia falsa. A injustiça do poderoso, a que mais revolta na história, não

é assim tão grande como parece. Já o sentimento hereditário de ser um ser superior, com direitos superiores, confere toda a calma e deixa sua consciência tranqüila: nós mesmos, como somos, se a distância entre nós e outro ser for muito grande, já não sentimos absolutamente nada de injusto e matamos uma mosca, por exemplo, sem qualquer remorso.”²¹⁵

De alguma forma este distanciamento histórico e mesmo social-geográfico acerca do objeto tem o poder de limitar e mesmo fazer desaparecer os sentimentos de culpa em torno de determinadas ações que, de outra maneira seriam consideradas como práticas abomináveis e dignas de repreensão se não pela sociedade como pela própria consciência humana. Mas, a educação mesma é diferente para uns e para outros e conforma de acordo com a necessidade de seu tempo histórico ou vontade política os sentimentos dos líderes. “Assim, não é sinal de maldade em Xerxes (que até mesmo todos os gregos o descrevem como eminentemente nobre) quando tira de um pai seu filho e o manda esquartejar, por ter manifestado uma desconfiança inquieta e de mau agouro contra toda a expedição: nesse caso, o indivíduo é eliminado como um insecto desagradável, ocupa um posto muito baixo para poder provocar por mais tempo remorsos num soberano do mundo. Sim, nenhum homem cruel é cruel na medida em que o maltratado julga; sua noção da dor não é igual ao sofrimento do outro. Ocorre o mesmo com o juiz injusto, com o jornalista que, com pequenas desonestidades, desorienta a opinião pública. Causa e efeito pertencem, em todos estes casos, a grupos de sentimentos e de pensamentos diferentes; entretanto, pressupõe-se involuntaria-

²¹⁵ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano Demasiado Humano*. São Paulo: Escala, 2006.

mente que o criminoso e sua vítima pensam e sentem da mesma maneira e se passa a medir a culpa de um pela dor do outro.”²¹⁶

A justiça tem sempre um aspecto duo, de acordo com o ângulo que se olha. O que Nietzsche nos coloca é que nunca se deve ter uma visão unilateral do todo, porque a parte que está detendo o poder alegará que está fazendo uso de um direito legitimado [*mesmo tendo clara ciência de que a lei está acima de todos*]. No âmbito do movimento, são muitas as iniciativas nesse sentido, principalmente no campo da ética social, da administração pública, da justiça. No fim, a lei acaba sendo, realmente, uma teia de aranha. Só segura os insetos menores e os mais fracos.

Estas crenças particulares se desdobram até se transformarem em filosofias pessoais, nas quais as generalizações levam a visões de mundo que se afastam ainda mais do conhecimento científico de causa e aproximam-se do preconceito pessoal, por vezes até mesmo se transformando em tal. Assim, os valores descolados do pensamento crítico reúne afinidades que logo fazem surgir os líderes carismáticos, os falsos cientistas, os falsos profetas, aqueles que tomam a exceção pela regra e passam a ditar valores pessoais como verdades absolutas e indiscutíveis.

A criança pobre, desvalida, que comete um ato anti-social é “o menor”. O pobre que a polícia pega e declara suspeito para dar uma satisfação à sociedade é “o elemento”. O jornalista que mata a ex-namorada a tiros responde processo em liberdade, mesmo depois de condenado a mais de 19

²¹⁶ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano Demasiado Humano*. São Paulo: Escala, 2006. Cap. II: Para a História dos Sentimentos Morais. Af. 81: Erros da Vítima e do Criminoso, p.78.

(dezenove) anos de prisão. O faxineiro que bate na mulher passa nove meses preso sem processo. O deputado que admite ter recebido “*dinheiro não contabilizado*” é inocentado por seus pares. A mãe que furta uma lata de manteiga de menos de quatro reais fica presa e tem cinco vezes o pedido de relaxamento da prisão negado.

Na atualidade, basta abrir as páginas dos jornais para se ver educadores, religiosos, políticos, médicos e outros membros formadores de opinião da sociedade a serem os primeiros a atentarem contra a dignidade e a integridade dos mais fracos [*que são as crianças*] e contra as minorias. Estes abusos corroboram a idéia de uma ética produzida por uma sociedade feita de homens de palha (espantalhos), na expressão nietzschiana.

A ética no contexto social vem a partir do pressuposto de que, como indivíduo o ser humano requer da sociedade um tratamento dentro dos parâmetros do direito, da justiça, igualdade e fraternidade, uma vez que tem para com ela obrigações e deveres. “As sociedades são normativas, *i. e.*, tornaram-se portadoras de culturas [*regras*], em geral adaptados ao ambiente local e a suas respectivas épocas.”²¹⁷

Mediante isso podemos afirmar que, no tocante à individualidade as sociedades e os seres humanos possuem direitos e deveres que são recíprocos. Ao tratarmos de sociedade com uma visão global, visualizamos através da ética que a sociedade é o poder e o indivíduo a obediência. Neste caso, desvios são provocados, hora pelo mau gerenciamento, hora pelas atitudes de indivíduos que na ânsia de poder ou de

²¹⁷ MARCONI, Marina de Andrade e PRESSUTTO, Zélia Maria Neus. *Antropologia da Ética*. São Paulo: Atlas, 2003, p.193.

amealhar mais riquezas geram distorções e estas, por sua vez, produzem mais e mais injustiças sociais, que têm como vítimas os mais vulneráveis. Uma sociedade somente será justa e pluralista a partir do momento em que combater a exclusão, diminuir a distância entre as pessoas e propiciar a todos os seus membros os direitos básicos mínimos capazes de garantir-lhes uma vida digna.

Muito se fala em divisão equânime de rendas, mas só tem ficado no discurso ideológico e eleitoral. Divisão de rendas se faz com justiça e com oportunidades iguais, querer uma sociedade igualitária em sua totalidade é uma utopia. No entanto criar privilégios, exclusões, e em nome do progresso gerar pobreza e miséria, é estar cego diante da realidade, é caminhar para um caos social. Neste ponto a ética caracteriza-se como um fator preponderante capaz de direcionar a sociedade na busca de seus objetivos. A solidariedade é um belo instrumento a ser praticado na busca destes ideais. Ser solidário significa colocar-se no lugar do outro, daqueles que são as maiores vítimas do processo social de exclusão, tais como as minorias étnicas, as mulheres, os pobres, as gerações futuras e a natureza, que também é vítima da ação degradante humana. Colocando-se no lugar dos mais fracos e lutando pela garantia de seus direitos estamos, ao mesmo tempo, denunciando a moral do sistema capitalista percebida como sendo a realidade e demonstrando na prática que é possível construir sociedades melhores que a que estamos vivenciando. “Uma ação solidária é necessariamente uma ação coletiva que se expressa atualmente nos movimentos sociais em defesa dos mais fracos - movimento pelo direito humano, ecológico, de mulheres, índios de combate à fome

e tantos outros que se baseiam numa nova ética social, a ética solidária.”²¹⁸

Como tem todos os governos se posicionado neste momento o máximo que vai ser possível alcançar é a fila do necrotério. Ficar parado e lamentar as conseqüentes explorações que sofrem o menos favorecidos é antes de tudo omissão. A sociedade tem que agir, criar mecanismos que possam recuperar os excluídos, trazê-los de volta ao meio e dar-lhe possibilidades de recuperar a dignidade. Isto é tarefa de todos, todos somos a Sociedade, é imprescindível que façamos a nossa parte. A partir do momento em que a sociedade se organizar e os Estados pautados na ética implantarem este empreendimento sociológico, as distorções serão gradativamente corrigidas, e as diferenças diminuirão.

Infelizmente, há uma dura realidade a ser confrontada: a de que o ser humano “acostuma-se” a tudo. O opressor se acostuma a oprimir porque pode, é a *Síndrome de Bill Clinton* (faço porque posso); o outro, humilhado, massacrado, se acostuma a sofrer por medo de ser destituído de seus parcos e miseráveis direitos (*sic*). Entretanto, a explicação para isto não é difícil; pelo contrário. A miséria e a pobreza são de tal modo degradantes e exercem um efeito tão paralisante sobre a natureza humana que nenhuma classe consegue realmente ter consciência do seu próprio sofrimento.

O homem, com seu livre arbítrio vai formando seu meio ambiente ou o destruindo, ou ele apóia a natureza e suas criações ou ele subjuga tudo que pode dominar, e assim ele

²¹⁸ MO SUNG, Jung; SILVA, Josué Cândido. *Conversando sobre ética e sociedade*, 5ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997, p.115.

mesmo se torna no bem ou no mal deste planeta. Deste modo, a Ética e a Moral coexistem numa mesma realidade.

Gramsci, na cadeia, começa a dizer que está enlouquecendo, algo estranho começa a rondar sua cabeça; será que Gramsci começou a se encantar pelo poder das forças dominantes? O homem reage de acordo com o meio no qual está inserido... Algumas crianças, na atualidade, são como filhotes de cobras... Ao nascerem, a primeira lição que devem aprender é a de como fugir de seus pais para não serem devorados... O homem não é produto acinte do meio aonde vive, porém que este meio irá ter forte influência sobre a sua psicologia, seu *modus vivendis*, sem dúvidas que sim.

O psicólogo russo Bozhovich argumenta que “(...) crianças com vivências afetivas, surgidas a partir de conflitos entre suas auto avaliações e suas aspirações, ao mesmo tempo possuem formas afetivas de condutas correspondentes. Inclina-se a reações inadequadas e exageradas, são susceptíveis, agressivos, desconfiados, receosos, obstinados, etc. isto dificulta suas relações com os que os rodeiam, os fazem intratáveis e difíceis de suportar o coletivo. (...) Os sentimentos negativos surgem nas crianças relativamente, como uma forma de defenderem-se de vivências penosas.”²¹⁹

²¹⁹ *En lo original:* “(...) los niños con vivencias afectivas, surgidas sobre la base de un conflicto entre su autovaloración y sus aspiraciones, al mismo tiempo poseen formas afectivas de conducta correspondientes. Estos niños se inclinan a reacciones inadecuadas y exageradas, son susceptibles, agresivos, desconfiados, recelosos, obstinados, etc. Esto dificulta sus relaciones con los que los rodean, los hacen intratables y difíciles de soportar en el colectivo. (...) los rasgos negativos surgen en el niño reactivamente, como una forma de defenderse de vivencias penosas.”²¹⁹ (BOZHOVICH, L. I. *La Personalidad y Su Formación en la Edad Infantil*. La Habana: Editorial Pueblos y Educación, 1981, pp.301-302).

A negação da vivência de certas atitudes na infância leva, objetivamente, a um descontentamento com a vida, produzindo no futuro, pessoas amargas e, possivelmente, pais deficientes, ou seja, entre os danos visíveis estão aqueles que escondem-se sob as camadas sinuosas da sua personalidade e que manifestarão em momentos imprevisíveis, sempre causando danos à saúde psicofísica dos indivíduos porque é-lhes, de uma maneira sutil, privado também um possível futuro melhor e mesmo a oportunidade de escolher livremente e que o daria prazer em desenvolvê-lo. Mesmo com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (LEI 8069/90), onde cria-se uma legislação que garante a proteção legal da infância contra vários abusos como o trabalho escravo infantil, as diversas modalidades de tortura e exploração, sua abrangência no campo prático não é efetivada por diversos motivos, destacando a omissão social e a justificação pelo preceito econômico e mesmo com o esforço do governo em desenvolver projetos sociais de proteção psicológica e física para os pequenos ainda é corriqueiro o fato de encontrar casos que nos inquietam ao perceber que esta triste realidade prática ainda existe e que persiste.

Tais atitudes assemelham-se à metáfora contada por Antonio Gramsci onde ele narra uma situação hipotética de um naufrágio e algumas pessoas conseguem sobreviver, porém, depois de um certo tempo, as condições começam a deteriorar e a saída é ou enfrentar a morte por inanição ou praticar o canibalismo. As duas hipóteses são impensáveis e abomináveis para qualquer ser humano, até que seja posto em confronto com uma ou com as duas. Eis a narrativa do teórico: “[...] Imagine um naufrágio, e que certo número de pessoas se refugiam num bote para se salvar sem saber onde, quando e depois de quais peripécias efetivamente se salvarão. Antes do naufrágio, como é natural, nenhum dos

náufragos pensava em se tornar... náufrago, e, portanto, menos ainda pensava em ser levado ao ato que os náufragos, em certas condições, podem cometer, como, por exemplo, o ato de se tornar... antropófagos.”²²⁰

Situações hipotéticas são sempre pensadas pelos seres humanos como passíveis de “jamais” acontecer, mas, o que levanta-se aqui é que quando uma criança começa a formar seus pensamentos complexos e abstratos jamais pensa que será abandonada por seus genitores e mesmo que será sacco de pancadas destes. Ao fim de um tempo são criaturas amargas, odiosas, desconfiadas e inseguras com relação a qualquer ser humano que vejam pela frente. Eis a questão: “Na realidade, trata-se das mesmas pessoas? Entre os dois momentos, aquele no qual a alternativa se apresentava como uma pura hipótese teórica e outro em que a alternativa se apresenta em toda a força da necessidade imediata ocorreu um processo de transformação “molecular”, embora rápido, no qual as pessoas de antes não são mais as pessoas de depois e não se pode dizer, além do ponto de vista do estado civil e da lei (que por outro lado, pontos de vista respeitáveis e que têm a sua importância) que se trata das mesmas pessoas.”²²¹

Gramsci não considera que sejam os mesmos indivíduos porque, em sua concepção, houve uma transmutação molecular que os levou a consumirem os seus companheiros. O que ele ignora é que não há necessidade de haver tal mudança biológica; o horror ao consumo de carne humana pelos humanos é uma construção social. Mesmo que haja necessidade de toda uma estruturação da flora bacteriana para

²²⁰ Gramsci [s.d.] citado por RUIZ, Erasmo Miessa. *Freud No Divã Do Cárcere*. Campinas: Editora Autores Associados, 1998, p. 89.

²²¹ *Ibid.*

adaptar-se ao novo menu, a capacidade de razão humana supera e ignora tais procedimentos naturais.

Segundo Schopenhauer, controlar um homem é externamente muito mais difícil do que se supõe normalmente. Mas aqui o agente todo-poderoso, o Tempo, exercita seu direito, e vantagens físicas e mentais sucumbem lentamente ante sua influência; apenas o caráter moral permanece inacessível. Tendo em vista o efeito destrutivo do tempo, naturalmente pareceria que os bens enumerados nas outras duas classes, os quais o tempo não pode nos roubar diretamente, têm uma vantagem sobre aqueles da primeira.

O que se pode observar é que depois de tantos anos encarcerado, privado da comunhão com uma sociedade estável, o próprio filósofo começa a ser corroído pela moral da prisão, *[um sistema baseado na sobrevivência que leva à perda da crença na bondade humana, nos valores sociais e mesmo na sociedade]*, e começa a desenvolver um conceito ético embasado em sua condição social de convívio. Gramsci nos revela que o homem é produto do meio em que está inserido, ele assume seus valores, suas crenças, seus medos e modos, primeiro para ser aceito, depois por que, de tanto esperar por um futuro que nunca chega, se agarra ao que se lhe apresenta aos olhos como verdade tangível. A exclusão, o banimento, a marginalização total do sujeito leva-o a um estado tal de rancor que o que sobra é um ódio saturado e cristalizado, disposto a sair de qualquer forma pela primeira via que encontrar.

O isolamento e a solidão excessiva transformam a natureza humana a ponto de encarniçá-la. Bruno Bettelheim nos conta a velha história árabe dos ‘gins’, que até o Ocidente chegou como gênio e a história que originalmente é *O Gênio na*

Garrafa, relatado por Malba Tahan, no livro *As Mil e Uma Noites*, foi adaptada para *Aladin, O Gênio da Lâmpada Maravilhosa* pela equipe da Disney [e a maioria da população ignora a origem da lenda], onde mostra uma entidade benfazeja e alegre e ainda grata por ter sido libertado daquela prisão, concedendo ao seu libertador três miraculosos desejos. A história original é bem outra... Uma entidade do mal, um 'Jim' foi aprisionado em uma garrafa, daí no original dá-se o nome de 'Gênio na Garrafa'. Este ser ao ser aprisionado passou os primeiros cem anos de reclusamento, ou melhor, de isolamento, dizendo que 'aquele que o libertasse a este ele concederia todos os desejos do mundo; nos próximos cem anos ele passou a dizer que 'aquele que o libertasse a este concederia três desejos; passaram-se os cem anos e nada; nos próximos cem anos ele passou a cantar que para aquele que o libertasse ele concederia apenas dois desejos; como continuasse no ostracismo, nos outros cem anos passou a dizer que 'quem o libertasse teria direito a apenas 'um' desejo e como não fosse libertado depois de já quase 500 anos preso passou a cantar que, aquele que o libertasse seria o primeiro que ele iria matar...

Outra figura que nos mostra o desfiguramento interior provocado pelo isolamento social é o Minotauro, o monstro metade homem metade touro que vivia nos labirintos de Creta, construídos pelo rei Minos. Reza a lenda que Pasífae, a esposa de Minos zombou de Afrodite e esta rancorosa lançou-lhe uma maldição a qual ela se apaixonaria perdidamente por um touro branco de propriedade real. Para ser possuída pelo touro ela mandou construir uma vaca de madeira e se prostrou dentro da construção e engravidou da criatura. A criança, ao nascer foi colocada dentro de um labirinto construído por Dédalo. Os estudos psicológicos nos deixam margens claras para deduzir que a criança poderia ter uma a-

normalidade e foi excluída para aquele antro e, sozinha, sem amor, sem amparo, cercada pelos quatro cantos por rochas frias e negras se transformou em um monstro cruel, com uma natureza animal, selvagem. Como esta criança deve ter chorado, urrado, arranhado as paredes rochosas daquele labirinto dias e noites a fio, massacrado pelo vento, pela chuva, pelo calor, pelo frio, pelo medo, pela solidão..., e assistiu, vagarosamente, o ódio a crescer em sua alma, como um câncer se enraizando por todos os órgãos do corpo...

No caso do gênio, observamos que, ao ser preso, ele nutria inúmeros desejos e sonhos. Ao dizer que realizaria todos os desejos do mundo de seu salvador, está simplesmente a dizer que fará tudo que sempre desejou e não fez por falta de tempo ou mesmo por falta de oportunidade. No segundo instante já vemos que ele começa a perder contato com a realidade, a vida começa a perder todo o brilho para ele, já não sente mais toda aquela vitalidade, a rabugice começa a comer-lhe a alma, porém, destes três desejos um se mantém firme, o desejo de liberdade; no outro instante, já possui apenas dois desejos, sendo um o de liberdade, e o outro, desconhecido; no terceiro momento, já possui apenas um, que é ser livre até que chega ao ponto de perder até mesmo este desejo, a partir daí ele começa a ter desejos insanos. De que vale a vida se não se pode vivê-la em liberdade? E mais, mataria qualquer um para se vingar da perda de sua liberdade... Ou melhor, já a maldade se cristalizara de tal forma em sua alma que mataria até mesmo aquele que o libertasse. A noção de bem e mal havia desaparecido, só havia ódio... Outro exemplo clássico é o herói de *O Advogado do Diabo* [romance de Morris west], o Monsenhor Blaise Meredith, que depois de passar quase toda sua vida confinado em uma biblioteca, passou a ser só razão, perdendo

mesmo a capacidade de entender, compreender e respeitar as emoções humanas...

Nenhuma criança nasce monstro ou com um gene do mal em seu código genético que possa ser perpetuado, o que se tem provado é que as crianças privadas da riqueza das interações sociais, não adquirem as habilidades de amar, compartilhar e respeitar os elos humanos. A lenda criada sobre o bom selvagem quando os índios brasileiros mostraram-se incapazes para o trabalho escravo [*nos moldes europeus, é claro!*], não se aplica à psicologia humana [...]. Esta é bem mais complexa e profunda para além do que a capacidade humana de entender até o momento. Nietzsche revela que “(...) todos os instintos que não se descarregam para fora voltam-se para dentro - é isto que eu denomino a interiorização do homem: é somente com isso que cresce no homem aquilo que mais tarde se denomina sua “alma”.”²²²

Entendendo, com isto que a alma humana constitui-se um amálgama de tudo o que foi considerado como nefasto pela e para a sociedade. Este pobre infeliz vê-se obrigado a conviver em paz com todos os seus demônios, mantendo-os aprisionados e em silêncio. Sob tal pressão “o inteiro mundo interior, originalmente delgado como algo de retesado entre duas peles, separou-se e aumentou, adquiriu profundidade, largura, altura, na medida em que a descarga do homem para fora foi obstruída. Aqueles terríveis baluartes com que a organização estatal se protegia contra os velhos instintos da liberdade - os castigos fazem parte, antes de tudo, desses baluartes - acarretam que todos aqueles instintos do

²²² NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Obras Incompletas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

homem selvagem, livre, errante se voltassem para trás, contra o homem mesmo.”²²³

Por este motivo tiveram que criar a educação moral, a ética, os valores e incuti-los à força na mente e nos hábitos de todos. Havia uma fera enjaulada que necessitava de comida, porém, não poderia ser-lhe conferida um tipo qualquer de alimento, deveria ser algo que a amansasse, que a mantivesse “em paz”. Tal intento não foi possível e acabou que “a hostilidade, a crueldade, o gosto pela perseguição, pelo assalto, pela mudança, pela destruição - tudo isso se voltando contra os possuidores de tais instintos: essa é a origem da “má consciência”. O homem que por falta de inimigos e resistências externas, encerrado à força em opressiva estreiteza e regularidade de costumes, dilacerava, perseguia, roía, espreitava, maltratava impacientemente a si mesmo, esse animal batendo-se e ferindo-se contra as barras de sua jaula, e que se quer “amansar”, esse animal passando privação e devorado pela saudade do deserto, que de si mesmo tinha de fazer uma aventura, uma câmara de suplício, uma insegura e perigosa selva, esse parvo, esse nostálgico e desesperado prisioneiro, foi o inventor da ‘má consciência’.”²²⁴

Não sendo capaz de lidar com seu eu interior começou a acusá-lo de ser o culpado por seus desejos insólitos e nocivos porque precisava desculpar-se ante os outros, ante à sociedade da qual fazia parte. Estas pessoas outrora estranhas e alheias ao caçador solitário tornaram-se suas companheiras e amigas, portanto, fazer-lhes mal ou mesmo desejar tal coisa ainda que em pensamento era o tipo de ação

²²³ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Obras Incompletas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

²²⁴ *Ibid.*

que deveria ser recriminado e punível. A sua punição era sentir-se envergonhado de si mesmo por permitir que tais pensamentos viessem à sua consciência como se pudesse deter tal força por meio do desejo consciente.

Assim, a má consciência transformou-se em uma neurose obsessiva compulsiva e junto “com ela, porém, foi introduzido o maior e mais inquietante adoecimento, do qual a humanidade até hoje não convalesceu, o sofrimento do homem com o homem, consigo mesmo: como a consequência de uma violenta separação do passado animal, de um salto e mergulho, por assim dizer, em novas condições de existência, de uma declaração de guerra contra os velhos instintos sobre os quais, repousara sua força, prazer e terribilidade (...).”²²⁵

Nietzsche explica aqui que no processo de civilização foi necessário ao homem criar normas e leis que eram coercitivas as quais chamou de ética, um conjunto de atos necessários à nova ordem por uma série de fatores alheios a ele. Porém, este novo homem sentia ainda saudade de sua vida austera, porém, livre. As novas leis que o obrigam a se conter e se manter em equilíbrio o fazem querer devorar a si próprio, já que o fazer ao seu próximo é um crime. Com isto, percebemos que o conceito de civilização, não é um capricho dos deuses, foi uma luta feroz e sem igual do homem com seu outro interior. E nesta luta, não houve vencedor nem perdedor, houve, pode-se dizer sublimação [*em prol de uma necessidade maior que foi a sobrevivência da espécie*]. Por fim, para Nietzsche, a pior doença a que foi acometido o ser humano a partir do processo de civilização é a culpa.

²²⁵ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Obras Incompletas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

As suas palavras ainda vêm corroborar tudo o que foi dito acima, de que viver em sociedade é trair os valores pessoais e se resignar aos comunitários. E, se para o homem civilizado isto já é muito sacrificante; muito mais o deve ter sido para um ser que jamais sequer imaginou que levaria uma vida sob ferros.

Antonio Gramsci, aos dezenove anos, esboça em um ensaio escolar, a teoria do *homo hominis lupus* e defende veementemente que a ética humana não é mais que uma mera ilusão, um ardil para subjugar aqueles que se deixam levar por esta romântica idéia social, afinal, “(...) quando um povo se sente forte e aguerrido, logo pensa em agredir os seus vizinhos, para os expulsar e oprimir. Porque é claro que cada vencedor quer destruir o vencido. Mas o homem que por natureza é hipócrita e falso, não diz claramente: “quero conquistar para destruir”, mas “quero conquistar para civilizar.” E todos os outros que o invejam, mas esperam a sua vez para fazer o mesmo, fingem acreditar e louvam-no (...).”²²⁶

Este é o reino do desejo de poder, exercer a bajulação a um líder tirano a fim de esperar o momento de golpeá-lo pelas costas e assumir o seu lugar. O simples fato de alegar que vai “civilizar” o outro povo já é fator de prepotência, de supervalorização de um em prol do outro. Por trás desta inocente e glorificada atitude está o desejo de tomar para si tudo que pertence ao outro, como se algum direito sobrenatural o tivesse dotado de tal dever porque é assim que agem; como se fosse uma obrigação, um mandado celestial, uma ordem inquestionável e quanto mais os agredidos resistem mais sua fúria cresce porque estão impedindo-o de rea-

²²⁶ Gramsci [s.d.] citado por RUIZ, Erasmo Miessa. *Freud No Divã Do Cárcere*. Campinas: Editora Autores Associados, 1998, p.43.

lizar um dever sacro. Por trás e junto com a selvageria está a insanidade e a justificação por meio do sagrado.

“Muitos dizem que tudo o que o homem devia conquistar da liberdade e da civilização já o conquistou, e que só lhe resta gozar o fruto das suas lutas. Pelo contrário, eu creio que existem muitas outras coisas para fazer. Os homens estão envernizados de civilização, mas mal são arranhados, logo aparece a pele do lobo. Os instintos são amansados, mas não destruídos e o direito do mais forte é o único reconhecido.”²²⁷ E quanto mais forte tanto mais insano.

Nos dias atuais é uma insanidade pretender que as pessoas cresçam ingênuas. Não se pode, nem tampouco se deve permitir a re-introdução da era da credulidade. Está muito claro que o dogmatismo é um terrível obstáculo ao desenvolvimento sócio-educacional e há a suprema convicção de que representa um enorme perigo. Existe uma tendência, há muito perceptível nos Estados Unidos, e que vem aumentando também em outras partes do mundo, de tentar enveredar pelos caminhos do fundamentalismo religioso. A principal característica de qualquer religião fundamentalista seja cristã, judaica ou muçulmana, é que ela se baseia em um texto que supostamente deve funcionar como fundamento para a educação e a verdade. O conhecimento é, assim, finito, e essencialmente a-histórico. Dessa maneira, o único conhecimento novo permitido deve ser uma nova interpretação de um certo texto que, por supostamente conter verdades que foram definitivamente reveladas, não é um objeto adequado para uma investigação crítica ou histórica, ou se-

²²⁷ Gramsci [s.d.] citado por RUIZ, Erasmo Miessa. *Freud No Divã Do Cárcere*. Campinas: Editora Autores Associados, 1998, p.43.

ja, estar-se-ia privando o homem do seu direito ao livre-arbítrio.

O preâmbulo da 'Declaração Universal dos Direitos do Homem' (1948) deixa bem claro que "(...) é essencial que os direitos do homem sejam protegidos pelo império da lei, para que o homem não seja compelido, como último recurso, à rebelião contra a tirania e a opressão". Infelizmente, nos últimos tempos não tem havido alternativas quanto a esta questão. A violência tem sido a única voz disponível de ser ouvida e a maneira como as massas oprimidas tem podido fazer-se ouvir.

Toda decisão moral deve ser embasada, fundamentalmente, em três elementos: a maior quantidade de conhecimento que se possa adquirir sobre a questão, o tempero do sentimento e da emoção humanos e, sobretudo, o máximo de liberdade e isenção para fazer a escolha. Isso adiciona predicado humanitário à estatura ética e confere responsabilidade real à escolha. Sem conhecimento, sem sentimento, sem isenção e sem liberdade para decidir, não há ação moral possível. Há imposição. Mando e obediência. E toda imposição é moralmente injustificada, teologicamente herética, subversiva da dignidade humana e, pior do que tudo, é obscurantista e espiritualmente opressiva, logo, não pode ser ética.

Alguns doutrinadores definem organização política como "aquela parte da cultura que funciona explicitamente para dirigir as atividades dos membros da sociedade em direção às metas da comunidade", entendida como a depositária dos valores e idéias comuns a um grupo humano, que encontra correspondência na sociedade mais ampla.

A característica essencial da organização política é o exercício do poder e da organização democrática é a alternância de poder. "O bem público não é uma coisa estática e imutável, é muito difícil de ser percebido por um grupo isolado do que pelo conjunto de todos os cidadãos através de seus representantes."²²⁸

Porém, os representantes estão representando tão e unicamente seus próprios interesses particulares e egoístas. Tais atitudes enfraquecem o poderio democrático e cria um estado de sítio. Fato que tem ocorrido com uma velocidade assustadora no Brasil na última década.

O Brasil enquanto país em desenvolvimento, tanto dentro do plano político, quanto econômico, busca um pensamento individual no aspecto de Estado. Não formou um povo que, unilateralmente, estabelece seus conceitos. Por ter sido formado a partir de etnias diferentes, busca assimilar de outras culturas conhecimentos que adapta à sua realidade. Não é preciso citar os problemas que enfrenta; os meios de comunicação hoje estão abarrotados de denúncias e escândalos, a corrupção se deleita nos meios políticos de tal forma que, por vezes, coloca em risco a democracia que começa a nascer no Estado Brasileiro.

Ética e política sempre viveram uma relação conflitante, ou seja, de combate. Esta tensão se reflete atualmente como uma crise de todo sistema político frente aos questionamentos feitos pela sociedade civil a partir de critérios éticos. Ética e Política deveriam andar lado a lado, mas freqüentes escândalos de corrupção, clientelismo, autoritarismo e demagogia, vieram abalar sua legitimidade.

²²⁸ Cf. Platão, *s.n.t.*

O Estado moderno ganha a função de salvaguardar (modificar) a instituição do poder, e a ética moral dão lugar a ética política. Nicolau Maquiavel foi um dos primeiros filósofos a perceber a especificidade da política moderna. Para ele a diferença entre a ética moral e a ética política é que a primeira está preocupada com os meios, enquanto que a ética política não está interessada em quais os propósitos e as intenções dos governantes, mas sim em como fazer para ascender e permanecer no poder. Todavia para que a política seja um caminho amplo e acessível para a democracia, no sentido de construirmos uma sociedade justa, humana e igualitária, é preciso que a Política se paute pelos princípios da ética.

Ética na política origina-se do grego que trata da vida coletiva de um grupo de seres humanos organizados em cidades. É o sentido que ainda se encontra na Expressão economia política.

À ética na política um valor positivo antepõe-se sempre um valor negativo, que lhe corresponde. Só os valores podem ser bons ou maus. Um pensamento não é bom nem mau. E quando se diz isso em linguagem política, faz-se em sentido translático, porque ser bom ou ser mau político cabe só aos valores. Nisso está a forma de realidade dos mesmos.

A ética dos axiomas na política é uma corrente do pensamento que ainda não se realizou. Quanto à origem da força obrigatória dos preceitos morais na política, podemos dividir, sob este ângulo, a ética em heterônoma e autônoma. A primeira mencionada afirma que o fundamento da obrigação moral na política vem de uma lei estranha ao indivíduo, a vontade se submete a uma vontade superior, vinda do Estado, ou de facções políticas, partidos ou congêneres. A Se-

gunda mencionada aceita as leis próprias e afirma que deve vir do próprio cumprimento dos desejos políticos em relação à ação moral. Esta é definida pela maioria dos políticos. A ética na política afirma que independentemente da experiência não deixa de ser empírica, pois provém da moral da experiência. O ser humano não pode ser isolado, e necessita de seus semelhantes. Toda vida em comum é de apoio mútuo, em que uns tem de apoiar-se nos outros por uma necessidade biológica [*a sobrevivência da espécie*]. Por isso, tudo quanto fortaleça esse apoio, a união entre os homens, o fortalecimento do indivíduo, sempre em benefícios da coletividade, é moral. Mas a política está fundamentada assim, na própria biologia. O ser humano, com suas idéias, nada mais faz do que concretizar, no seu *habitat* natural o que é ensinado na natureza biológica.

É com base nestes princípios que devemos buscar na política a coerência, a justiça e a honestidade. Se acreditarmos que o mal é imbatível, jamais triunfaremos. É de nossa responsabilidade construir uma sociedade onde reine a paz e que cada cidadão sinta-se orgulhoso de pertencer a este Estado.

A ética da política, porém, não é a mesma ética da vida pessoal. É claro que existem princípios gerais, como não matar ou não roubar, mas entre a ética pessoal e a ética política há uma diferença básica: na vida pessoal deve-se esperar que cada indivíduo aja de acordo com o que Max Weber chamou de ética da convicção, ou seja, a ética dos princípios morais aceitos em cada sociedade; já na política prevalece a ética da responsabilidade.

A ética da responsabilidade leva em consideração as consequências das decisões que o político adota. Em muitas

ocasiões, o político é obrigado a tomar decisões que envolvem meios não muito nobres para alcançar os objetivos públicos, como os conchavos, os acordos partidários e alianças escusos. O político, *v. g.*, não tem alternativa senão fazer compromissos para alcançar maiorias. E desta forma fere o direito social.

CONCLUSÃO

Abordar o tema ética é muito complexo. Isto porque, depois de todos os estudos e abordagens pode-se chegar à conclusão de que 'ética', literalmente, não existe. O que há é tão somente e parcamente, um conjunto de regras sociais elaboradas por mãos humanas, inábeis muitas das vezes, procurando mais satisfação e proveitos próprios e [quase] nunca visando o bem estar social e que são manipuladas, distorcidas, de acordo com as circunstâncias e interesses de grupos minoritários. Lógico que o interesse é sempre o da ideologia dominante. E, a complexidade aumenta porque sendo o homem livre, está livre para acatar seus princípios bem como para ignorá-los, porém, se o faz é punido. As crianças são privadas do saber científico, mas em hipótese alguma do mítico, do religioso, do tradicional...

Ética caracteriza-se como sendo o "poder" de saber distinguir entre o que é socialmente aceito como certo e o que é socialmente aceito como errado, ou seja, o que deve ser seguido e o que deve ser evitado. Alguns homens agem corretamente, outros não; isto porque, sendo o homem uma criatura livre, detém o poder de escolher qual caminho desejará seguir, como Hércules quando depara-se com a encruzilhada de sua vida. Com base neste comentário, podemos concluir que agir eticamente, é desejar ter uma vida boa e querer viver bem em sociedade.

É irônico esperar que uma nação cresça onde não existe esperança, onde não exista segurança, onde um pai tem de tornar-se um inimigo público a fim de poder garantir o mínimo de dignidade a sua família; onde o futuro é tão incerto quanto os números que serão sorteados na mega-sena da semana que vem. Pedir a um homem deste que alimente

sonhos, que faça planos é como pedir a alguém que está passando fome que coma menos, a fim de poder economizar... E, assim sair de tal condição.

O ser humano quando pressionado pela miséria, a fome e a desolação se torna capaz de qualquer coisa; se sujeita até mesmo aos seus instintos mais baixos. Mesmo a obsessão pelo glamour pode causar isto, ou seja, pela fama e o sucesso, a pessoa passa por cima de seus princípios éticos e morais. Tornam-se pessoas do tipo que 'os fins as levam a buscar uma justificativa para os meios que usam para alcançar seus intentos' [*elas assim se justificam às suas atitudes*], o que denota que há presente algum tipo de conflito. Quando começa-se a analisar trabalhos de antropólogos do quilate do Prof. Marins tem-se possibilidades de concluir que o ser humano por si só não se basta. Ele tem de ter algum tipo de estereótipo que o leve a conduzir-se para o bem e evitar as iniquidades.

Quando o homem é destituído de sua dignidade, a tendência deste é bestializar-se, um retorno às suas condições mais primitivas; ocorre, parece que, uma liberação de instintos primitivos sublimados...; os mesmos que mantiveram e preservaram a vida de seu ancestral. E, os valores éticos não resistem a choques extremos como a perda total da dignidade e da integridade humanas, nem à oferta de um poder exagerado a outrem, sem um limite, sem um rigoroso controle.

A ética precisa existir. Ainda que ela cerceie o homem, o conhecimento, as técnicas e a ciência em seus avanços e impulsos [*criativos e destrutivos*], ela é um mal necessário, pois dispõe e mantém a ordem no caos social. Com o advento da expansão demográfica e as necessidades cada

vez maiores de oferecer conforto a esta massa desordenada *[que camufla uma dipsomania por poder e dinheiro por parte de uma minoria]*, sem algo que insira medidas à humanidade, a destruição premente do todo, bem como as guerras civis serão realidades constantes para os humanos.

Falar que a educação conduz para a ética é uma piada de mau gosto. Ela prepara o sujeito para a lide com a vida, para discordar do sistema, para lutar e derrubá-lo quando ele não age dentro de preceitos dignos e humanitários.

A ética é um conjunto de valores que irão reger a postura do cidadão. A cidadania, na concepção atual se baseia na luta ativa por um ambiente mais saudável e uma nação mais rica. Sempre esteve fortemente atrelada à noção de direitos, especialmente os direitos políticos, que permitem ao indivíduo intervir na direção dos negócios públicos do Estado, participando de modo direto ou indireto na formação do governo e na sua administração; mas esta idéia se liga fortemente, às vezes na não aceitação de algumas normas criadas e impostas pela ideologia dominante. Onde falta cultura, aquele que exerce sua cidadania é taxado como subversivo, anarquista, niilista... Pois, a Democracia é o poder do povo pelo povo e para o povo; porém aqui é o poder do povo contra o povo. Em democracias como a brasileira, a idéia de ética e cidadania estão mais próximas de relações de colonos e colonizadores. Isto porque o povo abre mão dos seus direitos de cidadão em prol de uma falsa idéia de ética e valores morais.

No Brasil, com a criação do programa bolsa-escola pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso e endossado pelo Presidente Lula, várias pessoas o consagram como um Chefe-de-Estado de grande preocupação com o povo. É que

aqui, tem-se um problema com conceito de cidadania; pois, acredita-se que cidadania é apenas conservar o patrimônio público, contribuir com os impostos e não falar mal de um homem tão bom.

Num mundo complexo e carente de referências, a escola deverá assumir uma estratégia de desenvolvimento autônoma, não abdicando de tomar posição sobre o futuro desejado e sobre as condições objetivas que o podem tornar possível. Inscreve-se nesta lógica de preocupações a valorização do Projeto Educativo de Escola que, em articulação dinâmica com outros instrumentos organizacionais, permite dar expressão à singularidade de cada cultura escolar. Ancorada numa consciência profissional exigente, a problematização de caráter ético não pode ficar confinada ao plano das relações interpessoais, ela deverá ser prolongada nos espaços institucionais e normativos que configuram as práticas. Pensamos até que é esse o lugar privilegiado para a afirmação de uma moral profissional, de uma deontologia. Reconhecemos que, por mais relevantes que sejam, não são suficientes os princípios, os grandes ideais, ou uma consciência pessoal suficientemente inquieta com os males que dificultam a responsabilidade de ensinar a ser adulto num mundo tão problemático e incerto.

É necessário comprometermo-nos no processo permanente de construção de referências balizadoras do viver em comum, persistindo em definir comportamentos considerados moralmente adequados. Ora esta construção passa, em grande medida, por uma tomada de posição nos diferentes espaços de participação potenciados no âmbito de uma cultura organizacional democrática. Acredita-se que é, sobretudo, nestes contextos, através de uma decisão partilhada e colegial, tornando explícitos os valores tradicionalmente im-

plícitos, que a ética profissional ganha sentido e credibilidade e não na simples adoção de códigos de conduta de caráter corporativista.

Sócrates amplia a visão de uma ética pautada para a razão abstrata, desvinculando os seus interlocutores para uma ética da razão concreta. Ou seja, o homem que pensava sozinho, como os filósofos pré-socráticos, agora se vê prisioneiro do diálogo, *i.e.*, necessita do outro para alcançar a sabedoria plena, pois toda visão é plausível de questionamento, uma vez que todo conhecimento é permeado pela vivência histórico-social e cultural pelos grupos que o produziram.

A ética não é pura. Ela é um recorte mínimo dos costumes e dos valores de uma época que faz parte *ad infinitum* da espécie humana, que um grupo que se encontra no poder, naquele exato instante, acreditou que tais e quais leis seriam as melhores para determinado povo e quais costumes seriam os mais adequados para os mesmos.

O homem vive às voltas com seu questionamento interior sobre se é livre ou se é vítima de um tipo qualquer de autoritarismo. Pior, o homem se satisfaz com o comando, com a agressividade de outrem, já desde o berço é tão acostumado a não ser visto como alguém que já na fase adulta tem a violência como uma forma de amor. Desta forma, não há, ou melhor, fica à mercê, e/ou coloca sua liberdade pessoal à mercê de um autoritarismo falso provocado por uma desordem criada no seio da sociedade familiar. Quando Kant diz que esta pequenez é culpa do próprio homem se torna um tanto severo com alguém que não aprendeu, e isto porque não foi ensinado a pensar por si só! E não se discute com o filósofo, ao se admitir que ao desenvolver uma capacidade

de raciocínio embasada em valores supremos e numa vontade supra-humanas, este se encaminhará para a libertação de si e se tornará, então, homem, em seu sentido *strictu*.

Ao se negar o questionamento das tradições, as atitudes irracionais passam a dominar o ser humano e a tirania se sobressai. Sócrates ao narrar a Alegoria da Caverna, já mostra os desafios que um homem que buscasse o Sumo Bem teria que enfrentar, culminando mesmo na sua morte.

Sendo o ser humano condenado a ser livre, é, por analogia, condenado a ser imoral e antiético. Considerando que ético que respeita os preceitos da tradição... ao segui-los, sem contestação, acaba por se tornar um escravo! Mas, como o desejo de todo humano é se tornar um ser além do que se é; e isto é algo inerente ao seu espírito dotado de uma curiosidade insaciável, logo, irá, primeiramente, questionar os valores sociais tradicionais, para, logo, em seguida, destruí-los. É somente muito forçadamente que o homem obedece às regras sociais.

A ética, para o ser humano, é antes de tudo uma oportunidade dada a tal ser pensante que, ao nascer, tem pela frente dois mundos: o exterior, que o interior pode mudar, aperfeiçoar ou apenas contemplar. E o interior que o mundo exterior irá influenciar sobremaneira porque nenhum homem sobrevive no vazio, nem qualquer ética forma-se, também, no vazio.

REFERÊNCIAS

ALAIN (Émile Chartier). *Reflexões sobre a educação*. São Paulo: Saraiva, 1978.

ALVES, Rubem. *Conversas Com Quem Gosta de Ensinar*. 28ª ed. São Paulo: Cortez, 1993.

ARISTÓTELES. *Arte Poética*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

ARISTÓTELES. *Política*. São Paulo: Escala, 2007.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

ABBUD, N. *et all. IV CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE PSICOLOGIA JUNGUIANA*. Punta del Este, Paraguai. 02 a 07 de setembro de 2006.

BADINTER, Elisabeth. *Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BENEVIDES, Walter. *Conversas de Médico*. São Paulo: Cátedra/MEC, 1976.

BERGER, Jonas Roberto. *Treinamento de Marketing Pessoal*. ACIMAR/Sebrae, 1999.

BETELHEIM, B. *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. 21ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

BITTAR, Carlos Alberto. *Os Direitos da Personalidade*. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

BOBBIO, Norberto. *O positivismo jurídico: lições de Filosofia do Direito*. São Paulo: Ícone, 1995.

BOREM, Aluizio; SANTOS, Fabrício Rodrigues dos. *Biotecnologia Simplificada*. 2ª ed. Viçosa: Editora UFV, 2002. Cap. 15: Bioética.

BRASIL. *Constituição da República Federativa*. Brasília (DF). Promulgada em 5/10/1988.

BRASIL, MEC. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948.

BROWN, Dan. *Anjos e Demônios*. São Paulo: Sextante, 2004.

BURGUESS, Anthony, A Laranja Mecânica. São Paulo: Artenova, 1972.

CAMARGO, Marculino. *Fundamentos da ética geral e profissional*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

CAMPBELL, R. H. e SKINNER, A. S. General introduction. In: SMITH, Adam. *An inquiry into the nature and causes of the wealth of nations*. Eds. R. H. Campbell, A. S. Skinner e W. B. Todd. Indianapolis: Liberty Fund, 1981. Vol. II.

CHAPPELL, Warren. *A Short History of the Printed Word*. Boston: Nonparell, 1970.

CHAUÍ, Marilena de Souza. *Filosofia*. São Paulo: Ática, 1999.

CHAUÍ, Marilena de Souza. *Filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

CHAUÍ, Marilena de Souza. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1999.

COELHO, Paulo. *O Zahir*. São Paulo: Gold Editora, 2006.

COULANGES, Fustel. *A Cidade Antiga*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

DIAS, José Aguiar. *Da Responsabilidade Civil*. Rio de Janeiro, [s.e.], 1965.

DOSTOIEVSKI, Feódor Mikhailóvitch. *Os Irmãos Karamázovi*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio editora, 1955. (3 vol.)

DURKHEIM, E. *O Suicídio*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

DURKHEIM, E. O Ensino da Moral na Escola Primária. *In: Revista Novos Estudos*, n. 78. [s.l.], Julho de 2007.

EINSTEIN, Albert. *Escritos da maturidade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

FREUD, Sigmund (1927-1931). *O Mal Estar na Civilização*. *In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. XXI.

FREUD, Sigmund. [1939]. *Moisés e o Monoteísmo*. *In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. XVIII.

FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. 23ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1975.

GOMES, Morgana. *A Vida e a Obra de Shakespeare*. São Paulo: Minuano, 2007.

GOMES, M. *A Vida e a Obra de Charles Chaplin*. São Paulo: Minuano, 2007.

GORER, Geoffrey. A Psicanálise no Mundo. *In: RYCROFT, C. (org.) A Psicanálise Hoje: Rumos e Problemas*. São Paulo: Cultrix, 1969

HEIDEGGER, Martin. *La Frase de Nietzsche 'Dios Ha Muerto'*. Caminos de Bosque (Madrid), 1996.

HOMERO. *Odisséia*. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

HOMERO. *Ilíada*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

HUXLEY, Aldous Leonard. *Admirável Mundo Novo*. Rio de Janeiro: Globo, 2005.

IZQUIERDO, Ivan. *Córtex Cerebral, Amor e Equilíbrio*. [Apostila ofertada pela professora Luiza Helena Pio Caselli durante o curso de Pós-graduação em Psicopedagogia, Supervisão e Orientação Escolar, em Mutum – MG], 2007.

JAFFÉ, Aniela. O Simbolismo nas artes plásticas. In: JUNG, Carl Gustav. *O Homem e Seus Símbolos*. 2ª Ed. Rio de Janeiro, 2008.

JOLY, Maurice. *Diálogo Em El Infierno Entre Maquiavelo y Montesquieu (1864)*. In: LIBROdot.com.

KANT, Immanuel. *Pedagogía*. Escuela de Filosofía Universidad ARCIS, 1803. Disponível em www.philosophia.cl. Acessado em 02/10/2011.

LEÃO, D. F.; ROSSETTI, L.; FIALHO, M. do Céu (eds.) *Nomos. Direito e sociedade na Antiguidade Clássica / Derecho y sociedad en La Antigüedad Clásica* (Coimbra e Madrid, Imprensa da Universidade de Coimbra e Ediciones Clásicas, 2004).

LEOPOLDO E SILVA, Franklin. Da Ética Filosófica à Ética em Saúde. In: COSTA, Sergio Ibiapina Ferreira; OSELKA, Gabriel; GARRAFA, Volnei (coordenadores). *Iniciação à bioética*. Brasília: Conselho Federal de Medicina, 1998.

LEVI-STRAUSS, Claude. *Mito e Significado*. São Paulo: Brasiliense, 1978.

LISBOA, Lázaro Plácido. *Ética Geral e Profissional em Contabilidade*. São Paulo: Atlas, 1998.

LOEWENSTEIN, Karl. *La teoría de la constitución*. Barcelona: Editorial Ariel, 1986.

LOPES, Maurício Antônio Ribeiro. *Ética e administração pública*. São Paulo: RT, 1993.

LORENZ, Konrad. *Civilização e Pecado: Os oito Erros Capitais do Homem*. 1973.

LORENZ, Konrad. *Civilização e Pecado: Os oito Erros Capitais do Homem*. 1991.

MAJOR, René; TALAGRAND, Chantal. *Freud*. Porto Alegre: L&PM, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESSUTTO, Zélia Maria Neus. *Antropologia da Ética*. São Paulo: Atlas, 2003.

MÁRCIO COTRIM. O Berço da Palavra. In: Jornal 'O ESTADO DE MINAS', 2005. Caderno Cultura.

MARINS FILHO, Luís Almeida. *Profissão: Vencedor*. 6ª Ed. Salvador: Casa da Qualidade, 1998.

MARINS FILHO, Luís Almeida. *Socorram-Me dos Meus Parentes*. São Paulo: Harbra Business, 2000.

MARZAGÃO, Luis Roberto. *Labirintos da Alma*. Belo Horizonte: O Estado de Minas, 22 de maio de 2006, p.6.

MILGRAM, Stanley. *Los Peligros de La Obediencia*, 1974. [S.n.t.]

MILGRAM, Stanley. *Obediência à Autoridade*. São Paulo: Francisco Alves, 1983.

MILTON, John. *Paraíso Perdido*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

MIRCEA, Eliade. *Mito y Realidad*. Nova York: Ediciones Harper, 1962.

MORAIS, Vamberto. *A Volta da Deusa - Feminismo e Religião*. São Paulo: Ibrasa, 2001.

MOREIRA, Joaquim Magalhães. *A ética empresarial no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1999.

MOREIRA FILHO, Alonso Augusto. *Curso Básico de Introdução à Teoria e Técnica Freudianas*. Juiz de Fora: Instituto Freud, 2008.

MO SUNG, Jung; SILVA, Josué Cândido. *Conversando sobre ética e sociedade*, 5ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997.

MOTTA, Nair de Souza. *Ética e vida profissional*. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural, 1984.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano Demasiado Humano*. São Paulo: Escala, 2006. Cap. II: Para a História dos Sentimentos Morais. Af. 81: Erros da Vítima e do Criminoso.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Aurora*. São Paulo: Escala, 2006. Livro Primeiro; af. 9: Conceito da Moralidade dos Costumes.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Escala, 2006. Livro III; af.125: O Insensato.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A Genealogia da Moral*. São Paulo: Editora Escala, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Para Além do Bem e do Mal*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Obras Incompletas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano Demasiado Humano*. São Paulo: Escala, 2006. Cap. II: Para a História dos Sentimentos Morais. Af. 101: Não Julguem.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O Livro do Filósofo*. São Paulo: Escala, 2007. Cap. I: Considerações Sobre o Conflito Entre arte e conhecimento.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O Nascimento da tragédia*. São Paulo: Escala, 2007.

OS 100 DIAS que mudaram o mundo. *Aventuras Na História*. São Paulo: Editora Abril, 2005.

OLIVEIRA, Z. DE M. R. de. L. S. *Vygotsky: Algumas Idéias Sobre Desenvolvimento e Jogo Infantil*. [S.n.t.]

ORWEL, Jorge. 1984. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

PAUSCH, Randhal; ZASLOW, J. *A Lição Final*. Rio de Janeiro: Editora AGIR, 2008. Cap. 2: Minha Vida Em um Laptop.

PEREIRA DA SILVA, Gastão. *Enciclopédia de Psicologia e Psicanálise*. Vol. 2: Novos aspectos da Psicanálise. Belo Horizonte: Editor Itatiaia Ltda., 1968. 6 vol.

PEREIRA DA SILVA, Gastão. *Enciclopédia de Psicologia e Psicanálise*. Vol. 4: Psicanálise dos sonhos. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda., 1968. 6 vol.

PEREIRA DA SILVA, Gastão. *Enciclopédia de Psicologia e Psicanálise*. Vol. 5: Deus e a Angústia Humana. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda., 1968. 6 vol.

PEREIRA DA SILVA, Gastão. *Psicologia da Vida Moderna*. vol. IV. São Paulo: Tese, 1983. 6 vol.

PLATÃO. *O Banquete*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. São Paulo: Martin Claret, 2004. Primeira Parte: Sócrates apresenta a sua defesa.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Segunda Parte: Sócrates é condenado e sugere a sua sentença.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

PLATÃO. *Mênon*. São Paulo: Edipro, 2006.

QUEIROZ, Eça de. *O Crime do Padre Amaro*. São Paulo: Escala, 2007.

RAIMON, Eric. *O Mito do Homem Assassino*. São Paulo: Edusp, 2006.

RAMOS-DE-OLIVEIRA, N. Reflexões Sobre a Educação Danificada. In: *A Educação Danificada: Contribuições à teoria crítica da educação*/ organizadores _ Antônio Álvaro Soares Zuin, Bruno Pucci, Newton Ramos-de-Oliveira. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, São Carlos, São Paulo: Universidade Federal de São Carlos, 1997.

RICOEUR, Paul. *Percurso do Reconhecimento*. São Paulo: Loyola, 2006.

ROUSSEAU, Jean Jacques. *O Contrato Social*. São Paulo: Escala, 2005.

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Emílio ou da Educação*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Emile et Sophie ou os Solitários*. São Paulo: Hedra, 2011.

RUIZ, Erasmo Miessa. *Freud No Divã Do Cárcere*. Campinas: Editora Autores Associados, 1998. Cap. 3: O Instinto Como Categoria Histórica.

RUIZ, Erasmo Miessa. *Freud No Divã Do Cárcere*. Campinas: Editora Autores Associados, 1998. Cap. 5: Marxismo e Psicanálise: A História Controlando o Instinto ou o Instinto Construindo a História?

SÁ, Ana Paula de Oliveira; SOUZA, Sérgio Rodrigues de. *Reflexões Sobre o Conceito de Motivação Como Caminho da Ação Educativa* (Trabalho de Conclusão de Curso). FUPAC, 2006. Cap. 2.1: A Teoria Motivacional de Maslow.

SÁ, Antônio Lopes. *Ética profissional*. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2005.

SARTRE, Jean Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. São Paulo: Abril cultural, 1973.

SCHOPENHAUER, Arthur. Aforismos para a sabedoria de vida. In: *Parerga Und Pariloponema*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

SCHWAB, Gustav. *As Mais Belas Histórias da Antigüidade Clássica* - Os Mitos da Grécia e de Roma, Volume I: metamorfoses e mitos menores, 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SÊNECA. *A Tranqüilidade da Alma*. São Paulo: Escala, 2006.

SÊNECA. *A Vida Feliz*. São Paulo: Escala, 2006.

SHAKESPEARE, William. *Henry VI*. London: The Folio Society, 1967.

SIGNIER, Jean-François; THOMAZO, Renaud. *SOCIEDADES SECRETAS*. Vol. I: Sociedades Secretas Religiosas. São Paulo: Larousse, 2008.

SILVA, José Cândido da; SUNG, Jung Mo. *Conversando sobre ética e sociedade*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SIMMEL, Johaness Mario. *Ainda Resta Uma Esperança*. São Paulo: Círculo do Livro, 1983.

SÓFOCLES. *Édipo Rei*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

SOUZA, Sérgio Rodrigues de. *A Ética e Suas Implicações na Formação da Condição Humana*. Mutum: Expresso Gráfica, 2012.

SOUZA, Sérgio Rodrigues de. *A Liga da Justiça no Divã*. Mutum: Expresso Gráfica, 2012.

SOUZA, Sérgio Rodrigues de. *O Que Farei da Minha Vida ao Sair Daqui?* Vitória: JRPRINT Ltda, 2016.

SPALDING, Tassilo Orpheu. *Deuses e Heróis da Antigüidade Clássica*. São Paulo: Cultrix/ MEC, 1974.

STEVENSON, Robert Louis. *O Médico e o Monstro*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

TAHAN, Malba. *As Mil e Uma Noites*. Vol 1. 11ª Ed. Rio de Janeiro, 2002.

THOMAS, Henry; THOMAS, Dana Lee. *Vida de Grandes Poetas*. Porto Alegre: Editora Globo, 1952.

TORRES, I. C. *O Patrionalismo e as Mulheres da Amazônia de Ontem*. Manaus: UFAM, 2006.

VALLS, Álvaro L. M. *O que é ética*. 7ª edição. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1993.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e Religião na Grécia Antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VYGOTSKY, L. S. *Aprender a aprender*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WEST, Morris. *O Advogado do Diabo*. São Paulo: Círculo do Livro, 1983.

Wilde, Oscar. *A Alma do Homem sob o Socialismo*. In: www.sabotage.cjb.net.

Wilde, Oscar. *O Retrato de Dorian Gray*. São Paulo: Martin Claret, 2004.



“Ética é sempre um assunto difícil de ser abordado, porque seus conceitos flutuam no tempo e no espaço e ainda tem conotações diferenciadas dentro dos diferentes grupos humanos. É algo estritamente subjetivo, quer seja pelo ponto de vista individual quer pelo social.” (Os autores)